1602
3

Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos

BIBLIOTECA HISTÓRICA BRASILEIRA

Direção de Rubens Borba de Moraes

XI

Padre Antônio Sepp S. J.

Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Introdução e notas por

WOLFGANG HOFFMANN HARNISCH

Tradução de

A. REYMUNDO SCHNEIDER

e alunos da Companhia de Jesús, em Parecí

Fotografias de

WOLFGANG HOFFMANN HARNISCH JÚNIOR

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO
Avenida Rio Branco n.º 219/39
da Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro

LIVRARIA MARTINS EDITORA

Rua 15 de Novembro, 135 — São Paulo

918.9
R366PS
Vm7

Desta edição foram tirados 155 exemplares de luxo, sendo 150 numerados de 1 a 150 e os restantes fora de comércio.

T 987

BIBLIOTECA do SENADO FEDERAL
Êste volume acha-se registrado
sob número 394
do ano de 1948

O nome do padre Sepp é pouco conhecido do nosso público amador de história. Nossos historiadores consideram-no mais como um autor regional, que interessa apenas aos rio-grandenses. Isso talvez provenha do fato de ter o nosso autor escrito sôbre as Missões Jesuíticas, cujo território foi incorporado, e em parte sòmente, muito tarde, ao Brasil.

Entretanto, êsse fato em nada diminue o valor da obra do famoso missionário. Ninguém poderá negar que, embora as reduções só tenham prosperado numa parte mínima do nosso país, representam elas um dos fenômenos histórico-sociais mais importantes da história brasileira e americana.

Por êsse motivo, talvez, têm os nossos historiadores considerado as reduções jesuíticas mais sôbre o ponto-de-vista da história política que sob o ângulo econômico-social, para nós mais importante, dada a influência considerável que tiveram na vida dos estados do Sul, especialmente de São Paulo, que utilizou essas reservas de mão-de-obra, e Rio-Grande-do-Sul, cuja vida está cheia de traços culturais, traços êsses que têm sua origem nas Missões.

A vida econômico-social gaúcha pareceu a muitos historiadores brasileiros como sem grande interêsse, dada a sua peculiaridade. Poucos os que procuraram estudá-la como uma cultura baseada na pecuária, reùnindo-a às culturas de outras zonas de gado do Brasil, confrontando-as e mostrando suas diferenças e semelhanças, dentro do conjunto da história do Brasil.

Capistrano de Abreu, tão luminoso às vêzes, mas que não gostava de paulistas e gaúchos, chegou a ter uma "boutade" pitoresca, comentando a separação da Província Cisplatina: "Separada a província cisplatina, que ficava significando o Rio-Grande-do-Sul? Que se lucrava em, derribadas as muralhas de Ilion, guardar o cavalo de Tróia?" (1)

Entretanto, essa civilização do gado, tão bem estudada no Norte pelo próprio Capistrano, é que nos serve de ponte para unir duas civili-

---

(1) in ed. do Lyceo Litterario Portuguez, Rio, 1900, da "Historia Topografica e Bellica da Nova Colonia do Sacramento..." p. XXXIV.

zações brasileiras típicas e nos ligar aos Estados Platinos, cuja história social está muito mais ligada à nossa que parece à primeira vista.

A obra do padre Sepp, porém, não nos fornece sòmente informações sôbre a vida rio-grandense, contém dados importados para a história da Argentina, Paraguai e Uruguai. As suas descrições dos sofrimentos a que estavam sujeitos os viajantes, que faziam longas travessias, as anedotas, que nos conta, sôbre as dificuldades que sentiam os índios em se adaptar à cultura européia, são documentos do mais alto interêsse. O que nos relata sôbre a maneira de proceder dos jesuítas, para fundar e administrar uma redução, como agiam para com os índios a-fim-de integrá-los dentro de um determinado regime, e o que conta sôbre a vida quotidiana na "República Jesuítica" são, certamente, elementos do maior valor para o sociólogo e o historiador.

Cremos não termos errado, pois, incluindo o padre Sepp entre os autores reeditados nesta coleção, cujo fim principal é colocar obras raras ou pouco conhecidas ao alcance de todos os que se interessam pelo nosso passado.

Coube ao sr. Wolfgang Hoffmann Harnisch, que tão bem estudou o Rio-Grande-do-Sul e o soube ver com "olhos novos", preparar a presente edição, para a qual seu filho tirou uma série de fotografias de rara beleza, que dão uma idéia do esplendor passado daquela região brasileira.

R. B. de M.

RR. PP. ANTONII SEPP,
und
ANTONII Böhm/
Der Societät JESU Priestern Teutscher Nation, deren Der erste aus Tyrol an der Etsch/ der ander aus Bayrn bürtig/

Reißbeschreibung/

Wie dieselbe aus Hispanien in Paraquariam kommen;
Und
Kurtzer Bericht der denckwürdigsten Sachen selbiger Landschafft/ Völckern und Arbeitung der sich allorth befindenden PP. Missionariorum,
gezogen
Aus denen durch R. P. Sepp, Soc. Jesu mit eigener Hand geschriebenen Briefen/ zu mehrern Nutzen
Von Gabriel Sepp, von und zu Rechegg, leiblichen Brudern/ in Druck gegeben.
Mit Erlaubnuß der Obern.

Nürnberg/
In Verlegung Johann Hoffmanns/ 1698.

CONTINUATIO
LABORUM
APOSTOLICORUM,
Quos
R. P. ANTONIUS SEPP,
Soc. JESU Missionarius Apostolicus in Paraquaria
Ab Anno Christi 1693. usque ad Annum 1701. *Exantlavit.*

Ubi describuntur illius barbaræ Gentis mores, Ingenium, & docilitas in rebus practicis, & mechanicis, &c. Cont. à in speculativis, & Metaphysicis, ruditas; alíàque plurima Europæis admiranda.

Cum Privilegio Sac. Cæs. Majestatis, & Facultate Superiorum.

INGOLSTADII,
Sumptibus Joannis Andreæ de la Haye Bibliopolæ Academici.

Typis Thomæ Graß, Typog. Acad.
Anno 1710.

FAC-SIMILES
dos títulos das edições originais: "Viagem" — "Trabalhos Apostólicos"

DE LA DIFERENCIA ENTRE LO

TEMPORAL Y ETERNO

CRISOL DE DESENGAÑOS, CON LA ME

MORIA DE LA ETERNIDAD. POSTRIMERIAS HV

MANAS, Y PRINCIPALES MISTERIOS DIVINOS

POR EL

P. IVAN EVSEBIO NIEREMBERG

DE LA COMPAÑIA DE

IESVS

Y TRADVCIDO EN LENGVA GVARANI

POR EL PADRE

IOSEPH SERRANO

DE LA MISMA COMPAÑIA

DEDICADO A LA MAGESTAD DEL

ESPIRITV SANTO

CON LICENCIA DE LEXELENTISSIMO

SEÑOR

D. MELCHOR LASSO DE LA VE

GA PORTO CARRERO

Virrey, Governador, y Capitan general del Peru

Impresso en la Ciudad de Año de M.D.CC.V.

LIBRO I

ŸBĬPEGVA ŸBAPEGVARA A-GVIR ECOE HABETEM DOIEQVA ANI.

Quaria yaoca yyĭpĭbae teco aguiyetei quaahabeì, hae na teco apĭreĭ reheguara rũgãy, ŷbĭpegua yepe quaahabeĭ mombeuni rae.

MIbae amo pota ca-tapĭrihagaimãri y mo ãtangatupĭrã mbeteramo beconi ringe, hae ymoi-ningatuhagai ma-ri y quaspĭrambe-teramo abe teco tangĭ o cobo ramone. Qui e ŷbĭpeteningi ndipori yquaaca-tuhaba aoa tecobe apĭreĭ ŷbapegas Tupã ñandeyara ñande mõãngaigue opitahagaimãri. Ni mbae poramo-ne con dipitabamo beconi, teco apĭreĭ ñandembae indura pabẽngãra agui mombĭrire, hegorãmo, ndiyabapiti moĭ, qui e ŷbĭpe ñandereça pitepe-gara yepe, hae ñande poje ñande-rembabĭquiti ndiyibeteopitĭ moĭ, bĭeteteningã ŷbapegas teco açere-rubĭcheiae. Quareponiya corrĭ mbae ambae açereçape ypõrãbae, teco ñembaere, hae teco ŷbĭpegas po-rombãngapihãrãbae açe remiporingẽ-reteteramo beconi, hero a ĭbi quas-cĭramo. Ayporche S. Pedro guemĭ-mbore ne S. Clemente mbaebo ŷbĭpa-mo teco mbae yoabĭcimãipe ore-bo ŷ, para ne mbeteind yoabĭmoaĭco ŷbĭpe ind ae rimĭ reheteñuhenga-tabae ãpe reça raabaĭ agui, Açe egai-cotĭpe nimãngiramo, ocapegua qui-ricre ndobaebuhĭcheramo, mãrĭcre-ngi cotĭpe memĭ ae ndomae, he-amo ramõ, tamĭ tabicha bicha ñeeha-tabãngue mõãngue nãngĭramo, e-quaĭmi, renãngi ŷbĭpe re quaĭ ndo-habĭpiti moĭ ocapegua reco, cone, te-cobe para ambae ñande rembĭ-chaitambete, E mo nabe açe ndoiqua-ai ŷbĭpa memẽnãita teco, ioa pre-con ap reĭ rapiteĭmo ramõ. Cobĭe-rebe teningi ora quaseĭtaningui, ŷbĭ-pegas mbie teriro huibapireĭtãngue omõãngatuãa, ŷbapegara hetei-mbĭeteĭtãngue moiruteĭmo to ere, b Gregorio nãnguenuni, Coybi re qui-po ñande yepea hati gloripape ora gatu rimbeteramo hereco reco abo. Hae ŷbĭ pitĭ rombipo rimo gueco ara cyãngatãmo hereobo ramõ. Mabĭeteningi ogatuhaba cõnẽ-ngua opitauhabamo hereobo ramõ. Cobĭe teco ponahubĭ os hapegas quaseĭbãngue reĭe. Eguãmi abe açe teco mĭri mirãũ teco poringetere-mo ogatereto teremu, hae teco ora-pĭri teco ãbĭeteramo opaceto re co-ai ramõ. Aypolae tebe cobae ñande-mbae quaipabo oiquaturimo, ñamo Profeta Daud Tupã ñandeyara upe oñemboebo, teco poringete oyeupe ymbuchahaimbete ae. oyeraiteramo-nahei

INTRODUÇÃO

Durante mais de 150 anos, de 1609 a 1768, existiu em nosso continente uma obra singular e admirável, bem diversa de qualquer outra registrada pela história política e sociológica. Foi o chamado "Estado jesuítico do Paraguai", ou melhor, o "Reino teocrático jesuítico-indígena junto ao Paraná e ao Uruguai", uma das mais raras vitórias do espírito humanitário, manifestação de surpreendente beleza no mundo moral.

Formará sempre êste juízo quem se aprofundar em suas fontes.

De-fato. Todos os grandes cérebros afirmam, unânimemente, o alto conceito que dêles merecem os serviços prestados pelos jesuítas à sociedade, nas suas missões em terras sul-americanas. Os poetas alemães Wieland e Herder, ambos protestantes, o mação Lessing (autor de "Natan, o sábio", e o mais esclarecido dos espíritos alemães), os enciclopedistas franceses Diderot e D'Alambert, e até o escarnecedor-mor Voltaire, estes e inúmeros outros usaram palavras de suprema admiração para as reduções jesuíticas. Mas ninguem louvou com tamanho entusiasmo o trabalho missionário dos discípulos de Loyola como Gottfried Wilhelm Leibniz, o pensador mais universal dentre os filósofos modernos.

* * *

Quando a raça branca entrou em contacto com os povos primitivos da América, viu-se diante, segundo as circunstâncias então existentes, das duas proposições de um dilema.

O primeiro têrmo era êste: chacina em massa!

E o outro: cristianização!

E' inegável que o elemento indígena da América se conservou, nas regiões conquistadas por homens de raça romana e de confissão católica, isto é, nos países latinos, de língua ibérica, multiplicando-se mesmo vigorosamente e desenvolvendo-se bem. No entanto, nos lugares em que foram exterminados, com radicalismo inominável, por meio de armas, varíola, cachaça, os conquistadores eram germânicos e de outra confissão. No Canadá e nos Estados-Unidos, o indígena tornou-se peça de museu, como os últimos búfalos, os ursos cinzentos, os castores e alguns

exemplares de *hickory*. Igualmente na América Central e na América do Sul se verificaram terríveis violências. Mas é um fato incontestável que ainda vivem milhões de índios entre o México e a Terra-do-Fogo, tendo subido, em muitos estados, às camadas superiores, assumindo postos de responsabilidade na administração e no exército. O Paraguai é país inteiramente indígena, sendo o guaraní sua segunda língua oficial.

Também inegàvelmente se conservaram, no Rio-Grande-do-Sul, sangue e vestígios aborígenes, revelando o perfil do gaúcho diversos traços indígenas inequívocos. Nesta zona é costume chamar-se *guaraní* ao indivíduo de determinada atitude de caráter. E aquele que viajar pelas terras gaúchas, pode travar conhecimento, entre estancieiros e peões, com homens que a linguagem popular designa por *guaranís*.

Depois de muitas tentativas, de maior ou menor êxito, para cristianizar os indígenas americanos, perceberam os missionários que apenas prègação e doutrina não bastariam para atingir o alvo. Precisava ser encontrada outra maneira de adaptar os chamados *bugres* à chamada *civilização*.

As autoridades temporais do império colonial haviam contribuído, com seu quinhão, para que as palavras saídas da bôca do homem branco não mais tivessem fôrça aos ouvidos dos homens de pele bronzeada. Se se quisesse que prègação e doutrina germinassem, era necessário primeiro encontrar nova base para tôda a relação que o elemento branco mantinha com o indígena.

Reconhecer as correlações foi o grande mérito dos reis espanhóis, investidos pelo Papa com o mandato de "Vigário de Cristo para os países recém-descobertos". Reconhecer as correlações — e delas tirar a única dedução possível: a de entregar as missões aos jesuítas, facultando-lhes a separação e o isolamento, dos homens e das regiões a cristianizar, da rotina colonial ordinária.

* * *

Dentro das condições daquela época, eram de-fato os jesuítas os únicos a quem se podia confiar semelhante tentativa, com esperança de êxito.

Ouçamos o que diz a respeito do nosso tema o escritor inglês H. G. Wells, um dos livre-pensadores mais liberais, e verdadeiramente insuspeito de parcialidade para com os jesuítas. Escreve êle, na sua "História do nosso mundo": *"Os membros da Companhia de Jesús devem ser contados entre os maiores professores e missionários que o mundo conheceu. Impediram a ruína da Igreja Romana. Em todo o mundo católico soergueram a educação para um nível mais alto; por tôda parte alevantaram a inteligência, aguçaram a conciência dos católicos; e estimula-*

ram a Europa protestante a que com êles competisse nas medidas educacionais. A Igreja Romano-Católica vigorosa e lutadora, que hoje conhecemos, é, em grande parte, fruto da atividade jesuítica".

Sabe-se que a característica da Ordem dos jesuítas consiste em sua organização cristã-militar, originária das idéias particulares de seu fundador, Inácio de Loyola, que havia sido oficial. Quem quisesse entrar na Ordem, deveria possuir saúde física, talento, firmeza de caráter, pureza de costumes, inteiro desprendimento interior de todos os desejos terrenos, domínio das paixões baixas e dedicação inflamada ao Filho de Deus feito homem. O fundador tinha em mente criar uma espécie de milícia seleta, milícia de Cristo, que, sempre, e por tôda a parte, estivesse às ordens do Papa, o representante de Cristo na terra.

Na pessoa de Inácio de Loyola surgiu o homem moderno, o homem dinâmico, como diríamos hoje. Foi êle o primeiro a compreender que vida e atitude cristãs de modo algum estavam identificadas com isolamento e afastamento incondicional do mundo, com desprendimento e mortificações, com passividade e contemplação ilimitadas. E que o combate pelo domínio de Cristo no mundo e a luta pelo estabelecimento de seu reinado na terra exigiam, ao contrário, atividade plena. Assim, resolveu investir contra todos os males pelo ataque direto, iniciando a reforma intensiva da sociedade humana e a solução do problema social. Criando uma tática especial de luta e de trabalho, de ação e de obras, com ela estabeleceu as premissas que permitiriam obter um efeito, mediante o processo estritamente espiritual da doutrina e prègação.

Para essa prática, exigia um sistema singular de preparo dos religiosos, um treinamento bem determinado: os "Exercícios".

Deviam êles purificar o coração e o espírito em provações e renúncias ininterruptas, em permanente auto-humilhação, em obediência contìnuamente exercitada. Tinham de praticar, sistemàticamente, o desprendimento de todo o egoísmo e de tôdas as paixões, libertando, dêste modo, tôdas as energias da inteligência e da vontade, para a grande missão. Até o cultivo e revigoramento físico (diríamos hoje educação física) lhes era imposto como dever, experiência sem dúvida exorbitantemente nova e arrojada para aqueles tempos.

Assim armados, física, intelectual e moralmente, podiam avançar para o mundo e iniciar a luta contra êle. Nem o terror os atemorizaria, nem as seduções os desviariam, nem os vícios e a imundície os arrastariam.

Estavam assim capacitados para a missão no Velho Mundo. Estavam também capacitados para fundar, no Novo Mundo, o Reino Teocrático dos Indígenas.

Nos sertões brutos e nas selvas intransitáveis foram êles os pioneiros da ética e da fé cristãs, erigindo, sôbre essa base tão simples e a-pesar-disso tão séria, uma superestrutura inteiramente derivada das verdadeiras condições, perfeitamente adaptável à mutabilidade das necessidades locais, e onde o Além e o Aquém forçosamente estavam entrelaçados de maneira mais complicada.

O resultado visível dessas experiências adquiridas a alto prêço, dessas pesquisas incansáveis, dêsses conhecimentos ininterruptamente examinados e reestudados, apareceu, finalmente, no sistema das reduções.

* * *

Que galeria luminosa de figuras imponentes surge diante de nós! Ao grande Marciel de Lorenzana, ao vigoroso Roque Gonzalez de Santa Cruz, ao batalhador Antônio Ruiz de Montoya seguem-se inúmeros outros missionários devotados, sábios e artistas de fama. Com êles vem o exército dos heróis anônimos, cujos nomes nem mesmo se sabe, para os campos do Paraná e do Uruguai. Muitas vêzes trajando farrapos, roídos de pragas, devorados por privações sem conta. Mas, iluminados pela fé e munidos das armas do espírito, venciam sempre, graças ao conhecimento de tôdas as ciências da época e de habilidade simplesmente incrível em tôdas as artes e ofícios. Além disso, lutavam incansàvelmente, contìnuamente, ano por ano, hora por hora, contra a ignorância e a irreflexão dos legisladores de Madrí, contra a cobiça e a brutalidade dos governadores e comandantes militares de Assunção e Buenos-Aires, contra os bandeirantes paulistas, contra os exércitos portugueses, contra as feras de zonas inexploradas de imensa extensão e contra os próprios indígenas — por quem tudo faziam, suportavam e sofriam. E lutavam também contra êles mesmos, contra as próprias falhas e imperfeições, na mais forte e na mais dura de tôdas as lutas: a auto-educação.

Todos êsses combates se dão, primeiro e acima de tudo, no setor do espírito, com as armas do argumento. Depois nos planos da terra, com a picareta e o machado. Conta-se que o Padre Roque foi hábil agricultor e artífice, tendo sido a colonização de Santo-Inácio-Guassú, com tôdas as casas, a igreja e o batistério, obra exclusiva de suas mãos. Era marceneiro, arquiteto e pedreiro, ao mesmo tempo. Êle próprio manejava o machado, aparando os barrotes, e êle próprio os transportava, em carrêta de boi, para o local da construção.

* * *

Quando os reis da Espanha Fernando e Isabel foram designados pelo Papa como *Vicarius Christi* para os países americanos recém-descobertos (bula de Alexandre VI, de 4 de maio de 1493), declararam êles — e, desde aí, todos os seus sucessores — constituir a conversão dos indígenas o alvo principal que deveriam ter, no Novo Mundo. De 1558 em diante se exige, nas Leyes, a "Conquista Espiritual". Os jesuítas foram os primeiros a se lançar, em grande escala, nessa conquista, iniciando-a no Paraguai.

Em 1586 chegaram a Salta os primeiros missionários. Logo em seguida, cinco irmãos, vindos do Brasil, acorreram para auxiliá-los. Pouco depois, o jesuíta português Manuel de Ortega e o jesuíta irlandês Thomas Field se fixaram em Guaíra.

Nesse tempo, trabalhavam êles pelo sistema de "missões ambulantes", isto é, os padres acompanhavam os índios nômades. O resultado dêsse trabalho era relativamente diminuto. "Pareciam-se essas missões com nuvens fugazes, que fertilizam por algum tempo as campinas ressequidas, deixando-as depois na mesma aridez anterior", diz, com muito acêrto, P. F. de Charlevoix, historiador do Paraguai.

Pelo ano de 1607, adotou-se o sistema de reduções. As aldeias cristãs indígenas eram chamadas "reduções" porque *"ad ecclesiam et vitam civilem essent reducti"*.

Naquele tempo o governador do Paraguai, Hernando Árias Saavedra, comunicou ao rei da Espanha serem as suas fôrças débeis demais para subjugar 150.000 indígenas. E recebeu em resposta: mesmo que houvesse fôrças suficientes, os indígenas só deviam ser subjugados pela doutrina e prègação do Santo Evangelho, precisando o governador, para isso, utilizar-se dos religiosos que alí haviam ido, com êsse fim.

As primeiras e mais antigas reduções desapareceram, sem deixar vestígio algum. Apenas lhes conhecemos os nomes e a localização, através dos relatórios manuscritos dos fundadores. Das que se mantiveram, tendo mais tarde feito parte do conjunto dos "Trinta Povos", a mais antiga era a de Santo-Inácio-Guassú, fundada pelo Pe. Marciel Lorenzana, em 1609. Sucedeu-o o Pe. Roque González de Santa Cruz (nascido em Assunção, em 1576, filho de antiga família nobre espanhola). Fundou êle, entre 1615 e 1628, uma série de reduções, tôdas situadas à margem direita do rio Uruguai.

Em maio de 1626, o Pe. Roque transpôs o Uruguai, vindo para o atual território rio-grandense, talvez como primeiro branco. Aí converteu e batizou cêrca de 10.000 índios, fundando entre êles diversos aldeamentos. Os relatórios sôbre as explorações feitas, mandados por êle e seus companheiros de Ordem a Assunção e Buenos-Aires, encerram a

mais antiga descrição a respeito da zona ocidental do Estado do Rio-Grande-do-Sul. Após dois anos de trabalho incansável, o Pe. Roque, por instigação do feroz cacique Nhessú, foi abatido com itaiçá (clava de pedra), pelos índios enfurecidos. A Igreja Católica proclamou-o mártir, beatificando-o, em 1934. Os aldeamentos fundados pelo Pe. Roque foram parcialmente destruídos e o seu rebanho dispersado.

Por êsse tempo, bem como no decurso dos cem anos seguintes, outros jesuítas fundaram novas reduções. Era portanto pequeno o perigo representado por êsses indígenas bárbaros. Mas avolumava-se um outro perigo, muito mais grave, na figura do paulista.

Com as armas do espírito haviam os jesuítas conquistado territórios imensos para a coroa espanhola. Era com a espada que êsses territórios tinham de ser defendidos.

* * *

Já no ano de 1628, começam os mamelucos as caças sistemáticas de indígenas. Às horas caladas da noite, e no momento da celebração do ofício divino, os paulistas, que os arcabuzes tornam invencíveis, assaltam os aldeamentos, põem fogo nas casas e igrejas, recolhem o gado e transformam os moradores — homens, mulheres e crianças — em escravos. Numa só dessas incursões, foram caçados 30.000 indígenas de tôda a zona do Paraná, recolhidos em campos de concentração e levados para São Paulo. Entre 1628 e 1630, as levas de índios somaram a cifra impressionante de 60.000.

Em Guaíra, onde o espírito impetuoso de Montoya fundara reduções de expressivo florescimento, os jesuítas se viram forçados a uma retirada. Os Padres Montoya e Mendonza marcharam dalí, em 1631, com um contingente de 12.000 homens, seguindo através das selvas, por lugares ainda hoje impenetráveis, rumo às reduções do Paraná e Alto-Uruguai, sendo aí os recém-vindos carinhosamente acolhidos. Constitue essa marcha, como organização, um empreendimento estratégico, físico e intelectual de primeira ordem, um título de glórias na história sul-americana, aliás tão rica em anabases, desde os tempos de Pizarro, desde as grandes realizações dos paulistas até o presente, quando Luiz Carlos Prestes executa a marcha que chega às raias do incrível. Como diz Ihering, cheio de razão, a marcha dos padres jesuítas é apenas comparável, não com a Retirada dos Dez Mil, de Xenofonte, porque o grego conduzia soldados disciplinados, mas com a marcha que Moiséz realizou, levando todo o povo israelita através do mar e do deserto.

Finalmente, em 1639, a administração colonial espanhola permite aos jesuítas dar aos índios armas de fogo. Por conseguinte, compram espingardas e espadas, que mais tarde êles mesmos fabricam. Também fabricavam canhões, de um modo que é curioso lembrar: tomavam troncos de bambú, dos mais grossos e sólidos, enrolando-os com diversas camadas de couro de boi. Assim protegidos, êsses canos resistiam a explosões de pólvora. E quando, em 1641, uma frota de paulistas bem armados descia pelo rio Uruguai, os índios, dirigidos pelo irmão leigo Antônio Bernal, lhes saíram ao encontro, navegando em balsas, e lançaram sôbre o adversário tão copiosa chuva de balas de pedra, que tôda a expedição dos paulistas, até então invencíveis, pereceu nas águas. Os poucos que conseguiram alcançar as margens foram abatidos ao fugir pelas selvas. Esta é a vitória de Mbororé. Com ela começa o período do desenvolvimento imperturbado e feliz das reduções.

* * *

Durante a fase principal — de 1690 a 1750, aproximadamente — pertenciam ao território das reduções jesuíticas as seguintes zonas: todo o sul da atual República do Paraguai, as atuais províncias de Corrientes e Missiones e tôda a parte oeste, sul e norte do atual Rio-Grande-do-Sul, sendo o centro dêste Estado constituído pelos Sete Povos, chamados Missões.

Do total de 30 reduções, 8 em território do atual Paraguai, 15 no território da atual Argentina e 7 no atual Rio-Grande-do-Sul.

A respeito da data de fundação e da atual situação dá idéia a tabela seguinte:

São Nicolau, 1687 — Atualmente vila sem maior importância, uma das sedes distritais do município de São Luiz-Gonzaga.

São Miguel, 1687 — Atualmente vila sem maior importância, sede distrital no município de Santo-Ângelo, célebre pelas ruínas da grande catedral, onde há pouco foi erigido um museu missioneiro.

São Luiz-Gonzaga, 1687 — Pequena cidade, sede municipal.

São Borja, 1690 — Atualmente importante sede municipal.

São Lourenço, 1691 — Atualmente pequena localidade no município de São Luiz-Gonzaga.

São João-Batista, 1698 — Desaparecida com exceção de alguns alicerces e os últimos vestígios de uma muralha (vide gravu-

ra 48). Junto a essas ruínas encontra-se atualmente uma casa de estância. Além disto encontramos, à beira da estrada que conduz de São Lourenço a Santo-Ângelo, atravessando o antigo território da redução, uma venda, ponto de parada de ônibus. Êsse grupo insignificante de habitações é conhecido sob o nome de São João-Velho, fazendo parte do município de Santo-Ângelo.

SANTO-ÂNGELO, 1706 — Atualmente importante sede municipal, com pecuária, agricultura e indústria.

Além destas sete reduções, tôdas situadas na bacia do Iquamaquã e do Ijuí, dois afluentes da margem esquerda do rio Uruguai, pertenciam às Missões grandes partes dos municípios convizinhos e mais distantes do atual Rio-Grande-do-Sul, sendo essas zonas integrantes administradas pelas sete reduções, assim como as suas estâncias de gado ou fazendas de algodão, mate e cereais. (Veja-se o mapa "Limites de todo o território das Missões").

* * *

O "Estado Teocrático dos Jesuítas" era tudo, segundo o direito público, menos uma organização política autônoma, como assevera Pombal. As reduções, ao contrário, faziam parte integrante do domínio colonial espanhol, dependiam da coroa e dos que a representavam, viam-se obrigadas ao serviço de guerra e aos impostos, sendo visitadas regularmente pelos governadores. Faltava-lhes, portanto, aquela qualidade que representa a noção de Estado: o poder do domínio primitivo, não dependendo de ninguém e de nada, e baseando-se em direitos auto-determinados. Nas reduções o poder de domínio derivava do Império Espanhol, dêle dependia, e os jesuítas as administravam "em concordância com as leis e sob o contrôle do Estado". E' verdade que, *infra legem*, possuíam ampla autonomia. Mas isto significa, ùnicamente, que eram organismos de auto-administração, e não um Estado.

Tornaram-se as reduções, comprovadamente, um "baluarte das províncias espanholas" e "prestaram à coroa serviços como ninguém mais o fêz alhures". Durante mais de cem anos, os índios dos Trinta Povos combateram, pela coroa espanhola, em mais de cincoenta batalhas. E o rei lhes deve algumas vitórias importantes e decisivas. Foram êles que construíram as trincheiras de Buenos-Aires e Montevidéu e arrasaram o forte Colônia do Sacramento. Os seus exércitos contavam com milhares de homens, sempre levavam as armas, os cavalos e os mantimentos, e precindiam sempre do solo que lhes cabia, segundo as leis espanholas.

Nenhum outro, a não ser o próprio homem que os venceu, o comandante dos exércitos portugueses Gomes Freire de Andrade, Conde de Bobadela, tanto soube louvá-los como adversários valentes e honrados.

* * *

Eram as reduções organismos que proporcionavam proteção aos habitantes, atendiam-lhes às necessidades físicas, coordenavam-lhes a vida social, fazendo despertar e desenvolvendo aos poucos, na massa dos filhos animalizados das selvas, uma sociedade regular e ordenada de cristãos. Da qual, por fim, alguns indivíduos se destacam, por uma vida própria e independente.

Representam elas o caso único de uma organização que se mostrou capaz de garantir a subsistência dos indígenas americanos. São o modêlo de como teria sido possível salvar essa raça suscetível e vulnerável. A experiência pôde ser confirmada durante 150 anos sucessivos. Foi tão grande no conceito quanto na execução.

A política interna era totalmente democrática. Os homens de cada aldeia escolhiam o prefeito, o chefe de polícia, o comandante militar, o escrivão e o conselho. Estes órgãos trabalhavam sob as vistas de dois padres, o Cura e um companheiro ou coadjutor, que supervisavam os negócios administrativos e incentivavam todos os negócios de ordem secundária, como escolas, indústrias, artesanatos, agricultura, pecuária, exército e justiça.

Realizou-se nessas reduções um trabalho econômico imenso. Para alimentar os indígenas, os jesuítas estabeleceram estâncias (as primeiras, em terras sul-americanas), onde era mantido, ao todo, cêrca de um milhão de cabeças de gado. Acrescem ainda as enormes plantações de frutos do campo, especialmente milho e trigo, batatas e mandioca. Havia, além disso, áreas extensas cultivadas com árvores frutíferas e algodão. Sabemos que uma única das reduções fornecia nada menos de 2.000 toneladas de algodão. Conseguiram também os jesuítas cultivar a *ilex paraguayensis*. Ano por ano, cargas enormes de erva-mate preparada desciam pelo Uruguai, rumo a Buenos-Aires.

A ordem econômica tem sido classificada de comunista. E o sistema das reduções já foi citado para demonstrar que o comunismo é executável. Tôda a produção, inclusive a dos campos, pertencia à comunidade. As riquezas de consumo eram distribuídas cristã e fraternalmente. Não havia nada para roubar, nem para ser fechado a chave. O organismo coletivo preservava o indivíduo da fome, cuidava dos velhos, doentes, viúvas e órfãos, e educava os filhos.

Mas na realidade, a economia sem dinheiro dêsse Estado templário não possue nenhuma relação com o verdadeiro comunismo. Os que serviam de objeto a êste sistema não eram, em geral, homens de individualidade formada, e sim meras crianças. Haver observado isso a tempo e daí haver deduzido as medidas mais nobres e convenientes é um dos grandes méritos dos jesuítas.

Se todo o império colonial da Espanha estava hermèticamente fechado para o resto do mundo, pela muralha chinesa de uma quantidade enorme de disposições de tôda ordem, as reduções tinham novo cêrco especial, dentro dêsse fortim, com a lei que vedava a entrada de qualquer branco, sem licença prévia. Assim, viviam os índios nas reduções como em uma redoma de vidro.

O povo de cada redução constituía um todo, formava *UM* só organismo, e cada indivíduo figurava apenas como partícula, como parte em referência ao todo. Era simples fração integrante da coletividade, e sem esta nada valia.

Seria possível comparar as reduções a formigueiros. Sòmente, em vez de orientadas pelo instinto animal de coletividade e comunidade, tinham no padre a célula diretriz intelectual e moral.

Não que faltassem, entre os indígenas, personalidades de evidência. Mesmo no tempo da vida em plena natureza, os Charruas e Minuanos possuíram figuras de caciques do mais indiscutível valor físico e intelectual supra-médio, como Dom Miguel de Caraí, "o chefe de todos os caciques, o cacique geral ou *rei*". Êste chefe tornou-se protoparente de algumas das mais ilustres famílias rio-grandenses pelo casamento de uma de suas netas com Rafael Pinto Bandeira. E dentre os corregedores, burgomestres e comandantes indígenas das reduções saíu Sepé Tiarajú, o chamado São Sepé, de que falaremos em seguida, e Nicolau Languirú, talvez o modêlo do Tatú Guassú, da epopéia "O Uruguai", de Basílio da Gama.

* * *

Depois que o "Reino Teocrático" assim surgiu, durante os primeiros 75 anos, e assim se formou, começa o período em que se desenvolve e embeleza, alcançando o tempo áureo entre 1735 e 1750. Êste chamado período de florescimento produziu tôdas aquelas obras-primas de arquitetura, escultura e artesanato artísticos, tão admiráveis, e fêz germinar aquela vida cultural tão rica e tão colorida, que empresta asas à nossa fantasia.

Quantos grandes espíritos passaram, no decurso dos decênios, pelas cidadezinhas rurais, sitas às margens da Paraná e do Uruguai! Geógra-

tos e cartógrafos, etnólogos, botânicos, zoólogos, matemáticos, astrônomos, filólogos, médicos, músicos, arquitetos, escultores e pintores, engenheiros e tipográfos, armeiros e relojoeiros — homens que pertenciam à mais pura intelectualidade européia, homens de fama universal!

Se uma das reduções precisasse de algum representante desta ciência, desta arte ou daquele ofício, bastava dirigir um pedido ao Pe. Provincial, o superior da província do Paraguai. Depois, quando um emissário se dirigia à Europa, o que se dava regularmente todos os três anos, procurava aí obter o mestre da matéria respectiva. E, de-fato, dispunha a Ordem de mestres em todos os ramos de conhecimentos e ciências!

Segundo a legislação colonial espanhola, a entrada para os territórios americanos só era permitida a jesuítas de determinada nacionalidade. E entre os não-espanhóis esta permissão se estendia especialmente aos súditos habsburgueses. De cada vez, cabiam 25% das levas saídas dos portos espanhóis a súditos da Áustria e de Flandres. Era também dada certa percentagem aos filhos das possessões italianas, sendo Nápoles a mais importante. Por êste motivo nos é facultado admirar, na região missioneira rio-grandense, a obra de um exímio arquiteto italiano, a célebre catedral do Irmão Giovanni Baptista Prímoli, em São Miguel. E por isto possuímos, em São Borja, na estátua de São Francisco de Borja, uma obra do famoso escultor italiano Giovanni Brasanelli. Assim como temos, no Rio-Grande-do-Sul, aquele número considerável das mais admiráveis esculturas de madeira: umas revelando influência da Áustria, como o arcanjo, acima do tamanho natural, outrora no interior da Igreja de Santo-Ângelo e atualmente no Seminário Central de São Leopoldo; outras, influência flamenga, como aquele magnífico Santo Isidoro, que hoje se encontra no museu federal de São Miguel. Estas obras fariam honra a qualquer dos grandes e célebres museus de París ou Roma, Berlim ou Petersburgo, Londres ou Madrí.

Entre os padres entrados por conta da quota austríaca figura Antônio Sepp.

* * *

Antônio Sepp von Rechegg nasceu a 22 de novembro de 1655, em Kaltern, perto de Brixen (Caldaro), no vale do Etsch, no Tirol.

Parece certo que tenha ido, muito moço ainda, para Viena, porque aí figura como menino-cantor, na côrte imperial. Mais tarde recebeu, por parte do mestre-capela do príncipe-bispo de Augsburgo, segura e sólida formação em música vocal e instrumental.

Em 1674, aos 19 anos de idade portanto, entra para a Companhia de Jesús. Lemos, na presente "Viagem", que em 1691, aos 36 anos, parte

de Cádiz, com 44 missionários, havendo entre êles espanhóis, italianos e flamengos. Para estes construtores de um mundo novo não existem cogitações de nacionalidade. Estão reùnidos por um alvo superior: levar o cristianismo aos pagãos.

Como iremos saber adiante, começa o Pe. Antônio Sepp seu trabalho missionário na redução de Yapeyú (ou Japejú).

Esta localidade havia sido fundada em 1626, pelo Pe. Roque. Estava situada à margem direita do Uruguai, em frente à foz do Ibicuí, por conseguinte em atual território argentino. Mas os campos que lhe pertenciam ficavam à margem esquerda do rio, comprendendo os atuais municípios de Alegrete, Livramento, Quaraí, Uruguaiana e mais um pedaço da atual república uruguaia.

Era Yapeyú a redução situada mais ao sul, distando 100 milhas de Buenos-Aires e constituindo o portal e a posição-chave das outras 29 reduções. Em 1690, já contava 5.500 habitantes, sendo pois o aldeamento mais denso de tôda a região, ao tempo da chegada do Pe. Sepp.

As circunvizinhanças de Yapeyú, ricas em matas, eram povoadas pelos índios Charruas e Yaros, bugres bárbaros, caçadores e pescadores nômades, que diversas vezes atacaram as reduções e lhes infligiram pesadas perdas materiais e humanas.

Foi de Yapeyú que, em 1703, partiu aquêle exército indígena constituído de 3.000 cavaleiros e 200 carabineiros, para a guerra contra Portugal, aquêle exército que sitiou e conquistou a Colônia do Sacramento.

Era natural que os portugueses, de sua parte, procurassem ganhar os Charruas para o lado dêles. E assim se davam as investidas contra Yapeyú. Num dêsses ataques, pereceram 140 índios cristãos, sendo a igreja saqueada e incendiada, e roubado todo o gado da estância. De maneira que, logo depois, aí reinou a fome.

Pelo sexto decênio do século passado, portanto um século após à expulsão dos jesuítas, o célebre autor da "História da República Jesuítica", o Reverendo Cônego João Pedro Gay, visitou a redução de Yapeyú, ou melhor, andou a procurá-la. A mata havia tomado conta do lugar, e o Cônego Pedro Gay teve de abrir caminho a foice, para alcançar uns restos de muros.

Deixou-nos êle a seguinte descrição a respeito das ruínas:

"As fileiras de casas em tôrno da praça estavam resguardadas por uma varanda dupla, apoiada sôbre vigas de madeira, que por sua vez assentavam em cubos de pedra, confeccionados de arenito vermelho talhado. Algumas dessas vigas-suportes se encontravam pelo chão, meio carbonizadas, ao passo que outras continuavam em seus primitivos lugares. E' que viviam algumas famílias, no meio daquelas ruínas. E

essa gente queimava, de vez em quando, um trecho de mata e plantava milho. Infelizmente, porém, não sabiam poupar as magníficas matas de palmeiras e as plantações de algodão que os padres haviam cultivado na "Praça dos Torneios". Nos arredores de Yapeyú encontravam-se também alguns laranjais, produzindo frutos de extraordinária qualidade. Uma légua mais adiante começava, então, o campo completamente nu".

Yapeyú é o lugar de nascimento do célebre general San Martin, que conquistou renome imortal como libertador das colônias espanholas do Prata.

Foi também em Yapeyú que, pelos meados do século XVIII, um padre flamengo passou por uma dolorosa decepção, cuja causa vamos relatar. O fato ilustra, com rara clareza, as dificuldades com que os padres tinham de lutar e a mentalidade dos indígenas que desejavam converter.

O referido padre erigira, mais ao sul, com esforços inauditos, uma redução para os Yaros. Precisamente quando ia ser festivamente inaugurada, parecendo todos cheios da mais natural e justa alegria, alguns índios vieram ter com o padre e lhe declararam que haviam resolvido voltar à vida primitiva. Como razão, alegavam que os jesuítas prègavam um Deus onipresente, um Deus que podia ver tudo que acontece; êles, porém, não queriam divindade tão molesta. E se foram, abandonando o padre a chorar a perda do rebanho, e obrigando-o a voltar para Yapeyú. Esta continuou a ser, portanto, a redução mais meridional.

Depois de haver o Pe. Sepp exercido, por algum tempo, sua atividade em Yapeyú, seguiu para São Miguel. São Miguel era, nessa época, a segunda redução em tamanho, devendo em breve tornar-se a primeira. Por êsse tempo, ainda não existia a catedral de Prímoli, cujas ruínas hoje nos despertam tanta admiração, porque o irmão arquiteto só veio em 1735, dois anos após a morte do Pe. Sepp, tendo levado nove anos (até 1744) para construir a célebre casa de Deus.

Como se lê no segundo livro do Pe. Sepp, nos seus "Trabalhos", fundou êle, em 1698, com parte dos moradores de São Miguel, a nova redução de São João-Batista.

A narrativa dêsse êxodo constitue a fonte principal para conhecermos os métodos usados pelos padres na fundação das reduções.

A igreja de São João foi construída pelo Pe. Sepp de uma pedra muito semelhante ao tufo, segundo afirma o Pe. Teschauer, ilustre historiador rio-grandense que examinou os últimos restos das muralhas. Para uma prova de que o Pe. Teschauer se equivocou, de que não se trata duma pedra parecida com tufo, mas de cupim, queira o leitor examinar o seguinte:

Esta pedra "cupim" desempenhou papel saliente na vida dos brasileiros antigos. Segundo o Padre Sepp, os índios cognominaram a pedra de *itacurú;* o povo gaúcho a chama de "pedra-formiga", o que é sinônimo de cupim, nome da formiga branca, a pequena termita brasileira. Bem que merece êsse nome, pois os blocos porosos dêsse minério muito se assemelham a torrões do formigueiro. Vemo-lo na região das Missões a cada passo, emergindo da relva em torrões amarelos, castanhos, roxos e pretos, exatamente como os pequenos formigueiros, e por sinal junto aos mesmos. Esta pedra — "itacurú, cupim, pedra-formiga" — chama-se em São Paulo *pedra-ferro,* nome êsse que se justifica plenamente, pois se trata de um minério de ferro argiloso nativo, contendo ferro de 35 a 40%. Assim sendo, tanto os primeiros paulistas, quanto o Padre Sepp, se utilizaram da mesma para extração de ferro, mas disto trataremos mais tarde. Atualmente interessa-nos ùnicamente o fato de ter sido essa pedra utilizada pelos primeiros brasileiros brancos, para a construção das suas casas, o que nos permite dizer, num sentido poético, que construíram suas moradias de ferro.

Em sua obra célebre "A cultura e opulência do Brasil", escrita em 1711, o Padre ANTONIL (Pe. João Antônio Andréoni), reitor do colégio da Baía, o primeiro biógrafo de Pe. Antônio Vieira, nos relata o seguinte:

"Na vila de São Paulo há muita pedra usual para fazer paredes e cêrcas; a qual, com a côr, com o pêso, e com as veias que tem em si, mostra manifestamente, que não desmerece o nome, que lhe deram, de pedra-ferro; e que donde ela se tira, o há. O que também confirma a tradição, de que já se tirou quantidade dêle, e se achou ser muito bom para as obras ordinárias, que se encomendam aos ferreiros..."

Enquanto que José Brasanelli construíu a matriz de São Borja, e Giovanni Prímoli a de São Miguel de pedra lioz (cantaria), que tiveram que buscar de longe, (o grés para a catedral de São Miguel veio, em sua maioria, das regiões sulinas do Rio-Grande-do-Sul), o Padre Sepp precisava apenas escavar o cupim da terra, no lugar onde fazia suas construções.

Também a catedral de Santo-Ângelo foi construída com êsse material. No ano de 1860, Gomes Pinheiro Machado, pai de famoso político, mandou limpar as ruínas, em sua qualidade de vereador. Seis anos mais tarde, construíu-se com êsse material histórico a igreja que até há pouco serviu como matriz e que, neste mesmo ano de 1942, está em vias de ser demolida. Alí podemos examinar os blocos amarelos e roxos, os menos ferruginosos, e os blocos pretos, os mais ferruginosos, e podemos observar que tôdas as partes proeminentes da construção, caixilhos de

portas e janelas, sempre eram talhados em material mais precioso; assim, por exemplo, essas partes eram constituídas em Santo-Ângelo e São João-Batista de pedra lioz e em São Borja provàvelmente de gneisse. Em verdade, o cupim ferruginoso, mais poroso e amorfo, resistiu menos às intempéries do que a pedra lioz, pois as imponentes muralhas de grés da matriz de São Borja são idênticas às partes da construção da primitiva catedral jesuítica, e a obra maravilhosa de São Miguel constitue até hoje o encanto de todos os visitantes.

O Padre Sepp descreve-nos o seu templo no capítulo XXI dos "Trabalhos". Convertendo as medidas por êle indicadas em sistema métrico, chegamos à conclusão de que o comprimento interior do templo era de 64 metros. A isto corresponde o resto da muralha ainda existente, com as 5 portas, cujos vestígios encontramos na gravura n. 48. O telhado repousava sôbre 24 colunas de cedro fincadas na terra numa profundidade de 2 metros e meio, elevando-se a uma altura de 16 metros.

Sabemos por pessoas que visitaram São João-Batista, em épocas mais recentes, que a obra-prima da redução foi o relógio da tôrre da igreja, que *"todos os meio-dias faziam passar os 12 apóstolos perante o mostrador, tal qual como em Munique"*. Êste relógio era construção do próprio Padre Sepp, mas algum tempo depois de ter escrito as suas duas obras.

Assim que tudo ficou pronto, o Pe. Sepp providenciou para que as palhoças dos índios fôssem substituídas por casas. Apareceram, dêste modo, quarenta quadras consideráveis. Fizeram também fôsso e muralha, para proteger a redução contra eventuais ataques.

O território que integrava a redução de São João-Batista, explorado aos poucos e usado para fins agrícolas ou pecuários, abrangia extensão muito vasta, indo, ao norte, até a vertente do Uruguai, e, ao sul, até a Serra de Soledade. À oeste, limitava-se com a redução de Santo-Ângelo, fundada em 1706, dez anos depois de São João-Batista, dela distando 24 quilômetros. A Santo-Ângelo pertenciam os campos e as matas entre o rio Ijuí e as nascentes ocidentais do Uruguai.

Foi ainda o Pe. Sepp o primeiro a iniciar, nas terras rio-grandenses, o cultivo do algodão em grande escala. Como procedeu e que quantidades extraordinárias plantava e colhia, êle nos relata, no capítulo XX.

Na zona que hoje abrange o município de Tupanciretã, o Pe. Sepp plantou vergéis enormes de pessegueiros, ameixeiras e outras árvores frutíferas. Dêste particular, e de outras indicações existentes, podemos deduzir que o lindo nome de Tupanciretã foi formado pelo Pe. Sepp.

Tupanciretã significa Terra da Mãe de Deus.

Na sua monografia sôbre o município de Tupanciretã, publicada em 1934, em São Paulo, Manoelito de Ornelas emite a opinião de que parte dêsse nome está ligada à memória da figura do venerável Anchieta. Dos versos escritos pelo grande jesuíta cultivador do Brasil, "e que foram sendo repetidos e ensinados, por tôdas as tribus", encontraram-se alguns que Dom Pedro II copiou em Roma. Um dêles é o seguinte:

"Ó Virgem Maria
Tupan-ci-etê
Aba pe ara pora
Oicó endê iabê."

A tradução destas palavras é a seguinte: "O' Virgem Maria, Mãe de Deus verdadeira; os homens dêste mundo êstão muito bem convosco".

Neste versinho figuram, portanto, as três primeiras sílabas do nome de que tratamos. *Tupan* significa Deus; *ci* quer dizer Mãe. As duas últimas sílabas do nome — *retan*, significam Terra. A frase inteira, em nosso idioma, exprime a idéia: Terra da Mãe de Deus.

Ora, lemos que o Pe. Sepp cultuou, sobremodo, a veneração pela Virgem Maria. Assim, logo depois de haver chegado às Missões, distribuíu entre os indígenas centenas de imagens da chamada "Virgem Negra", de Alt-Oettingen, imagem antiquíssima de Nossa Senhora, muito venerada, especialmente na Baviera. Sabemos, além disso, que o Pe. Sepp não só dominava perfeitamente o idioma guaraní, mas que dêle se servia, única e exclusivamente, nas atividades profanas. De maneira que bem lhe pode ser atribuída a formação daquele nome. Pelo reconhecimento de sua autoria, entretanto, fala expressivamente o seguinte fato: o chamado *Mariengærtchen* (tradução literal: vergel mariano) é uma denominação corrente, na Alemanha meridional e no Tirol, de belos jardins floridos, principalmente de pomares frutíferos que, em seu ornato admirável de florezinhas brancas e côr-de-rosa, simbolizam, com tanta propriedade, o amor mariano. E' bem possível que a vista do arvoredo em flor de nossa terra suscitasse no Pe. Sepp a lembrança dos vergéis e pomares de seu Tirol natal. Sim, é preciso mesmo garantir que o nome Tupanciretã só pode ter surgido do esfôrço de gravar, em nome indígena, a palavra *Mariengærtchen* ou vergel mariano, de tão cara lembrança para o Pe. Sepp.

* * *

Já sob a data do ano seguinte temos um relatório sôbre o desenvolvimento da recém-fundada redução de São João-Batista. A Secção de Manuscritos da Biblioteca Nacional do Rio-de-Janeiro conserva inserto

na célebre "Collección de Obras Impresas y Manuscritas, que tratan principalmente del RIO DE LA PLATA", formada por Pedro Angelis, sob o n.º I 29.7.68, o documento "Annua de las Doctrinas del Uruguay del año 1698", na qual encontramos o seguinte:

El año pasado se dividio la Doctrina del S. Mig. Archangel en dos partes por su gran multiplico, quedando en el pueblo antiguo el pedaço menor que tiene el titulo y nombre antiguo y dando al otro el de S. Juan Bapta. que consta de dos mil, ochocientos, trienta i dos almas, en que ay setescientos sesenta i cinco familias. Los casamientos son veynte y quatro. Los bautismos de parentes cinquenta i seis. Los niños muertos diez y siete, y los adultos nuebe. Ay un viudo, i viudas setenta y seis, comuñones se an dado dos mil trecientas, i veynte y una, i pocas mas las confessiones.

An trabajado mucho assi en fundar el pueblo casa del Consejo i Iglessia como en las sementeras, aunque no ha correspondido el fruto al trabajo por la falta de las aguas, que no acudieron a tiempo; no obstante el pueblo va teniendo ya los medios suficientes para adelantarse cada dia mas.

* * *

O mérito principal do Pe. Sepp consiste no incentivo que deu à música. A êste respeito é narrada alguma cousa nos dois livros presentes. De nossa parte, quiséramos acrescentar mais o seguinte:

As vozes dos guaranís eram pouco adequadas para o canto e muito fracos os pulmões, para certos instrumentos. No entanto, por intermédio de boa seleção e de exercícios constantes, obtinham os jesuítas excelentes resultados. Os indígenas também aprenderam a leitura das notas, de modo que tocavam, com admirável exatidão, as peças mais difíceis dos mais célebres compositores europeus. Num côro de mil vozes, segundo refere um visitante, não se percebia uma nota em falso.

Como os índios gostassem muito de música e as apresentações musicais no serviço divino fôssem para êles uma forte atração, é fácil imaginar-se que o mestre-capela Pe. Sepp era a figura mais popular e benquista de tôda a redondeza. Todos estavam entusiasmados com êle, todos faziam por êle o que pediam e eram ordens os seus mínimos desejos.

Não obstante, o Pe. Furlong celebra nosso Padre austríaco como construtor de instrumentos musicais, dizendo:

"La gloria de haber dado un gran e poderoso impulso a la fabricación de tales instrumentos corresponde muy particularmente a un eximio Jesuita alemán, el P. Antonio Sepp. Como escribía un contemporáneo: "Esto le derá un mérito immortal", y assí es por más que nuestros historiadores de musica ni recuerdem su nombre mucho menos sus glorias musicales en el Rio de la Plata".

Noutro lugar o Pe. Furlong escreve:

" ... Antonio Sepp, tan habilidoso en la música, en la pintura, en la escultura y en la arquitectura que era el asombro de sus contemporáneos".

O próprio Pe. Sepp nos confessa em seus escritos, e o repete amiude, que encontrava o gôzo supremo e a mais profunda satisfação na execução de obras musicais e no estudo das mesmas.

* * *

No decurso dos anos, o padre idoso e venerando tornou-se, afinal, quase outro guaraní. Há uma referência dizendo que, encontrando-se em viagem com um irmãos de Ordem, e "querendo êste lhe falar na língua materna alemã", o Pe. Sepp não mais a dominava, porque desaprendera completamente o alemão, durante os quarenta anos que vivera entre os indígenas.

Em 1725 era enviada a seguinte comunicação, de parte do padre Carlos Rechberg S. J., de Buenos-Aires: "O venerando ancião Pe. Antônio Sepp, que há tantos anos dirige a comunidade de "Santa Cruz", ainda se mostra bastante jovial e está passando bem".

E, em 1730, escrevia o padre alemão Francisco Magg, S. J.: "Coube a mim a grande graça de vir para a paróquia de "À Santa Cruz", no Paraguai, e aí, sob orientação do zeloso, idoso e piedoso missionário Pe. Sepp, adquirir os verdadeiros princípios da vida apostólica. Mal acreditariam, se relatasse tudo o que êsse grande homem fêz pela glória de Deus e pela salvação dos indígenas. Construíu uma linda igreja em seu aldeamento, igreja que nada fica devendo em beleza a quaisquer outras de nossa província bávara, com exceção da igreja de Munique. Para prevenir-se contra assaltos e ataques dos indígenas bárbaros, rodeou tôda a aldeia com muro e fôsso. Desapareceram os casebres de barro e palha e em seu lugar surgiram casas de pedra. Acostumou os índios ao trabalho, aplicação e economia e fêz florescer a agricultura, por seus conselhos e suas disposições. Os índios bárbaros foram por êle amansados e transformados em bons cristãos".

O Pe. Sepp morreu em 1733, aos 78 anos de idade, tendo trabalhado durante 41 anos nas reduções missioneiras.

Seus biógrafos europeus dão São José como local do passamento.

Conforme se deduz do nosso mapa, está São José situada no território entre o Paraná e o Uruguai. Talvez os irmãos de Ordem tivessem levado para lá o Pe. Sepp, vendo-o muito velho e fraco, a-fim-de lhe prestar melhor assistência. Em todo caso, provoca certa estranheza imaginar que submetessem um ancião moribundo a viagem tão longa e penosa. Tanto mais que o Uruguai, no lugar em que devia ser transposto, entre São Nicolau e São Tomé, conta seus 600 a 800 metros de largura.

Portanto me parece admissível que os historiadores europeus tivessem confundido São José com São João. Casualmente fui encontrar a confirmação de minhas suspeitas na obra "Viagem pelo Brasil meridional", do Dr. Avé-Lallement. Êste médico, ao visitar as Missões, em 1850, verificou que a localidade de São João-Mirim (referia-se à estância da redução São João-Batista) era, muitas vezes, chamada errôneamente de São José, quer pelos próprios habitantes, quer nos mapas existentes. Talvez os biógrafos europeus, valendo-se dos mapas, caíssem no mesmo êrro. Devemos, pois, ter como provável que o Pe. Sepp tenha morrido em São João, ou na própria sede ou na estância próxima. Em qualquer hipótese, porém, entre os "ìndiozinhos" que tanto amava e sôbre a terra que para êles havia preparado.

* * *

Depois da conquista das Missões, em 1801, São João-Batista começou a decair ràpidamente.

Em 1824, colonos alemães foram enviados, por ordem do govêrno de Dom Pedro I, para colonizar as ruínas. Mas dispersaram-se logo.

O território da antiga redução do Pe. Sepp tomou mais tarde o nome de "Comarca Cruz-Alta". É a chamada "Província do Alto-Uruguai", território onde foram erigidas posteriormente, por volta de 1820, as freguesias de Cruz-Alta, Passo-Fundo e Soledade. Destas, foram depois desanexados diversos municípios florescentes, entre êles: Palmeira, Iraí, Ijuí, Tupanciretã e Júlio-de-Castilhos.

Visitando-se o lugar, onde esteve localizado o estabelecimento da fundação do Pe. Sepp, verifica-se, como já dizemos, que da redução quase nada sobrou. O resto do muro, outrora uma parede lateral da igreja, é visível hoje ainda, formado por enormes blocos de cupim. Dos antigos parapeitos de pedra de cantaria nada mais existe. A única peça, onde se podia reconhecer a mão formadora do homem, era um cubo de pedra de um metro aproximadamente sobre a qual, em alto relêvo, se vê um coração flamejante, trespassado por uma flecha. Esta peça

foi recentemente removida para o local onde o Pe. Aloísio Jäger, J. S., descobriu, em 1933, o local de martírio do Beato Roque Gonçales. Aí, na Capela de Caaro, esta testemunha da atividade de Pe. Antônio Sepp encontrou seu lugar. De resto só as anotações por êle mesmo feitas contam da vida e da atividade dêsse homem.

Do mesmo modo como em São Miguel também em São João-Batista os mortos sobreviveram dos vivos: Os antigos cemitérios dos jesuítas e indígenas são as únicas instituìções ainda hoje em uso. Nesses cemitérios existiram inúmeras tábuas de louça queimada onde estava escrito, em língua guaraní, o nome do homem, da mulher ou da criança alí encerrada. Na estância São João Velho ainda hoje se conserva um dêstes tijolos onde se lê perfeitamente a palavra "falecido" em guaraní.

Enterrado sob montões de entulho, roído pelas raízes do capoeiro eis o que se encontraria neste campo de ruínas:

O altar-mor e o tabernáculo em cedro puro, ricamente dourado e encrustado com madrepérola, os altares laterais e a efígie do Santo Antônio de Lisboa, mandada fazer pelo Pe. Sepp pelo enorme prêço de mil pesos na redução de São Nicolau, o rico púlpito com as quatro estátuas dos Santos Evangelistas da igreja católica, também estas douradas e encrustadas com madrepérola, o grande candelabro de prata com os trinta e dois braços, o órgão, o relógio, os doze apóstolos, os quais durante 60 anos marcharam em redor do mostrador — tudo isto desapareceu! Foi-se a tijolaria, o forno de fundição, as plantações de algodão e vinho, o "jardim de Maria", foram-se os milhares de prestativos indígenas, cujos braços tornaram possível todos estes milagres, foi-se o valente padre tirolês desde há muito tempo transformado em legítimo guaraní...

O capoeiro venceu a tentativa de transplantar um pedaço do mundo europeu para o território americano.

* * *

De ambos os escritos do Pe. Sepp, ficamos sabendo muito a respeito dos passos iniciais na produção de certos produtos que foram típicos para a economia de nossa terra, ainda o sendo em parte, presentemente. O autor descreve a quantidade enorme de rebanhos de gado vacum, o aspecto e a qualidade dos animais e dá testemunho do saque que se fêz e se continuou fazendo por mais de um século, consistindo em aproveitar apenas o couro e a língua da rês, abandonando tudo o mais aos corvos. Salienta a importância extraordinária da produção de couros para a colônia e a terra-mãe espanhola, citando-nos até os preços usuais. Dá informações sôbre a queima dos campos, o comércio da erva-mate, o

cultivo do trigo, frutas, algodão, vinhas, consignando, também, interessantes indicações sôbre abelhas e mel. Fornece, ainda, alguns dados preciosos relativos aos costumes, à mentalidade, ao caráter e ao nível cultural dos habitantes primitivos. Muito do que anotou continua conservando plena atualidade, quer se refira à terra quer à economia, quer aos gentios. Outras cousas mudaram, nesse tempo. Mas o Pe. Sepp deixou vários esclarecimentos que nos permitem conhecer o decurso dessa evolução, tornando compreensíveis muitos fenômenos atuais.

Para a história econômica brasileira, tem ainda o Pe. Sepp especial importância, de certo modo atual, por ser, não o mais antigo e o primeiro precursor da siderurgia brasileira, como indica o Pe. Teschauer, mas, sim, da siderurgia *sul* brasileira e portanto, *um* dos primeiros e mais antigos precursores da execução dêste ofício em nosso país.

Eis a correlação dos fatos:

Foi o Pe. Anchieta quem nos deu as primeiras notícias sôbre a existência de jazidas de minérios de ferro no Brasil, anunciando no ano 1554, literalmente:

"Agora, finalmente, se descobriu uma grande cópia de ouro, prata, ferro e outros metais, até aquí inteiramente desconhecida (como afirmam todos)".

Esta afirmação do Pe. Anchieta provàvelmente se refere àquelas jazidas nas vizinhanças de São Paulo e Santo-Amaro, cujos minérios — porém sòmente 200 anos depois (1760) — foram fundidos. São êles compostos de um minério de ferro argiloso, quer dizer, do nosso cupim.

Já nos fins do século XVI, fundia-se minérios no Brasil, na região do futuro município de Sorocaba, no Estado de São Paulo. Aí um certo Afonso Sardinha (o pai) descobriu, no ano de 1590, as jazidas de Biraçoyaba, formadas por duas têrças partes de granito e uma têrça parte de magnesita de alto valor. Como Calógeras prova no seu admirável livro "As Minas no Brasil e sua Legislação", Rio-de-Janeiro, 1905, Afonso Sardinha já em 1597 — isto é exatamente 101 anos antes do Pe. Sepp — manteve em Biraçoyaba a primeira fábrica de ferro em território brasileiro. Estas fábricas trabalharam até 1629, isto é durante 30 anos. Portanto, cabe a êste ilustre paulista a glória de ser o fundador da siderurgia brasileira.

Desde então foram empregados no Brasil exclusivamente minérios de ferro de alto valor — excetuando-se apenas os curtos intervalos de São João-Batista e Santo-Amaro. Na velha Europa teriam ficado satisfeitos em possuir o cupim, considerado aquí sem valor. Prova disto é que a grande indústria de ferro alemão e belga se baseou sôbre um parente próximo do nosso cupim, a hematita parda, chamada, naqueles

países, *Rasen-Eisen-Stein.* Já os antigos gauleses e germanos se utilizaram desta hematita parda para obter o ferro das suas armas. E ainda, no ano de 1882, oitenta e dois por cento do ferro produzido na Alemanha originou-se dêste minério, o qual é apenas um irmão mais resistente do nosso itacurú ou cupim, mais amorfo.

Lendo a descrição do forno, construído pelo Pe. Sepp, e os métodos por êle usados na fusão do minério, temos o relato completo dum *Rennfeuer* (fogo fluido ou fogo de refinação) como o haviam inventado os Galos e havia sido usado ao tempo de César (e, de-certo, já há muitos séculos antes), e como, então, o passaram a usar os germanos. Em excavações feitas na Renânia, foram descobertos dêsses "fogos fluidos", estando hoje expostos nos museus do Reno e do Ruhr. Deve-se comparar a descrição feita pelo Pe. Sepp dos seus fornos com a de Calógeras, do novo engenho de Santo-Amaro, chamado por êle uma cópia de Biraçoyaba:

"Ambas as fábricas eram, seguramente, fogos catalães, únicos conhecidos por êsses minérios ibéricos, ou portugueses, ensinados por estes. Moviam-se a braços uns foles de couro que sopravam ar úmido na forja; faziam-se as reações e formava-se a bola de metal, recoberta e entremeada de escórias. A golpes violentos de malho purificava-se e estirava-se o ferro, assim transformado em barras. A um canto da tenda amontoavam-se as escórias ricas de ferro sempre, mais ricas aquí, como em Ipanema, pela natureza refratária do minério tratado."

De importância maior e especial é o fato de haver o Pe. Sepp, a êsse tempo, fabricado aço, mediante determinado processo, e de já fazer, naquele tempo, distinção entre ferro e aço, muito antes que essa classificação fôsse usual pelo mundo, como salienta o Pe. Teschauer.

Quando, em 1756, irrompeu a chamada Guerra dos Sete Povos, os armazéns de São João forneceram o ferro para as pontas das lanças e flechas com que o exército de Sepé lutou, na batalha de Caibaté. Naquele tempo, até as mulheres eram armadas em São João. A propósito escreveu o vigário do aldeamento: "Já vi, na igreja, índios com lanças e temembés, e vi como preparavam pedras para as atiradeiras, e como as jovens mulheres se exercitavam no manejo dessas atiradeiras, e até com arco e bolas, e mesmo com lanças, e diziam que desejavam morrer com os maridos."

Em 1760, um emissário do governador de Buenos-Aires inspecionou a redução de São João, encontrando ainda a ferraria com as bigornas, os foles, os martelos e os malhos.

* * *

Também para a história política do Rio-Grande-do-Sul, as anotações do padre tirolês têm alguma importância. A descrição das condições existentes nas Missões, da atmosfera psicológica e do meio social projetam luz característica sôbre os acontecimentos de 1750 e 1756, sôbre a Guerra dos Sete Povos, portanto. A relação dos fatos é a seguinte:

Como se sabe, as coroas de Portugal e Espanha combinaram, em 1750, um Tratado de Limites, segundo o qual a Colônia do Sacramento deveria ser trocada pelos Sete Povos.

Êste tratado constitue, indiscutìvelmente, uma honra para ambos os reis. Nêle fizeram, ambos, sacrifícios para restituir a paz à região do Prata e pôr têrmo à velha guerra limítrofe, que se vinha arrastando através de gerações. Do ponto-de-vista das mudanças territoriais, o tratado se justifica, pois reùnia o que tinha de ficar reùnido e separava o que tinha de ficar separado. Embora cinqùenta anos mais tarde, e por iniciativa particular, pelo golpe ousado de dois gaúchos, os Sete Povos fôssem incorporados ao território brasileiro.

Quanto ao lado econômico, os espanhóis o criticaram acerbamente, achando que o convênio fôra "realizado num acesso de loucura", porque os reis de Castela trocaram um forte sem valor algum por um território de extraordinária capacidade produtiva.

Os escritos de Sepp deixam entrever até que ponto eram justificadas as críticas, isto é, até que ponto o valor econômico dessa região parecia de-fato importante. As sete reduções rio-grandenses eram as mais ricas e lindas de tôdas as trinta. Os rebanhos de gado e os bosques de erva-mate, os maiores. E em parte alguma de tôda a América a arte, os ofícios e a manufatura floresciam, como nas Missões, entre 1690 e 1750.

Sumamente irracional e injusta foi a determinação do tratado, na parte em que obrigava os 30 mil habitantes dos Sete Povos a recolher todos os seus bens móveis e transpor o Uruguai, abandonando assim a terra natal. Em conseqùência desta determinação nasceu a "Guerra das Sete Reduções".

Ora, os autores brasileiros — especialmente o poeta Basílio da Gama e o historiador Visconde de São Leopoldo — tiveram palavras duríssimas, cheias de graves incriminações, feitas de maneira odiosa, contra os jesuítas e os aldeamentos.

A inimizade entre paulistas e portugueses de um lado, e jesuítas e indígenas de outro era tão velha quanto a vinda do homem branco para as terras do Novo Mundo. Tinha causas muito fortes, inevitáveis, derivadas da própria natureza das condições ambientes. E tinha duas raízes: uma econômica, outra política.

A econômica refere-se à escravidão dos índios por parte dos paulistas. Embora não subsistisse mais, no século XVIII, ainda continuava, no entanto, uma espécie de ação psicológica. Até a batalha de Mbororé os paulistas haviam caçado índios, porque dêles precisavam para as suas plantações. Eram os jesuítas os protetores e tutelares dêsses índios, tornando ineficientes as caçadas dos paulistas. Particularmente com a adoção do sistema de reduções, causaram prejuízos apreciáveis aos caçadores e mantenedores de escravos. Na própria cidade de São Paulo havia tempos em que o antagonismo entre os futuros brasileiros e os jesuítas não era menor do que nas regiões distantes — em Guaíra e nas margens do Uruguai.

No século XVIII continuava agindo, porém, a raiz política do ódio, aliás com intenso vigor e muita vivacidade. Eram as reduções um círculo fortificado, impedindo os paulistas (e conseqüentemente o império brasileiro em formação) de expandir-se e de estender seu domínio até o rio Paraguai — que deveria ser o limite geográfico natural do Brasil. Por conseguinte, os patriotas portugueses e os brasileiros já existentes passaram a considerar os jesuítas e os indígenas das missões seus adversários na política exterior e seus inimigos, na acepção comum da palavra.

Entretanto, êsses inimigos eram religiosos, expoentes dêsse catolicismo universal, a que pertenciam os próprios brasileiros. Era preciso, porém, tratá-los como se fôssem leigos! Os paulistas sabiam perfeitamente de que maneira lidar com oficiais, exércitos e funcionários de um país estrangeiro. Viam-se agora em face de religiosos, clero de sua própria religião, e êsses religiosos mantinham exércitos permanentes, por êles mesmos organizados. Sem dúvida, do ponto-de-vista político, as reduções faziam parte do império colonial espanhol. Mas essa mescla tão curiosa de uma atividade espiritual — a missionária, com uma atividade profana e terrena — a política e militar, tornava seus portadores, os jesuítas, figuras incompreensíveis, impenetráveis, enigmáticas até. Que fizessem tudo o que estavam fazendo em concordância com o mandato missionário de Cristo, quando disse: "Ide e ensinai a todos os povos e batizai-os em nome...", que o isolamento da região, a fundação de cidades, o desenvolvimento de uma economia rica e vigorosa, a construção de igrejas admiráveis, enfim que tôda a grandiosa obra das reduções fôsse apenas uma decorrência direta do mandato pentecostal, os filhos do século da luz não queriam nem podiam compreender. E que os jesuítas, em última análise, nada quisessem para êles próprios, tudo fazendo ùnicamente para alcançar a finalidade religiosa da Ordem, tornava-os duplamente suspeitos, duplamente odiados. Afinal, nesse mundo tudo se acredita de um homem, menos que faça alguma cousa sem visar pro-

veito próprio. Era êste o caso dos jesuítas e das reduções. Por que um homem como Prímoli abandona as cidades italianas, os "ateliers" e o ambiente cultural e artístico, por que ingressa como simples Irmão na Companhia de Jesús, vindo internar-se nestas selvas inhóspitas e desconhecidas? Por que fizeram o mesmo centenas de cientistas e artistas como êle? Em casa, na terra natal, tinham à mão auxiliares capazes, e um vasto público de admiradores e conhecedores vinha enaltecer-lhes os trabalhos concluídos. Aquí, nesta solidão, precisavam primeiro fazer do indígena um aprendiz, e o público eram os filhos ignorantes das selvas. Por que fizeram êsses homens tudo isso? Na verdade, apenas movidos pela Fé, razão que a poucos é dado compreender. Mas os que não compreendem procuram motivos que lhes sejam compreensíveis. É assim que surgem as falsas interpretações e os equívocos. É assim que, aos vizinhos luso-brasileiros, as reduções pareciam — falando-se com Basílio da Gama — "um império tirânico, injusto, oculto", uma "república infame", um organismo profundamente perverso.

Nas páginas da história, bem como na atualidade, podemos observar que quando se chocam dois inimigos da mesma espécie, da mesma cultura e mentalidade, os atos guerreiros são cavalheirescos e nobres de ambas as partes, enaltecem o progresso da civilização. Logo porém que entram em conflito duas potências de espécie, mentalidade e cultura diversas, logo que surge o sentimento de que o adversário é diferente pela fé e pelo espírito, passa a tornar-se justificável a prática de quaisquer brutalidades e baixezas, de qualquer mentira e calúnia, e na inocência mais objetiva se perpetram as mais negras ações.

É esta a atmosfera em que germina, exuberantemente, a propaganda da mentira política, sobretudo quando se trata de inventar e fabricar histórias horripilantes. Há um ponto em que chegam a ficar esquecidos os antagonismos reais dos interêsses reais, e o pedregulho dos fatos é recoberto pelo cipoal intrincado e intrigante das sugestões.

Neste sentido é que devem ser consideradas muitas manifestações de ódio e de inimizade dos brasileiros para com os Sete Povos e seus fundadores e dirigentes. No sentido de atividade política e bélica, constituindo parte integrante do panorama dos duzentos anos de lutas que os luso-brasileiros feriram, nas terras meridionais do Brasil.

O poema "O Uruguai", de Basílio da Gama, escrito em versos bonitos e nobres, é lido, hoje ainda, com verdadeiro prazer, constituindo legítima jóia artística. As tão conhecidas palavras de grande admiração, que Garrett proferiu sôbre o poema, conservaram seu pleno valor. Basílio da Gama é, indiscutìvelmente, um poeta admirável. E devemos nos lembrar que "O Uruguai" é uma das produções mais antigas da li-

teratura brasileira. Ao mesmo tempo, no entanto, é o mineiro um homem daquela propaganda bélica, propaganda que, desde a época de Homero, faz parte de tôdas as guerras.

O ódio e os ataques de que Basílio da Gama quis alimentar no seu poema são o produto da atitude geral dos brasileiros, daquele tempo, para com as reduções. Quando nos conta, e acentua em anotações ao poema, terem os jesuítas insinuado aos indígenas que os paulistas cortavam as cabeças dos prisioneiros, e quando, adiante, narra como os índios aprisionados se mostram surpresos e reconhecidos pelo tratamento inesperado que lhes concedem os portugueses, faz simplesmente propaganda bélica. Tal qual hoje em dia...

Por outro lado, os índios tinham os paulistas e portugueses na conta de demônios humanizados. Ou, então, teriam os filhos das selvas esquecido que seus pais tinham sido, durante um século, caçados como feras por Antônio Raposo Tavares, o Leão dos Pampas, e seus predecessores e sucessores, algemados e levados a São Paulo? Há um documento sumamente interessante a respeito da opinião que os índios das reduções tinham dos caçadores de escravos.

Conserva-se ainda, na velha Igreja do Bonfim, em São Gabriel, hoje raras vêzes utilizada, uma escultura de madeira, indubitàvelmente talhada por mão indígena. Representa ela um São Miguel, de inequívocos traços fisionômicos índios, que usa um cocar de penas e couraça de algodão, vestimenta bandeirante usada para as lutas em mata virgem. Êste São Miguel em vez de pousar sôbre um dragão, se mantém sôbre um demônio alado, que, também inequìvocamente, apresenta a fisionomia, o corte do cabelo, a barba, os bigodes e a vestimenta de um bandeirante!

Além disso, hoje como nos tempos de Homero, a questão da responsabilidade das cousas de guerra representa um papel importante na luta dos Sete Povos.

1. Os jesuítas nos acusaram a nós, portugueses, de havermos escravizado os índios. Entretanto, êles mesmos constituíram um império próprio, pela escravização do indígena.

2. Os jesuítas incitaram os indígenas à resistência armada contra a cláusula do contrato que determinava a evacuação do território, provendo-os de armas modernas e lhes ensinando estratégia e tática modernas.

O testemunho do padre Sepp em face dessas recriminações é muito importante.

Trataremos, mais tarde, da credibilidade dêsse testemunho. É necessário, entretanto, dizer desde já que êle não foi, quer graças a nacionalidade, quer graças a época em que viveu, pessoalmente atingido pelos antagonismos hispano-portugueses.

Estava isento de quaisquer ódios. Era tirolês, dedicando todo o amor e todos os brios nacionalistas à "Província alemã" da ordem jesuítica. Exerceu suas atividades exatamente entre as batalhas de Mbororé e Caibaté. Critica diversas vezes os espanhóis, mas, mal se refere aos portugueses, provàvelmente porque entravam muito pouco na órbita de suas cogitações. Já trabalhara vinte anos em São Miguel, quando Cristóvão Pereira e João de Magalhães dão os primeiros passos sôbre terras rio-grandenses. E o túmulo já o cobria quando surge Silva Pais.

Seus livros respondem, inequìvocamente, à primeira recriminação: nem o mais leve traço de império existia nessas reduções. Eram os padres missionários homens de vasta cultura, representando mesmo tôda a cultura e tôda a ciência da época. Em face dos pobres selvícolas ignorantes, tornavam-se infinitamente superiores, sendo, por conseguinte, as autoridades absolutas e as personalidades principais. No entanto, nada estava tão fora das cogitações que pudessem ter como escravizar os índios em benefício da Ordem, ou para ela construir um império. E se reùniram alguns tesouros, constavam estes de objetos de culto, de valor material por certo bem menor do que as dourações nas igrejas do Rio-de-Janeiro ou da Baía. Visavam apenas a evolução econômica da terra, porque apenas uma farta produção de víveres e riquezas de consumo lhes possibilitava uma catequese eficaz. Êste particular já fôra reconhecido pelos primeiros missionários, pois na terceira década do século XVII o Pe. Mendonça recomendava aos irmãos de Ordem: "Cuidem das minhas vaquinhas como das meninas dos vossos olhos, porque índio sem carne volta para o mato!" A catequese baseava-se na alimentação dos selvícolas — essa era a verdade irrefutável. E o Pe. Sepp nos dá testemunho de quanto as preocupações dos padres giravam em tôrno dos problemas: moradia, vestuário e alimentação dos indígenas, com a finalidade de poder cristianizá-los.

Quanto à questão da responsabilidade pela declaração da guerra, sabemos por outras fontes haver o Padre Superior da Província dos Jesuítas no Paraguai recomendado aos sacerdotes das Sete Reduções para fazerem valer tôda a sua influência, a-fim-de que a transmigração se desse, sem o menor atrito. Sabemos, também, terem os padres instado muito, junto aos índios, quanto ao abandono da terra natal.

Com referência a êste caso, o Pe. Sepp, mais uma vez, nos dá testemunho valioso.

No capítulo XXIII dos "Trabalhos" descreve êle como os índios se apegavam à terra. Reagiam, sempre que era preciso mudar, mesmo quando se tratava de uma simples transferência como a de São Miguel para São João, por exemplo. O Pe. Sepp e os caciques haviam precedido o povo, construindo as casas necessárias, e deixando-as prontas para as famílias se instalarem. Não obstante, abraçavam-se às colunas das igrejas, atiravam-se sôbre os túmulos, gritavam, choravam, opondo-se a abandonar a *querência*. Lendo-se êste pormenor, é fácil imaginar-se como deve ter sido profundo o sofrimento e violenta a revolta dos infelizes indígenas, quando quiseram enxotá-los completamente do torrão natal, e mandá-los para a outra margem do rio, para uma zona já superpovoada, onde para êles não havia alimentação nem moradias.

É sabido que, dos mais íntimos recantos da alma popular, surgem sentimentos que derrubam tôdas as considerações razoáveis. Ainda há pouco pudemos verificar êsse fato na invasão da Abissínia, pelos italianos. Contra tôda e qualquer lógica, os abissínios passaram da defensiva ao ataque e isso porque a paixão ardente do povo forçou o estado-maior, contra a vontade, a ferir batalhas em campo aberto. A história demonstra, sempre, que os homens não são governados pela razão. São sêres de carne e osso e repetidas vêzes, contràriamente a tôdas as justificativas, se vêem arrastados à prática de ações que os levam à ruína.

Foi o que se deu com os Sete Povos das reduções, entre 1750 e 1756. Quando se viram obrigados a abandonar as terras a que tão apaixonadamente se apegavam, a revolta e o desejo de recorrer às armas venceram a influência dos padres.

Sepé Tiarajú sintetizou a opinião de seus compatriotas nas palavras célebres pronunciadas do alto do forte de Santa Tecla (junto a Bagé), quando disse à Comissão de Demarcações: "Estas terras são nossas e as recebemos de Deus e São Miguel".

Daí a batalha de Caibaté (nas proximidades da atual São Gabriel) em que Sepé tombou, mas para continuar vivendo no nome de uma cidade e dois rios. E continua vivendo nas lendas e canções dos gaúchos em cuja fantasia se tornou São Sepé, que cavalga pelos Pampas como um turbilhão. Cantam-lhe as glórias os tropeiros gaúchos, cujos cantos Simões Lopes coligiu, o que constituem um dos mais lindos monumentos do folclore sul-americano.

Os relatos do Padre Sepp são um complemento e um substrato da literatura brasileira sobre a "Guerra dos Sete Povos" juntamente com os "Anais" do Visconde de São Leopoldo, o poema "O Uruguai" de Basílio da Gama e os "Contos Gaúchescos" de Simões Lopes.

É altamente interessante e instrutivo comparar as descrições do Pe. Sepp com o que nos deixou o poeta mineiro. A epopéia "O Uruguai" é de fonte legítima, pòrque o poeta mantinha relações de amizade com Bobadela, conheceu pessoalmente muitos oficiais e entrevistou, no Rio-de-Janeiro, muitos índios aprisionados em São Miguel. A-pesar-de parcial e tendencioso na crítica dirigida aos jesuítas e às reduções, descreve com fidelidade os uniformes, o armamento e a maneira de lutar, fornecendo um quadro, evidentemente exato, da paisagem, do estilo e das atitudes dos homens da região, naquela época. Todos os seus dados coincidem com o que o Pe. Sepp nos relata sôbre os soldados, os exercícios, o armamento, as representações teatrais dos indígenas.

Aliás, se aguçarmos bem a vista, notaremos que o próprio Basílio da Gama presta um testemunho de reconhecimento pela obra dos padres, embora inconcientemente e contra a vontade. Glorifica a atividade educativa dos padres, ao descrever Sepé Tiarajú, alferes de São Miguel e comandante do exército indígena, na cena do encontro com o general Gomes Freire de Andrade, como um guerreiro altivo e inabalável, sabendo falar impressionantemente e defender hàbilmente seus pontos-de-vista. Se a atividade educadora dos jesuítas conseguiu formar caracteres e personalidades dessa têmpera, personalidades que a nação dos gaúchos olha com orgulho, a epopéia do clássico brasileiro projeta uma luz admirável sôbre o trabalho jesuítico.

Finalizando esta parte de nossas considerações, desejaríamos acentuar, ainda, que todo o capítulo XXIII constitue valiosa colaboração para um fenômeno psicológico familiar aos que conhecem os gaúchos do Rio-Grande-do-Sul. No vocabulário singularíssimo do homem pastoril da fronteira, existe a palavra *querência*. E o lugar do nascimento e da infância exerce um papel preponderante na vida psíquica dêsses homens. Mesmo quando em posição de destaque social, cheios de dignidades e honrarias, tendo passado decênios em Pôrto-Alegre, revelam, imprevistamente, um sentimento espontâneo de forte amor e de grande saùdade, ao ouvir referências à terra em que nasceram. Certa vez, um dos mais exímios e célebres médicos gaúchos exclamou, espontâneamente, quando proferí, por acaso, o nome de sua cidadezinha natal: "Oh, podia esquecer todo o mundo, mas êste lugar o terei sempre no meu coração!"

Confrontemos o que o Pe. Sepp diz dos seus índios com os dados que Roque Callage consignou, no "Vocabulário Gaúcho", sob o verbete *querência*:

"QUERÊNCIA, subs., o mesmo que pago ou lar; lugar onde alguém nasceu ou se criou; aplica-se também ao ponto onde estão acostumados os animais quer vacuns quer cavalares: e tão instintivo é o sentimento de

querência entre êles, que não raro o cavalo foge de onde está para o lugar (invernada ou campo) onde nasceu, onde se acostumou a viver, vencendo muitas vêzes distâncias enormes que se contam por dezenas de léguas. Manuel do Carmo, o Pereira Fortes dos "Cantares de minha terra..." foi, ao nosso ver, quem melhor definiu a querência, como se vê: "Querência — lugar onde se cria e vive um animal e ao qual êle sempre aspira onde quer que esteja e pelo qual relincha de saùdade; mais expressivo ainda do que pagos (lares); tão expressivo para designar o rincão que se aspira e pelo qual se chora, como a saùdade o é para exprimir a lembrança triste que faz bem. O vocábulo querência deve ser introduzido na língua como já vai sendo pago, pois não tem outro que o substitua." (Cantares da minha terra...", pág. 50)."

* * *

Em 1762 foi tornado sem efeito o Tratado de Limites, de maneira que os índios dos Sete Povos, violentamente enxotados, puderam regressar aos seus lares. Houve uma breve restauração. Em 1768, os jesuítas terminam por ser completamente expulsos. Os Sete Povos passam para a administração colonial espanhola e decaíram ràpidamente. Onde antes florescera uma vida econômica e cultural de extraordinária riqueza, perambulam agora, degenerando, aos poucos, em semi-estupidez, os descendentes abastardados dos antigos aborígenes. Enquanto lhes puderam tirar alguma coisa, tiraram. E quando nada mais restava para ser tomado, abandonaram-nos a êles mesmos.

Nesse meio tempo, no entanto, continua viva, entre o povo dos gaúchos, aquela aversão pelos restos do homem indígena dos Sete Povos. Também pelos jesuítas já distantes, e por tudo, em geral, que cheirasse a igreja. Durante muitos anos os pastores dos Pampas tiveram fama de serem decididamente antirreligiosos.

Quando, em 1801, Manuel dos Santos Pedroso e Borges do Canto se levantaram, com um punhado de 40 homens, para atacar o exército de ocupação espanhol, que possuía mais de 2.000 homens, verificou-se contarem êles com a anuência entusiasmada dos poderes públicos, do exército e do povo. O milagre de terem podido êsses dois aventureiros, com seu punhado de centauros, limpar, em poucos dias, todo o vasto território, de tropas e funcionários espanhóis, êsse milagre se explica pelo entusiasmo generalizado que os apoiava e que êles mesmos incarnavam. Representa, ainda e à distância, o último rebento da propaganda bélica artificiosa de Basílio da Gama.

Durante breves meses ficou sendo São Miguel sede das autoridades coloniais portuguesas. Não demorou a administração e o comando das tropas fronteiriças foram transferidos para São Borja. Em conseqüência desse fato, São João decaíu inteiramente. São Nicolau, São Lourenço e São Miguel tornaram-se aldeias sem a menor importância. São Luiz conservou-se cidade pequena. Mas São Borja e Santo-Ângelo desenvolveram-se muitíssimo, sendo hoje pontos terminais de viação férrea, e as portas, sul e norte, para se penetrar na região missioneira.

* * *

A "Viagem" do Pe. Sepp baseia-se em cartas dirigidas, na maioria, a seu irmão Gabriel von und zu Rechegg. Escritas em 1691, Gabriel mandou publicar, de início, cinco dessas cartas. O original de que disponho traz a data de 1698, como pode ser verificado pela reprodução da capa, anexa ao seguinte trabalho. Ao todo, supõe-se que a "Viagem" teve quatro edições. Entretanto, o livro se tornou verdadeira raridade. Além do meu exemplar, sei apenas da existência de mais quatro. Sem dúvida deve haver outros mais.

A "Viagem" é o mais antigo documento escrito sôbre as reduções do Uruguai e, conseqüentemente, sôbre parte do Rio-Grande-do-Sul.

Segue-se "Trabalhos", como segundo livro mais antigo. Conforme se pode verificar no capítulo XI, as cartas que serviram para a composição de "Trabalhos" foram escritas pelo Pe. Sepp em 1700. Além disso, segundo se infere do título (veja-se o fac-símile e a tradução da capa original), o relato abrange o período de 1693 a 1701. Só foi editado em 1710.

Na obra *"Bibliothèque de la Compagnie de Jésus, Nouvelle Édition, par Carlos Sommervogel, S. J., 1846"*, encontramos no tomo VII, à página 1129:

Sepp von Reinegg (sic!), Antoine, né a Kalterno (Tyrol) le 21 novembre 1655, entré de 28 setembre 1674... Il fonda un grand nombre de réductions sur les bords de l'Uruguay, et y travailla jusqu'à un âge avancé, avec un dévouement et un succès qui ont rendu son nom célèbre dans l'histoire de ces missions. Il mourut chez les Guaranis, dans la mission de S. José, le 13 janvier 1733. — Nos Archives disent: "le 16".

Em primeiro lugar são mencionadas duas cartas, uma de 24 de junho de 1692, publicada no *"Neuer Weltbott"*, uma segunda publicada nas *"Lettres édifiantes"*. Também é mencionada a publicação de uma carta de 1701, chegada, porém, sòmente no ano 1706 às mãos do destinatário, o irmão Pe. Alfons, a qual foi anexada a uma das edições da *"Reiszbeschreibung"* como suplemento.

A *"Reiszbeschreibung"* é mencionada por Sommervogel como existente em quatro edições diferentes, sempre com título igual, porém com os seguintes anos de aparecimento: Brixen 1696, Nürnberg 1697, Passau 1698, Ingolstadt 1712. Neste relatório ou falta a enumeração da nossa edição de Nürnberg do ano 1698, cujo título aquí reproduzimos, ou a data que, com o lugar de aparecimento, respectivamente, foram mencionados errôneamente por Sommervogel.

A *"Continuatio"* é mencionada duas vêzes, sempre concordante em título, lugar de aparecimento e editor, a primeira vez no ano 1709, a segunda vez em "1710 ou (sic!) 11" — de onde se pode deduzir que o bibliógrafo não teve em mãos êste livro raríssimo, mas que se baseou na confecção dêstes dados em notícias de colaboradores.

Na sua *"Bibliographie Historique de la Compagnie de Jésus", Paris 1864,* o Pe. Auguste Carayon, S. J. cita o nosso autor sob três números:

No 1335 reproduz o teor da "Minha Viagem" tal qual como pode ser lido no nosso fac-símile, menciona porém, — do mesmo modo como Sommervogel! — com o lugar de aparecimento, Nürnberg, o ano 1697.

Segue-se, depois de um parágrafo, o teor seguinte:

"P. Antonii Sepp Continuation oder Beschreibung der denkwürdigsten Paraguayischen Sachen. Ingolstadt, 1710".

Também o Pe. Teschauer menciona no volume I, à página XXI da sua "História do Rio-Grande-do-Sul", êste título.

Não me foi possível verificar — impedido pela atuais situações irrequietas da Europa — se realmente já no ano 1697 foi publicada uma edição da "Minha Viagem". Tanto eu como meus correspondentes na Alemanha e França sòmente conseguiram ter em mãos exemplares editados no ano 1698. Como, porém, encontrámos sempre mencionado o ano 1697 deve-se supor que realmente existira uma tal edição, ou desapareceu completamente ou o ano 1697 fôra introduzido errôneamente por Sommervogel e Carayon.

A *"Continuation oder Beschreibung der denkwürdigsten paraguayischen Sachen. Ingolstadt, 1710",* mencionada sob o n.º 1335 por Carayon, no segundo parágrafo, baseia-se provàvelmente sôbre a carta, acima mencionada, do ano de 1701. Não me foi possível descobrir algo desta carta. Quer me parecer que por engano do Pe. Sommervogel entrou um pedaço de papel, com a tradução do título do livro da "Continuatio", no seu manuscrito, e que o Pe. Carayon aceitou esta versão. A data é a mesma da "Continuatio" conforme o nosso fac-símile e não podemos compreender como possa um livro, publicado no ano 1697, ter um suplemento de 1710.

No 1340 menciona o título da "Continuatio", igual ao nosso fac-símile, dando 1709, porém, como ano de aparecimento.

No 1341 menciona mais uma vez o título da "Continuatio"; figurando outra vez, como o ano de aparecimento, "1710 ou (sic!) 1711".

Ambos os bibliógrafos estão conformes em relação às duas edições.

Parece existir ainda um outro livro da autoria do Pe. Sepp, cujo título, porém, não é mencionado nem por Carayon, nem por Sommervogel. Dizem que se chama:

Beschribung der Reise R. P. Antonii Sepp, S. J., aus Tyrol an der Etsch nach Paraguay, Nürnberg 1768.

Talvez seja êste livro, editado 30 anos depois da morte de Sepp, um resumo tardio dos dois livros originais.

Sòmente depois da guerra será possível fixar definitivamente a bibliografia.

Tratando-se dos manuscritos originais, conseguí constatar dois fatos:

Na Biblioteca da Universidade de Munique, existe sob o n.º 1275 um manuscrito que começa com as palavras: "O início desta quinta e última carta", dando a entender que é continuação das cartas descritivas que foram impressas com os títulos de "Descrição de Viagem" e "Continuatio". (Citado pelo Pe. Teschauer, volume II, página 68.)

Na coleção de Angelis na sessão de manuscritos da Biblioteca Nacional no Rio-de-Janeiro, encontra-se o manuscrito, com o signo I 29.4.105., entitulado

Carta
del PADRE ANTONIO SEPP,
Misionero dela Compañia de Jesus
Al PADRE GUILLERMO STINGELHAIM,
Provincial dela misma Compañia en la Provincia della Alta Alemania.

Êste manuscrito tem, no final, a anotação seguinte: *(fué publicada en el VII tomo de las Cartas Edificantes de la edicion de Madrid de 1755).*

Esta carta não traz nada no seu conteúdo que não fôra mencionado nos dois livros. Trata-se de uma tradução de um original alemão, pois seria de estranhar que o Pe. Sepp tenha escrito, ao seu provincial alemão, em língua espanhola. Trata-se de uma cópia daquela carta, escrita em 1701 e recebida em 1706, mencionada por Sommervogel logo no início da sua bibliografia.

Um catálogo completo dos manuscritos ainda existentes do Pe. Sepp também será sòmente possível depois da guerra.

* * *

Como prova interessante da animada vida literária nas reduções e do fato de que nas reduções foram impressos até livros, juntamos, nas nossas reproduções, uma, que mostra um fac-símile de uma publicação do Pe. Nieremberg S. J., redigida em guaraní e impressa em Loretto ou, mesmo, São Miguel, escrita após a "Continuatio", mas publicada antes da mesma.

Acha-se ela mencionada no livro de J. T. Medina, "Historia y Bibliografia de la Imprenta en el Paraguái (1705-1727), La Plata, 1892", sob n.º 1, sendo dedicadas onze páginas de texto e 27 chapas à descrição dêsse trabalho extraordinàriamente inportante. As gravuras da obra foram "realmente gravadas no Paraguai e o livro impresso em tipos guaranís, verdadeiramente cortados e fundidos pelos próprios índios, sob a vigilância de seus mestres jesuítas". Os preparativos para a impressão foram começados pelo fim do século XVII, no Paraguai, mas levou-se anos a gravar as matrizes, fundir os tipos e fazer o papel a ser empregado. Em virtude da guerra não foi possível obter-se, do British Museum, uma cópia do exemplar alí existente. O segundo exemplar, único outro conhecido, foi há alguns anos vendido por Maggs Bross., de Londres, pela importância de 750 £-ouro.

* * *

Meu amigo A. Reymundo Schneider traduziu para o português a "Viagem", depois da modernização, por mim feita, do texto original, em alemão baroco e latim litúrgico já antiquado e em parte de difícil compreensão. Os "Trabalhos" foram traduzidos do latim para o português pelos estudantes da Companhia de Jesús em Parecí (Rio-Grande-do-Sul).

Pela elucidação de muitas passagens obscuras, o que só foi possível graças a um conhecimento profundo das condições e situações eclesiásticas daquele tempo, bem como por valiosas indicações e conselhos, expresso aquí meu sincero reconhecimento ao Pe. Luiz Gonzaga Jaeger, S. J., Pôrto-Alegre.

* * *

Constituem ambos os livros fontes de primeira ordem. As descrições do Pe. Sepp distinguem-se por uma extrema fidelidade, e foram narradas em tal tom e tal estilo, que sua credibilidade subjetiva e obje-

tiva salta logo aos olhos. Pela maneira de serem dispostas, deduz-se claramente que o autor de modo algum pretendia organizar documentos, antes só desejava contar aos seus, aos irmãos carnais, aos irmãos de Ordem, tudo o que vira e por que passara. Assim como relatamos as nossas viagens aos entes que nos são caros, sem a mínima intenção de que as nossas linhas possam, algum dia, ser tidas como documentos valiosos. Essa espontaneidade, que se revela em repetições ocasionais, comprova mais uma vez a honestidade de seus escritos.

Não há nada que testemunhe tão bem o estilo, a feição de um homem, do que sua maneira de manejar a língua. A linguaguem do Pe. Sepp é admirável, colorida, rica, substanciosa. Revela o homem viril, reto, o homem cheio de humor, o homem de fibra, de caráter íntegro, o homem que tem coração e bôca no lugar devido. Testemunha-lhe ainda a veracidade sua alegria imperturbável, tantas vêzes louvada pelo grande fundador de sua ordem, diante do seguinte apontamento de seu caderno de notas: "Quem se dedicou ao serviço de Deus não tem motivos de estar triste, mas todos os motivos de estar alegre."

Os historiadores espanhóis e os de língua portuguesa consultaram muito pouco o trabalho do Pe. Sepp, quando escreveram sôbre o "Estado jesuíta". Mas valeram-se dêle o Pe. Carlos Teschauer, na sua famosa "História do Rio-Grande-do-Sul nos dois primeiros séculos", e o Pe. Guilherme Furlong S. J., em seu trabalho "Los Jesuítas e la Cultura Rioplatense".

Para o historiador do Rio-Grande-do-Sul, essas descrições têm, ainda, o encanto especial de haverem sido escritas só alguns anos antes das diversas "cartas" e "memórias" dos primeiros lagunistas. Os mesmos conhecimentos que Cristóvão Pereira revela sôbre o leste, a região litorânea rio-grandense, o Pe. Sepp evidencia sôbre a região ocidental, a zona uruguaia. O célebre aventureiro e vaqueano-mor foi observador arguto e admirável escritor. E o brigadeiro José da Silva Pais provàvelmente se orientou pelas suas observações, determinando a que fundasse a cidade de São Pedro-do-Rio-Grande. Portanto, ambas as testemunhas se completam, em grande proveito dos nossos conhecimentos sôbre a história primitiva do Brasil meridional.

* * *

Nesta altura, precisamos também mencionar outro trabalho de autoria do Pe. Sepp. Trata-se do manuscrito de um "regulamento", atualmente em poder do Arquivo do sr. Alberto Lamego, em Campos, Estado do Rio-de-Janeiro. Sem dúvida será êsse documento publicado e comentado por historiadores brasileiros, num trabalho especial, como o

assunto o exige. Aquí, basta citarmos, do 4.º volume da mencionada revista, o excelente estudo "Os Sete Povos das Missões", de Alberto Lamego, que, às páginas 75-76, comunica o seguinte:

"Temos em nosso Arquivo o original do regulamento feito em 1732 pelo padre Antônio Sepp. Intitula-se: Algumas advertências tocantes al govierno temporal de los Pueblos en sus fabricas, sementeiras, estancias y outras faenas..."

O primeiro capítulo refere-se às madeiras que deviam ser empregadas nas construções dos edifícios e à época em qué deviam ser tiradas das matas.

"Los palos que se usan para las soleras que llaman sararás que se han de cortar siempre en las menguantes de invierno son las seguintes: Apiterebi, Aqui, Anguay, Iruquipintangi, Querandi (es palo amarillo) Isangy, tambien amarillo.

Para las cumbreras de las Iglesias o casa del padre, el Tuxifo, Peropa. Para las cumbreras de las casas de los indios estan bien fuerte Iuquipitangy. Para los postes, Yrundaly, llamado quiebrahachas y tuxifo. Los palos que usan para los sararás tambien se usan para los tixa-piritas.

Los Cedros se usan para todas las cosas que han de tener oro y plata y para todo genero de tablas y canoas."

Trata em seguida do fabrico das têlhas. O barro seria amassado como o pão e conservado no barreiro 3 dias, para ser pisado pelos bois, pela manhã e à tarde. Assim as têlhas não se quebravam no forno.

Indicava como devia ser feito o telhado, por causa da ventania, recomendando que as têlhas colocadas sôbre as cumieiras ou ogapirita seriam sempre maiores, bem como as dos canais, por causa da correnteza das águas da chuva.

Por ser muito longo o regulamento a que estavam sujeitos os índios das Missões, apenas mencionaremos aquí os capítulos, por onde se vê como eram previdentes os missionários. *"Indece. Faluca. Algodonares. Sementeras. Mays. Herbales. Estancia. Abexas. Trasquila. Bujes. Toros. Repartion dellos. Faenas y repartion de los indios en quadrillas. Adobes, Barretillas. Palos, como se han tier sobre las ruelas. Texas quemar. Vina. Podaria. Vindemia. Cocimento. Trasegar el vino. Sandias y melones. Modo de sembrar. Cumandas chays. Junas. Taaco. Buyes atar. Hilar. Texer para hazer bueno pan en tempo de frio."*

As terras de cada povo eram divididas em 3 partes e cada uma delas conhecida por um nome guaraní.

A primeira, *Tabambae*, pertencia à comunidade; a segunda, *Abambae*, aos chefes de família, e a última, *Tupambae*, propriedade de Deus.

Na primeira, os índios trabalhavam durante 3 dias e as colheitas eram depositadas nos armazéns públicos. Na segunda, trabalhavam os chefes de família e o fruto do seu trabalho era para êles. No Tupambaé o terreno era cultivado, sob a direção de índios laboriosos, pelos rapazes até a idade de 15 anos. Pela manhã, depois de recitar as suas orações, todos êles, com exceção dos que ficavam nas escolas ou nas oficinas, iam para Tupambaé, onde trabalhavam até duas horas antes de se pôr o sol, quando regressavam aos seus Povos, para o catecismo.

Tudo o que produzia o Tupambaé era recolhido aos armazéns públicos, para ser distribuído durante o ano pelos enfermos, órfãos, artistas, ou pelos que saíam a serviço dos povos.

Todo o algodão produzido nas Missões era, igualmente, depositado nos armazéns públicos e entregue, nos primeiros dias da semana, às mulheres e raparigas que o traziam já fiado e destinado às vestimentas dos neófitos. Os homens usavam o poncho, e as mulheres uma túnica chamada tipói.

O que sobrava das colheitas os missionários enviavam para Buenos-Aires, recebendo, em troca, máquinas agrícolas, roupas finas, remédios e ornamentos para as suas magníficas igrejas.

* * *

De tôda a admirável suntuosidade das reduções em território paraguaio e argentino, apenas existem uns restos sem importância — com exceção de algumas obras de arte, conservadas em museus. Em território brasileiro, porém, a ruína da catedral de São Miguel e as esculturas e objetos de arte do museu da própria localidade representam uma sobra de grande valor.

Fala-se atualmente muito em pan-americanismo. Se existe alguma cousa que deve ser enfileirada na galeria da cultura e da história pan-americanas, são os monumentos de São Miguel. A São Miguel deveriam ir os homens do Brasil Setentrional e Central, dos Estados-Unidos e dos países do Prata, a-fim-de conhecer o recanto em que floresceu uma cultura, o lugar que pertence ao painel artístico de tôda a humanidade, mas sobretudo ao do mundo americano.

Duas vêzes por semana, os aparelhos da Varig, a viação aérea do Rio-Grande-do-Sul, voam de Pôrto-Alegre para a região missioneira.

Logo depois de levantar vôo, o avião passa pela foz de quatro grandes rios que se reúnem formando um delta rico de ilhas, para constituir o rio Guaíba, um dos maiores do continente. Depois de quarenta minutos, faz-se escala na pequena cidade de Santa-Cruz. Após breve demora prossegue o vôo, rumo ao oeste, por sôbre cadeias de serras variando de 400 a 700 metros de altitude. Estas serranias estão povoadas de colonos que cultivam milho ou fumo e criam porcos. À direita, fica a poderosa queda do Jacuí, ainda inexplorada. Minutos mais tarde se vêem extensas campinas, onde pasta o gado. É o planalto de Cruz-Alta. Na cidade do mesmo nome faz o aparelho uma segunda escala. Em seguida, são apenas mais 25 minutos, ao longe, aparece a mata virgem do alto Uruguai. Chega-se à localidade de Itaí, o aeródromo mais ocidental do Estado. Êste percurso, de 365 quilômetros, leva ao todo, incluindo as escalas, duas horas e meia.

Em mais duas horas de trem, alcança-se Santo-Ângelo, a mais setentrional das antigas reduções indígenas.

Em Santo-Ângelo, o visitante trava relações com a pequena cidade rural rio-grandense típica. Encontra um movimento relativamente intenso. Das construções imponentes, erigidas pelos jesuítas e indígenas neste local, nada mais resta.

De Santo-Ângelo, a São Miguel, lugar em que se acham as ruínas e o célebre museu, ainda se percorrem 52 quilômetros.

Aí chegando o visitante vê um esplêndido panorama.

Sôbre um outeiro, a ruína da catedral, um castelo rosado de arenite vermelho, brilhando sob os raios do sol da tarde. E a ampla escarpa do outeiro se perde ao longe, coberta de grama verde e manchada de arbustos floridos de tôdas as côres.

Conserva-se ainda, na fachada principal, uma quantidade imponente de ornatos arquitetônicos. A fartura de meias-colunas e pilastras, de bases e capitéis, de volutas e caracóis deixa perceber como essa construção maravilhosa deve ter encantado, em seu tempo, aos homens brancos e aos indígenas.

À esquerda, ergue-se a tôrre fendida. Em suas janelas superiores antigamente balançavam os sinos. E no frontispício estava colocado um relógio engenhoso. Da tôrre direita só se conservam uns restos insignificantes. A fachada entre as tôrres acaba por uma cumieira, recoberta de duas enormes volutas. Estas vão dar a um tímpano, que antes levava à cruz dourada.

Diante dessa fachada havia um átrio limitado na frente por uma fileira de colunas. Desapareceu a fileira de colunas. Alguns bastidores a circundavam à direita e à esquerda, sendo hoje a parte arquitetô-

nica mais apreciável do templo. Ostentam várias meias-colunas com uma porção de capitéis, compósitos ornados de volutas e fôlhas de acanto, fechando, em cima, pelos restos da arquitrave ricamente perfilada.

A singularidade arquitetônica dessa construção consiste em não possuir nenhuma coluna livre nem dentro nem fora, mas em estar colocada sôbre pilares ricamente ornamentados com meias-colunas e pilastras.

Segundo os seus elementos estilísticos, a catedral corresponde, sem dúvida, aos fins da renascença italiana. Mas de acôrdo com sua impressão global poderia ser tida, antes, mais na conta de um castelo religioso do que de uma catedral.

O material empregado é o arenito vermelho, ligado por silicato. A superfície do arenito brilha, refletindo pequenas placas de quarzo. Os blocos são superpostos, em vez de ligados com cal, porque na época da fundação das reduções ainda não se havia encontrado jazidas daquela substância.

Giovanni Prímoli, o construtor desta catedral, era milanês. Já era célebre arquiteto quando entrou, em 1718, como irmão leigo, para a Companhia de Jesús. Só mais tarde veio para a América do Sul. Trabalhou algum tempo na catedral de Córdoba, construindo depois a igreja dos jesuítas, o colégio e outras dependências que lhe testemunham o gênio. Veio, em seguida, para Buenos-Aires, onde construíu o velho Cabildo histórico, do qual ainda se conservam alguns arcos, bem como a igreja de São Francisco, admirada, durante muitos decênios, por suas colunas barocas.

Chegou em São Miguel em 1735. Era a época do florescimento máximo de tôdas as reduções. Alí passou nove anos construindo a catedral, sem contar com outros auxiliares, a não ser carpinteiros e pedreiros indígenas.

* * *

Depois de 1801, muita construção artística das reduções foi destruída. Mais tarde os colonizadores brancos levaram inúmeras partes do velho material, aproveitando-o para fazer casa e estrebarias. E o mato foi tomando conta do grande templo de São Miguel, durante a segunda metade do século passado. Uma enorme figueira branca apareceu pela tôrre, a capoeira encheu as naves e os capitéis, os muros se cobriram de flôres e arbustos, e as portas se fecharam.

Em março de 1940, o govêrno federal determinou que se erigisse o Museu das Missões, na velha São Miguel, com o fim de "reùnir as obras

de arte ou de valor histórico relacionadas com os Sete Povos das Missões orientais".

Os muros da catedral foram então libertados de todos os intrusos, vegetais e animais. As pedras foram numeradas uma a uma, desmontadas, limpadas e novamente recolocadas na posição original. O alto dos muros foi recoberto de cimento, para que nêles não mais penetrasse a umidade, nem se fixassem outras vegetações. Dêste modo, fica seguramente conservada a impressionante construção.

As gravuras anexas mostram o desenho esquemático do pintor J. Judicis de Mirandole, feito em 1881, com o auxílio do Dr. Hemetério José Veloso da Silveira, hoje propriedade do Seminário Central de São Leopoldo. Outra gravura mostra a situação da catedral em 1846, segundo um desenho que o viajante francês Demersay publicou no atlas de seu livro "Histoire physique, économique e politique du Paraguay et des établissements des Jésuites".

* * *

O museu imita as ruas das velhas reduções. Um telhado de pouca inclinação vem caindo sôbre os muros simples, de maneira que todo o prédio está cercado por uma varanda aberta. E' de notar-se que todos os moradores das reduções podiam percorrer suas cidades através de ruas cobertas, sempre resguardados contra sol e chuva. Como na antiga São Miguel, o telhado do museu está apoiado, na parte anterior, sôbre colunas. Os capitéis de madeira destas colunas, espécie de viga transversal talhada, foram copiados dos originais da velha igreja de São Lourenço. As salas se apresentam abertas para ambos os lados de fora, quer dizer: as paredes e as portas do museu são de vidro, de modo que se fica sob o alpendre como diante de vitrines, pelas quais a luz penetra, vindo de trás e da frente. Cada parede transversal, que divide o espaço comprido em várias peças, é rebocada rùsticamente, dando, assim, às obras de arte e utensílios aí expostos (estátuas, batistérios, móveis, sinos) um fundo adequado.

Uma das paredes laterais é anexa à residência do guarda, e também representa cópia fiel de um pedaço de rua duma redução antiga. Ainda aqui, o terraço avança bastante por sôbre o muro. De maneira que as portas das diversas peças vêm dar a um alpendre coberto.

Em suma, todo o conjunto de edificações, projetadas pelo arquiteto Lúcio Costa, do Rio-de-Janeiro, constitue uma solução extraordinàriamente feliz.

* * *

Restam apenas umas 200 ou 300 estátuas de pedra e de madeira, com que estavam ornadas as igrejas, colégios, praças e ruas das reduções. E dêste patrimônio todo, só pequena parte pôde ser reùnido no museu. Tivemos ensêjo de encontrar, em suma, 200 estátuas, ao longo do percurso de Uruguaiana a Passo-Fundo, fotografando uma por uma. Há entre elas algumas de alto valor artístico. Mostram-se realmente dignas de serem reùnidas e transportadas para o Rio, e aí, expostas em museus, se tornarem conhecidas do mundo.

Todo êsse patrimônio escultural pode ser dividido em quatro grupos, segundo o ponto-de-vista cultural-histórico.

Em primeiro plano estão as obras-primas dos grandes mestres. Estas esculturas, a-pesar-de feitas na América do Sul, com pedra ou madeira daquí, constituem, na realidade, produção européia. Revelam as particularidades nacionais e individuais de seus autores.

Devem ser mencionadas, sobretudo, as duas estátuas de José Brasanelli: um "São Borja" maior que o natural, que até há pouco esteve na igreja da redução do mesmo nome. Esta imagem foi logo reconhecida como obra artística de incontestável valor.

José Brasanelli construíu, como já mencionámos, a catedral de São Borja sobre a qual possuímos várias descrições bastante entusiásticas, seja falando do seu exterior, seja do interior. Também foi êle o artista que criou a enorme estátua do Santo, talhada dum só bloco de cedro e colocada no alta-mor.

Brasanelli foi discípulo dos maiores arquitetos e escultores Romanos da sua época, tendo depois entrado para a Companhia de Jesús e vindo para a América do Sul. Provàvelmente também é o autor daquele "São Luiz Gonzaga", o qual domina ainda hoje o altor-mor de São Luiz (gravura 16). O modo pelo qual foram esculpidas as mãos finíssimas, o manejo do roquete e muitas outras minúcias permitem a conclusão de que Brasanelli seja o autor também desta estátua.

Infelizmente, porém, mais tarde, a-fim-de torná-las transportáveis, alguém serrou as pernas das estátuas. Ambas conservam ainda o revestimento primitivo, aquela camada finíssima de estuque sôbre a qual eram aplicadas as tintas. As tintas foram, provàvelmente, retocadas posteriormente, com pouco proveito para as imagens.

Encontramos para estas duas mutilações bárbaras uma desculpa:

Durante o tempo em que milhares de guaranís estavam à disposição, os padres estavam acostumados a lidar com pesos que mais tarde não poderiam ser mais utilizados, devido à falta de população, até que a técnica da nossa época resolveu definitivamente êste problema. Assim sabemos que, para ser transportado o quadro de São Miguel para São Lou-

renço, em virtude de seu enorme pêso, fôra necessário construir um carro especial. Dos móveis usados nos colégios contou um padre que eram tão maciços que *"dois homens precisavam ser chamados para levantar uma cadeira e quatro para que uma mesa fôsse levada de um lugar para outro"*.

Falando da pintura, os artistas da redução sofreram muito pela falta de côres realmente boas. Um autor disse: *"Raras são as tintas que chegam sem ser adulteradas; por isso saem desbotadas as pinturas ou breve perdem a viveza da côr..."*

Se nos lembrarmos de que já nos museus da Europa a pintura das antigas estátuas de madeira apresentam o grande problema da conservação e restauração, como deve ter sido muito mais difícil êste problema nas Missões! Onde ainda encontramos hoje restos da pintura primitiva (como por exemplo a douração das vestes do São Xavier no Museu Júlio de Castilhos em Pôrto-Alegre), cremos ter justa razão em sustentar que estas côres, enquanto se conservaram, devem ter produzido uma impressão enorme de riqueza e magnificência.

A êste "grupo de obras-primas de mestres europeus" pertencem duas estátuas atribuídas, conforme a tradição oral, ao Pe. Sepp. Estas duas figuras revelam efetivamente a mão de um artista da Alemanha meridional. São o "São João Batista" de n.º 17 e o "São José" de n.º 18. Ambas são obras de uma beleza extraordinária, pérolas legítimas da escultura. Aparecem até dúvidas sôbre a autoria destas estátuas, em vista do seu elevado grau de perfeição, que nos aponta tratar-se de um grande artista formado na escola dos grandes mestres da sua época, como Brasanelli, e nunca como o Pe. Sepp. De outro lado, porém, seja lícito mencionar, mais uma vez, as palavras do Pe. Furlong, baseadas certamente em fontes verídicas: *"Antonio Sepp tan habilidoso en la musica, en la pintura, en la escultura y en la arquitectura, que era el asombro de sus contemporáneos"*. Como Pe. Sepp era realmente um gênio universal, escritor, musico, construtor de instrumentos musicais, médico, arquiteto, deveremos nós, também, incluí-lo entre os grandes escultores?

No mesmo número deve ser contado um "Santo Isidoro". Havia sempre, em todos os campos das reduções, alguma imagem dêste Santo, venerado como padroeiro da agricultura. A de que estamos falando indica um mestre neerlandês.

Vem, depois, o grupo das obras de segunda mão. A êle pertence tôda a grande massa de obras de qualidade média, confeccionadas segundo esquemas e desenhos de artistas europeus, sob cujas indicações e contrôle trabalhavam os indígenas. Para estas obras vale o princípio: quanto melhor o índio pudesse imitar, tanto mais nìtidamente se exprimiria o caráter do mestre, inclusive tôdas as particularidades nacionais. Dedi-

cação, renúncia e capacidade de penetração nos desejos do mestre eram as premissas para o aparecimento dessas obras de arte austríacas, italianas, espanholas e holandesas, formadas por mãos indígenas.

O terceiro grupo abrange as obras em que a técnica e o modêlo europeu se reúnem ao espírito aborígene. Ora formas européias cheias de espírito indígena, ora forma indígena trabalhada com técnica européia. Foi assim que apareceram numerosas obras sumamente encantadoras, de impressão fantástica, figuras barocas, no sentido mais legítimo. Para êste grupo servem de exemplos: a "N. S. da Conceição", versão indígena de modêlo europeu, carecendo de proporções, mas impressionante em sua monumentalidade, o "Menino Deus" com um cocar e, como trabalho de manufatura artística de primeira ordem, uma poltrona imitando avestruz. Também se contam o já mencionado "São Miguel" tão característico de pura obra indígena, e um "Senhor Morto" muito primitivo, mas de expressividade extraordinária, que encontrei na igrejinha de São Nicolau, perto de Rio Pardo, e reproduzimos no nosso livro "Rio-Grande-do-Sul — a terra e o homem". Em primeiro lugar, no entanto, deve ser lembrado um outro "Senhor Morto", gigantesco, de 2m.14, atualmente no museu de São Miguel. E' sem dúvida a obra mais importante e de maior valor artístico, entre tôdas as que testemunham o alto nível daquela cultura missionária.

Chegamos, finalmente, às esculturas relacionadas com o setor da chamada "arte primitiva". Os selvícolas, antes da entrada dos jesuítas, já possuíam técnica própria de talhar pedra. Temos hoje as "pedras de bugre", machadinhas feitas de pedra, em que admiramos não só o bom acabamento e aproveitamento do material de origem, mas também a inteligente escolha dêste utensílio para a confecção de objetos de utilidade. Estas "esculturas primitivas" revelam espantosa fôrça de expressão, como, aliás, as dos moradores das cavernas da Europa, dos africanos e dos malaios. Sirva de exemplo um "São José com o Menino". Êste trabalho indígena primitivo, de tempos bastante remotos, parece feito por Barlach, por sua monumentalidade e acabamento. Preservado de tôdas as influências européias e das variações dos gostos da moda, o antigo talhador de pedra indígena conseguiu um estilo acima de todos os estilos. Atingiu aquêle monumentalismo primitivo que pertence à grande pátria única, humana, comum e artística, provenha êste ou aquêle trabalho de um morador de caverna ou de um índio, de um cubista italiano ou de um expressionista francês, de um russo ou de um Barlach, o último dos grandes mestres alemães.

Até o presente, só poucas pessoas entraram em contacto direto com a arte dos jesuítas e indígenas. E só se explica o fato de ter a historiografia oficial européia chegado a afirmar que as obras de arte das reduções não passavam de trabalhos de valor mediano, pela despreocupação dos historiadores europeus diante das questões americanas. Porque só mesmo a ignorância justifica a afirmação de que esta arte apenas imitava os modelos europeus, não se podendo nela verificar o desenvolvimento de alguma particularidade. Entretanto, as estátuas por nós classificadas no segundo grupo merecem mais o título de obra de arte do que as estátuas de santos exportadas para as colônias, mercantilmente, pela Europa daquele tempo, traindo o estigma das fabricações em massa, pela simples estampa sôbre matrizes.

Mencionaremos, em anotações especiais, os fatos necessários às diferentes esculturas publicadas neste livro.

Como educadores e transformadores de almas, os jesuítas formaram o espírito do índio. Como artistas, tendo alguns saído das mais famosas oficinas do Ocidente, instruíram e vivificaram o senso artístico e as rudes mãos do aborígene. Mas como foi grande a capacidade de imitação, ou, se quiserem, o talento imitativo dêsses filhos das selvas para poderem competir com os "astros" da arte, como diríamos hoje! Capacidade de adaptação em grau tamanho só podia haver com a existência simultânea de um forte e rudimentar instinto recreativo. E o instinto recreativo gera a fagulha criadora. Quem, diante dos poucos restos daquele patrimônio, antigamente pelo menos dez vêzes maior, ousa afirmar que os índios não passavam de mãos concretizando a fantasia criadora dos artistas europeus, não sabe que sentimento e habilidade colaboram juntos, em qualquer processo de criação artística, não podendo ser separados. Eugène Delacroix o formulou com muito acêrto, nas seguintes palavras: *"Le métier! Comme on pouvait le séparer, dans tout espèce d'art, de la partie intelectuelle! Comme si, pour arriver à l'esprit, on pouvait se passer de l'habilité, de l'éxecution!"*

* * *

A gravura n.º 47 representa, esquemàticamente, a redução de São João-Batista, ilustrando como se organizava uma redução e, por conseguinte, o sistema a que obedeciam as demais. Parece ter sido esta redução a que mais tempo se conservou como um todo, podendo, por isso, ser reconstituída pelo testemunho ocular, ao menos no papel. Encontram-se os originais no Seminário Central de São Leopoldo, perto de Pôrto-Alegre. Na vinheta se lê: "Vue de Sta. Jean des Missions / Dessiné

par / J. Judicis de Mirandole / d'après les informations du Docteur Hemeterio / José Velloso da Silveira / Porto Alegre 1884 / (*Assinatura*): J. Judicis de Mirandole.

Em sua obra volumosa "As Missões Orientais e seus antigos Domínios", (Pôrto-Alegre, 1910), trabalho muito esmerado, o Dr. Veloso, que examinou e estudou detidamente São João-Batista, com olhos severos de historiador, artista e patriota, relata:

"Passámos detidamente e por vêzes pela praça e pelas ruas quase tôdas desertas...

"Seguimos contornando a extensa muralha da antiga quinta dos padres e tornámos a entrar na praça pelo lado oposto, fazendo nesse circuito mais de dois quilômetros a pé.

Não tomámos apontamentos, mas tudo retivemos na memória, tão fielmente que, ao fim de quase vinte anos, esboçámos uma planta. Com esta, com nossos esclarecimentos verbais, o hábil pintor Judicis de Mirandole desenhou o panorama, que graciosamente no-lo ofereceu...

"... Aí estivemos em 1857 e 1860 e de cada vez desapareciam demolidas várias casas. Nossa última visita foi em 1886, quando nada restava".

Esta reconstrução, junto com os desenhos de Demersay e as descrições literárias, nos oferece uma visão perfeita do aspecto da antiga redução, de tal modo que podemos reconstruir o cenário diante do qual se desenrolava a vida do Pe. Sepp.

Queremos finalizar a nossa introdução com a descrição minuciosa de uma redução. Nossa narração se baseia nos estudos de dois historiadores (M. Bach e Pfotenhauer) e resume o essencial:

A entrada principal para o colégio encontra-se do lado da praça da igreja, e, às vêzes, se acha colocada sob a tôrre da igreja; atravessando-a entra-se num pátio enorme. Ao redor dêste primeiro pátio encontram-se passagens, tôdas guardadas por corrimãos; de um lado dêste pátio vemos os quartos e salas que serviam de residência para os padres; de outro lado está a igreja; a construção é feita de tal modo que, na época das chuvas, os padres podiam dirigir-se dos seus quartos para a igreja sem molhar-se. Tôdas as passagens bem como os quartos são cobertas de tijolos. Os telhados são também de tijolos, tudo construído dum modo durador e simétrico, para servir eternamente.

Os quartos são altos, muitos são furados; as portas e janelas são esculpidas e encrustadas artisticamente, conforme costumes antiquíssimos. Atravessando uma pequena passagem coberta, passa-se do primeiro pátio ao segundo, ainda maior do que êsse e também cercado por edifícios e passagens. Estes pátios são enormes, de maneira a caber, durante as grandes festividades, a povoação inteira de uma aldeia.

O interior contém várias salas enormes, ornamentadas com quadros; entre elas se destaca o quarto do Padre Reitor, onde governa uma meia-escuridão mágica. O quarto é mobiliado com cadeiras, armários, mesas de escrever, etc., e uma porta especial leva, passando por uma segunda galeria, ao pomar. Êste quarto do Padre Reitor se encontra na mais importante das quatro alas que formam o colégio. Porém, os outros quartos também nada deixam a desejar em comunidade de espaço.

Abandonando o pomar e atravessando o colégio, entramos no segundo pátio grande, situado ao lado da igreja, o coração da redução. Uma pequena passagem coberta nos leva até aquí, corrimãos e construções o rodeiam em tôda a sua circunferência. Por tôda parte vemos os vestígios de uma vida animada; aquí está a usina de açúcar, e perto da mesma vemos várias salas, onde se desenrola a fabricação desta dádiva de Deus; nos quatro ou cinco caldeirões vemos inúmeras pessoas ocupadas na refinação; mais além encontramos os ferreiros e joalheiros; ainda em salas especiais trabalham os carpinteiros, marcineiros, os confeccionadores de rosários, veleiros, serralheiros, curtidores, etc.; mais além encontramos trabalhando tecelões ocupados em quarenta e às vêzes cinqüenta teares; os sapateiros e alfaiates também não são esquecidos: parece um formigueiro legítimo! Em seguida carros e oficinas de carruagem chamam a nossa atenção, bem como os chapeleiros, cardadores e latoeiros. Cada oficina está cheia de ferramentas, tudo o que um operário precisa aí encontra. Algumas oficinas especiais fabricam todos essas ferramentas de ferro, aço, cobre, zinco, pois as ferramentas importadas são inacessíveis devido ao seu alto prêço. Também os escultores, talhadores, mecânicos, gravadores e pintores encontram lugar para seus trabalhos nestes edifícios gigantescos.

Casas enormes, construídas ainda do mesmo lado daquela que serve de residência aos Padres, chamam agora a nossa atenção. São os armazéns, onde ficam guardadas as sementes, bem como as colheitas coletivas, são os arsenais das armas e aí também encontramos salas especiais destinadas para a armazenagem da roupa, de jóias sem grande valor e de outros artigos de consumo diário. Daí sai e para aquí entra tôda a vida da redução; para aquí se escoam os frutos da diligência dos operários e dos lavradores; para aquí são enviados os múltiplos artigos de uma troca magnífica de mercadorias; daquí os Padres distribuem roupa e alimento aos seus cristãos, cuidando dos mesmos, tanto na paz como na guerra, tanto nos dias de trabalho como nos domingos e dias santos.

WOLFGANG HOFFMANN HARNISCH

PARTE I

Viagem às Missões Jesuíticas

Tradução de A. Reymundo Schneider

Revs. Pes. ANTÔNIO SEPP
E
ANTÔNIO BÖHM
Da Companhia de Jesús, Sacerdotes
de Nação Alemã, sendo o primeiro
nascido no Tirol junto ao Etech, e o outro
da Baviera

Descrição de viagem

Como os mesmos vão da Espanha para
o Paraguai
e
Breve relato das coisas mais
memoráveis daquela paìsagem
Dos povos e trabalhos dos Pes.
Missionários que lá se encontram
extraído
Das cartas que o Rev. Pe. Sepp. Soc. Jes/
escreveu de próprio punho
Para proveito diverso

Mandado imprimir por Gabriel Sepp, von und zu Rechegg,
seu irmão carnal
Com licença dos Superiores
Nürnberg

Editado por Johann Hoffmanns / 1698

Tradução da página de rosto da "Viagem"

Capítulo I

PRIMEIRA CARTA

DATADA DO PARAGUAI, DA CIDADE DE BUENOS-AIRES, NO RIO PARANÁ, NA AMÉRICA, EM 15 DE ABRIL, FESTA DA SANTA PÁSCOA, O ANO DE 1691.

AO SUPREMO DEUS, à sua diletíssima Mãe e aos mui amados Santos Anjos, eterno louvor, honra e graças!

Depois que nos fizemos ao mar em Cádiz, no dia 17 de janeiro, dia da Santo Antônio, entrámos a tôda vela em Buenos-Aires, no dia 6 de abril, numa sexta-feira santa.

E' impossível exprimir com que júbilo e alegria nos recebeu êsse lugar.

Já andava pelo terceiro ano que esperavam pela chegada dêsses três navios. Os bons moradores desta cidade (ela não é maior do que uma aldeia) e das granjas convizinhas haviam caído em extrema pobreza e mal tinham ainda uma camisa com que vestir-se. Tinham de pagar quatro até cinco *Reichstaler* por um côvado de linho. Nossos navios estavam carregados com, pelo menos, doze milhões de tôda espécie de mercadorias, como ferro, cobre, linho e, até, madeira.

O que tivemos de suportar nesta travessia eu o descreverei mais amplamente na minha descrição de viagem. Porém, só uma coisa devo dizer desde já: Não nos tivesse o Deus misericordioso protegido com sua graça especial e sua bênção, teríamos perdido certamente a metade dos nossos missionários, em número de quarenta.

Que dirá o bondoso leitor do seguinte:

O pão, chamado biscoito, era duro como pedra, sem sal e, o que era pior, cheio de vermes. E' que já fôra cozido hávia dois anos, porque naquela ocasião já deviam ter partido os navios, e o capitão espanhol o havia guardado a título de economia. A água nos era distribuída em *mensura*, e cada um tinha de satisfazer-se com meia medida por dia, o que era extremamente pouco; por cúmulo, ainda era meio pútrida e de mau cheiro. A carne, do mesmo modo, estava cheia de vermes, de sorte que um pobre religioso por certo não a podia tragar, não o forçasse a

tanto a sua fome extrema. No quarto, onde dormia, e que era o melhor, pois era quase o mais idoso de todos, media três pés de largura e quatro de comprimento. Outros dos meus diletos Padres e Irmãos tinham, até, de dormir ao relento, ao vento e à chuva, sôbre o castelo (parte superior do navio), onde se achavam em grande perigo, porque, pelos movimentos do navio, fàcilmente poderia alguém, durante o sono, cair no mar profundo e irado. E o que era pior ainda, eram esses Padres horrìvelmente molestados e desasseados pelos piolhos de galinhas, porque eram obrigados a deitar-se sôbre o poleiro daquelas aves. Aprouve a Deus, portanto, provar duramente os seus fiéis servos na escola da paciência. Não quero falar aquí de como minha rica roupeta de Cádiz estava tôda rota, e que me apresentava como um mendigo esfarrapado, nem de como muitas vêzes deitei minha cabeça cansada sôbre as duras amarras do navio, dormindo, não obstante, bem e docemente, nem de como com as próprias mãos lavei minha roupa e a limpei das pragas, o que diàriamente era tarefa indispensável. Tudo isto o bom Deus enviou sôbre mim por causa dos meus muitos e graves pecados. Depois, porém, e agora, êle tudo me substituíu e restituíu mil vêzes, e não só me assistiu com confôrto celeste, mas verdadeiramente com êle me cumulou. Quando vi a terra americana, não pude conter-me de chorar de alegria. Quando descí de bordo e pisei em terra, caí de joelhos e, com os olhos marejados de lágrimas, beijei o solo, e exprimí ao amantíssimo Deus, de todo o coração, as graças devidas, pois êle havia criado esta terra e me conduzira paternalmente, de países tão distantes, até aquí, são e salvo, através de inúmeros perigos.

Vamos, agora, deter-nos um pouco na tantas vêzes citada e por mim tão almejada terra do Paraguai. Antes, porém, ainda algo sôbre Buenos-Aires:

Êste lugar de Buenos-Aires, que não é grande, está situado na margem do rio *de la Plata*. Alí, onde desemboca no mar, mede mais de sessenta milhas de largura, e é mais parecido a um mar do que a um rio. Tomamos de sua água à mesa, sendo ela muito saùdável e contribue poderosamente para a digestão. Também pode alguém comer frutas, tantas quantas queira e tomar depois desta água, que não lhe fará mal algum. As casas são tôdas de um só andar, e não são de tábuas, nem de pedras, mas construídas de determinados torrões de terra e duras vigas de barro. Por isso mal duram sete anos, ruem fàcilmente e caem por terra. Os telhados são de junco. Há cinco anos, os nossos Padres descobriram cal, bem como a maneira de queimar tijolos e têlhas. Eis por que o telhado do Colégio não é feito de palha, mas de têlhas, como na Alemanha. Da pedra referida estamos construindo agora uma tôrre. E' o comêço duma igreja e finalmente se porá também mãos ao Colégio. Aquí não há, como

lá em casa, matos e capões de árvores silvestres ou infrutíferas, como carvalho, pinheiro, bétula, faia, abeto ou outra lenha comum. Em contraste, porém, encontrarás matas inteiras de pessegueiros, amendoeiras, figueiras, ameixeiras e outras árvores, semelhantes. E esta madeira frutífera a gente queima na cozinha. Quando alguém quer possuir um capão, nada mais precisa do que semear as pevides das referidas árvores frutíferas, assim còmo lá em casa se semeia o grão. Crescem logo e dão fruto já no primeiro ano, (1) o que realmente é de admirar-se. Eu mesmo colhí hoje figos duma árvore, cujo tronco era tão grosso que não podia abraçá-lo. As maçãs, os pêssegos e as ameixas já terminaram. A terra, *nota bene*, é tão fértil, que por tôda parte encontrarás uns doze a quinze mil bois e vacas, dos maiores e mais bonitos, deitados no capim ou pastando. São livres e não fazem parte de nenhum rebanho. Se te aprouver carnear uma rês, basta ires ao campo, atirar-lhe uma corda pelos chifres, trazê-la para casa; pertence-te. Nosso Colégio, recentemente, mandou reùnir 20.000 cabeças de gado e o vendeu por 12.000 *Talers*. Portanto, a cabeça sai mal por um *Gulden*. Não seria isto um alto negócio para os mercadores de gado e corretores da Europa! Nestes bois e touros, que são extraordinàriamente crescidos e todo brancos, a gente só considera o couro e quiçá também a língua. A carne, que sobrepuja a das reses húngaras, (2) deixa-se abandonada no campo, como pasto para as aves de rapina e os cães selvagens. Poderás encontrar, por vêzes, três a quatro mil dêsses cães selvagens juntos, esperando pela carniça. Não a encontrando, devoram os terneirinhos das vacas e causam grande dano. Os terneiros são tão grandes como os nossos touros de três e quatro anos, tendo a carne gorda e macia. Há tantas perdizes, (3) que, quando viajares pelo campo, não precisas levar provisão, a não ser pão e sal. Podes abater as perdizes com um pequeno porrete, como lá em casa, em Fueszen, (4) se faz com as galinhas. Têm o tamanho das nossas galinhas. O amado pão diário é do melhor trigo, bem branquinho, e é comido sem sal, parte porque é êste o costume dos índios, parte por ser o sal muito caro. *Nota bene*: há aquí índios e negros (ambos bons católicos) e es-

(1) O Pe. Sepp foi, naturalmente, vítima de alguma lenda.

(2) A carne de boi húngaro é ainda hoje considerada na Áustria, e particularmente em Viena, das mais finas e delicadas.

(3) Quando fiz, de automóvel, o percurso de São Miguel para Santo-Ângelo, bandos cerrados de perdizes erguiam vôo, junto à estrada. Meu chauffeur, mesmo sentado ao guidão, atirava de revólver no meio do bando. Posso confirmar, portanto, o que disse o Pe. Sepp. À noite, chegados ao hotel de Santo-Ângelo, mandámos que nos assassem a caça. As perdizes eram de sabor delicadíssimo. É verdade que mal tinham metade do tamanho de uma galinha.

(4) Cidadezinha da Baviera, às margens do Lech.

panhóis. Os índios só comem carne de rês, sem pão e sem sal, e quase crua. No campo aberto, atiram o laço (5) em direção dum boi, com uma faca grande cortam-lhe um nervo na pata traseira, de modo que o animal tem que cair. Depois, cravam a faca referida na cabeça do animal, atrás, na nuca. Após o terceiro golpe, a rês deixa de viver. Cortam-lhe, então, o pescoço, atiram-lhe a cabeça fora e a estripam.

Isto tudo é feito ràpidamente, numa metade de quarto de hora. Nesse meio tempo, outros índios fazem um fogo de arbustos de cardos, e enquanto aquêles estripam o animal, estes já cortam, com suas facas compridas, pedaços de carne daquí e dalí, espetam-na em varas de pau, mantêm-na um pouco sobre a fumaça e o fogo, mal deixam que ela esquente e já a enfiam na bocarra voraz, devorando-a de tal modo que o sangue escorre por tôda parte. E tão voraz é êste povo selvagem indígena, que, enquanto um quarto de boi vai assando dum lado, vão cortando pedaços do outro. Assim, o assado já é devorado enquanto se assa. Dois índios

(5) Pertencendo à fronteira rio-grandense e, do ponto-de-vista geográfico, à região platina, e sendo esta zona pecuária por excelência, todos os dados desta nossa testemunha clássica sôbre o assunto possuem valor enorme. O Pe. Sepp caracteriza o gado vacum da zona platina como "excepcionalmente grande", e frisa que excetuando o couro, em nada mais pode ser aproveitado. Mais tarde fala nos chifres extraordinàriamente grandes das reses e corrige sua primeira opinião sôbre a qualidade da carne, contando que os índios só consumiam vacas e terneiros, porque lhes parecia muito dura a carne de boi. Nestes dados a "raça franqueira", que naquele tempo povoava os pampas, está descrita com bastante exatidão. Durante dois séculos se fôra constituindo e formando de gado vacum importado. Êste tronco deve provir do gado da Podólia, que por sua vez procede de Ur. Por causa dos incessantes cruzamentos, desapareceu a raça franquera. Às vêzes algum exemplar daquele tipo é encontrado no Rio-Grande-do-Sul, diante das carrêtas de boi. E consta haver, em certas zonas de Minas-Gerais, vários espécimes puros, com tôdas as características da raça.

O método de pegar o gado com laço continua, ainda hoje, sendo o habitual. Mas abandonou-se, há muito, o sistema de derrubá-lo, "cortando-lhe com uma faca comprida o tendão da pata traseira". Era um processo usado pelos gaúchos argentinos, êsse de operar a cavalo, munidos de um instrumento em forma de lança, terminando por um gume de meia-lua. A matança pela cutelada na nuca do animal é a que se faz, até agora, em tôdas as xarqueadas. E, correspondendo ao método clássico dos índios, abre-se o pescoço e decepa-se a cabeça. Conservou-se mesmo aquela rapidez no processo, que despertou a admiração do Pe. Sepp. Lendo-se também as palavras "cortam a carne, com suas facas compridas, e a enfiam em espetos de pau", quem não se lembra do churrasco dos gaúchos preparado, nos campos rio-grandenses, exatamente como o descreve o jesuíta? Como informação complementar, seja mencionado ainda que a salmoura bem forte e o assar cuidadoso da carne constituem hoje condição essencial no preparo do churrasco. A respeito dos primeiros passos no comércio do couro, para o qual a terra gaúcha contribue com o chamado "couro rio-grandense", comparem-se os dados posteriores com as respectivas anotações.

devoram com facilidade um boi todo, em uma ou duas horas. Naturalmente só a carne, porque jogam fora cabeça, intestino, patas e todo o resto. Isto a ninguém parecerá inacreditável, quando ler que tipo de glutões eram, há tempos, um Calígula, um Máximo, um Avício Milo, e outros. O último abateu um grande boi com o punho e o devorou, só e sòzinho, naquele mesmo dia. Depois desta sua refeição bestial, os índios se atiram nus na água fria, para que o estômago possa digerir melhor, para que o frio exterior não deixe escapar o calor interior do estômago. Outros, ao contrário, deitam-se de barriga na areia quente e dormem, até que tenham digerido e cozido a carne. Então tornam a voltar ao campo, pegam outra rês, abatem-na e a comem como a anterior. Esta voracidade faz com que sua idade mui raramente ultrapasse os cinqüenta anos. Porque todos êles morrem de vermes, que se lhes formam na barriga, provenientes da carne crua e insossa, de modo que o estômago não pode digerir suficientemente.

De resto, são estes paraguaios cristãos muito bons e piedosos, a ninguém submissos a não ser aos nossos Padres, amando-nos assim como o filho ama ao pai. Somos nós que os vestimos, instruimos e educamos. São muitos aplicados e imitam tudo que vêem. Vi o manuscrito dum índio e pensei tratar-se de impressão de Colônia ou Antuérpia. Fazem relógios de bater, clarinetes e trombetas tão bem como se faz na Alemanha. Não há que êles mais apreciem do que a música. Quando lhes mostrei meus instrumentos e composições da Europa e quando lhes toquei um pouco (porque muito não sei) em gratidão a Deus por todos os benefícios, não puderam conter-se e quase me adoraram como a um deus. Sessenta músicos, com tôda espécie de cornos, pífaros e charamelas americanos, vieram ao nosso encontro para receber-nos, e cantaram nada mal o "Te Deum Laudamus". A mensura ou o compasso, um dêles marcava com uma bandeirola, o que era muito engraçado de ver-se. Regalei todos esses músicos com diversos presentes, como espelhos, anzóis, brincos de vidro, imagens e estátuas de Agnus Dei. Consideram isto muito mais do que ouro e prata. E, resumindo:

Eu, com outros vinte Padres, vamos ser enviados, *post dominicam in albis*, de Buenos-Aires para mais de 200 milhas para o interior do Paraguai. Alí se acham as nossas reduções, aldeamentos ou povos, de que há vinte e quatro. Em cada uma dessas aldeias, os nosos Padres têm que cuidar de cinco a quinze mil almas. Por certo, nenhum vigário com todos os seus coadjutores precisa, na Alemanha, pastorear tão grande número de almas. E sem falar que ainda temos de cuidar do corporal. Cada família recebe diàriamente tanto e tanto de carne, pão e farinha, porque, se se lhes deixasse tôda provisão, terminariam devorando tudo no mesmo dia. Bem, mas a êste ponto tornarei em outra oportunidade.

Capítulo II

AMPLA DESCRIÇÃO DE VIAGEM, EXTRAÍDA DUMA CARTA DO R. Pe. ANTÔNIO SEPP, S. J., ESCRITA NA REDUÇÃO DE JAPEYÚ, SOB A PROTEÇÃO DOS TRÊS SANTOS REIS, AOS 24 DE JUNHO DE 1692.

DIÁRIO DE VIAGEM

Se aprouve à infinita misericórdia de Deus enviar-me a mim, criatura ingrata e grande pecador, da Europa, para o quarto continente, a América, também quis Êle continuar manifestando em mim, fraca criatura, o seu braço poderoso. Assim pois Êle me guiou através de penosas e longas viagens, numerosos perigos do corpo e da vida, através do mar por naufrágio ameaçador, através da terra por ciladas mortíferas, e me trouxe, são e salvo, a 6 de abril de 1691, ao Paraguai, tão longamente ansiado.

Vindo de Trieste, cheguei a 9 de julho de 1689 a Gênova, depois de haver escapado de dois grandes perigos, a saber do saque das coisas do meu uso e dum atentado assassino contra a minha vida. De Gênova viajei pelo Mar Mediterrâneo através de naufrágio iminente e entrei felizmente em Cádiz, a 11 de setembro, após passar as colunas de Hércules. Em Sevilha, então, esperei por um ano inteiro pela partida dos navios. Finalmente, no dia 17 de janeiro de 1691, na festa de Santo Antônio Abade, largámos velas e de Cádiz nos fizemos ao grande Oceano.

Éramos quarenta e quatro missionários de diversas nações, espanhóis, italianos, neerlandeses, sicilianos, sardos, genoveses, milaneses, romanos, boêmios, austríacos. Entre êles, eu, um tirolês e meu fiel companheiro Padre Antônio Adão Böhm. Dêste noticiarei mais tarde, de seu zêlo insaciável de almas, como foi enviado pelos superiores a começar uma nova missão entre o povo selvagem dos Yáros (6); como êle se esforça e vive entre êsses bárbaros na maior necessidade e pobreza, sim, como até já estivera pronto a conseguir uma gloriosa coroa do martírio pelo

(6) Com referência ao nome Yáros, veja-se o Capítulo I de "Trabalhos", onde o Pe. Sepp conta aos leitores alemães que, na língua indígena, o *Y* equivale a *tch*. Quer êle salientar que a letra *Y* deve ser pronunciada como, no francês, o *g* diante de *e* e *i*. Em português, portanto, o nome deveria ser grafado Jaros.

derramamento do seu sangue. Pois quis um cruel bárbaro roubar-lhe a vida, e isto ter-se-ia realmente verificado, não tivesse o Deus previdente reservado o seu fiel servo para a conversão de muitas almas ainda. Assim, porém, um índio obstou ao cruel autor e impediu a mão ávida de sangue. Era um índio batizado e de grande estima minha, natural do meu povo, de cujo meio estou agora escrevendo esta carta. Do Padre Antônio mesmo, como disse, escreverei mais tarde, para consôlo e estímulo dos mais jovens, cujos corações estão cheios do zêlo para irem à Índia, bem como para consôlo da digna senhora mãe e tôda a nobre família do referido Padre Antônio.

Eram três grandes navios e bem providos de tôda espécie de munição de guerra. Todos levavam 50 a 60, sim, até mais peças de guerra. O navio maior, o "Capitânea", era comandado pelo senhor Dom Antônio de Retána, o "Almiranta" pelo senhor Dom Antônio Gonzalez. O "Pinque", assim se chamava o terceiro navio, era também comandado por um espanhol. Todos os três capitães eram originários da Biscaia, a pátria de Santo Inácio. O "Capitânea" levava o cognome *"de Sanctissima Trinitate"*, enquanto o "Almiranta" era cognominado segundo a Mãe Dolorosa *"de Christo Nazareno et matre dolorosa"*.

Embarcámos neste "Almiranta", e conosco os senhores governadores de Buenos-Aires, Assunção e Chile, além da senhora governadora com seus filhos. Vinham conosco ainda diversos negociantes, caixeiros, barbeiros, escravos pretos ou negros, negras, duzentos soldados, cem marinheiros e tôda espécie de gente vil, trapalhões e gentalha.

E' de anotar-se aquí que a Providência Divina havia destinado a nós Padres o navio das Sete Dôres. Pois foi a Mãe Dolorosa que nos guiou, após incontáveis dificuldades e sofrimentos, sãos e salvos, ao rio de prata de Buenos-Aires. O que tivemos de sofrer sôbre êste navio, só o Deus Oniciente o sabe. Quero apenas descrevê-lo indicativamente:

O lugar que o capitão indicou para um padre era tão pequeno, que aí não se podia nem ficar parado, nem caminhar, sim, mal dava para se deitar. Media dois e meio pés de largura e cinco pés de comprimento. Sim, o meu caríssimo Padre Antônio Böhm e um Padre da Áustria não tinham lugar suficiente, para que, de noite, pudessem estender as pernas. Embora outros padres, que não eram de tão grande estatura, quisessem trocar com o Padre Böhm, o santo homem não pôde ser convencido a que o fizesse. A janelinha, pequena como janela de cozinha, mal nos proporcionava os queridos raios do sol, porque tinha que ser mantida fechada o maior tempo, para que, juntamente com a luz do dia, não penetrassem as ondas revôltas do mar e nos preparassem uma triste hora de morte.

Mau cheiro insuportável e mau odor reinavam sôbre o navio. Provinha da sentina, onde se junta tôda imundície. E o cheiro que deixam camondongos e ratos, dos quais havia várias centenas sôbre o navio, alguns do tamanho de gatos — o cheiro que êles deixam, quando fizeram as suas ninhadas, pois bem, todos o conhecem. Nossas rosas e violetas — eram as cebolas e o alho da marujada voraz; nosso incenso — eram os cachimbos dos soldados; perfume de almíscar e âmbar de nossa farmácia — era o poleiro com suas 600 galinhas e o redil das 280 ovelhas, sem esquecer outro redil, onde havia 150 a saber: porcos. Tudo isto estava previsto como provisão só para o nosso navio, e com isto — tivemos que passar fome! Em lugar desta carne fresca tínhamos que consumir carne podre e fedorenta, posta em conserva no ano anterior, quando o navio devia fazer-se a vela. O mesmo se deu quanto ao caro pão, pois era duro como cascalho, sem sal, cheio de vermes, pois era também do ano anterior; era um pão duas vêzes cozido e por isso chamado de biscoito. E a causa? A poupança do capitão! A êste, o Deus justo castigou no próprio navio, pois lhe morreram diàriamente seis a oito galinhas, bem como ovelhas, e irrompeu uma peste entre os porcos, de sorte que tudo tinha que ser lançado ao mar para pasto dos peixes, o que se havia pago com muito dinheiro para servir de alimento aos homens.

Não quero falar muito aquí da água potável, que muitas vêzes fedia como se fôsse dum lodaçal. Como rendíamos graças ao céu benevolente, quando chovia e podíamos recolher a água de chuva em chapéus, baixela e outras vazilhas! Também não quero falar de outras dificuldades, que nos impunham as môscas, os percevejos e as pulgas. E' mesmo de admirar-se como tais bichinhos tão pequenos e fracos possam encetar viagem tão longa e possam navegar, quais negociantes ávidos de dinheiro, pelo alto mar afora, partindo do velho para o novo mundo.

Quantas vêzes não me serviu uma amarra enrolada de duro recôsto para minha cabeça! Quantas vêzes não remendei minha batina, que mal ainda sustinha os fios! Quantas vêzes não lavei eu mesmo minha roupa de linho! Mas ao Supremo Deus seja dado eterno louvor e graça! Pois Êle sempre fortaleceu o espírito em tôdas essas e outras contrariedades semelhantes. Doce consôlo celeste fêz Êle chover abundantemente na alma. Durante a maior parte do tempo fêz Êle soprar uma fresca brisa em nossas velas, tocou o navio para a frente como uma flecha, não permitindo que fôsse bater num recife ou em bancos de areia.

A 18 de janeiro estávamos ainda com Cádiz à vista. Vieram então os Rev. Padres e Frades do Colégio ter conosco em pequenos navios, abraçaram-nos e deram-nos carinhosamente o último adeus. Era bonito de ver-se em alto mar êsses pequenos navios, em número incontável, que se apro-

ximavam dos nossos navios grandes, que pareciam castelos e burgos. Estavam todos carregados com mercadorias, uns com frutas, outros com pão. As tripulações faziam cortêsmente aos senhores capitães, governadores e padres missionários a costumeira celeuma espanhola: *"Adios, Cavalleros! Buen viagge! Buen Passage!* Adeus, cavalheiros! Boa viagem! Boa passagem! *Vento in popa! Vento na popa! Mar bonanza!* Mar bonançoso!"

Respondíamos a êsse vozeiro alegre com o rufar e os assobios dos soldados, com o agitar das bandeiras, com o som marcial das clarinetas, com o troar dos mosquetões e dos canhões. Cada navio deu uns vinte ou trinta tiros. Ocasionou isto alegre estrondo e faceiro ribombar em alto mar. Pusemo-nos então a barlavento e perdemos Cádiz e a Europa de vista, sem, entretanto, desaparecermos do coração e da memória dos nossos Rev. Padres e Frades, dos nossos amigos e conhecidos. Em vez do *"Provehimur portu, montesque urbesque recedunt"* rezámos o *Itinerarium* costumeiro. Encomendámos-nos a Deus, a sua Mãe amada, aos santos Anjos dos navios e dos mares, e rezámos pelas pobres almas, dos que naufragaram e perecerem afogados neste Oceano. E' esta uma devoção e praxe muito útil entre todos os que atravessam os mares.

No dia 19, ao sol-pôr, observei, pela primeira vez, como o grande luzeiro do Universo, chamado *Phoebus* nos trabalhos dos poetas, mergulha no mar com seu carro e cavalo, escondendo-se, então, por detrás das argênteas montanhas líquidas. E' como o cantam os cantores das fábulas. Na realidade, porém, pareceu-me o globo solar, como aliás em outro tempo também a luta, muito maior como costumamos ver os corpos celestes na Alemanha.

No dia 20 fizemos um bom trecho, e nesta noite fizemos 60 milhas.

De 21 a 24 de janeiro perdurou o vento norte, que soprou valentemente tôdas as velas e nos tocou em linha reta mais de 30 milhas para as Ilhas Canárias, que distam 500 milhas de Cádiz.

No dia 25, dia da Conversão de Paulo, irrompeu inopinadamente, pela manhã, violenta tempestade: Pela meia-noite começou o céu a grunhir e rosnar, grossas nuvens escuras cobriram a estrêla polar, os ventos zuniam e bramiam terrìvelmente, o mar começou a crescer e as ondas a espumar. O navio entrou a estalar, sendo ora guindado sôbre o alto duma montanha líquida, ora jogado no fundo dum vale de ondas. O oficial do leme não podia mais governar o navio, o patrão gritava, mas ninguém o ouvia. O capitão andava como louco, os marujos empalideciam, todos tremiam, mas ninguém podia ajudar. *"Misericórdia! Misericórdia!"* gritavam todos. Estávamos em grande perigo, até que, finalmente, a Mãe de Misericórdia, a verdadeira Estrêla do Mar, nos

luziu novamente e transformou o relâmpago na amada luz do dia, a fúria dos ventos em calmaria, as ondas bramantes, iracundas e espumantes num espêlho liso. Só um dos navios sofrera avarias: A tempestade cruel lhe quebrara o mastro pelo meio, embora fôsse tão grosso, que eu não pudesse abraçá-lo com os dois braços. Nosso navio ficou incólume, porque nosso nauta, com sábia previdência, havia feito recolher imediatamente as velas de vogar, quando o céu começou a descarregar a sua ira em raios. Porque no mar são as velas os maiores inimigos dos ventos, e o elemento mudo lhes tem ódio porque são só elas que lhe opõem resistência e se não querem submeter ao seu regime. Por isto, em perigos semelhantes, o melhor, ao primeiro corisco, é recolher imediatamente todas as velas, amarrá-las e descê-las pelo mastro, humilhando-se, portanto, na profundeza até que tenha passado o orgulho dos ventos e tenha cessado a fúria. Porque, quando esta fúria chega a pegar as velas, então acabou-se, meu negociante ou marujo, por cem e outros tantos anos! Porque, então, o navio sossobra e se despedaça!

Nosso Procurador levava consigo uma pequena sineta de Sanctus, chamada de *Kaloko*. Uma sineta destas pode muito contra o tempo borrascoso, porque até aonde fôr audível seu som não cai o diacho do trovão. Por isso, tocamos a sineta logo que começa a relampejar, estando, então, seguros contra todo perigo.

Vem daí o seu poder: Há muito tempo, ouviu-se no México, por debaixo da terra, um sino extremamente grande, que se tangia a si mesmo. Não se sabe se os santos Anjos trouxeram êsse sino do céu, em todo caso começáva sempre a tocar, logo que o céu iracundo ameaçava à cidade ou os seus hàbitantes com um terremoto. E até aonde era ouvido o som dêsse sino, até agora ainda não caíu pedra.

Fizeràm-se, depois, diversos sininhos do mesmo metal (7). Estes sininhos, para que fôsse espalhada a sua utilidade, eram, por vêzes, doados a pessoas de elevada posição. Um dêles era o nosso, como aliás todos os Procuradores, que vinham das índias para Roma atravessando os mares, costumavam trazer um consigo.

No dia 26 alinhámos novamente os navios. O *Capitânea* saíu voando a tôda vela; seguia-se o nosso *Almiranta* com a mesma velocidade. O *Pinque*, a partir dêste dia, atrasou-se em seis a oito milhas, porque estava muito avariado e desigualmente carregado. Não se afastou, porém, nunca de nossa vista. Portanto, nos dias 27, 28 e 29 prosseguimos galhardamente na viagem.

---

(7) Ou o Pe. Sepp se esqueceu de falar dêsse metal, ou a parte correspondente da carta se extraviou, no momento da impressão.



1. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
vista geral do estado atual.



2. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
detalhe.

No dia 30, pela aurora, o vigia costumeiro gritou alegremente da ameia do navio: "*Cavalleros, Tierra! Tierra!* — Terra! Terra!" Convém saber-se que na ponta do mais alto dos mastros um vigia mantém guarda dia e noite. Êste precisa observar com os olhos e com o óculo de alcance todo o mar e descobrir se no horizonte surgem velas ou navios, quer sejam piratas, amigos ou inimigos, ou descobrir terra, ou montanhas ou rochedos. Se observar navios, iça uma bandeira vermelha, e segundo o número dêles faz-se fogo com o mesmo número de peças. Seguem-se-lhe imediatamente os outros navios com o içar das bandeiras e o fogo dos canhões. Atrasando nisto um dos navios por descaso, precisa o capitão dêsse navio pagar grandes multas. Porque é preciso evitar todo o perigo.

Como disse, vimos terra a 30 de janeiro. Era o tão célebre monte e rochedo chamado "Pico", do qual dizem ser o mais alto. Estava no meio do mar, todo sem árvores ou arbustos verdes, completamente calvo e nu e ininterruptamente coberto com uma touca nebulosa, horrível de ver-se. Êste Pico já é conhecido dos nossos matemáticos como ponto de observação da latitude polar.

No dia 31, o último de janeiro, já estávamos a sete graus de Cádiz, quando chegámos felizmente nas ilhas conhecidas em todo o mundo como as "Fortunatas", as "ilhas afortunadas", chamadas também de Canárias. À esquerda, passámos pela Ilha Tenerife, à direita, pela Las Palmas. Contámos 7 ilhas, tôdas localizadas sôbre a 28ª altitude polar. Tenerife e Las Palmas são povoadas. Os padres do Pai Seráfico São Francisco têm alí um lindo convento. Dizem os espanhóis superar o suco das uvas canárias todos os outros vinhos, sendo uma bebida dos deuses. Os pequenos músicos da Ilha Canária, vestidos de plumagem pardo-amarela e nívea, cantam êles próprios os louvores de sua terra natal. Posso, por isso, passar em silêncio sôbre o assunto. Só que a Ilha Palma não posso deixar sem referência. Da minha pena, todavia, devia antes jorrar sangue fresco e vermelho, em vez de tinta, porque sob estas palmeiras o combativo Padre Inácio de Azevedo colheu, com uns trinta heróicos companheiros, a palma gloriosa de sua morte pelo martírio (8).

---

(8) O padre se refere aos conhecidos "Quarenta mártires do Brasil", aos quarenta jesuítas que, em 1570, foram cruelmente sacrificados na Ilha de Las Palmas, pelo pirata Jacó Soria. Mais tarde foram beatificados. Vinham sob a direção do jesuíta português Inácio de Azevedo. A respeito do número dos martirizados conta a história que, entre os quarenta jesuítas, os piratas pouparam um só: o cozinheiro. Provàvelmente não tinham quem lhes soubesse preparar boa comida, e queriam ter o Irmão cozinheiro trabalhando para êles. Ora, com os missionários embarcaram um jovem sobrinho do almirante. Tinha o moço a intenção de ingressar na Companhia de Jesús. Quando viu os padres assassinados, banhados em sangue, despiu ràpida-

A nós Padres Missionários, infelizmente, só foi dado poder reverenciar à distância, com o mais íntimo e carinhoso acato de nossa mente, o sangue rubro nas ondas verdes do mar. O consôlo, que com isso tive, só podem sentí-lo aquêles reverendíssimos Padres e caríssimos Irmãos, a quem chamamos de "Candidatos para as Índias" (9). *Eja Fratres, animemus nos et non degeneremus a prae excelsis cogitationibus maiorum nostrorum; adhuc Palmae virent sanguine nostro irrigandae, ne arescant.* (Ó irmãos, animemo-nos e não nos desviemos das cogitações excelsas dos nossos maiores; ainda verdejam as Palmas, que deviam ser irrigadas com o nosso sangue, para que não feneçam).

---

mente a roupeta de um dos cadáveres, e a vestiu. Sofreu assim, também êle, a morte pelo martírio, ficando completo o número dos quarenta.

(9) O missivista quer dizer que só podem sentir com êle e como êle os membros da Companhia de Jesús destinados às Missões indígenas, os que seguem o caminho de Inácio de Azevedo, caminho que o próprio Pe. Sepp está iniciando. E dirigindo-se diretamente a êsses irmãos de Ordem, estimula-os, em comoventes palavras escritas em latim, a que prossigam nas tradições gloriosas da Companhia de Loyola.

CAPÍTULO III

CONTINUAÇÃO DO DIÁRIO DE VIAGEM

MÊS DE FEVEREIRO

A 1.º de fevereiro tivemos vento fresco pela popa. No dia 2, festa de Nossa Senhora da Candelária, alterou-se o tempo. Um Padre neerlandês fêz os últimos votos. Queríamos fazer música para essa cerimônia. Não conseguia manejar minha tiorba (10), porque o mar tempestuoso estava muito inquieto, permitindo apenas que se tocassem as clarinetas e as trombetas e que troassem os canhões, que fizeram fogo. Para abrilhantar a festividade, um negro e escravo do senhor governador Dom Augustin de Robles foi lavado na água do Santo Batismo.

No dia 3 chegámos ao Círculo do Câncer, portanto na zona tropical e quente, onde o maior calor costuma arder sôbre a cabeça. Desta vez, por especial disposição de DEUS, soprava um vento fresco do norte, que tudo refrescava, de modo que era como na Europa no tempo agradável da primavera.

No dia 4 vimos uma porção de peixes voadores, que nos seguiram tôda uma milha, até que finalmente desapareceram nas águas. Para nos preparar uma refeição refrigerante, manejam os marinheiros anzóis na ponta de varas compridas. Nestes, em vez da isca, prendiam pequenas peninhas brancas. Erguiam então as varas ao ar. Quando os peixes vinham voando, abocanhavam logo as peninhas brancas, imaginando fôssem alburnetes pequenos, que são seu alimento. Logo ficavam presos nos anzóis e se tornavam prêsas dos pescadores. Pagavam assim com o próprio couro a rapinagem que pretendiam cometer.

A 5 de fevereiro, festa dos Santos Mártires Japoneses, um noviço fêz os seus votos ao DEUS onipotente, sendo assim incorporado na companhia. Os Padres comungaram, porque noutros dias só dois podiam celebrar diàriamente o santo sacrifício da Missa.

---

(10) Tiorba, teorba ou diorbey — instrumento de música (baixo), de cordas, semelhante ao alaúde, porém maior.

Hoje, dia 6, passámos felizmente ao largo das Ilhas do Cabo-Verde. Têm esse nome em razão da linda relva verde, que cobre a terra como um tapête verde e isto durante o ano todo, não obstante estar essa relva, nesta zona tórrida, exposta contìnuamente aos raios solares.

Êste lugar é muito insalubre, por causa da grande umidade e dos vapores nauseantes que sobem dos charcos e lodaçais. Há poucos anos, oito missionários, com alguns soldados e marinheiros, desceram à terra, e comeram os frutos das palmeiras, melancias e laranjas, porque não havia outra coisa. Foram frutas caríssimas, que nada deram aos homens mas lhes tiraram a vida! (11) Todos tiveram que beijar a terra e deixar a vida em Cabo-Verde, com prejuízo das províncias paraguaias. Por isso, levávamos ordem severíssima de não pôr pé na terra; demos, portanto, as gâmbias e saímos dalí feito flecha. Achavam-se no navio alguns negros, naturais das ilhas. Dois dêles eram meus *discipuli* na trombeta. São completamente pretos, só os dentes são brancos como neve. Ambos me contaram algo de sua pátria, que tinham um bispo, tão preto quanto êles, e que os cônegos e os padres, que liam a missa, também eram pretos. Só os padres da Sociedade — o Colégio faz parte de Portugal — eram brancos. A gente branca era desprezada e só os pretos tinham consideração, e quanto mais preto fores, tanto mais bonito és. Hoje floresceu um narciso particularmente lindo em nosso pequeno jardim, que trouxemos da Espanha, para criar no Paraguai diversas espécies de flôres. Nossa videira moscatel (12), pela qual tínhamos grandes receios também começou a brotar. O jasmim ainda carrega algumas flôres.

Do dia 7 a 12 fizemos um bom trecho. Estávamos só a seis graus da linha equinoxial ou equatorial. Mal ainda podíamos ver a Estrêla Polar e a Ursa-Maior ou a Barca-do-Norte.

Nos dias 13, 14 e 15 vimos diversos monstros marinhos. Um peixe muito grande voou como águia por cima dos nossos navios. Um outro os pescadores pegaram na água. Parecia um lôbo quanto ao pêlo, cabeça e orelhas, o corpo restante era o dum peixe. Depois do almôço, os marinheiros fizeram uma brincadeira. Atiraram no mar grossas correntes

---

(11) Neste ponto, o Pe. Sepp foi novamente vítima das inúmeras lendas que por alí corriam naquela época, e correm hoje ainda, em relação ao consumo de frutas sub-tropicais e tropicais.

(12) É sabido que o Rio-Grande-do-Sul se tornou, nesse meio tempo, a terra vinífera por excelência no Brasil. Atualmente ainda é cultivada, em grande escala, a uva Isabel, de origem americana. De alguns anos para cá a uva moscatel passou, no entanto, a ser cultivada com bom êxito, particularmente no município de Caxias. O estado gaúcho está, pois, retomandó a tradição dos antigos jesuítas.

de ferro com um anzol de seis libras e gritavam e berravam como se quisessem arrebentar. Todos os senhores governadores, as damas, todos os negociantes e padres acorreram para ver o que significava êsse júbilo. E eis que oito robustos pescadores estavam puxando o que podiam para trazer ao navio um peixe enorme de grande. Êsse peixe parecia-se com um boi.

Com êste peixe o senhor governador de Buenos-Aires apresentou aos missionários um espetáculo singular, fazendo da pesca também uma caça. Assobiou aos cães inglêses, de que o capitão tinha três amarrados à corrente, soltou-os e atiçou-os sôbre o boi-marinho. A princípio, os cães não queriam, mas quando estiveram suficientemente açulados, ousaram o ataque. O boi-marinho abriu um boqueirão indescritível de grande, bateu com a cauda em tôrno de si e mordeu com os dentes os seus inimigos, de sorte que os cães estavam por fim exhaustos, antes que lhe conseguissem tirar a vida. Como não pudessem dar-lhe cabo, vieram os bodegueiros e pescadores com suas armas e deram ao boi-marinho o golpe de misericórdia. A carne foi cozida como caça e distribuída a todos os passageiros. Também provei dela, e pareceu-me a mim e ao Pe. Antônio Böhm muito boa.

Nesse animal marinho era ainda de nótar-se pequenos peixinhos, feito carrapatos, que grudavam nêle, por tôda parte. Não que fôssem filhotes ou cria, mas eram os peixinhos que o bichano perseguia para devorar. Para defender-se do perseguidor, os peixinhos se lhe grudam no corpo (13), de modo que não consegue pegá-los de maneira alguma; porém precisa até carregá-los, feito bêsta de carga. Quer destarte a previdência da natureza defender êsses animaizinhos perspicazes contra os seus inimigos e dar-nos a entender por êsse meio que não devemos odiar nossos inimigos e fugir dêles, mas apegar-nos a êles, abraçá-los, como o fazem êsses peixinhos com o seu inimigo.

Hoje, dia 16, começamos com a novena em louvor do grande apóstolo das Índias, São Francisco Xavier (14). Pedimos-lhe que, como tivés-

(13) Também aquí há um equívoco, por parte do Pe. Sepp. Aliás, bastante natural, porque os conhecimentos das ciências naturais e biológicas eram relativamente pequenos, na época em que viveu.

(14) São Francisco Xavier, nascido em Navarra, seguiu em 1541 para as Índias Orientais, onde converteu um milhão de gentios. Em 1549 foi para o Japão. Quis entrar na China, três anos mais tarde, morrendo entretanto em 1522, vítima de febre maligna. Era particularmente venerado pelos nossos missionários jesuítas que, um ano após sua beatificação, lhe dedicaram uma das reduções, à margem direita do Uruguai. No museu Júlio de Castilhos, de Pôrto-Alegre, existe magnífica escultura de madeira do santo, maior que o tamanho natural, revelando ainda traços da grossa douração com que estava revestida a batina.

semos chegado sãos e salvos e com bom vento até o equador, nos continuasse a confortar, para o futuro, com o seu santo auxílio em nossa viagem.

Nos dias 17, 18 e 19 concedeu-nos o céu benevolente algumas dádivas: Despejou chuvas copiosas sôbre nós, para dar que beber aos sedentos, porque nossa água começava a ter gôsto muito ruim e, o que era pior, tinha até que ser racionada, sendo-nos dada duas vêzes ao dia, em tigelinhas minúsculas. Por isso, recolhemos a água da chuva em panos de mesa, vazilhas e chapéus. Os pobres dos soldados e marinheiros recolhiam-na até em sapatos. As poucas galinhas, que haviam sobrado das quatrocentas, — a maioria já havia morrido — espichavam o pescoço para o alto, abriam as gùelas sedentas e abicavam as gotas de chuva.

No dia 20, à noite, foram, por diversas vêzes, vistos pequenos fogos, que voavam sôbre o mar, parecendo-se com pirilampos, que luzem no escuro. Perscrutar a causa dêsse fenômeno em alto mar não é tão fácil como em terra firme.

No dia 21 chegámos perto do equador. Faltava-nos sòmente um grau ainda que fizemos no dia 22.

No dia 22, quinta-feira gorda (15), passámos de manhã cedo a linha equatorial, onde dia e noite são sempre iguais. Muito nos admirámos da atmosfera amena, bem temperada, que apreciámos como uma primavera risonha. Mal sentíamos a presença do sol, que em outras ocasiões costuma arder com violência sôbre o equador. Quase tôdas as viagens marítimas sofrem aquí uma *malaciam* ou calmaria, de sorte que os navios parecem como que pregados e não se mexem por sessenta e até mais dias. Além disso, costuma-se mudar tudo sôbre o equador. A água apodrece, a carne fica fedorenta, morrem percevejos, pulgas e outra bicharia. O aroma das especiarias e bálsamos se desvanesce. Certas pessoas pegam um verme, que, quando não é atacado logo, dá cabo do paciente. Êsse verme dá *salva venia in posterioribus* (data venia na parte posterior) e não há outro meio para atacá-lo e matá-lo, senão com o sumo acidulado do limão. É de-fato uma espécie curiosa de verme. Talvez ainda o desconheçam os senhores médicos da Europa. O mal queria também atacar alguns missionários, mas graças a Deus adiantaram-se logo. Meu caríssimo e fiel companheiro, o Pe. Antônio Böhm, que como eu tem sempre passado muito bem até aí, queixou-se hoje de um pouco de dôr de dentes, que entanto cessou, quando havíamos passado a linha equatorial. Gozei

---

(15) Quinta-feira gorda é a quinta-feira antes do carnaval. Na França é chamada "jeudi gras" e, na Alemanha, "Schmutziger Donnerstag" — quinta-feira suja.

todo o tempo da melhor saúde. Por isso, a Deus eterno louvor e as graças devidas à milagrosa Mãe de Alt-Oettingen. A dôr de estômago, *nausea stomachi*, (enjôo, mal do mar), de que sofrí miseràvelmente durante a passagem pelo Mar Mediterrâneo, passou completamente. Daquela vez, o estômago vomitava tudo. Agora, poderia comer e beber de tudo, se o tivesse.

Não é possível descrever a fome que dá em viagens marítimas. Bem como o velho adágio: "Podia comer sòzinho um boi inteiro"! Essa fome voraz dizem que provém do ar marítimo salgado, que apressa a digestão da comida.

E justamente hoje era a quinta-feira gorda para nós Padres e Irmãos, bem como para os outros companheiros de viagem e amigos. Nós, porém, nesta altura da África, nada vimos dêsse dia de recreio e comezaina; as travessas ficaram admiràvelmente limpas e as panelas vazias. Em Cádiz, o Pe. Antônio e eu havíamos convidado a jantar conosco diversos negociantes, nossos conhecidos, naturais dos Países-Baixos e de Hamburgo, os quais, embora fôssem luteranos, nos fizeram muito bem. O senhor burgomestre de Hamburgo nos havia proporcionado honra particular: Quando nos despedimos dêle entregou-nos dois presuntos moscovitas de porco. Achou que bem poderíamos aproveitá-los. Como teve razão! Havíamos guardado êsses presuntos até aí para casos imprevistos de necessidade. E como já estivéssemos realmente passando por necessidade e também como quiséssemos festejar de qualquer maneira a quinta-feira gorda, convidámos os padres dos Países-Baixos, da Boêmia, Áustria e Itália e com êles consumimos *in domino* (no Senhor) aquêles presuntos, infelizmente sem pão, água ou vinho. Mas, mesmo sêco assim, apeteceu-nos muito bem. Agradecemos ao bom Deus, que no-los havia proporcionado. Para que os pobres missionários se pudessem alegrar no Senhor, toquei, à mesa, com minha tiorba. Mais tarde, o Pe. Antônio e eu tocámos na flauta algumas cançonetinhas pastorais e cantámos também aquêle cântico consolador de São Paulo: *Quis nos separabit a caritate Christi? Neque fames, neque nuditas, neque tribulatio etc. nos separabit.* (Que nos poderá separar da caridade do Cristo? Nem fome, nem nudez, nem tribulação etc. separar-nos-á. Romanos 8,35 e ss.). Dêste modo, celebrámos hoje a quinta-feira gorda sôbre o equador, onde dia e noite são iguais.

No dia 23 e 24 continuou soprando bom vento de popa. Já nos havíamos afastado um grau do equador. Hoje, festa de São Mateus, comungaram novamente todos os Padres, Frades e Noviços. Nos dias

comuns de semana só comungam os Padres, porque nem todos podem celebrar a santa Missa.

Nesta manhã houve grande algazarra entre a maruja. Perguntados pela causa, disseram ter visto São Telmo por cima das ameias do navio. Louvavam-no agora com altos gritos e exclamações. Êste Santo da Ordem Dominicana é o padroeiro dos navegadores e é invocado tôdas as manhãs e noites. Ora, sucede freqüentemente surgirem no mar, assim como na terra também, fenômenos singulares, como homens fogosos, cavalos ígnios, etc. etc.. Quando então os navegadores vêm um fenômeno semelhante, gritam logo: São Telmo! São Telmo! caem de joelhos, rezam e cantam suas canções de pescadores. A gente simples do mar acredita na iminência de tormentas e perigos, quando êste Santo lhes aparece. E como crêem estar particularmente próxima a morte de um dos navegadores, pedem ao Santo queira, clemente, evitar êsse mal.

Reverendíssimos Padres e leitores benevolentes, a partir de hoje não tivemos mais que passar por perigo algum, e ninguém teve que sofrer a morte. À grande misericórdia divina aprouve que assim sucedesse, porquanto de uma frota, que há pouco seguiu para as Filipinas, tiveram que jogar quinhentos mortos ao mar. Quando alguém morre, não se lhe preparam cerimônias fúnebres. Amarram-lhe uma bala de canhão ao pescoço, atiram-no ao mar e soltam depois uma descarga de canhão. Deixo ao critério de cabeças mais inteligentes em que conta se há-de ter-se a opinião dos pescadores ingênuos. Volto à descrição da minha viagem.

Nos dias 25 e 26 o tempo esteve muito instável. Ora bramiam os ventos, ora caíam chuvas torrenciais, embora fizesse sol, ora trovejava e relampejava, ora caía granizo com grande fragor, até que, por fim, o sol se mostrou novamente. Nos trópicos, dois graus acima e dois graus abaixo do equador, o tempo costuma ser tempestuoso e inconstante o ano todo. Fora da zona tropical, céu e mar são calmos e pacíficos, e Éolo, o deus dos ventos, faz silenciar as tempestades. Por isso, é o mar aquí chamado de *mar de las damas*, mar das damas, porque uma mocinha até poderia aquí governar um navio, tão quietas são as águas, que antes bramiam com tanta ferocidade.

Quero, aquí, relatar o que em Sevilha, faz algum tempo, havia prometido numa carta latina aos reverendíssimos Padres; é a respeito do magnete e da agulha magnética. Queriam êles saber se a agulha magnética, no instante em que o navio passasse o equador, se desviava do seu polo norte, para apontar o outro, o polo antártico, do qual então se está aproximando. Relato, pois, o que o Padre Antônio Böhm, outros padres e eu observámos minuciosamente: é que a lingüeta da bússola não

se desloca ou altera no mínimo que seja. Também aquí no Paraguai ela aponta fiel e exatamente para a Estrêla Polar, que não mais tornarei a ver. A diferença está tôda em nós mesmos, que precisamos modificar nosso conceito. Quando é meio-dia na Europa, é meia-noite aquí entre nós. O vento sul, lá morno, é aquí fresco e frio. O vento norte gélido da Europa é aquí bem morno. Tudo às avessas. Enquanto estou escrevendo, pela passagem da festa de São João, estamos no meio do inverno, mas sem frio, sem geada e sem neve. Os meus índios nem sabem o que seja a neve, se é branca ou preta, quente ou fria. Em dezembro e janeiro, quando na Europa tudo gela, comemos figos e colhemos lírios. Numa palavra, tudo aquí é diferente, e está a calhar a expressão, chamando a América de "mundo às avessas". O mesmo sucede com o breviário, impresso em quatro partes: Quantas vêzes já me enganei, rezando na parte do inverno, quando devera ter tomado a parte do verão, já que parte de verão e de inverno precisam ser trocadas.

No dia 27 de fevereiro começámos com o Carnaval. Não como na quinta-feira passada, com um presunto russo, mas com carne de rês podre. Graças a Deus, que, apesar-disso, nos alegrámos. Visitei os doentes, que estavam na parte baixa do navio, confortei-os e lhes dei amêndoas e açúcar de aniz, que havia comprado para mim em Cádiz, caso viesse a adoecer. Depois de lhes fazer uma ligeira prática sôbre a paciência, prègada em espanhol, dei-lhes para beijar minha imagem de Nossa Senhora de Alt-Oettingen (16).

No dia 28 de fevereiro entrámos para o jejum quaresmal, aliás de acôrdo com o calendário, e não com a realidade, porque, segundo esta, o jejum já havia começado há muito tempo antes. Todos nós e nossos companheiros recebemos as cinzas e seguimos alegres a nossa viagem.

O Padre Superior, Padre Antônio Para, um espanhol, que muito se assemelhava a São (Francisco) Xavier em aspecto e também na apresentação, e quase todos os outros Padres espanhóis, bem como Irmãos e Noviços, que haviam sofrido, desde logo depois da partida de Cádiz, de *nausea stomachi*, enjôo do estômago que se "entrega" e tudo rejeita, sentiam-se piores dia a dia. A causa era que êsses Padres haviam viajado em navio pela primeira vez e não estavam acostumados a viagens

(16) Alt-Oettingen é pequena localidade na fronteira bávaro-austríaca, onde se encontra uma imagem de Nossa Senhora, de 1300, tôda denegrida pelo tempo. Não quiseram restaurá-la nem tocá-la, tornando-se por isso, a chamada "Virgem Negra de Alt-Oettingen". A vila constitue lugar de peregrinação, motivo por que é chamada "Loreto alemã". Como leremos mais adiante, o Pe. Sepp tinha particular veneração por esta imagem. Dela trouxera muitas cópias para os "negros", talvez esperando que uma "Nossa Senhora Negra" lhes despertasse maior confiança.

marítimas. Nós, padres alemães, neerlandeses e italianos, já havíamos, por ensêjo da travessia do Mediterrâneo, pago nossa taxa aduaneira, que precisam pagar todos os que desejam atravessar o mar. Quem tiver lido a descrição de minha viagem de Gênova para Sevilha, ainda poderá lembrar-se de como foram pesados os direitos que couberam a mim.

Muito sentíamos não poder ajudar os bons Padres. As quatrocentas galinhas já haviam morrido tôdas e, como disse, tornadas pasto das baleias. Algumas ovelhas continuavam morrendo diàriamente. Dos porcos só restava metade, magros como espetos e duros como couro. Entanto, como se sabe, é a carne de porco prejudicial para pessoas de estômago doente. O pão-biscoito duas vêzes cozido, embora fôsse branco, era duro que nem pedra e, além disso, cheio de vermes e sem sal. Os marinheiros recebiam outro pão, igual ao que nas galeras se dá aos sentenciados e aos cães. É um pão preto como carvão, misturado com farelo, duro como pedra e sem sal. Mas sem vermes. Padre Antônio Böhm e eu comemo-lo todos os dias, graças a Deus, apetecia-nos melhor do que maçapão e o bolo mais tenro. Ó benditas migalhas de pão, que os frades recolhem de cima e de baixo da mesa! Onde estais? Com que cuidado não vos buscaríamos e recolheríamos, para dá-las aos nossos doentes, ao Padre Superior e aos outros irmãos.

CAPÍTULO IV

CONTINUAÇÃO DO DIÁRIO DA VIAGEM

MÊS DE MARÇO

A 1.º de março começou a modificar-se o tempo borrascoso, que, como disse, costuma reinar a dois ou três graus acima e abaixo do equador em certos dias, e até horas. Esta noite tínhamos, pois, tempo ameno. Sim, apareceu um grande e lindo arco-iris, que se estendia de um a outro horizonte do mar e muito prazer nos proporcionou. Tinha o arco-iris o mesmo tamanho e a mesma escala de côres como o que se vê em terra, só que sôbre o mar azul o azul-ultra-marinho estava mais acentuado.

Hoje, 2 de março, já estamos navegando ao longo da costa do Brasil, alí onde está Pernambuco. Aí, no nosso Colégio, vive o orador de fama mundial Padre Antônio Vieira, um português, que em Roma, uma vez, prègou na presença de sua majestade real sueca Cristina. A-pesar-de sua idade avançada dedica-se, até hoje, a escrever livros e a converter os indígenas antropófagos e bárbaros do Brasil. Deus lhe conceda ainda muitos anos de vigor e membros fortes, necessários para essa sua difícil missão.

Nosso capitão, Dom Antônio Gonzales, sofreu esta noite de grandes dôres e soltou, por fim, uma pedra do tamanho dum ovo de pomba.

No dia 3, ao sol-pôr, um pássaro indígena muito curioso veio sentar-se sôbre o nosso mastro, o que tomámos como sinal certo de que não podíamos estar a mais de 30 milhas da costa brasileira. Porque essas aves fracas não podem avançar muito pelo mar, onde lhes faltam as árvores onde possam descansar, inda mais tratando-se dum pássaro tão grande e pesado como êste. A cauda era o rabo dum dragão, as asas não eram maiores do que asas de galo, o bico como de galinhola, a cabeça parecendo a dum jacú. O governador de Buenos-Aires deu-lhe um tiro. Mas, em virtude da grossa plumagem, o chumbo não lhe fêz mal nenhum e o pássaro voltou à terra.

No dia 4, o primeiro Santo Domingo da Quaresma, começámos com uma missão, que durou oito dias, de acôrdo com a novena antes de São

(Francisco) Xavier. Todos os dias havia sermão, e, antes dêle, explicávamos aos marinheiros, soldados, caixeiros e aprendizes a doutrina cristã. Os senhores governadores com as respectivas damas compareciam todos os dias com muita assiduìdade.

No dia 5 estávamos a oito graus do equador, em direção ao círculo do Capricórnio, seguindo em linha reta dêbaixo do sol, que estava verticalmente no zênite, acima de nossas cabeças. Não fazia a mínima sombra, como pude observar mesmo no meu corpo. Isto já é um fato conhecido dos senhores matemáticos. Só que me parecia digno de reflexão de como é que não sentimos especial calor, a-pesar-de o sol estar diretamente sôbre nós, entre o equador e o círculo do Capricórnio tropical.

Nos dias 6, 7 e 8 não houve nada de novo, a não ser uma chuva leve, que nos fêz muito bem.

No dia 9, o Capricórnio nos mostrou os seus chifres, mas por bem, e parecia que não queria espetar-nos, mas deixar-nos passar em paz, como o seu irmão, o Câncer, o havia feito e o qual também não nos molestara com as pinças dos seus elementos.

No dia 10 tivemos uma noite extraordinàriamente linda e amena. Lúcifer acendeu-nos ao lado dos luzeiros celestes já conhecidos alguns bem novos, que vimos fulgir no horizonte bem como no alto. Entre outras estrêlas, reconhecemos o Cruzeiro, o Pavão, a Abelha-índica (*Apis Indica*), o Camaleão e a *Nubícula Maior* e *Minor*. O Cruzeiro é a estrêla polar antártica, sendo sua constelação bastante parecida com a Ursa-Menor, que não pode ser vista mais no Paraguai, como já referí. Além disso, há aquí ainda uma porção de novas estrêlas, cujo nome desconheço, pois não estão consignadas nos globos e são ignoradas dos astrônomos europeus. O mesmo vale quanto aos mapas, sôbre os quais não estão registrados muitos rios e localidades, que há na América e no Paraguai.

No dia 12, data em que Santo Inácio e São (Francisco) Xavier foram inseridos no número dos Santos, comungámos todos, como era devido. Visitei meus doentes, levei-lhes consôlo e dei-lhes mais uma vez alívio.

No dia 13, à uma hora da tarde, passámos finalmente pelo Círculo do Capricórnio, que dista 23 1/2 graus do equador, e entrámos para a zona temperada, no rio La Plata, ou rio da Prata, porque *plata* quer dizer prata em espanhol. Agora só tínhamos ainda que perfazer o 13.º grau.

Da zona temperada pode-se dizer, como o nome já o diz claramente, que aí reina um ar extraordinàriamente saùdável e ameno, bem temperado, nem frio nem quente, nem pesado nem úmido, nem tão-pouco sêco

demais. Por isso, os doentes, começaram a sentir-se melhor, levantaram-se e convaleceram. Só o negro recém-batizado deitou-se a morrer. Recebeu, pois, os santos Sacramentos, levei-lhe minha imagem de Nossa Senhora de Alt-Oettingen, que lhe deu extraordinário ânimo e que êle estreitou contra o peito e beijou. Aconselhei-o a que tivesse grande confiança nessa imagem sagrada da Mãe, que a ela se recomendasse que não abandona a ninguém quem a invoca. Quando então o pobre negro contemplou a imagem e notou que o rosto da Mãe de Deus e do Menino era preto e igual ao dêle, oh, é indescritível a alegria e o consôlo que lhe inundaram o rosto! Estava, pois, cheio da máxima confiança que, ainda nos últimos instantes de sua vida, obteria a intercessão misericordiosa da Santa Mãe de Deus, como depois também se verificou.

Hoje, dia 14, houve calmaria. Como o mar estivesse liso como um espêlho, começámos a pescar, e colhemos diversos peixes, de espécies desconhecidas. Num dos peixes encontraram os pescadores um gibão inteiro, noutro, a perna dum homem, que talvez houvesse perecido em naufrágio. Estes peixes os pescadores não costumam comer. — Hoje dei lição de música aos meus quatro trombetas negros. Já que não conheciam as notas, tive que tocar e cantar primeiro as peças, até que entrassem nas cabeças duras, o que requeria muita paciência. Finalmente, aprenderam seis ou sete pecinhas, com grande satisfação dos senhores governadores, aos quais pertenciam êsses escravos. Mais tarde, em Buenos-Aires, êsses senhores mo agradeceram muíto gentilmente.

No dia 15, o capitão-mor Dom Antônio de Retana veio ter conosco, com alguns negociantes, fazendo uma visita a nosso navio, a qual nosso capitão respondeu mais tarde. Essas visitas a bordo realizaram-se por diversas vêzes no decurso da viagem. Os hóspedes eram saùdados com oito salvas e com forte celeuma. Depois da ceia, dei instrução às mulheres dos negros, que também eram pretas, ensinando-lhes a doutrina cristão, contei-lhes exemplos e lhes mostrei Nossa Senhora de Alt-Oettingen, para a qual tomaram particular devoção. Beijavam e veneravam a imagem, como aquêle negro doente acima citado. Cada uma dessas mulheres, pretas como carvão, queria uma imagem para si. Para satisfazê-las, dei-lhes outras, pequenas reproduções, que o Pe. Böhm e eu havíamos feito de argila, às centenas, quando estávamos em Sevilha e Cádiz. As mulheres veneravam essas imagens mais do que ouro e prata, porque até aí nunca haviam visto uma imagem de Nossa Senhora negra e semelhante a elas. Contudo, é preciso saber-se que a êsses negros, pretos como uma caldeira fuliginosa e repelentes no aspecto, lhes agrada muito mais a sua própria côr do que a nossa fisionomia branca de euro-

peu. Por isso também mui dificilmente um preto contrai matrimônio com uma européia branca.

Nos dias 16 e 17, um vento leste mais fraco enfunou as velas, de modo que tínhamos tempo para dedicar-nos à pesca. Nessa ocasião, um pescador, inadvertidamente, não segurou, como devia, um peixe pelas barbatanas, de sorte que o animal se lhe escapou, mordendo-o de tal modo, que o rapaz não mais conseguiu desprender a mão das guelras, com seus dentes aguçados e pontudos, só conseguindo livrar-se quando um outro pescador cortou a cabeça do animal mostruoso. Assim, o rapaz, sofrendo êsse dano, aprendeu a ser mais atento em seu ofício.

No dia 18, terceiro domingo da Santa Quaresma, à alta madrugada, ouvimos um tiro de canhão. Demos a mesma resposta. É desta maneira que os navios costumam falar entre si em alto mar. Em seguida, deitámos à água um bote rápido, que foi ter imediatamente ao navio capitânea e saber da causa daquele tiro: Se haviam talvez visto alguns navios ou descoberto terra? Mas nada disso! Era um marinheiro, o qual em Cádiz já não passara bem, que havia falecido. Haviam-lhe feito o funeral devido, isto é, amarraram-lhe uma bala de canhão ao pescoço, lançaram-no ao mar e dispararam um tiro. Êste morto pagou por todos os outros o *naulum* (17) devido ao mar, porque nenhum outro mais faleceu durante essa travessia.

Meu negro batizado, do qual falei há pouco, está passando melhor de dia a dia. À misericordiosa Mãe de Alt-Oettingen, eterno louvor e gratidão por isso. Solicito aos Revs. Padres, queiram, em honra da carís-sima Mãe de Deus, enviar oportunamente esta carta a dois padres, que são especiais veneradores da sagrada imagem de Alt-Oettingen. São êles os Revs. Padres Filipe Leuprechting e José Adelman. O Rev. Padre *Instructor Tertianorum* (18) por certo lhes concederá a licença de lerem ao menos êste trecho. Estou certo que será para todos grande consôlo, especialmente para o Rev. Pe. J. Adelman, que aliás é missionário indígena. Recomendo-me com uma ave-maria aos Rev. Pes. Tertiani, daquela casa sagrada, donde em fevereiro de 1687 partí para as Índias. Recomendo-me, outrossim, mui respeitosamente, aos Rev. DD. Padres Canonici, particularmente ao senhor primo, Padre Felix Lueger. Em reconhecimento por êsse ou aquêle sermão, que fiz antes mal do que bem, deu-me êle algumas relíquias da santa estátua e considerou-me digno de levá-las para junto dos indígenas. Peço ainda, respeitosamente, que

(17) Naulum, grego: dinheiro de passagem.

(18) Os *tertiani* dos jesuítas são os sacerdotes que se acham no terceiro "ano de prova".

lhe comuniquem em meu nome que a cara Mãe de Alt-Oettingen está começando a distribuir seu leite maternal, dons e graças, não só na Europa, mas também na América, entre os pobres índios. Não relato aquí todos os benefícios que dela recebí durante a viagem perigosa.

Se a Deus aprouver conceder-me a vida, espero, daquí a anos, ter tempo para reùnir num livrinho todos os benefícios que a cara Mãe fêz aos meus índios, para, então, enviá-lo aos veneradores de Oettingen. Minha imagem da Nossa Senhora de Oettingen já está sendo procurada e venerada na igreja pelos índios batizados. Cheguei até a mandar fazer, por um pintor indígena, duas cópias da imagem, que saíram bastante bem. Entreguei as imagens ao Padre Antônio Böhm, para que as levasse em suas missões. Com elas alcançou tanto entre os seus bárbaros povos pagãos, chamados os Yaros, que expuseram pùblicamente uma das imagens, numa capelinha construída de palha e barro. Agora, dobram os joelhos diante dela, fazem o sinal-da-cruz, rezam o rosário com aquêle homem zeloso, ouvem atentamente diante dela a doutrina cristã, e até as criancinhas não batizadas se achegam a ela para beijá-la.

Farei mais tarde um relato a respeito dos esforços e trabalhos do Padre Antônio Böhm. Êle e eu temos a fé inabalável que o Deus misericordioso, pela intercessão de cara Mãe de Alt-Oettingen, converterá, para muito breve, todo êste país para a fé cristã. Aos Reverendíssimos Padres e aos Caríssimos Irmãos peço, pelo precioso sangue de Jesús Cristo, que para êsses povos bárbaros foi derramado tanto quanto para nós, que queiram diàriamente, durante o santo Sacrifício da Missa e suas orações, lembrar-se dêsses inúmeros povos sem fé, que ainda permanecem nas trevas da morte eterna. Assim, também êles serão na Europa verdadeiros missionários, fazendo com que suas santas orações atuem por sôbre o Oceano até aquí. Mas, voltemos ao navio:

No dia 19, festa do pai nutrício São José, era a minha vez de celebrar a Santa Missa e de dar a sagrada Comunhão a todos os Padres, Irmãos e Noviços. Quando o sol entrava para o ocaso, todos os cães inglêses, inopinadamente, começaram, alegres, a latir. Disse o capitão ser isso um sinal certo de que mais uma vez estávamos na proximidade de terra. Os animais, que não passam muito bem sôbre o mar, sentem de longe o cheiro da terra e alegram-se em suas cabeças caninas em chegar finalmente à terra almejada. Realmente, não demorou que passássemos por terra, pela ilha de São Tomé, que não dista muito do Brasil.

No dia 20, as vides de moscatel do nosso jardim começaram a perder suas fôlhas verdes, porque aquí estava principiando o outono.

No dia 21, festa do Santo Patriarca Bento, o Padre, cuja vez ocorria para celebrar a Santa Missa, deixou que eu a celebrasse em seu lugar, e

eu a oferecí na intenção do Rev. Padre Afonso e a venerável senhora Irmã Maria Benedita e para os múi louváveis conventos de ambos. Deus lhes pague a honra e o amor e todos os benefícios que a mim indigno fizeram. Desde que lhe disse *a Dio* e me licenciei, não celebrei, até a presente data, nenhuma Santa Missa em que não recordasse a todos, tôdas as vêzes que bebia do sagrado Cálice.

À noite, fiz um sermão para os criados da cozinha, os marinheiros e pescadores, os soldados, aprendizes, escravos e negros. O púlpito era uma rústica amarra enrolada. Os ouvintes estavam sentados no chão, em tôrno de mim, alguns treparam sôbre os mastros, outros estavam sentados sôbre as âncoras. Contei-lhes a vida do Santo Patriarca Bento e terminei com uma lição moral, tirada da sua vida. Terminado o sermão, palestrei amigàvelmente com êles sôbre os mui louváveis conventos de Maria Berg e da Santa Cruz de Soben. Descreví como haviam surgido aquêles conventos, como foram construídos, lindos e nobres, sôbre alto rochedo; e como em ambos Deus Onipotente é servido pela observância exata da disciplina monástica, por severas mortificações físicas, por extrema piedade e inocência. Tudo isso muito lhes agradou. Particular alegria lhes proporcionou quando souberam que no primeiro convento eu tinha um senhor irmão Religioso e no outro uma venerável senhora Irmã, que rezavam diàriamente por todos nós. Falei em espanhol e seguiam de bom grado as minhas palavras, embora muito êrro eu fizesse. Essa gente, como agora também meus índios, nada apreciam tanto como se se lhes conta a respeito do Império Romano e de coisas da Alemanha. Isto os prende e excita tanto como se a gente contasse histórias indígenas ao europeu.

No dia 22, os pescadores pegaram um lindo e grande peixe, de noventa libras, como nunca havia visto igual em minha vida. Era todo verde, salpicado com pintinhas douradas como frutas douradas. Tinha a carne muito tenra e gostosa.

No dia 23, bateu vento contrário e tínhamos que andar cruzando por mais tempo; não obstante, sempre fizemos meio grau em direção de Capricórnio.

No dia 24, dia de São Gabriel, oferecí a Santa Confissão e Comunhão, bem como minhas orações sacerdotais quotidianas, na intenção do senhor irmão Gabriel e de sua amada espôsa. Queira Deus abençoar-lhes o temporal, para que, depois, possam alcançar a eterna bem-aventurança.

No dia 25, festejámos a festa da Anunciação da bendita Mãe de Deus com quatro Santas Missas, troar de canhões e bandeiras desfraldadas; e junte-se ainda um pouco de minha péssima música, com flautas,



3. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
detalhe.



4. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
vista pelos fundos.

tiorbas, trombetas, tambores e pífanos. Pela tarde, a maruja realizou uma dansa, muito jocosa de ver-se: um marinheiro batia o tambor com uma mão e tocava ao mesmo tempo um pífano com três aberturas. Durante a dansa, abutres e aves de rapina evoluíam em torno do navio. Constituem mais uma vez sinal favorável de que não podíamos estar muito longe de terra, pela qual ansiávamos como o peixe pela água e um pássaro pelo ar. É que o elemento do homem não é a água, mas a terra, de que foi feito. À noite, dei nova instrução na doutrina cristã às mães negras e seus filhos. Os pais destas crianças, que estão entre os meus trombetas, aprendem dia a dia melhor a tocar seus instrumentos; sim, aos poucos até o trilo lhes entrou nas cabeças duras e encarapinhadas, que ostentam beiços vermelhos e dentes brancos no meio do rosto fuliginoso.

Hoje, bem cedo, o navio principal disparou um tiro de canhão, em sinal de que já havia tocado a terra, não com o navio, mas só com a sonda no fundo do mar. Mandaram um bote para o nosso navio, para no-lo anunciar. Aquí é preciso saber que em tôdas as travessias há peritos, que de ambos os lados do navio sondam ininterruptamente a profundidade do mar. Faz-se isto com uma espia de cinqüenta e oitenta braças, em cuja ponta há um grande cêpo de chumbo, recoberto de cera branca, da espessura dum dedo. Rochedos que se achem debaixo d'água e que constituem o máximo perigo para os navios são revelados pela sonda, bem como a conformação do solo submarino. É que, quando a sonda toca no fundo, sempre se prende um pouco de lama, areia ou cenosidade na cera, de sorte que se verifica prestar o fundo para lançar âncoras. Só se lançam âncoras sôbre fundo arenoso, porque em fundo escorregadio e lamacento as âncoras não prendem.

Hoje, festa da bendita Mãe de Deus, descobrimos, portanto, pela primeira vez, o fundo do mar, que aquí mede 70 braças. O mar também não tinha mais aquela côr azulada profunda, como no meio, de que se deduz que o fundo não é insondável e que a terra não deve estar longe.

No dia 26, o tempo era favorável, o mar calmo e o vento enchia inteiramente as velas. O nauta, que dia e noite sentava junto ao leme, estava bem disposto, o povo todo alegre, e os Padres Missionários estavam satisfeitos no Senhor. Numa palavra: todos revelavam ânimo alegre e não havia quem não estivesse contente.

No dia 27, tornámos a ouvir um tiro de canhão e vimos como o navio capitânea hasteou uma bandeira branca para anunciar que haviam visto terra. Logo foram também embandeirados nosso *Almiranta* e o terceiro navio, o *Pinque*. Nosso observador na gávea já podia ver as margens brasileiras a olhos desarmados. Era a hora do nascer do sol.

Ora, cada qual queria ser o primeiro a descobrir a terra. Nós, que nos achávamos cá em baixo sôbre o navio, ainda nada podíamos ver. Alguns subiam pelas escadas, outros sôbre as velas; uns trepavam sôbre os mastros, e outros mais saíram a buscar luneta, que esfregavam e limpavam sôfregamente. Também eu fui buscar minha luneta manual e a limpei. Reinava excitação indescritível. Todos queriam ser inteiramente olhos. Cada olhar inquiria vivamente a distância. Pelo meio-dia, o Padre Antônio Böhm, que tem verdadeiros olhos de lince, avistou a margem e exclamou cheio de alegria: *Patres, terra! terra!* Pouco depois, também os meus olhos avistaram a América, e, comigo, todos os demais. É-me impossível verter para o papel a extensão da alegria e do consôlo de coração, que sentíamos. Rezámos logo o *Te Deum Laudamus*. Ajoelhei-me diante da misericordiosa Mãe de Alt-Oettingen, beijei a santa imagem e, em alegria e gratidão, chorando, dei largas ao meu coração.

Agora, amados Rev. Padres, prezados amigos, queridos conhecidos e tu, benévolo leitor, demos as costas aos abismos aquáticos, descobrimos esta terra prometida e já nos encontramos na América.

Só há mais meio grau até a foz do grande rio da Prata. Hoje vimos na direção sul duas nuvenzinhas bem lá no alto do céu, as mesmas que vínhamos vendo pouco acima do horizonte já antes de passarmos o equador. Estas duas nuvenzinhas iam, claramente visíveis, noite por noite, à frente dos nossos navios, como aquelas nuvens que mostravam o caminho aos israelitas. Dizem os capitães e os marinheiros serem orientador seguro para todos os navios, que navegam por estas águas. Por isso, os capitães, quando viram as nuvens pela primeira vez na passagem do equador, muito se alegraram e disseram-nos: "Agora, graças a Deus, encontrámos nosso orientador e não mais nos perderemos, porque aquelas nuvenzinhas sempre irão à nossa frente e só vão parar quando estivermos no Paraguai." E foi o que de-fato se deu. Embora não nos acompanhassem, nem seguissem à nossa frente, porque no Paraguai elas estão bem no zênite, nossos navios só precisavam navegar em linha reta em sua direção. No sul, tornámos a ver numerosas novas estrêlas e constelações, o *Dorado Xiphias*, chamado o Peixe-Dourado, as Pombas-de-Noé com as estrêlas correspondentes, as Andorinhas-Marinhas, a Ave-do-Paraiso, o Fênix, a Pêga-Brasileira (*Picabrasilica*), o Sagitário-Indiano (*indus sagittiferus*) e outras estrêlas mais.

No dia 28 de março, percorremos o último grau e entrámos na foz do rio, que tem setenta milhas de largura. Parece incrível, que isto seja um rio! Corressem todos os poços, arroios, lagos e rios da Europa

para um só lugar, por certo não alcançariam a largura dêste rio. Mas dizem ser o Amazonas no Brasil ainda muito mais largo.

Aliás, o homem do leme teve muita dificuldade para encontrar a entrada. Por isso, nosso navio não navegou a tôda vela, mas foi muito cortêsmente e bem de-vagarinho conduzido por entre os perigos que ameaçam aos navios nesta foz.

A água ainda não é doce, mas amarga e salgada. Quando de manhã lavei o rosto, bôca e mãos, sentí-o em meu prejuízo, porque julgava já poder engulir um bom gole, mas tive que pagar por minha precipitação. A côr da água já é bem diferente, não é mais azul e verde-mar, mas branca, e bem turbada e lamacenta, como a água dos nossos arroios, quando chove.

À direita, passámos pelo Cabo Santa Maria, que pudemos reconhecer bem claramente. Constá terem os espanhóis erigido alí, após a descoberta do Paraguai, o primeiro torreão junto à margem, como vigia. Depois passámos pelas ilhas *de los Lobos*, que têm seu nome dos lôbos marinhos, que alí se ajuntam em grande quantidade e ameaçam a navegação. Vimos bandos inteiros nadando na água. Tinham cabeça de cão, e no dorso pelos em vez de escamas, mas uivavam como verdadeiros lôbos.

Passámos pelo Cabo Santo Antônio sem avistá-lo.

No dia 29, tínhamos que percorrer ao todo ainda 60 milhas até Buenos-Aires, que fica situada sôbre a 35.ª latitude polar do polo antártico, como Cádiz, que fica sôbre a 35.ª latitude polar do polo ártico. Embora já tivéssemos alcançado o 35.º grau, tínhamos ainda um bom trecho à nossa frente.

Hoje, diversas espécies de aves vieram ao nosso encontro, e nos receberam em vez dos americanos. Eram brancas como neve, parecendo com as nossas pombas brancas e executavam lindos círculos sôbre nosso navio.

Ao meio-dia alcançámos a ilha Maldonado. O governador, que havia sido enviado a Buenos-Aires por Sua Majestade Real, tinha ordem de fazer o reconhecimento da ilha, porque se suspeitava que os portugueses aí se tivessem instalado e entrincheirado. O governador desceu à terra com diversos cavaleiros e uma escolta de soldados. Devassaram a ilha, mas não encontram homem algum, nem tão-pouco fortificações, nem residências, nem o mínimo rasto humano. Encontraram, porém, enormes quantidades de lindos bois, vacas, terneiros e cavalos. O capim — disseram — era tão alto, que mal se podia ver o gado e que constituía o melhor campo para engorda. Em sinal da uberdade da terra, trouxeram consigo diversas coisas, entre outras um touro, que haviam alveja-

do com doze tiros e que, assim mesmo, mal puderam dominar. Era tão enorme, que teve de ser retalhado em quatro partes para poder ser trazido a bordo.

Colheram também uma porção das flôres mais lindas. Alguns se fizeram coroas, outros as amarraram ao chapéu em forma de ramilhete, outros por fim ornamentaram o bote com guirlandas verdes, e outros mais traziam, sorridentes, ramilhetes inteiros nas mãos. Vieram assim navegando, impelidos por doze remos, e os senhores governadores se trasladaram da embarcação verde para bordo do nosso navio. Contaram também terem visto uma pequena cruz de madeira na margem, sôbre um pequeno rochedo. Os espanhóis a haviam erigido, quando, pela primeira vez, puseram o pé nesta terra.

Embora essas flôres sejam semelhantes às nossas, duvido que os botânicos europeus as tivessem reconhecido. Uma se parecia com o nosso craveiro (Sepp diz: Steinnelke = *Tunica prolifera*), outro tinha a forma da flor da madressilva. Esta, de sua vez, parecia ser açafrão de Viena, ao passo que aqueloutra lembrava a carvalhinha (Sepp diz: wilde Salvie = salva brava, referindo-se, provàvelmente, ao *Teucrium scorodonia*. N. do T.). De tôdas, a mais linda, porém, era uma flor-da-paixão, de formas admiráveis. Clara e distintamente podia-se ver nela os instrumentos da Paixão, os açoites, a coroa de espinhos, a lança e os três cravos. Foi a primeira flor que minha mão tocou em terras da América. Queira Deus me seja esta flor um sinal de minha morte gloriosa e do martírio, segundo o exemplo do meu amado Salvador Cristo Nazareno, de tôdas as flôres a mais linda. Infelizmente, porém, impedem-no os meus pecados! De outro lado era essa flor, como logo veremos, um sinal de que o Deus Misericordioso faria bem breve aportar no Paraguai esta Missão e seus fiéis servos. Na Semana da Paixão, na sexta-feira da Mãe Dolorosa, nos foi dado, pela infinita bondade de Deus, podermos pisar o Novo Mundo.

A partir de hoje não mais podíamos velejar à noite, mais tínhamos que lançar as âncoras tôdas as noites, como o não havíamos feito em alto mar, onde navegámos dia e noite. Aquí, porém, o pilôto precisa dirigir o navio sempre no meio do curso do rio, o que na escuridão não seria possível. Se abandonasse o meio, o chamado canal, correríamos o grande perigo de dar num baixio. Assim, pois, pela primeira vez, lançámos âncoras em frente dessa ilha e dormimos, também pela primeira vez nesta viagem, com tôda calma e segurança e sem perigo de naufrágio, diante do qual nunca estávamos seguros sôbre o mar. Por isso também sempre íamos dormir de coração temeroso e contrito e gozávamos do descanso com receios e tremores. Ninguém estava seguro de que, pela manhã,

fôsse encontrar sua caminha no fundo do mar e precisasse navegar rumo ao outro mundo, em vez do Paraguai.

Depois, portanto, que todos descansámos muito bem nesta noite, foram levantadas as âncoras ao romper do dia 30 e içadas as velas, que o vento pegou imediatamente, enfunando-as, e tocando o navio para a frente.

Tornámos a passar por uma ilha, cognominada *De las Flores*, de acôrdo com as flôres que a ornam. Ainda dei instrução a um pequeno menino negro, que mais tarde foi batizado em Buenos-Aires.

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Capítulo V

CONTINUAÇÃO DO DIÁRIO DE VIAGEM

MÊS DE ABRIL

Quando a esta madrugada, dia 1.º de abril, lavei meu rosto, sentí que a água só continha ainda bem pouco sal. Alimentava, pois, a esperança de que, quando o vento amainasse, pudesse tomar um bom gole pelo meio-dia. E foi assim mesmo. E todos nós bebemos valorosamente, como se fôra o melhor "malvásia" ou o mais capitoso vinho cretense. É difícil dizer como nos apeteceu o tão amado e almejado elemento, embora fôsse bem turvo. A profundidade do rio media neste lugar vinte braças.

O rio tem aquí muitas enseadas e bancos de areia, lugares perigosos, onde fàcilmente se pode encalhar. Os espanhóis chamam-nos de *bancos*. Aquí os navios costumam encalhar e ficar presos na areia e na lama, até que a maré enchente os levante e liberte novamente. Freqùentes vêzes sucede que navios muito carregados encalham tão profundamente na areia, que não podem ser libertados nem por maré enchente, nem por vento, nem por fôrça humana, de sorte que os pobres navegadores, em plena robustez e saúde e sem naufrágio pròpriamente dito sofrido no alto mar, encontram o perecimento. Para nos desviarmos dêsses bancos de areia, quatro homens sondaram hoje incessantemente o fundo de ambos os lados do navio e observaram a correnteza, ocasião em que a camada de cera da sonda revelava a conformação do fundo. Os resultados de suas medições eram gritados em alta voz aos outros marinheiros, e soavam da seguinte maneira: "Vinte e uma e meia braças, lama!" — Dezoito braças, areia! — Vinte e uma braças — chão duro! — Dezenove braças — cenosidade!" — Os capitães tinham o máximo cuidado para que os navios também velejassem em linha reta contra a correnteza e não se desviassem, o que num rio de setenta milhas mui fàcilmente se podia dar. Não obstante tôdas as dificuldades, passámos felizmente. Graças a Deus, encontrámos logo a entrada e a foz do rio, e, sãos e salvos, enveredámos por entre os bancos de areia, sob o vozerio alegre da maruja.

No dia 3, um hóspede estranho veio da terra americana ter a nosso bordo e sentou-se sôbre o mastro. O senhor governador recebeu-o com

um tiro de espingarda e deu-lhe para experimentar o chumbo que êle não podia digerir. Era um abutre gigantesco, que sem dificuldade poderia, com suas garras, roubar do campo todo um terneiro e levá-lo para os ares. Veio depois outro hóspede, muito mais agradável, que se deixou pegar com as mãos, talvez em virtude de cansaço, porque não podia mais alcançar a margem. Era um passarinho, bem pequeno, curioso, muito lindo, de plumagem azul-celeste. Na cabecinha levava uma poupa vermelha como o *Wiedehopf* (= Upupo epops. N. do T.). Não nos deu a ouvir a sua voz, talvez com receio diante dos europeus estranhos. Deram-no de presente ao filhinho do senhor governador, que muito prazer tiveram nisso.

Hoje, os senhores capitães enviaram a Dom Pietro de Castro num bote para Buenos-Aires, a-fim-de anunciar a chegada feliz dos navios da Espanha e da nova Missão.

No dia 4, só distávamos ainda 4 milhas de Buenos-Aires, mas ainda não podíamos ver a cidade, tão-pouco podíamos ser vistos pelos seus moradores. Entrementes fazíamos a limpeza dos navios, içávamos tôdas as bandeiras, cobríamos a parte superior, a galeria, em todo redor, com panos vermelhos, abríamos as portinholas e fazíamos sair os canhões, para que pudessem ser vistos. Os senhores governadores, capitães, negociantes, caixeiros, moços de recado, soldados, marinheiros, pescadores, e até os cozinheiros e serventes de cozinha — todos vestiam trajes novos, atiravam seus trapos rotos num canto, e se limpavam e asseavam. Numa palavra: tudo resplandescia de alegria, todos se punham em gala; ninguém queria apresentar-se pior do que o outro, ninguém queria valer menos do que o vizinho. Particularmente lindo de ver-se era o vestuário do novo governador de Buenos-Aires e o de suas damas. O navio armado, com suas numerosas bandeiras e bandeirolas, apresentava-se num lindo aspecto. De longe, poder-se-ia tê-lo na conta dum castelo bem armado ou dum burgo de guerra, tão imponente e terrificante era de se o ver, quando assim ornado, rumava a tôda vela em direção da costa de Buenos-Aires. Só os Padres Missionários traziam a vestimenta e a libré da côr do seu pobre redentor e capitão Jesús Cristo, de cuja companhia êles eram. Trajavam sua roupeta curtinha, velha, tôda gasta e rôta, como se vestissem trajes novos do melhor pano espanhol, como se nunca tivessem levado melhor em seu corpo. Minha roupeta de verão e a de muitos outros, como a do Padre Antônio Böhm, que fôra confeccionada um ano antes, estavam de tal modo esfarrapadas e gastas, que não era mais possível remendá-las, porque o tecido não segurava mais nem agulha nem fio. Portanto, não me era possível apresentar-me

nela diante de gente honesta e tive que cobrí-la com a roupeta caseira. Mas tudo isto e muito mais sucede pelo amor de nosso Salvador Jesús Cristo, que morreu descoberto e nu sôbre a cruz. Não é o servo mais do que seu senhor.

No dia 5, pouco depois do sol-nascer, vimos finalmente — eterna gratidão, devida honra e louvor a Deus no alto dos Céus, à misericordiosa Mãe de Alt-Oettingen, aos santos Anjos e às pobres almas do Purgatório — vimos, pois, finalmente o pôrto almejado de Buenos-Aires, que significa tanto como "bons ares".

Os primeiros descobridores assim chamaram o lugar, porque aquí costuma, o ano todo, soprar o ar mais salutar e temperado.

Perto da noite, avistámos dois pequenos navios saindo do pôrto, cada qual com quatro marinheiros aos remos, e vir em nossa direção com tôda velocidade. Num dos botes achava-se o filho do então governador, com três alcaides ou jurados, no outro o Padre *Procurator Collegii.* Vinha o primeiro como emissário da comunidade, para recepcionar o novo governador, o Padre Procurador vinha em nome da Sociedade Paraguaia para receber a nós missionários. Ambos os botes estavam carregados com diversas qualidades de víveres, frutas americanas, provisões e refrigérios, para alimentar os famintos. O Padre trazia quatro grandes carneiros e dois lindos terneiros, caso quiséssemos comer carne, os quais nós, porém, demos aos soldados famintos. Além disso, trouxe êle as mais variadas espécies de frutas, como sejam maçãs, melões, melancias, que os espanhóis chamam de *sandías,* bem como cebolas e alho, vinte pães branquinhos, recém-cozidos, que também aquí eram servidos sem sal, mas ao que eu já me acostumara. Além disso, uma barriquinha de mel artificial, uma caixinha de confeites e doces, confeccionados de limão e rodelas de limas açucaradas. Tudo isso nos era oferecido com o máximo carinho. Como bem apeteceu a nós famintos, bem o podem imaginar nossos leitores religiosos da Europa.

O segundo navio trouxe os mesmos dons preciosos aos senhores governadores, capitães e negociantes, bem como às suas damas, que haviam todos jejuado valentemente conosco. Foram estes os primeiros frutos que experimentámos na América e da América. São todos sobremodo gostosos e saùdáveis, e não fazem mal a ninguém, embora depois beba água, tanto quanto queira.

O dia 6 de abril eu quisera antes consignar com ouro, em vez de tinta, pois era a sexta-feira almejada da Paixão do Senhor e dedicado à Dolorosa Mãe de Deus, além disso o dia natalício de nosso navio Almiranta, dia em que finalmente, após tão longa e penosa viagem, chegámos a Buenos-Aires e pusemos o pé no solo da América.

Esta manhã não se ouvia sôbre o Rio da Prata outra coisa, senão o trovejar alegre dos canhões metálicos, o som marcial das trombetas, o murmurar dos tambores e pífanos, o vozerio faceiro dos marinheiros e pescadores. Não se via outra coisa senão o oscilar de pendões de guerra, estandartes e bandeiras. Na margem, via-se algumas companhias de guardas espanholas a-cavalo e a-pé, bem como incontáveis americanos (19), com os seus instrumentos musicais. As indígenas com seus filhos menores, duas em u'a mão, dois sôbre o braço, os negros com as suas negras, jovens e velhos, grandes e pequenos, pretos e brancos, nus e vestidos, batizados e não-batizados, todos vinham ao nosso encontro, cumprimentavam-nos alegremente e nos beijavam a mão sagrada. Quem é que teria contido as lágrimas? Eu, Reverendíssimos Padres e benévolos leitores, eu não o conseguí. Ajoelhei-me e com grande devoção beijei a terra, à qual havia vindo da Europa, para saturá-la com meu suor e sangue, na qual pretendo agir e trabalhar e sôbre a qual, pela misericórdia divina, pretendo alcançar a bem-aventurança de minha alma. Abracei, depois, meus gracís ìndiozinhos e lhes estendí a mão para beijar.

Acompanhados da multidão dos nativos, bem como do reverendíssimo Padre Provincial Gregório de Orosco e de todos os Padres do Colégio, saímos do pôrto em direção reta à nossa igreja. Aí rendemos as devidas graças ao Deus todo-poderoso e à sua Dolorosa Mãe e assistimos ao *Te Deum Laudamus*, que os índios não cantaram mal, enquanto repicavam os sinos de tôda a cidade.

É êste, pois, o relato de viagem, que prometí aos Reverendíssimos Padres e a tôdas as pessoas mencionadas na primeira fôlha. Perdoem-me todos por haver escrito tão mal e miseràvelmente.

Segue-se, agora, outra descrição de viagem, na qual conto como de Buenos-Aires cheguei às reduções indígenas.

---

(19) Obedecendo à linguagem da época, o Pe. Sepp chama os nativos de "americanos".

Capítulo VI

NOVO DIÁRIO CONTENDO A DESCRIÇÃO DA VIAGEM DE NAVIO, QUE O PADRE ANTÔNIO SEPP ENCETOU DE BUENOS-AIRES, A 1.º DE MAIO DE 1691, PARA ALCANÇAR AS REDUÇÕES DOS ÍNDIOS, DUZENTAS MILHAS ALÉM SÔBRE OUTRO RIO, CHAMADO URUGUAI

Antes de embarcar novamente e antes de iniciar minha nova descrição de viagem, acho útil e de bom alvitre relatar algo sôbre Buenos-Aires, portanto juntar à minha história um relato. Encontrareis, por certo, em muitos escritos, descrições mais pormenorizadas dêsse objeto; não obstante parece-me ser mais agradável o relato dum bom amigo, que descreve as coisas de conhecimento próprio. Além disso, acredita-se mais na pena dum conhecido do que na dum desconhecido.

Depois de havermos sido recebidos em Buenos-Aires com as maiores honras, no dia 6 de abril de 1691 — como já referí na minha primeira descrição de viagem, o Reverendo Padre Provincial achou como muito necessário que os quarenta e quatro missionários, bem como os recém-vindos leigos, que nos haviam servido sôbre o navio, tivessem um mês de descanso, porque nossas fôrças esgotadas, após tão penosa travessia, tinham que refazer-se primeiro. Embora ninguém tivesse que pagar com a morte, a maioria estava extremamente enfraquecida. Especialmente os espanhóis, que pela primeira vez tinham viajado por mar, estavam lastimados até quase à morte, quando chegaram a Buenos-Aires. Por isso, êsse descanso era realmente necessário para todos e também nenhum mal podia fazer aos Padres alemães. O primeiro cuidado do Reverendo Padre Provincial e do Reverendo Padre Reitor foi de exercer as obras de misericórdia corporal na pessoa de seus pobres irmãos. Alimentou os famintos, deu de beber aos sedentos, vestiu os nus, hospedou os estranhos com todo carinho e generosidade e cuidou de tudo, tanto quanto lhe estava ao alcance e o permitisse a pobreza do Colégio. Nós, no entanto, que estávamos bem sãos, começámos logo a trabalhar na vinha do Senhor. Durante tôda a Semana Santa ouvimos as con-

fissões dos espanhóis. A povoação nesta cidadezinha é quase tôda espanhola; os índios vivem mais para o interior, em seus aldeamentos.

Neste Colégio, que é o maior depois de Córdoba em Tucumã, achavam-se com o Padre Provincial e seu Padre Sócio ao todo oito Padres e um Irmão, que sem dúvida tinham que trabalhar às mãos cheias. Pois é esta Província maior que tôdas as Províncias alemãs, neerlandesas, francesas e italianas juntas, isto é, em extensão territorial. Embora só conte com oito Colégios, só 160 membros, sim, não chega a ter uma residência própria, mas só colégios e missões, todos a distâncias incomensuráveis uma da outra, ficando um estabelecimento do outro a cem, duzentas, trezentas, quatrocentas, quinhentas e, até, mais de seiscentas milhas.

Buenos-Aires é separada de Córdoba em Tucumã por uma enorme planície tão plana como o Lechfeld (planície na Baviera. N. do T.), que se estende por mais de duzentas milhas até Córdoba. Sôbre estas duzentas milhas não se encontrará uma só árvore que seja, mas só lindos campos lisos e pastagens. Não se encontra tão-pouco uma só aldeia ou casa ou cabana de pastor, mas só milhares de reses e cavalos, que não pertencem a ninguém, mas a qualquer um que os queira ter. Basta atirar-lhes o cabresto pelo pescoço e levá-los embora. Mas, passemos dêste extenso campo enorme para a cidadezinha, para o forte de Buenos-Aires.

Como já disse, está Buenos-Aires situada sôbre o 35° grau da latitude polar antártica, assim como Cádiz está localizada sôbre o 35° grau da latitude polar ártica. É uma cidadezinha pequenina, constituída só de duas ruas, abertas em encruzilhada. Não chega a ter a metade do tamanho do distrito de Unter-Kaltern ou de Klausen (Baixo-Caldaro e Chiusa all' Isareo, ambos em Bolzano, no Tirol Meridional. N. do T.). O governo está nas mãos dum prefeito da coroa espanhola. Em cada cinco anos é mandado da Espanha um novo senhor, que assume o govêrno. Os quatro conventos de ordem religiosa que há aquí pertencem aos Franciscanos, Dominicanos, Trinitários e à Companhia de Jesús. Vivem todos em extrema pobreza e privação, porque a carestia aquí é extraordinàriamente grande. As casas e igrejas não são de pedra, mas de barro e lama. Têm tôdas só um andar, e isto não porque faltassem pedras, mas porque o preparo da cal até agora é desconhecido. Só neste ano os Padres encontraram uma maneira de queimar cal. Já faz cinco anos que queimam tijolos e têlhas. Pretendem construir nova igreja. Já começaram com a construção de uma grande e linda tôrre de pedra e cal. A metade da tôrre já foi levantada. Os arquitetos são jesuítas e os operários dos nossos índios, que foram mandados das reduções para

Buenos-Aires. É assim que o Colégio e algumas poucas casas da cidadezinha já estão cobertos de têlhas. Os telhados restantes ainda são todos de palha.

O castelo, onde reside o senhor governador, também é construído de barro e é defendido por um fôsso e um baluarte. Para a defesa da cidade e de todo êste grande país não há mais do que novecentos soldados espanhóis. Mas se surgisse algum perigo, poríamos imediatamente a caminho mais de trinta mil índios de nossas reduções, aliás todos a-cavalo, e estes sabem muito bem lidar com mosquetões e manejar a espada, bem como atacar em formação de meia-lua, vindo dos flancos de batalha, formar esquadrões, lutar na ofensiva e defensiva, e isto tão bem quanto qualquer europeu. Além disso foram exclusivamente instruídos pelos Padres. Sem falar de suas flechas e arcos, lassos e clavas, em que ainda são mestres desde a sua situação pagã.

O govêrno espiritual consta de um bispo e três cônegos. As rendas episcopais só orçam 3.000 *Talers* por ano, soma que aquí vale menos do que dois mil *Gulden*. Porque nesta terra a prata vale muito menos que o ferro. Por conseguinte, se queres uma faca, que na Alemanha custa três *Kreuzers*, pagarás todo um *Taler*, e por um chapéu de meio *Gulden* pagarás dez a doze *Talers*. Sim, umas calças de trinta *Gulden* não a obterás por vinte ou trinta *Talers*, e muitas vêzes nem por isso (20).

A comida, ao contrário, é baratíssima. Uma grande vaca gorda — aquí não se come a carne de novilho ou de boi — não custa mais de dois *reales de Plata*, isto é, 16 *Kreuzers* em moeda alemã. Por um cavalo não se paga mais de meio *Gulden*, e, entre os nossos índios muito menos ainda. Por um pequeno canivete de um *Kreuzer* pode-se obter dois lindos cavalos, por uma agulha ou uma brocha troca-se um enorme touro. Disso tudo darei informação mais ampla, quando falar dos indígenas.

Nas redondezas da cidade há matas inteiras de pessegueiros e amendoeiras. São livres e não pertencem a ninguém. Usa-se para lenha a madeira dessas árvores frutíferas. As árvores aquí ninguém obtém por mudas, mas as pevides das frutas são semeadas como o grão. Já no ano seguinte dão frutos. Castanhas e nozes, entretanto, não medram tão bem.

A existência dos pessegueiros se explica da seguinte maneira: Quando os mouros africanos devastaram a Espanha, trouxeram de sua terra grandes quantidades de pevides de pêssego, para com êles acabar de exterminar completamente os espanhóis. É que esta fruta tem entre êles ação pestilencial, e quem lá come um pêssego morre imediatamen-

(20) O *Kreuzer* é moeda pequeníssima, correspondendo ao nosso vintém.

te (21). Assim semearam êles pevides de pêssegos, na intenção de obter na Espanha os mesmos efeitos nefastos. O jardineiro e agricultor divino, porém, inverteu o jôgo, e os cristãos comeram a vida em vez da morte. Mais tarde, então, os nossos Padres trouxeram o pêssego da Espanha para o Paraguai e com o tempo plantaram matas inteiras de pessegueiros.

Do mesmo modo há aquí também dos mais doces figos brancos e pretos. Durante os dias santos pascais, em abril, comí diligentemente aquelas frutas em nossa quinta. Um negro, preto como carvão, levou-me à mata de figueiras, trepou nas árvores, colheu as frutas e mas dava. Como ficou êle admirado em me ver comendo tão prazeirosàmente e quanto me apeteciam as frutas que me eram servidas por sua mão preta. Que poderia eu dar-lhe por sua gentileza? Não tinha outra coisa comigo, senão uma cruzinha espanhola, que lhe dei pelos figos. Mas, admirado fiquei quando de modo algum quis aceitá-la, dizendo que era demais, nunca Padre algum lhe havia dado coisa semelhante em troca dalguns figos. Ri de todo coração, pois sabia muito bem que os pobres dos Padres espanhóis nada têm, para fazer dêstes presentes, e disse ao negro: "Toma-a, meu filho; o que te dou bem o mereceste, e Deus te retribua os teus bons figos". Quem ficaria mais contente que o meu negro! Logo me beijou a mão e disse: "Nunca em minha vida encontrei Padre tão amável como tu. Dize-me sempre quando e quantos figos queres, e sempre tos trarei". Com isto saímos da quinta. Era êste negro um servo batizado do Colégio. E' bem sabido como costumam ser tratados os escravos. Por isso, as minhas palavras lhe pareciam mais doces do que a mim os seus figos.

Durante nosso período de descanso e folga creio que ninguém recebesse mais visitas em todo o Colégio do que nós dois Padres alemães. Queriam saber tudo de nossa parte, sôbre Sua Majestade a Rainha, sôbre o excelentíssimo senhor pai, que Deus queira abençoar. Êste queria saber quantos príncipes e princesas êle tinha. Aquêle perguntava por Sua Majestade Imperial e sôbre o curso da guerra húngara. E tínhamos que contar, como Viena foi libertada, Ofen (22) conquistada, Belgrado obrigada a render-se e conquistada a Transilvânia. Depois a palestra girou em tôrno do rei Luiz, como se houvera tão mal na administração do reino, de que, aliás, aquí nada sabiam (23). Também da cisão fran-

(21) O Pe. Sepp é outra vez enganado por uma lenda qualquer.

(22) Bairro da cidade de Budapest.

(23) Referência aos fatos sucedidos em 1689, chegados de-certo ao conhecimento do autor, antes de sua partida: a devastação do Palatinado, a destruição do cas-

cesa do P. Fontaine etc., etc., tínhamos que contar, e uma infinidade de coisas mais. Todos nos ouviam com a máxima atenção. Mas com isso o Rev. Padre Provincial e o Rev. Padre Reitor Inácio de Frias, que na qualidade de Procurador levou esta minha carta para Roma, não estavam satisfeitos. Como soubessem que eu tinha alguma prática na música, tive que lhes tocar alguma coisa. Toquei sôbre a tiorba grande, que trouxera de Augsburgo, bem como sôbre a tiorba pequena, que trouxera de Gênova. Lancei mão, depois, do apreciado saltério do mui reverendo Padre Jacó Marell, *quem millies Cordi meo adstringo, & has literas communicari unicè pro meo & suo solatio cupio, expecto responsum suavissime Pater Jacobe: O CHARA PATIENTIA! non sunt condignas passiones &c. Jam in hoc mundo recipio promissum centuplum pro illa CHARA PATIENTIA, NON MARA SED EST CHARA MAGNA JOBI FILIA &c. Ignoscat Lector, Amoris haec vis est, quo Patrem Jacobum jam olim ob tot beneficia accepta revereri debui & amplecti: de quo illud Patris Hugonis dicere possum: Ille meos gemitus, mea suspiria solus* (a quem de mil maneiras me sinto cordialmente obrigado e a quem peço instantemente que transmita esta carta, para meu e seu consôlo; espero respostas, suavíssimo Padre Jacó: Ó cara paciência! Não são dignas de comparação as penas etc. — isto é, dêste mundo com a glória futura. — Já neste mundo recebo o prêmio centuplicado pela cara paciência. Não amarga, mas cara é a grande filha de Jó etc.. O leitor queira perdoar, o amor é o culpado a que já antes devesse reverenciar e abraçar o Padre Jacó por causa dos muitos benefícios recebidos: a êle posso aplicar a conhecida expressão do Padre Hugo: Só êle conhece meus gemidos, meus suspiros). Quando, como disse, terminei de tocar as duas tiorbas, o saltério apreciado tocou o coração dos Padres, que nunca haviam ouvido coisa semelhante. A princípio fiz com que se assentassem de tal modo que só me ouvissem tocar, sem, entanto, me ver. Mas logo não mais puderam conter-se, vinham para meu lado, para seguir a música com ouvidos e olhos. Depois toquei com o Padre Antônio em dois tipos de flautas, que comprara em Gênova. Também tive que tocar um pouco viola e trombeta, tendo eu comprado esta última em Cádiz. Toquei corretamente, como costumo fazê-lo, e só um pouco, mas o pouco foi muito bem apreciado e recebido pelos Padres. Mostrei-lhes, depois, a tese do Rev. Vicente Migaz, que a pedido do Rev. Padre Jocó Guilherme oferecemos ao Padre Provincial, e a "Controfe" (24) do duque de Lorena (de gloriosa

---

telo de Heidelberg e os impostos extorquidos de Manheim, Speyer e Worms pelas tropas do rei Luiz XIV.

(24) Deve ser um livro pedagógico. No entanto, não me foi possível esclarecer devidamente êste pormenor.

memória), que presenteei ao Pe. Sócio. Aos outros Padres dei diversos pequenos presentes, objetos que na Europa se usam na instrução da infância, pequenas imagens de Nossa Senhora, feitos de argila e confeccionados em Sevilha, e outras coisas mais. Tudo foi recebido com o máximo reconhecimento, como se fôra ouro e prata. Uma imagem, que por causa de sua péssima qualidade chamaríamos de "droga", pode muito bem ser, com tôdas as honras, oferecida aquí a um Padre Reitor ou a um Provincial; êle por isso não será menos reconhecido como alguém da Europa, a quem se oferecesse a mais encantadora miniatura. Isto só se explica pelo fato de aquí haver a máxima carência dêsses objetos. Os negociantes da Espanha aquí não querem ceder vendedores de estampas e por isso não trazem nada disso para os nossos. E por cima do mar os quadros de pergaminho, medalhas e rosários também não podem voar.

Meu Padre Antônio Böhm também não se mostrou menos generoso e distribuíu diversos objetos espirituais entre os Padres. Ao Rev. Pe. Provincial ofereceu êle uma cruz de madeira, sôbre a qual se viam os sete quadrantes em gravação artística. Entre os demais Padres distribuíu cruzes menores da mesma espécie, que êle havia confeccionado em Sevilha e Cádiz. Todos se mostraram sumamente satisfeitos por êsses presentes.

Com essas dádivas simples e sem valor nós nos tornámos muito benquistos. Todos queriam saber de que Província éramos e por que a nossa Província *Germania Superior* (25) até aí não mandara nenhum missionário para o meio dos indígenas. Porque aquí sempre houve Padres de tôdas as Províncias, até da Galo-Bélgica, uns padres meio franceses (26). Por isso — assim diziam os Padres — parecia até que nossa Santa Província era ou muito orgulhosa ou não considerava devidamente as Índias, ou então entre nós não havia candidatos suficientes. Ora, revidámos todos os três pontos com a devida modéstia. Dissemos: A única causa disso é que só tínhamos poucos Colégios e muito menos pessoas, dependendo diretamente da Casa de Áustria. Ao que êles retrucaram: Então não está todo o Império Romano submisso ao imperador? Confirmámo-lo. Ao que então responderam: Se fôr assim e se vossos Colégios estão situados no Império Romano, que é que impede que dentre vós não se enviem Padres, já que a Coroa de Espanha não só governa a Áustria, mas como Coroa Imperial todo o Reino? E quanto aos bává-

(25) Nome latino da Áustria.

(26) O Pe. Sepp mostra que estava proìbida a entrada no reino colonial espanhol dos jesuítas franceses, por causa das desinteligências entre as duas coroas.

ros, são êles, em virtude de Sua Excelência Maria Antônia, inteiramente imperiais, quer dizer austríacos e espanhóis.

Fazendo abstração de tudo isto, digo (e já o escreví pormenorizadamente de Sevilha): Não estamos muito bem informados em nossa Província, quando acreditámos não serem os bávaros, zuavos, suíços e palatinenses tanto quanto os tiroleses ou vienenses. Na Espanha não cuidam dessas distinções, e em geral os espanhóis nem distinguem essas nações entre si, mas para êles todos pertencem ao Império Romano e Alemanha. Dizem: Se os Padres, que enviamos para as Índias, procedem da Província *Germania Superior* é o quanto basta. O essencial é que não sejam franceses, porque só esta nação é que é odiada na Espanha e é excluída do direito de penetrar no território das Províncias espanholas. Talvez suceda que um ou outro se ria de mim e diga: O Padre Antônio Sepp está erradamente informado sôbre o assunto, e nós muito melhor sabemos a quem devemos mandar e a quem não. Pois bem, estes que tenham razão, desde que isto se dê por outros motivos e não por causa da nacionalidade bávara, zuava ou suíça. Seja-me permitido fazer apenas uma pergunta, com a qual esclareço tudo que tenho dito: Pergunto, se é austríaco quem nasceu em Roma? Ou se está submisso à Coroa da Áustria quem nasceu em Gênova? Creio que não! E a-pesar-disso temos aquí Padres Romanos e genoveses. Só porque sejam imperiais — o que, de resto, não se dá com os genoveses. Poderia alguém obtemperar-me: Se é por isso, pode o Reverendíssimo Padre Geral dar a dispensa. Tanto melhor! Se fôr assim, com mais razão deve êle dispensar os bávaros, zuavos e suíços.

Para reforçar êste ponto, mais o seguinte: Meu caro Padre Antônio Böhm estava muito preocupado que o considerassem como ambergense (27) ou como palatinense, e por isso o excluíssem da missão indígena! Para tanto, modificou parte do seu nome, acrescentando-lhe "*Adami Bohemi*"; portanto, "filho de Adão Böhm", conforme o nome do pai. Segundo, acrescentou ainda *Montipolitanus* (28), modificando depois o nome para *Molipolitanus* (29). Um montipolitano de Innsbruck — isto eqüivale mais ou menos como a um veneziano natural de Munique! Numa informação sôbre nomes e locais de procedência dos missionários, que de tempos em tempos é enviada ao Conselho Real de Madrí, inscreveu-se então o seguinte: *Pater Antonius Adami Bohemi Montipo-*

(27) Amberg, cidade do Alto-Palatinado, a leste de Nuremberg.

(28) *Montipolitanus* quer dizer, portanto: natural de Amberg.

(29) *Molipolitanus*, no entanto, significa: cidade dos molhes ou pontes, isto é, Innsbruck.

litanus Ratisbonae in Tyroli natus anno etc. (Padre Antônio, filho de Adão Böhm, ambergense — ou montipolitano de Ratisbona no Tirol). Quem quiser rir, que ria! Eu e meu caro Padre Antônio, nós nos rimos a valer e estávamos de bom ânimo! No assunto pròpriamente dito (30), constitue isso um êrro, porque o Padre *Procurator Indiarum* fez o seguinte: Para não precisar citar em separado a pátria com o nome de cada Padre, colocou êle todos os Padres da mesma origem sob o nome da Província correspondente; e como nossos dois nomes estivessem juntos e eu escrevera "natural do Tirol", era claro que o bom Padre Böhm também tinha que ser do Tirol, a saber de Ratisbona, o que explica o que já disse acima.

Isto, meu prezado leitor, meus caros Padres e Irmãos, se deu por puro santo zêlo e por amor que tenho para com estes pobres indígenas. E também por amor à minha Santa Província (31), cujos membros em todos os tempos considerei como particularmente aptos para a Missão. Assim como por parte dos superiores daquí somos preferidos e escolhidos entre os demais, o que em breve se revelará particularmente na pessoa do santo missionário Padre Antônio Böhm. Com o que não quero afirmar que os índios gostem mais de nós de que dos outros missionários. Mas agora voltemos à nossa descrição de viagem.

Depois que descansámos um mês em Buenos-Aires, como disse, o Rev. Pe. Provincial enviou os recém-vindos da Espanha para Córdoba em Tucumã, para que lá pudessem prosseguir em seus estudos, porque todos eram em parte noviços, em parte ainda não haviam concluído seus estudos de filosofia e teologia. Os Padres estrangeiros, no entanto, todos já homens adultos, alguns com os cabelos já brancos, êle os enviou para os aldeamentos indígenas, que, seguindo o curso do Paraná e Uruguai acima, ficam mais para o interior do país.

A navegação pelo rio se fêz do seguinte modo: Anteriormente haviam sido chamados trezentos cristãos indígenas, para que viessem ao rio e nos transportassem em suas pequenas embarcações rio acima. Estas pequenas embarcações que os espanhóis chamam de *canoas*, eu as preciso descrever um pouco, antes de embarcarmos:

Toma-se duas árvores, possìvelmente bem reforçadas, de 70 a 80 pés de comprimento e 3 a 4 pés de grossura. Estas a gente amarra uma

---

(30) Trata-se de pequena fraude para encobrir a origem bávara de Pe. Sepp. A Baviera não fazia parte da Casa dos Habsburgos.

(31) Palavras que designam a "Província alemã" da Companhia de Jesús. Sabe-se que os jesuítas, para fins de administração interna, dividiram todo o mundo em "províncias". Todos os jesuítas de uma "província" estão subordinados ao "Padre Superior" correspondente a essa "província".

na outra com varas de vime, numa distância de um passo. Sôbre esta balsa deitam os índios cana de bambú de doze pés de comprimento e dois palmos de espessura, e isto no meio dos troncos. Em seguida, constroem em cima uma choça ou casinha de palha ou bambú mais fino, do tamanho que nelas caibam dois ou três, e, até, quatro Padres. As paredes e o telhado são, da mesma maneira, de palha, e por cima cobertos de couros de boi. Dum lado acha-se uma janelinha, do outro uma portinha, que também é feita dum couro de boi. Embora essa choça seja simples e de palha, para um missionário que em Cristo morreu para o mundo, ela representa tanto quanto o palácio de Munique ou Innsbruck ou o palácio da Câmara de Augsburgo. Nelas pode ler seus livros espirituais, falar em silêncio com o seu Deus, escrever, comer, dormir e fazer todos os seus exercícios espirituais, como se morasse em terra firme, em seu Colégio. Tudo isso pode êle fazer sem estôrvo algum, pois mal percebe que a embarcação anda, pois a água não rumoreja em virtude da incomensurável largura do rio, mas está antes parada que correndo, e porque os índios sabem remar tão cuidadosamente, que mal se ouve o barulho dos remos. Também os índios não falam entre si uma única palavra o dia todo enquanto remam, nem gritam ou cantam para não molestarem o Padre em suas orações ou seus exercícios.

Nessas canoas ou pequenos navios embarcámos, pois, no dia 1.º de maio do ano de 1691, e isto num lugar que dista quatro milhas de Buenos-Aires, para evitar que os índios precisassem ir com suas canoas até Buenos-Aires. E' que os Padres não admitem que os índios convertidos entrem em contacto com os espanhóis, porque os índios batizados, que são gente boa e simples, se desgostam e contristam quando vêem algo de mal no meio dos cristãos. E os espanhóis não primam por serem os melhores. Embarcámos, pois, em nossas canoas, a dois e a três. Cada canoa era remada por vinte e quatro homens rio acima, o qual se parecia como um grande mar, liso e calmo, como se não tivesse correnteza. Não precisávamos temer nem Netuno enfurecido, como no Oceano Atlântico, nem Éolo furibundo, nem bancos de areia, redemoinhos ou arrecifes.

Depois que assim passámos o Rio da Prata, encontrámos ilhas, ora à direita, ora à esquerda, cada qual maior e mais linda que a outra. Alegravam-se olhos e coração à vista das magníficas árvores verdes, nunca vistas, dos arbustos e bosques, das moitas e sebes. Aquí, as mais lindas palmeiras, cheias de frutos amarelos, convidavam-nos para as suas sombras seguras; alí, o loureiro sempre verde oferecia abrigo contra tempestades e trovoadas. Limeiras e limoeiros, carregados de seus frutos bem cheirosos, e inúmeros outros frutos desconhecidos acenavam ao faminto e sedento, de modo que pensávamos estar navegando num outro pa-

raíso. Esta pompa e magnificência mal se pode descrever. Todos os parques da Itália, todos os chafarizes da França, tôdas as ilhas e paisagens dos Países-Baixos, todos os lagos, viveiros e tanques principescos de peixes da Alemanha têm que recuar ante tamanha beleza. Só é de lastimar-se que tôdas as ilhas, tendo eu contado umas sessenta rio acima, não sejam habitadas por viv'alma, mas ermas e completamente abandonadas. Sôbre elas, que poderiam conter os jardins de recreio de imperadores e reis, se o grande Criador do Universo as houvesse criado na Europa, moram sòmente animais selvagens.

Muitas espécies dos mais capitosos peixes há aquí em superabundância; entanto, ainda não vi nenhum peixe, que se parecesse com as nossas variedades européias. Eu mesmo peguei alguns peixes, sem anzol ou nassa. Basta juntar as mãos, mergulhá-las n'água e retirá-las de novo bem ràpidamente. A água chega a formigar de tanto peixe. E quando os raios solares aquecem um pouco a água, os peixes saltam incessantemente para o alto e caem seguidas vêzes sôbre os navios que passam. Assim também nós tivemos o prazer de pegar diversos. A causa disto consiste em que desde a criação do mundo ninguém ainda pescou aquí.

Depois de oito dias, deixámos o *Rio de la Plata,* o Rio da Prata, que daquí para diante se chama Rio Paraguai, e, pela mão direita, entrámos para o Rio Uruguai. Então deixámos o grande Rio Negro à mão direita e o *Rio Tercero* pela esquerda. O Uruguai tem suas cabeceiras a mais de trezentas milhas, no Brasil. À sua margem, a duzentas milhas de Buenos-Aires, ficam localizadas 14 de nossas reduções indígenas, os aldeamentos e os povos. As doze restantes acham-se à margem direita do rio Paraná, mais para o interior do país. No mapa universal, extremamente lindo e útil, do R. P. Scherer, está consignada a localização exata de nossas reduções. Se o benévolo leitor quiser fixar um mapa dêsses, tomá-lo-ia pela mão e o levaria para as nossas reduções.

Primeiramente, procure Buenos-Aires e deixe à mão direita o Cabo de Santa Maria; então, um pouco para o interior, encontrará um rio, desenhado bem pequeninho e sem nome. Êste rio é o Uruguai. E' tão grande como o Danúbio junto a Viena. À sua margem, resido na primeira redução, de onde estou escrevendo êste relato. Depois, o benévolo leitor encontrará, mais rio acima, primeiro São Nicolau, depois São Xavier, em seguida, mais rio acima ainda, Santíssimo-Sacramento e finalmente São José.

Aquí preciso anotar que o R. P. Scherer, em virtude do espaço apertado sôbre o mapa, não pôde prover tôdas as localidades com seus nomes. Assim, São Nicolau está consignada em primeiro lugar na margem do

Uruguai, quando na realidade existem mais seis localidades antes daquela, de modo que São Nicolau só deveria figurar em sétimo lugar.

Japey, consagrada aos Três Santos Reis, é o primeiro aldeamento junto ao Uruguai, dentro do qual me encontro presentemente. Daquí, Santa-Cruz dista sete léguas, daí havendo então vinte milhas até São Tomé. Outras localidades são São Borja, Apóstolos, *La Concepcion* e assim por diante (32).

Hoje, dia 15 de maio, deixámos nossas barquinhas e fomos uma hora ou hora e meia passear num matinho próximo, para nos refazermos um pouco. Na praia encontrámos grande quantidade de pedras de côres, sumamente lindas, que, se alguém as soubesse polir e brunir, nada ficariam devendo às mais legítimas pedras preciosas (33). Encontrámos também uns utensílios bem curiosos, feitos de pura terra e a-pesar-disso bem resistentes; por dentro eram bem lisos, como vidrados; os índios enchem essas vazilhas de água, e na época estival quente dependuram-nas de noite ao ar livre. Assim conservam bem fresquinha o dia todo a sua água potável, como se estivesse estado sôbre o gêlo. Ainda se encontram neste rio plantas bem curiosas, pedaços de madeira, parecendo meio madeira, meio pedra. Uma casca de limão estava tôda petrificada, bem como um pedaço de carne. Não sabemos como é que surge essa petrificação, se a água tem o poder de fazer semelhantes transformações. Tudo isto é muito curioso de ver-se.

No dia 20, ao nascer do sol, todo um bando de bárbaros selvagens veio correndo em direção de nossas embarcações. Mandámos logo nosso intérprete ter com êles, para perguntar-lhes o que queriam. Responderam que vinham em boa paz e nos ofereciam alguns cavalos para compra. Quando o soubemos, fomos em terra e cumprimentámo-los muito amàvelmente por intermédio do intérprete e perguntámos o que queriam por cada cavalo. Um dos selvagens queria alfinetes, outro uma faca, êste um pouco de fumo, aquêle um pedaço de pão e um anzol. Um dêles pediu apenas um pouquinho duma erva paraguaia (34), que não é outra coisa senão as fôlhas sêcas de determinada árvore, que são moídas em pó. Êste pó os índios deitam na água e dela bebem então, e isto deve ser

(32) Em maio de 1691 as reduções à margem esquerda do Paraguai (São Nicolau, São Miguel, São Luiz-Gonzaga) contavam três anos de existência. São Borja havia sido fundada alguns meses antes (1690). Deve ser aquí a primeira vez que aparece em letras de fôrma o nome de São Borja.

(33) E' digno de menção que, nesta referência tão longínqua, já se falem das pedras semi-preciosas ágata e ametista, contidas no pedregulho do Uruguai, e tornadas, mais tarde, o símbolo do Rio-Grande-do-Sul.

(34) Uma das primeiras descrições do mate, que desempenha, ainda hoje, papel preponderante na alimentação e na economia do gaúcho.

extraordinàriamente saùdável. Outra vez relatarei mais a respeito. Comprámos, portanto, mais de vinte lindos cavalos grandes e nem um *Taler* gastámos ao todo. Que compra, hein? E os bárbaros se regozijavam pelo pagamento, assobiavam de alegria, o que é seu costume, e agradeceram-nos bem amigàvelmente. Havia uma grande amabilidade nesses homens selvagens e primitivos.

Sua vestimenta consistia numa pele de veado, que vai dos ombros até o chão (35). Uma pele de veado destas só veste o cacique-chefe, que, de resto, sempre é o mágico e feiticeiro, ao passo que a plebe ordinária só veste uma pele em tôrno do corpo até os joelhos. As meninas e os rapazes andam como Deus os criou, em *puris naturalibus*. Na cabeça não têm outra coisa senão seus cabelos pretos compridos, soltos e desgrenhados, que se parecem com a cauda dum corcel robusto. As orelhas são furadas. Em vez de brincos, levam certos pedaços de osso, bastante parecido com madrepérola, ou algumas peninhas coloridas, prêsas num fio. Da mesma forma, as meninas e os rapazes levam como ornamento dos lábios, junto à metade do queixo, ossos brancos, do comprimento dum dedo e da grossura duma sovela. Se, porém, as crianças levarem peninhas brancas, em vez de osso, isto é sinal de nobreza, ou sinal de que são filhos do feiticeiro. Em lugar dalgum colar, levam uma coroinha de penas coloridas sôbre a pele descoberta, amarradas por um fio. Os homens têm quase o tamanho dos europeus, são, porém, mais baixotes e têm membros e pernas maiores. Os rostos são quase todos iguais, como se fôssem fundidos dum mesmo modêlo; não são alongados, mas redondos; não de feições plásticas, como os nossos, mas comprimidos e chatos; não pretos como os dos negros africanos, mas pardo-escuros ou cinzento-claros e horríveis de ver-se. Na mão levam incessantemente um arco e um feixe de flechas. De todos os pagãos são êles os mais audazes e robustos, os mais pugnazes e os mais afeitos à magia. São os que se chamam de Yaros. São os que pretendiam roubar a vida ao santo homem Padre Böhm, como já referí ligeiramente, e como vou contá-lo mais além com maiores pormenores. Para convertê-los, foi êle enviado pelos superiores antes dos outros Padres Missionários, e hoje ainda mora entre êles, no maior perigo e privação, em trabalho e suor.

Além disso, havia entre êsses bárbaros alguns recortados e retalhados em todo o corpo. Mas as feridas sararam novamente, de sorte que só se viam as cicatrizes. Entretanto, só os mais robustos, os maiores e os mais proeminentes entre êles é que levavam esses sinais de tatua-

(35) Dêste particular pode-se deduzir que os Yaros eram de estatura relativamente pequena, porque o veado rio-grandense não tem um comprimento muito grande.

gem (36). Essa laceração e esfoladura cruel, de que esses gilvazes são o sinal, êles não a passam quando já são fortes e adultos, mas suportam-na na primeira juventude, e passam a prova sem queixas nem gemidos, mas com sorriso. Êsse martírio — se o sofressem por Deus, seriam êles sem dúvida legítimos mártires de Cristo. Assim, porém, são êles meros mártires do demônio, que aliás macaqueia tudo da Igreja cristã.

Para descrever o elemento feminino preferia o pincel de pintor à pena. O' vós, reverendos Padres, caríssimos Irmãos e benévolos leitores! Quando virdes pintada a imagem duma Fúria infernal ou dum fantasma, duma medusa ou megera, então tereis visto uma mulher indígena dos Yaros! O cabelo é bem preto e desgrenhado, amarrado como se foram serpentes, e soltos, caindo pelas costas; cobre também a testa e desce por cima dos olhos. E' horrível de vê-lo — não só para os nossos pequeninos anjinhos brancos europeus, mas também para as nossas arrojadas mulheres, amazonas e heroínas. O rosto é horrìvelmente queimado e coberto de mil rugas. Os dentes são brancos e a parte mais bonita dessas mulheres infernais, e elas os mostram como os bodes. Seu pescoço é escamado como de verdadeiras escamas de peixe, porque levam como ornato um colar de osso, que se parece como de madrepérola, sendo da mesma espécie seus braceletes e presilhas; de resto, porém, braços, pescoço e peito são descobertos. A mágica e feiticeira, que é a espôsa do cacique, levava uma legítima coroa sôbre a cabeça, coroa tríplice como a papal, mas não preciosa, e, sim, tecida de palha. Também nisso podemos reconhecer a momice do macaco infernal.

Não deitam seus filhinhos no berço mas os envolvem numa feroz pele de tigre. Também os desmamam bem cedo e, em vez do leite, dão-lhes longas tiras de carne crua, da qual essas criaturas inocentes chupam o sangue. O' vós, meus gentís e queridos anjinhos europeus! Quanto melhor é o leite, que sugais do seio de vossas mães! Estas mulheres aquí são antes tigres sangùinários, verdadeiras megeras e fúrias infernais, do que mães.

Os homens, além disso, têm o seguinte costume: Se lhes morre um parente próximo, cortam um dedo da mão esquerda, perdendo, portanto, tantos dedos quantos parentes consangùíneos tiverem. Mais terrível e cruel ainda é o seguinte: Se morre a filha mais linda — se é que alguma dessas fúrias infernais se pode chamar de linda — realizam então um jantar, em que a caveira dos mortos serve de taça, fazendo-a passar de mão em mão.

Tudo isto seja contado por ensêjo da nossa compra de cavalos.

---

(36) Comprovação do costume da tatuagem, entre os moradores primitivos.

Quero ver, agora, se lhe poderei comprar um cordeirinho ou anjinho inocente. Procurarei dar-lhes agulhas e presilhas, facas e anzóis, pão, fumo e mate e oferecer-lhes pela tenra mercadoria quanto desejarem.

No dia 22 de maio fomos novamente ter com os pagãos e infiéis, para comprar-lhes carne, de que haviam carneado uma porção. A quinze passos da margem vimos as suas cabanas, que não passam de simples paredes de junco trançado e armadas do lado donde sopra o vento. Os utensílios domésticos e culinários consistiam de porongos ocos (37), com que buscavam a água do rio. Estavam esparramados pelo chão, e não havia telhado por cima. Em vez dum espêto ou duma frigideira, usam de duas varas (38). Sua cama era uma pele de tigre ou boi, deitada no chão nu, seu cobertor era o grande firmamento azul. O feiticeiro e cacique-mor tinha cama pouco melhor, cama feita de fio trançado como rêde de pescar (39), e estendida ao ar entre duas árvores, de sorte que o cacique podia dormir seguro das cobras e sapos, que aquí são muito grandes e impossíveis de contar, e dos tigres ferozes, que aquí andam aos bandos.

Todos nós, Padres Missionários e índios batizados, fomos ter com êsses indígenas. E como os nossos fôssem muitos, aquêles pobres coitados tiveram mêdo sobremodo grande, tremendo como varas verdes, porque julgavam que queríamos aprisioná-los. Mas quando, em vez de espadas, sabrés e lanças, tirámos alfinetes e anzóis dos nossos bolsos, perderam o mêdo, vieram ao nosso encontro e nos estenderam as mãos. Aquí, um estendia a mão para um alfinete, alí, outro pedindo um anzol, lá, outro tinha as vistas voltadas para o nosso pão branco. Em troca, deram-nos a melhor e mais gorda carne de vaca — como já disse, a carne de boi não é tão boa e por isso não é comida — para os nossos trezentos remeiros, reservando para nós a mais linda e fresca carne de vitela.

Entrementes, tinha eu os olhos incessantemente voltados para as inocentes criancinhas, de que havia todo um bando, pululando como um rebanho de ovelhinhas. Doía-me o coração e movia-me à mais terna piedade ver êsses anjinhos inocentes, que pelo precioso sangue côr-de-rosa de Jesús Cristo foram resgatados, e que, agora privados do céu, um dia deverão ser filhos da eterna maldição. Quando um gentil rapazinho veio ao meu encontro, perguntei-lhe pelo pai, falando-lhe por intermédio do intérprete. Mostram-mo, e assim fomos com a criança ter

(37) O porongo é até hoje usado como balde, pelos moradores da serra rio-grandense.

(38) Ainda se prepara o churrasco desta maneira.

(39) Não se ignora ser a rêde invenção indígena.

com a mãe. Dei-lhe um pedaço de pão e perguntei-lhe se não desejava alfinetes e presilhas. Respondeu afirmativamente, de bôca sorridente. Perguntei-lhe, então, quantos alfinetes, anzóis e fumo queria ter por essa criança, e ao pai prometí levar o menino comigo, vestí-lo todo de novo e cuidar dêle minha vida tôda. O bárbaro logo se mostrou inclinado. A mãe, entanto, não quis dizer que sim, mas opôs-se à compra. Fiz-lhe dizer que ela ainda tinha uma porção de meninas e rapazes, que, portanto, lhe importava essa criança a mais? Ou, se fizesse questão de não me vender justamente êsse seu filho, também estaria satisfeito com aquela menininha, sôbre cuja cabecinha logo coloquei minha mão, e pagar-lhe-ia muitas presilhas e alfinetes e anzóis. A princípio, pareceu que à velha megera isso não parecia difícil. Quando, porém, quis começar com o pagamento e quando tirei os alfinetes e as presilhas e as desembrulhei do papelzinho azul, opôs-se o seu amor natural, e o espírito infernal atiçou mais ainda êsse fogo maternal. Finalmente desfez todo o negócio e negou-me a menina, que eu já julgava ter em minhas mãos (40). Não obstante, o comprador mostrou-se mais generoso do que o vendedor; dei-lhes profusamente, para em seus corações despertar ao menos simpatia para comigo e para com a mansidão cristã, na esperança de que à misericórdia divina aprouvaria em ceder-me, em outra oportunidade, talvez até de graça, essa mercadoria assim tão preciosa e cara. Depois que recebemos a carne, tornámos para as nossas barquinhas.

Hoje, dia 23, coube a mim novamente a ordem de celebrar o Santo Sacrifício da Missa. Depois que isto se fêz, meu Padre Antônio e eu fizemos um grande cruzeiro e erigimo-lo sôbre um outeiro. Como representante de minha Santa Província, gravei nêle as letras: GERMANIA (41), tomando assim posse dêsse país pagão, na grande esperança de justamente aquí, sob o vexilo da Santa Cruz, ganhar esses bárbaros selvagens para a Igreja cristã e de justamente aquí erigir mais tarde uma redução — como, então, mais tarde, a misericórdia divina fêz com que se realizasse. E' que perto dêste lugar o santo homem Padre Antônio Böhm fixou lugar, — eu não era digno disso em virtude dos meus

---

(40) Nossa atitude, em face desta questão, é hoje outra: consideramos o amor materno, irrompendo sùbitamente nesta mulher primitiva, como um traço de moral elevada.

(41) Para atalhar prováveis equívocos: não se trata aquí de um ato de nacionalismo, mas de simples medida de ordem missionária. O Pe. Sepp quer dizer que, na catequização desta terra, também tomaram parte dois alemães, ou melhor, dois jesuítas germânicos. Trata-se de competição entre as diversas "províncias" européias em particular da catequese do Novo Mundo. As "primícias" mencionadas no fim dêste parágrafo são êles mesmos, os Padres Sepp e Böhm.

grandes pecados — construíu, entrementes, cabanas para os índios, erigiu pequena aldeia, construíu uma capelinha de palha, sob a invocação de São Joaquim, o santo genitor de Maria. Dêste breve fato quero deduzir, brevemente, que muitas vêzes a Deus apraz realizar a conversão de povos inteiros por uma obra, que, embora mal feita, foi, no entanto, iniciada de bom coração e com grande zêlo de alma. Porque aquela vez, quando após a minha Santa Missa erigimos o cruzeiro — o que não podia ser feito sem que alguns se rissem de nós e nos mofassem, dizendo: "São, são isso, alemães simplórios?" — aquela vez, disse, ninguém de nós dois jàmais imaginou, que o bom Deus aceitasse essa obra tão modesta com tamanha graça e revelasse já no fim do primeiro ano o seu braço potente na pessoa do seu servo. Era maio, quando levantámos a cruz, e já em janeiro o Padre Antônio iniciou sua missão neste lugar! Vós, porém, Reverendos Padres, Irmãos caríssimos, benévolos leitores, vós, porém, deveríeis incluir diàriamente em vossas santas orações êste novo local de conversão! Pois parece que o Deus fiel quer recompensar à nossa Província a perda de dois dos seus homens! Quanto a mim, fui sòmente fardo e cargo, sem utilidade. Vós, porém, não deveis imaginar que a Província tenha o mínimo prejuízo, se ela enviar um outro membro para os índias! É que, se o Deus grande, bom e misericordioso realizar, por intermédio de todos os que são enviados de nossa Província para o meio dos índios, tanto quanto já realizou por intermédio do Padre Antônio, êsses infiéis bem breve teriam fim, e haveria um só redil e um só pastor. Até agora, é verdade, há aquí apenas as *Primitiae* da até agora ainda desconhecida Província *Germaniae Superioris*.

No dia 24 de maio, os nossos remeiros já haviam consumido tôda a carne, comprada dois dias antes. Tomámos, por isso, dos cavalos comprados no dia 20 por alguns alfinetes, e fomos por meia horinha terra a dentro. Era tôda ela um grande, ininterrupto campo de engorda e cheio do mais lindo gado, que alí pastava. Aí êles pegaram seis vacas gordas e quatro terneiros, cortaram cada animal em quatro pedaços e trouxeram-nos ao rio. Pés, cabeças, pulmões, fígados, o couro e todos os intestinos, tudo isto foi deixado no campo, para pasto das aves. Tudo isto se deu numa hora. Impossível de dizer-se com que perícia e rapidez os índios pegam uma rês, derrubam-na, tiram-lhe o couro e esquartejam-na. Mas muito mais rápido ainda são no comer. São tão dados ao consumo da carne e a ela acostumados, que a comem sempre sem sal, — porque os índios não o têm — sem pão, meio crua e sangrando, e nós não podemos desacostumá-los dêsse mau costume, por mais que nos esforcemos. Assim, sucede, por vêzes, que mandasse a um doente carne bem assada e preparada à maneira alemã com salsa, rosmarinho e mangerona (são

estes os nossos condimentos (42), êle, porém, atira-a aos cães. Prefere encher a barriga com sua carne crua e sangrenta, que passou três vêzes por cima do fogo e pela fumaça. Apetece-lhe esta muito melhor do que minha porção bem cozinhada.

Hoje, dia 25, veio ao nosso encontro, rio abaixo, o Padre José Seravia, da redução Santa-Cruz. Trouxe consigo vinte músicos, que tocavam música sôbre diversos típos de instrumentos, para, em nome de tôdas as reduções, nos receber e nos acompanhar entre júbilo e alegria na nossa entrada na Terra Prometida. Além disso, trouxe consigo uma porção de provisões, noventa lindos pães brancos, duas barriquinhas de mel, pêssegos em compota, cana de açúcar, da qual se faz o legítimo açúcar. Esta cana de açúcar bastante se parece com aquelas canas grossas, que da Itália se leva para Alemanha, e que serve para bengalas. Outrossim, trouxe êle laranjas, limões, maçãs, melões, melancias e outras frutas americanas, extraordinàriamente vistosas. Tudo isso tanto melhor nos apeteceu, porque aqs poucos já estavam faltando os nossos víveres, exceto carne. O Padre que nos recebeu era o primeiro missionário que chegámos a ver, e era um velho bonito, de cãs cinzentas, venerando, que já pastoreava no segundo ano, sòzinho, um rebanho de 5.000 almas, distribuindo-lhe o pão do Senhor. Alegrou-se muito quando soube que haviam chegado quarenta e quatro operários para a grande vinha do Paraguai, e esperava receber também seu auxiliar, o que, então, também logo se deu.

Antes que nos entregássemos ao descanso noturno, pedí ao Padre que, nesta primeira noite do dia de nossa chegada a terras estranhas, no país dos infiéis, nos permitisse cantar a ladainha em honra de Nossa Senhora, a caríssima e mui bendita Mãe. Foi o que se fêz. E muita lágrima derramou-se nessa ocasião. Pois que, quem queria e poderia conter-se, em face das pobres criancinhas indígenas, tão escassamente vestidas e que no país de pagãos bárbaros e ferozes entoavam um hino de glórias à Rainha dos Céus? Era, porém, a primeira vez. Cantei a oração depois do *Salve* e não sei descrever o consôlo indizível que sentí em meu coração pecador. Creio que todos os consolos espirituais que já tive em minha longa vida foram grandemente sobrepujados neste momento.

---

(42) De todos os povos germânicos, os de mais apurado paladar são os austríacos, e entre estes os tiroleses, que dão muito valor à boa cozinha. Conceder o padre tanta importância à arte culinária é, portanto, bem um traço regional típico. Pode-se mésmo supor que tenha trazido, da terra natal, alguns dos diversos temperos mais apreciados, como o fêz com as uvas moscatel.

Fazíamos, daí por diante, todos os dias essa devoção em honra da misericordiosa Mãe, antes que nos fôssemos deitar. E os bárbaros selvagens e deshumanos vinham muitas vêzes completamente nus e ouviam ao canto com todo o respeito e modéstia.

No dia 26, chegámos, pelo meio-dia, num lugar, onde o rio Uruguai cessa de ser um curso d'água, onde, antes, se precipita por um rochedo a baixo, correndo por quasé meia hora por cima de grandes pedras. Tínhamos, por isso, que desmontar as nossas canoas, sôbre as quais estavam as cabanas, e puxar para cima árvore após árvore. Os índios fizeram isso em meio dia. Então descansaram nesta noite até a metade do dia seguinte, pois era um trabalho horrível arrastar êsses troncos grossos e pesados, de sessenta e, até, setenta pés de comprimento, pela água, por meio de arrecifes estreitos para então tornar a amarrá-los e instalar por cima as canoas, para que pudéssemos prosseguir viagem. Fizeram isso, como disse, com estupenda rapidez.

Esta queda do rio, com seus recifes estreitos e ásperos, o Criador previdente da natureza a fêz só e ùnicamente e alí a colocou para maior benefício de nossos pobres indígenas. Todos os Padres Missionários estão firmemente convencidos disso. E' que até aquí já vieram os espanhóis em seus navios, em sua insaciável cobiça de dinheiro. Mas quando chegaram aquí, ouviram: *Non plus ultra*, nem mais um passo! Tinham, por isso, que voltar para Buenos-Aires, e até o dia de hoje não puseram pé em nossas reduções, não podem realizar nenhuma comunhão, nenhum negócio, nenhum tráfico com os nossos indígenas, e isto constitue um benefício indescrítivel. Primeiro, porque os espanhóis são dados a muitos vícios, de que estes nossos bons e simples índios até agora nada sabem, mas que êles, logo pegariam, se entrassem em contacto com os espanhóis. Sobretudo, porém, os espanhóis convertem os índios, a quem a natureza galardoou com a rica liberdade, em escravos e servos e os tratam como cães e bêstas, embora os índios sejam cristãos, e estragam tudo o que aos Padres custou tanto trabalho e suor.

Capítulo VII

DE COMO OS REV. PADRES ANTÔNIO SEPP E ANTÔNIO BÖHM S. J. CHEGAM À PRIMEIRA REDUÇÃO INDÍGENA DE "JAPEYÚ" OU DOS TRÊS-SANTOS-REIS, E QUAL O TRABALHO QUE OS MISSIONÁRIOS AÍ REALIZAM

Quando passámos sãos e salvos a queda d'água do Uruguai, tínhamos que continuar navegando contra a corrente. No dia 1.º de julho chegámos felizmente ao território de Japeyú. Portanto, transcorrera um mês todo com esta nova viagem fluvial.

Japeyú é a primeira redução neste rio. E' dedicada aos Três Santos Reis, achando-se debaixo do 26º grau e distando 6 graus de Buenos-Aires.

Alinhámos as nossas barquinhas na melhor ordem como uma armada, formando bonita meia-lua. Cobrimos as choças de palha e os telhados e as portas de couro lindamente com ramos verdes, por cima das portas fizemos arcos-de-triunfo de louro e nêles dependurámos todos os frutos que sobraram de nossa provisão. Do mesmo modo ornámos com ramos verdes os troncos das balsas e as canoas. Assim, nossas choças de palha ressequidas se pareciam com casinhas de veraneio bem instaladas e com verdes caramanchões, em cujo interior costumam divertir-se as ninfas e nereidas. Além disso, cada canoa tinha seu tambor, um pífaro e uma trombeta. Estes tinham que fazer música. Isto confortava os remeiros indígenas, encantava os Padres e enchia de ecos alegres as praias, ilhas, bosques e verdes matas próximas. Nessa pompa tôda nos achávamos, quando o sol entrava para o ocaso. Do outro lado do rio víamos a redução, linda de ver-se sôbre o outeiro, com a tôrre e a igreja, com a residência dos Padres e com as quadras e ruas das casas e cabanas, em que moram os índios convertidos. Nós, porém, ainda não podíamos ser vistos por êles, mas só ser reconhecidos ao longe pelo som das trombetas.

No dia 2 de junho, ao sol-nascer, chegámos finalmente à vista da margem oposta e passámos, em linha reta e na referida ordem, para a redução. Mal nos viram os índios que moravam no aldeamento, levantaram logo alegre vozerio, gritando *Jopaean! Jopaean!*, saíram correndo de suas cabaans, um aquí, outro alí, êste meio nu, aquêle amarrando uma pele em tôrno de si, um outro montando seu cavalo branco e o caracolava, um terceiro veio disparando em nossa direção montando num zaino, fazendo-nos uma parada e alguns cumprímentos americanos, um outro mais tomou de arco e flecha ou seus laços e boleadeiras (43), e todos corriam quanto podiam, outeiro abaixo e em direção ao rio. Até os pequenos anjinhos, que mal tinham pèzinhos para correr, vinham correndo e saltando de alegria, e o irmão levava sua irmãzinha pela mão, e ambos caíram e vieram rolando juntos morro abaixo. Os velhos de cãs níveas imitavam os pequenos, pegavam dos seus bastões e se faziam jovens, e os cegos vinham com seus orientadores de pau. Só não vimos uma única mulher que fôsse, nenhuma indígena de mais de sete anos. Talvez penseis que não fôssem elas tão curiosas como os homens? Ou não apareciam de mêdo? Nada disso! Mas onde é que estavam, então? Que faziam no meio da alegria geral? Não quereriam elas receber do mesmo modo e honrá-los com sua presença aos novos Padres Missionários, a quem em tão grande número nunca ainda haviam visto e que agora chegavam da Europa, por amor a êles, após uma viagem de vários anos? Oh, isto tudo e muito mais ainda faziam as pobres coitadas! Benévolo leitor, mal adivinharás onde realmente estavam! Estavam alí, onde, em circunstâncias idênticas, deveriam estar as mulheres européias, estavam tôdas juntas reùnidas no *Senhor*, ajoelhadas tôdas juntas na igreja diante do Santíssimo Sacramento, rezando tôdas juntas com extrema devoção pelos seus caros Padres Missionários. Quem é que não choraria de puro consôlo, como dêste modo as pobres coitadas adoram ao seu Deus, a quem, faz pouco ainda, não conheciam e nem veneravam, e em vez disso tinham adorado o mau inimigo, o que agora reconhecem em verdade por seu zêlo de alma indefesso.

Agora, não estorvemos sua devoção e deixemos as mulheres piedosas na igreja. Queremos voltar à praia do rio. Tudo o que alí se deu não é nada ou só a sombra dum pequeno júbilo, que os índios simples entoaram em seu pequeno juízo, porque agora queremos ver o que o Padre

(43) Consistem as boleadeiras em instrumentos compostos de três pedras unidas por um laço. Nas regiões mais distantes do Rio-Grande-do-Sul são ainda às vêzes usadas para caçar avestruzes e gado selvagem.

Curador dêste lugar e o Padre Superior imaginaram e no-lo ofereceram em sinal de amor e alegria.

No meio do rio vinham descendo dois naviozinhos, parecidos com duas fragatas ou galeões bem armados. Estavam de ambos os lados carregados com uma bonita fileira comprida de mosquetões, levando ainda um tambor, um pífaro e uma trombeta. Agora relampejam os mosquetões, zunem os tambores, ressoa o límpido metal. Ao mesmo tempo, os dois navios lutavam entre si, bem como os guerreiros sôbre êles escondidos, das bôcas dos mosquetões vinham os raios de fogo da pólvora e as balas de chumbo, e se uns negavam fogo, logo disparavam outros em seu lugar. E eis que alguns índios, quais nereidas, se jogam à água e lutam entre si, ora por cima, ora por baixo das ondas, agora formam um círculo, pouco depois uma linha cruzada, vêm finalmente em direção de nossos dois navios, e os saúdam com uma dansa tríplice e com movimentos circulares corteses. Tudo isto é muito engraçado de se ver.

Na praia, porém, estavam o Padre Superior e o Curador com dois esquadrões de cavalaria e duas divisões de infantaria, e o povo guerreiro americano não mais vestia peles de tigres, de ovelha ou de boi, à maneira pastoril, mas estava de uniforme de gala, trajando graciosamente conforme a moda espanhola. Suas armas eram espadas, mosquetões, arcos, flechas, laços, clavas endurecidas ao fogo. Estes escaramuçavam um pouco entre si. Nesse meio tempo, quatro alferes levantaram os estandartes de guerra, quatro assobios deram alarme. Entrementes, desembarcámos de nossas choças de palha verdejantes, saùdámo-nos, abraçámo-nos e seguimos, então, sob o repicar alegre dos sinos, por baixo de lindos arcos-de-triunfo de grande altura, em direção à igreja, acompanhados de alguns milhares de índios batizados, portanto, de certo modo, com um exército. Aí fomos encontrar as pobres coitadas das mulheres indígenas, tôdas na melhor ordem, recolhimento e piedade, rezando por nós. Nenhuma só que fôsse volveu o olhar para nós, nenhuma só que fôsse olhou em nossa direção, parecendo elas mais anjos do que homens. Então os músicos entoaram o *Laudate Dominum omnes gentes,* e o "Louvai ao Senhor todos os povos" foi cantado em reconhecimento devido ao Supremo Deus, por se haver, mais uma vez, compadecido dêstes pobres povos, enviando tantos curas de almas e trabalhadores por um caminho tão longo e perigoso, conduzindo-os sãos e salvos por sôbre o alto mar e trazendo-os, então, cheios de saúde, até aquí, após outra viagem tão penosa, de um mês, pelo rio.

Terminado o "Laudate", veio o corregedor — é assim que chamam em espanhol o mais distinto dos indígenas — e nos fêz um pequeno discurso de agradecimento, dando-nos as boas-vindas em nome do todo o

povo. O mesmo fêz uma índia, que era a mais loquaz entre as mulheres. Como no-lo manifestou o Padre Superior, que entende a língua dos índios, estava o discurso muito bem redigido e proferido com muita graça. O conteúdo era o seguinte: Assim como o Espírito Santo havia descido sôbre os Apóstolos (era justamente véspera de Pentecostes) e os havia inflamado com as chamas do fogo divino, para que falassem com línguas de fogo e com êsse fogo incendiassem o mundo inteiro, a-fim-de que êste ardesse nesse seu amor — assim teriam chegado agora tantas línguas de fogo como Padres Missionários para inflamar estes pobres povos americanos abandonados e os fazer arder com o fogo do amor, que tinham trazido da Europa distante, para que os pobres índios fôssem instruídos na fé e vivessem no amor de Deus e nêle pudessem morrer. Assim falou esta pobre indígena, mulher simples e sem instrução alguma. Não era nenhuma sábia Ester ou astuta Rebeca. Mas de tudo isso se verifica, claramente, que Deus, em sua grande bondade, a todos os homens empresta conhecimento suficiente, embora sejam os mais simples, desde, porém, que o queiram servir.

Dêste modo, a Noite Santa de hoje e o dia seguinte passaram-se entre manifestações de intenso júbilo e alegria. À noite, assistimos a quatro diferentes dansas, cada qual mais linda que a outra. A primeira foi executada por oito rapazes, que jogavam mui lindamente com suas lanças. A seguinte dansaram dois esgrimistas, a terceira seis nautas, e a última seis rapazinhos a cavalo. Todos êsses indígenas vestiam à espanhola. Poderiam estes atores formados pelos Padres figurar com muita honra em qualquer comédia perante reis e imperadores. Depois teve início uma escaramuça a cavalo. Como ficasse noite e como não houvesse nem cera nem óleo para a iluminação, tomaram de chifres de bois, que aquí são extremamente grandes e compridos, encheram-nos de graxa e sebo, acenderam-nos e os levantaram para cima. Por êsses chifres ardentes transformou-se a noite escura em dia claro, como que iluminada por tochas, e os dansarinos e cavaleiros eram iluminados e tornados visíveis.

No dia 3 de Junho, festa de Pentescostes, todos os Padres celebraram pela primeira vez a santa Missa numa igreja indígena e agradeceram ao Supremo Deus, a sua caríssima Virgem-Mãe, aos Anjos e às pobres Almas por todos os benefícios recebidos e por haverem passado bem todos os perigos por mar e terra, e pediram ao mesmo tempo ao Divino Espírito Santo um verdadeiro zêlo de almas, fôrça no trabalho apostólico e o dom das línguas. Entre tôdas as línguas, a mais importante para nós é o Guaraní. É muito difícil de ser compreendida e não tem a mínima se-

melhança com o espanhol, alemão ou latim. É uma língua bem original. Para que meus leitores possam conhecê-la, envio-lhes anexo, numa folhinha em oitava, um Padre-Nosso e um Ave-Maria, bem como uma breve regra em paraguai, espanhol e latim de como se deve ler isto; foi escrita por um índio, que é excelente escrivão artístico. É esta folhinha um dos nossos piores escritos; por falta de tempo ela foi borrada, assim, às pressas. Mas há aquí alguns missais, escritos de próprio punho pelos índios e não se distingue da Impressão de Antuérpia, como já muitos Padres nêle se enganaram e julgaram o escrito por um original ciceriano (44).

Hoje, então, o Padre Superior enviou daquí os novos missionários, cada um para sua localidade e sua redução, assim como — seja-me lícito usar esta comparação — assim como os discípulos do Senhor, após a descida do Espírito Santo, se foram para todo o mundo a prègar o Evangelho. A mim coube logo a primeira localidade: Japeyú, dedicada aos Santos Três Reis, os oragos da Alemanha e de Colônia. O Padre Antônio Böhm foi enviado para São Miguel, que fica a cem milhas daquí (45). Os dois Padres boêmios foram, um para Sant'Ana, o outro para a redução de Corpus Christi, a 121 milhas daquí. Outros foram enviados para diferentes lugares. Em tôdas as reduções, porém, há uma só língua, o Guaraní.

Agora, meus reverendíssimos Padres, caríssimos Frades, queridos irmãos e pacientes leitores, agora vamos considerar um pouco a situação destas nossas reduções, assim chamadas porque todos êsses índios são por nós *reduciret* (conduzidos) à fé cristã. Em alemão chamaríamos êsses povos de comunidades ou aldeias.

Ao todo há 26 dessas reduções. Cada uma é administrada por dois Padres, o que, no entanto, em virtude da grande carência de sacerdotes, nem sempre se pôde fazer. Por vêzes, êsses dois recebem ainda o auxílio dum Irmão. Conta uma redução dessas, três, quatro, cinco, seis mil e mais almas. Todos êles — entende-se que já tenham a idade — confessam ao menos quatro vêzes ao ano. A Congregação mais vêzes. Tôdas essas confissões o Padre precisa ouvir e absolver, distribuir a Comunhão, depois precisa batizar as crianças que nascem quase diàriamente, precisa administrar aos moribundos o santo Sacramento da Extrema Unção, assistí-los na hora da morte e consolá-los, precisa rezar a *Commendationem Animae* e finalmente enterrar os mortos, o que também se verifica quase

(44) Impressão ciceriana — nome dado à primeira e mais antiga edição dêste escritor romano.

(45) Considere-se que, a êsse tempo, São Miguel ainda não tinha a célebre catedral.



5. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
reconstituìção do estado original.



6. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
seu estado em 1846.



7. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
seu estado antes da restauração (1890-1938).



8. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
seu estado depois da restauração de 1940.

diàriamente. O Padre precisa fazer três vezes os prègões dos que vão receber o santo Sacramento do Matrimônio, depois casá-los, precisa ensinar às crianças diàriamente a doutrina cristã, precisa recitar diàriamente o têrço com os adultos, depois a ladainha de Nossa Senhora, o *Salve* e o *Actum Contritionis*, precisa despertar-lhes contrição e arrependimento à noite, e dizer tudo à frente dêles como às crianças pequeninas, porque êsses velhos são tão esquecidos, e de tão fraca memória, que por si mesmos mal são capazes de fazer o santo sinal da cruz. Da mesma forma precisa fazer sermão todos os domingos e dias santos, cantar a missa solene, durante o tempo da quaresma contar três vêzes por semana uma história, rezar com êles a via-sacra, ordenar a procissão e tudo o mais que costuma fazer um cura de almas. Isto tudo seria pouco, se isto bastasse, como sói acontecer com todos os curas de almas da Europa. Mas aquí é preciso fazer ainda algo mais, e isto não é pouco: O Padre precisa ser o sacristão; se houver uma festa, êle mesmo tem que ornar o altar, colocar êle mesmo os castiçais, porque nem isto estes pobres coitados sabem e colocam um castiçal aquí e o outro alí, êste em cima, aqueloutro em baixo, fazem tudo desajeitada, bronca e erradamente. Êle mesmo precisa armar o santo presépio pelo Natal e abrir a Santa Sepultura pela Páscoa. O Padre é quem corta a casula e a alba, os panos dos altares e as sobrepelizes, a capa do *Asperges* e as túnicas dos coroinhas. Êle mesmo precisa cuidar de tudo que diz respeito ao serviço litúrgico. Sim, até é preciso que os coroinhas mostrem, todos os dias após a Santa Missa, os objetos do sacrifício, para verificar-se se estão bem limpinhos ou não, caso contrário iriam para o altar dum jeito que arrepiaria o Padre. Só com diligência indizível o Padre consegue chegar a ponto de encontrar a igreja e os objetos da igreja, a sacristia, os altares, imagens e estátuas, castiçais, albas e sobrepelizes tão limpos e asseados, que não encontrarás nêles um só pòzinho, uma só mancha ou nódoa, de tal modo como se santas mulheres dum convento os houvessem cuidadosamente limpo, lavado e polido.

Tudo isto se refere ao espiritual e seja por isso dito em largos traços com referência ao trabalho do cura. Passemos agora para a economia e administração dos bens terrenos, que não se referem a sua pessoa, mas à dos índios. Direi tudo numa só palavra, aliás com São Paulo: O Padre precisa ser tudo a todos! Precisa ser: cozinheiro, dispenseiro, comprador e gastador, enfermeiro, médico, arquiteto, jardineiro, tecelão, ferreiro, pintor, moleiro, pedreiro, escrivão, carpinteiro, louceiro, oleiro e tudo quanto pode haver ainda de funções numa república bem organizada, numa comunidade, cidade ou num *Collegium Societas*, ou num convento da Santa Ordem.

Agora, porém, alguém logo me lançará ao rosto: Isto é impossível, para tanta coisa um Padre não basta! Perdoe-me: Ao braço divino é possível operar muito mais ainda pelo braço humano! Assim como Deus, por intermédio dos seus servos, operou por muitos anos entre estes pobres indígenas abandonados e continua operando até hoje. Pretendo esclarecer mais de perto só uma coisa ou outra, e começo logo com o principal: O Padre precisa diàriamente distribuir sal entre os índios, e com a recomendação expressa: Isto é para a sopa, e isto para a carne! Porque de outro modo o meu bom índio deitará tudo na sopa, sem se preocupar que o Padre coma depois a sopa ou não. Se, porém, der de experimentar a sopa ao cozinheiro, para que aprenda para a próxima vez e meça o sal mais direito, o cozinheiro comerá a sopa, como se nada houvesse. Se o Padre lhe pergunta depois: "Não notas, meu filho, — o apelativo sempre é "filho", assim como êles nos chamam de "pai" — não notas, meu filho, que não posso comer esta sopa por estar muito salgada?", êle responderá: "Nada noto, meu pai, se tu não comes a sopa, então vou comê-la!" E assim termina a briga, mas o Padre passa fome. Naturalmente, êsse diálogo se processa em guaraní. Digo portanto "Meu filho" *ehe Ray*, e êle responde em sua língua: *Pay* (Pai), *ndâ hechâi rûngûay* (nada noto), *nelereu potâyrâmo che oûne* (se não a comeres, então vou comê-la) (46).

Hoje, um Padre Missionário estranho veio visitar-me. Para fazer-lhe honra, cortei no jardim duas cabeças de repolho crespo. Ora, aquí nunca viram repolho, e trouxe as sementes de nossa Província. Limpei, lavei e cortei as cabeças pelo meio. Além disso, arranquei da terra dois rabãos extraordinàriamente bonitos, da grossura dum punho, para os quais o reverendo irmão jardineiro franciscano de Caldaro — Deus lhe pague a grande caridade — me havia dado as sementes. Acrescentei ao repolho um punhado de endro, planta que a América também nunca viu. Estes três novos tesouros dos jardins europeus eu limpei e lavei, levei-os à cozinha e entreguei-os ao cozinheiro, dizendo-lhe: Êste repolho ponhas nesta panela sôbre o fogo, deites água em cima e deixa-o cozinhar bastante, depois juntes tanto sal e assim por diante. Com isto, saí da cozinha e me preparei par a Santa Missa. Quando veio a hora de jantar, sentámo-nos à mesa e ficámos aguardando as hortaliças da flora hortícola européia. Prezado leitor, quisera não precisar convidar-te para meu hóspede, nem emprestar-te meu cozinheiro de Japeyú, nem mesmo para fazer-te um simples caldo! Meu bom cozinheiro deitara os rabãos, assim como eram, na panela de carne, julgando tratar-se de cebolas européias, fizera-

(46) Conhecedores do guaraní asseguram-me que os escritos guaraníticos do Pe. Sepp, embora ortogràficamente estranhos, são gramaticalmente corretos.

-os ferver e deitar na carne. O bom Padre viu-os, tão branquinhos que eram e tão macios que pareciam, e pensava tratar-se dum acepipe todo especial da Europa. Deu-lhe pois os dentes, mastigou-os, torceu o nariz e sacudiu a cabeça. Não pude mais conter o riso, porque notei logo que êle tinha meu rabão na bôca e que meu cozinheiro tinha cometido mais uma rata. O Padre disse que na vida tôda nunca comera coisa tão forte; acreditei no espanhol e lhe revelei o êrro do cozinheiro, a quem logo perdoou, porque já conhecia as habilidades dos índios. Do repolho *Wirsing* nem quero falar; não tinha nem sal nem banha. Se quero ter limpas as bacias e panelas, tôdas feitas de barro, de acôrdo com minha pobreza, os serventes de cozinha precisam trazê-las ao meu quarto depois do jantar, para que eu as tome nas mãos, as olhe e examine, e isto com muito cuidado e todos os dias, porque se deixo escapar uma inspeção dessas não se reconhecerá mais bacias e panelas de tanta sujeira. Quem na Europa teria imaginado, que um missionário até disso precisa cuidar? Nunca o teria crido e ainda o não creria, se o não visse com os meus olhos e o compreendesse com minhas mãos.

Temos um jardim extraordinàriamente grande, para o qual só preciso dar um passo, vindo do meu quarto. Há aí uma horta para hortaliças e saladas, outra para árvores frutíferas, uma com ervas para os doentes, bem como uma vinha particularmente linda. Vamos passar por todos êsses jardins, para que vejamos como é fértil esta terra e o que cresce na América:

Na horta há saladas o ano todo; salada de endívia bem amarela, uma crespa e outra não; além disso, salada repolhuda, da Bolonha, chicórea, pastinaga (47), espinafre, rabão miúdo e graúdo, repolho, couve nabeira e nabo bávaro, que trouxe de Munique, salsa, aniz, funcho, melões, coriandro, pepinos e outras plantas indianas.

Na horta das ervas tenho ortelã, arruda, alecrim, etc.. A pimpinela (48) foi devorada pelas formigas.

No jardim de flôres tenho lírios brancos, lírios indianos, girassol, malmequer, violetas amarelas e azues, esporeira, chagueira e lindas flôres indígenas.

---

(47) Sabe-se que a *pastinaga umbelífera*, cuja raiz branca, parecida com a cenoura, fornece um legume, foi trazida para a América pelos jesuítas.

(48) A pimpinela, também chamada sanguissorba, é uma planta do gênero das rosáceas, de gôsto aromático, servindo para temperar saladas.

No vergel tenho macieiras, pereiras e nogueiras. As pereiras e nogueiras são grandes e bem crescidas, mas não querem deitar frutos, não sei por que. Além disso, tenho pêssegos, romãs, limas doces e azêdas, limões doces e azêdos, marmelos e mais frutas indígenas muito boas.

A vinha é tão grande, que bem daria uns 50 baldes, mas êste ano não deu tanta uva que desse para duas sobremesas. A causa são os muitos inimigos, por exemplo, as formigas. Embora oito rapazes indígenas andem à cata das formigas, e as queimem duas vêzes por dia diante dos meus olhos, devoram tudo. Além disso há vespas e passarinhos, como pombas selvagens; logo que as bagas tomam côr, tudo dá em cima. Sobretudo prejudica muito o vento norte quente, que sopra na direção do meio-dia. Tive êste ano muito trabalho com a vinha, eu mesmo podei as vides e mandei que os índios por diversas vêzes capinassem o raizame. Foi tudo em vão. Por êsses motivos é o vinho aquí tão caro, custando o balde 24 a 30 *Reichstaler*. Demais, é muito insalubre, por causa do gêsso e da cal, que nêle despejam para torná-lo mais durável, porque, do contrário, virava logo em vinagre. Temos, portanto, muito pouco vinho de mesa, mal tanto quanto cabe numa galheta, e muitas vêzes passamos seis meses seguidos sem uma gota, podendo mal conseguir o mais indispensável para o Santo Sacrifício da Missa, e depois tenho que ter muito cuidado em não receber vinagre, em vez de vinho que possa servir para o uso e consumo humano.

Aos doentes o Padre precisa ser o médico e farmacêutico. E nós Padres não temos outro médico senão o bom e previdente Deus. Se adoece um missionário e se não o ajudar Deus e sua boa natureza, de sorte que por si mesmo se restabeleça aos poucos, então adeus. O Padre precisa tomar o pulso aos pacientes, precisa fazer a sangria, porque isto só poucos índios sabem fazer. Precisa dar-lhes o vomitório, precisa perguntar-lhes se têm sono e apetite para comer. Se algum remédio se tornar necessário, é o Padre quem prepara o pòzinho, é o Padre quem faz a beberagem, é o Padre quem faz tudo. Não o fizesse o Padre, o enfermeiro — cada aldeia tem quatro enfermeiros indígenas — acabaria dando cabo do doente, dando-lhe tudo misturado e arrevesado, portanto com mais prejuízo do que proveito, porque êsse povo não tem juízo, não conhece medidas.

Os índios só têm poucas doenças. Quase todos morrem de vermes, que lhes nascem na barriga, porque comem tão asustadoras quantidades de carne crua, muito mais do que o estômago possa digerir. Sendo assim vorazes, as quantidades de carne que ficam no estômago entram em putrefação. E onde há carne putrefata, logo surgem os vermes, e onde os vermes tomam conta, o estômago nada mais retém, tudo passa por êle,

sobrevindo, então, uma disenteria sangrenta, da qual, como disse, morrem quase todos os índios, principalmente quando começa a esfriar, porque êste povo é sumamente sensível ao frio. Acresce que são muito mal vestidos, só pela metade, e com êsses resfriados vem a morte. De resto, o frio mais duro de junho não é tão forte como na Europa em abril.

Para curar nossos pobres índios dêsse corrimento, é preciso primeiro dar o aviso prévio aos vermes. Para conseguí-lo, dou ao paciente um vomitório de fôlhas de fumo, que são muito amargas e que êsses hóspedes não suportam, porque tudo que é amargo mata os vermes. Tomo depois um pouco de leite de vaca, espremo nêle limas azêdas, tomo arruda e hortelã, tudo coisas amargas, espremo o suco, misturo tudo e dou-o de beber ao doente.

Epidemias aquí são desconhecidas. Só uma espécie de peste costuma atacar estes pobres, são os *russeln*, como dizemos no Tirol, as manchas, como alhures chamam a essa doença. Há quatro anos, morreram disso 2.000 pessoas desta aldeia, grandes e pequenos, jovens e velhos, mulheres e homens. Parece que o Deus misericordioso tudo ordenou bem, porque, tivessem êsses coitados dos índios muitas doenças diversas e males internos escondidos, ter-lhes-ia proporcionado os remédios adequados, que aquí, porém, não se podem encontrar nem nos nossos Colégios.

Aquí nada se sabe de canela, noz-moscada, açafrão, gengibre, cravos, nada de antimônio, que tem tanta fama mundial. Aquí não se tem melado, nem jalepa (49), aquí não se tem as diversas aguardentes, nem ervas nem pós, nem emplastro vulnerário e pomada, nenhum bálsamo. Uso de pílulas que me deram na Província. Deus o pague mil e mil vêzes aos senhores Monocredi Charissimo e Bartholome Charissimo, farmacêuticos em Alt-Oettingen, e ao meu caríssimo Jacó Spiess. Até o sal, tão necessário, nos falta em certas épocas, isto é, quando os navios não o trazem da Espanha. Os índios estão acostumados a comer tudo insôsso, mesmo a carne. E quanto a mim, daquí a um ou dois anos perderei completamente o meu sentido do gôsto, pois já o perdí em grande parte, de modo que o pão sem sal me parece como se fôsse salgado, porque a fome é boa cozinheira. Os índios, porém, andam pelo sal como gavião atrás de galinha. Onde possam chegar com seus cinco dedos, pegam-no e o comem como açúcar. Muitas vêzes, meu cozinheiro conso-

(49) Laxante usado ainda hoje.

me o sal que lhe dou para fazer a comida, e depois me apresenta a comida apetitosa à mesa (50).

Agora passemos dos doentes para os sãos, e vejamos as casas, igrejas, roças e campos dos índios.

Quase tôdas as aldeias foram levantadas sôbre outeiros, para que possa escoar a água das chuvas freqüentes. Estão quase tôdas situadas junto ao rio Uruguai, que se parece com o Danúbio, e que tem uma água muito límpida e saùdável, que se pode tomar em cima de melões, pêssegos e figos à vontade, sem que faça mal.

(50) Os sintomas apontados pelo Pe. Sepp são largamente conhecidos em vastas regiões do Brasil. Os atacados de "doença da terra", a ancilostomíase, estão mesmo predispostos a contrair graves disenterias. A teoria da putrefação é muito primitiva e anti-medical. No entanto, ovos de vermes, e assim os próprios vermes, podem penetrar no canal digestivo, veìculados pela carne crua. Também é sabido que os resfriados provocam ou, ao menos, favorecem disenterias. Por instinto, o Pe. Sepp aplicou o tratamento indicado, dando vomitório aos doentes. A ipecacuanha indígena, outrora usada como remédio caseiro, fornece hoje a substância "emetina", específico da disenteria amebiana. "Russeln" ou manchas é a varíola. Pode irromper de forma bastante aguda e mesmo fatal, no meio de povos que ainda não a tiveram. Os dados fornecidos pelo Pe. Sepp devem, portanto, corresponder à realidade.

Capítulo VIII

DE COMO ESTÃO ORGANIZADAS AS ALDEIAS DOS ÍNDIOS CONVERTIDOS

As aldeias, como disse, estão quase tôdas localizadas no alto dos barrancos dos rios muito piscosos Uruguai ou Paraná e contam com setecentas, oitocentas e novecentas, e muitas até, com mais de mil famílias ou moradias. Sôbre família se entende: Pai e mãe, filha e filhos, e mais seus filhos. Assim, cada aldeia conta com seis a oito mil e mais almas, conta fraca, porque os índios são muito férteis.

Cada aldeia tem junto à igreja um logradouro amplo e muito bonito, de 400 pés de comprimento e a mesma largura. As casas formam ruas largas, como nas cidades européias, mas são de construção diferentes: São muito baixas, não têm assoalho de madeira, mas os índios moram no chão descoberto. Os muros não são de pedra, mas de terra, que é socada. Os telhados são cobertos de palha, com exceção de alguns poucos, que, faz pouco tempo, cobrimos de têlhas queimadas. As casas não têm janelas nem chaminés, estão o dia todo cheias de fumaça e por isso todo pretas. Quando visito meus doentes, o que costumo fazer diàriamente, quase me asfixio de tanta fumaça. Faz pouco, meus olhos tanto me doeram uns catorze dias seguidos, ardendo e lacrimejando, que cheguei a temer perdesse a vista.

E dentro da casa — onde está a saleta? Onde o dormitório, a cozinha, adega, dispensa, e onde o pão na dispensa, e onde o vinho e a cerveja na adega, e onde as panelas e as bacias de estanho na cozinha, e onde a cama no dormitório? Tudo isto os índios têm reùnido numa só peça. Não há passagem alguma do quarto de dormir para a saleta; sua adega é um porongo oco, com que buscam a água no rio e do qual também bebem. Quem pode dependurar sua cama, qual longa rêde de pescar trançada de fibras de palmeira, entre duas árvores, é rico e passa por pobre. Quem não tiver semelhante fortuna, sôbre uma pele de tigre ou um couro de vaca não chão raso; em vez de travesseiro ou almofada usam um bloco duro ou uma pedra. A baixela de cozinha consiste em uma ou duas panelas. Os dentes são as facas, os cinco dedos os garfinhos, a mão é a colher e o porongo mencionado as taças e os copos. O fogão e fornalha é

por baixo da cama, quando por cima estendem a rêde. De espêto de assar serve a primeira vara que cai na mão. Nela espetam a carne, que já começam a devorar, enquanto está assando do outro lado. Assim, cozinheiro e assado terminam juntos, e, enquanto o índio espeta na vara o pedaço seguinte de carne, já começa a sentir fome. Outros índios, que nem para isso têm paciência, pegam dum pedaço de carne, passam-na três vêzes pela fumaça e pelas chamas e enfiam-na logo na bôca. E como a carne é suculenta, o sangue lhes escorre de todos os lados pelo focinho abaixo, e isto lhes é o suprassúmum do gostoso.

A porta da casa tem três palmos de largura e seis palmos de altura. Não é feita de tábuas, mas de couro de boi; nunca é fechada, porque na casa não há nada que possa ser roubado. Ela vai ter à saleta, cozinha, dormitório e adega, porque saleta, cozinha, dormitório e adega são a mesma coisa, isto é, nada mais do que uma choça de palha trevosa. Aí dentro dormem pai e mãe, irmão e irmã, filhos e netos, quatro cachorros e três gatos, e maior número ainda de camondongos e ratos, e pululam os grilos e certos coleópteros, que no Tirol se chamam de baratas e miriápodes. É fácil adivinhar o cheiro insuportável que tudo isto emana, numa choupana tão apertada, baixa e pequena. Num palácio assim, portanto, é que a gente, diàriamente, tem que visitar trinta e mais acamados e velhos, tem que ministrar-lhes os Santos Sacramentos, tem que assistir aos moribundos, tem que consolar pais e mães. São essas as nossas visitas. Em verdade, em verdade, Reverendos Padres e caríssimos irmãos, aquí, na pessoa dêsses pobres índios abandonados, encontro realmente meu Jesús sofredor. Aquí, meu coração enche-se de consôlo indizível, cada vez que vou ter a um dêsses presépios do meu Senhor Jesús. Aquí se desfaz minha alma, quando visito êsses pobre coitados e os vejo, e principalmente quando, de crucifixo à mão, assisto a um moribundo — não posso conter-me de dizer: *Moriatur anima mea morte istorum.* Ó Salvador, fazei com que minha alma regresse com esta! Vi na Europa morrer muita gente, mesmo religiosos, — mas muito poucos como estes! Não é possível descrever com quanta paz, com quanta serenidade de conciência, com quanta modéstia de corpo e alma estes indígenas se despedem da vida! Mesmo numa enfermidade longa e dolorosa o índio não dará sinal de impaciência ou de má vontade, nem um só ai ou semelhante gemido, muito menos gemerá ou gritará. Não, não se queixa nem de fome nem de sede, nem de calor, nem de frio, tão-pouco das dôres que está sofrendo. No leito da morte não o preocupam a amada espôsa e seus queridos filhos, não o incomodam dinheiro ou bens, que precisa abandonar, porque tudo quanto possue é um porongo oco. Não tem dívidas a pagar, nem testamento a

fazer, não o preocupam suas inimizades, porque quase não nas tem. Creio que de-baixo do sol não haverá geração que abençoe o temporal com tanta dignidade e serenidade como estes pobres e simples índios, esquecidos pelo mundo e por êle abandonados.

Agora alguém me dirá: Meu bom Padre Antônio, se assim fôr, como bem quero crê-lo, porque tu o viste com os teus próprios olhos: Se assim fôr — contra que pecam êsses índios? Pois quero responder essa tua pergunta curiosa e não obstante nada revelar da confissão: Dos dez mandamentos de Deus e dos cinco da Igreja católica os índios só transgridem o sexto. E também neste nem todos pecam, pois por uma bula de Paulo III temos um privilégio que permite casar os índios com parentescos de terceiro e quarto grau, sem necessidade de dispensa (51).

Além disso: Quando uma menina alcança os 14 ou 15 anos e um rapaz os 16, então já é tempo do Santo Matrimônio. Por isso também não demoramos, e evitamos destarte muitos males. Nenhuma indígena chega à situação de passar alguns anos no estado virginal. E com os rapazes dá-se o mesmo: Quando chegam seus anos, é impossível contê-los. Esta experiência já fizeram os primeiros missionários. Também faltam os impecilhos existentes na Europa, se há bens dotais ou não, se o marido vai sustentar sua mulher e filhos, se poderá prover-se de moradia e vestuário. Estas cogitações aquí nada impedem, porque o Pai celeste os alimenta, mesmo que não tenham aprendido nenhum ofício ou profissão.

Dou, pois, a um dêsses jovens casais uma das casas acima descritas de palácio. E dou-lhes também as vestes nupciais, a saber cinco côvados de pano de lã para o marido e outro tanto para a mulher. Cama, ou seja um couro de boi, também não falta, para ser estendido sôbre o chão raso. E dou-lhes também o banquete nupcial, constante de uma ou mais vacas gordas, como aliás lhes vou dando carne o ano todo, tanto quanto necessitem. Só uma única cláusula tem nosso direito, referente aos bens paternais, que a índia precisa trazer ao seu marido. -E em que consiste isto? Benevolente leitor, deixo que adivinhes e adivinhes, e tão ligeiro não descobrirás: O dom nupcial e o dote que a índia noiva tem que oferecer ao índio, é o já tantas vêzes referido porongo oco, e nada mais. Aliás, nesse porongo prende-se a condição de que nêle a mulher precisa ir buscar a água do rio ao seu marido. Em compensação, é o índio obrigado a trazer a lenha para a cozinha. Com esta cerimônia, celebra-se o casamento e é contraído o santo estado matrimonial.

---

(51) A bula citada proíbe que netos e bisnetos de irmãos casem entre si. Mesmo hoje os católicos precisam de licença especial para casamento entre primos.

Para as bôdas lhes permitimos pequenos jogos e algumas pequenas dansas. Quando estão casados e quando terminou a Santa Missa, o noivo vai para aquí, a noiva para acolá, e, quando tudo termina bem, fazem ao meio-dia o primeiro jantar juntos e convidam eventualmente ainda o pai e a mãe da noiva, todos comendo da vaca, que lhes dou, e do pouco de sal, de um ou dois pães, um pouquinho de mel, com que se banqueteiam e vivem regaladamente. Deve notar-se ainda o seguinte: Quando os índios querem contrair matrimônio, não é o índio que vai pedir a mão da índia, mas, ao contrário, é a mulher que precisa pedir o marido para o santo matrimônio. Vindo pois uma índia ter comigo, dizendo: *Pay*, eu quisera contrair matrimônio com êsse ou aquêle, se tu concordas. Convido depois o índio a ter comigo e lhe digo: Essa, meu filho, pretende casar-se contigo; concordas? Se disser Sim — e quase sempre dizem Sim — nada mais é necessário, está tudo certo, realizado o golpe e as bôdas estão à porta.

Antes de entrarmos na igreja, consideremos a casa de Deus.

Cada aldeia tem uma linda igreja grande, uma tôrre com quatro ou cinco sinos, um ou dois órgãos, um altar-mor ricamente dourado, dois ou quatro altares laterais, um púlpito inteiramente dourado. Além disso, há várias imagens, pintadas exclusivamente pelos índios, e que não são lá tão más. Bem como oito, dez ou mais castiçais de prata, quatro ou cinco cálices, três ou quatro pares de galhetas de prata, três cruzes de prata, um ostensório bem fino e um grande cibório, ambos também de prata. Os cálices aquí, como também na Espanha, costumam não ser dourados, sendo também brancos no interior, da côr natural da prata. As toalhas dos altares e as capas de Asperges para as diversas festas, bem como tudo que faz parte do Santo Sacrifício da Missa, são tão limpos e asseados e bonitos e de material tão precioso, que não só poderiam figurar com muita honra em qualquer convento ou Colégio da Companhia na Europa, como em qualquer igreja episcopal. Êsses dias mandamos confeccionar em Buenos-Aires uma alba, que custou 120 *Talers*.

Todos os sábados temos missa cantada de Nossa Senhora e ladainha. Todos os domingos missa cantada e sermão. Meus músicos tocam música todos os dias durante a Santa Missa, e isto, graças a Deus, de maneira bem aceitável. Aos meus reverendos e mui amados Padres Inácio, Paulo Gettle e todos os outros Padres e mestres de música peço insistentemente me queiram apoiar neste assunto! Não peço só em meu nome, mas no de todos os pobres músicos indígenas, os quais, se se reünir aos de tôdas as reduções, somam uns 3.000 homens.

Os reverendos Padres e os senhores irmãos Paulo e Gabriel Sepp perguntarão: Se aí nas reduções cantas tantas missas solenes, ladainhas, vésperas e missas, quem te compõe os salmos, as ladainhas, os hinos, os ofertórios, quem as missas e os muitos motetes? E quem foi que ensinou a êsses índios a cantar, a tocar o órgão, a tocar trompas, charamelas e fagotes?

Reverendos Padres! Quem ensinou a êsses pobres índios abandonados a doutrina cristã, quem os ensinou a rezar o santo Padre-Nosso, a cozer pão, a fazer roupas, a cozinhar, pintar, fundir sinos, tocar órgão e harpa, corneta, charamela e trombeta, quem os ensinou a fazer verdadeiros relógios, que não só dão as horas inteiras, mas até os quartos de hora, — quem lhes ensinou tudo isto, também os instruíu na música e nos ofícios: Foram os primeiros Padres Missionários, nossos santos predecessores, especialmente alguns Padres neerlandeses, cujo trabalho e esfôrço aquí ainda não foram esquecidos e cuja memória nós abençoamos. Estes ensinaram aos índios a cantar, de resto com extremo esfôrço e trabalho, porque de suas composições pode-se depreender que não eram músicos profissionais, mas só criaram de sua fantasia. O pouco que sabiam, com extremo esfôrço e trabalho diante dos índios, era repetido tantas vêzes quantas eram precisas, até entrar nas cabeças duras, e com tanta segurança que homens e mulheres cantam *per traditionem* até o dia de hoje, em pleno côro, aquelas melodias nos domingos durante os ofícios. Depois dos neerlandeses veio um Padre espanhol que entendia um pouco mais, adiantando mais a música com a composição de vésperas, ofertórios e ladainhas. Mas tudo ainda era feito à maneira mais antiga, como se fôsse do tempo do Velho Testamento e da Arca de Noé. Nenhuma única missa e nenhum salmo tinha um baixo cantante, que por certo constitue o fundamento indispensável; em vez do baixo cantante era tocado o fagote, para substituir um pouco o fundamento que faltava. Quando, então, no baixo cantante aparecem pausas, como isto sucede em cada voz, o fagote também silencia, e então têm os pobres índios que cantar adiante, sem baixo e fundamento, o que em todo o caso não pode soar muito bem ao ouvido. Por êsse motivo, nenhuma missa e nenhum salmo tem um acompanhamento decente, e se o tivesse teriam que aprendê-lo primeiro.

Oh! como desejo agora que tivesse eu tomado melhores lições com os reverendos Padres Glettle, Seidner e outros! O Padre Cristóvão Brunner, — de-certo já terá falecido — antes de minha partida, anotou-me, em Alt-Oettingen, em duas folhinhas de oitava, uma breve indicação para a composição. Não tivesse eu êsse guia, seria o meu fim! Com o auxílio dêsse manual comecei, portanto, a compor: uma Missa a catorze com-

passos, duas vésperas *de Confessore et Beatissima Virgine*, também a catorze compassos, bem como duas Ladainhas breves a dezesseis compassos. Devo confessar a verdade: O Bom Deus ajuda-me evidentemente, caso contrário não me seria possível aprender num ano uma língua tão desesperadoramente difícil como o Guaraní, na qual, já um mês após minha chegada, dei instrução cristã às crianças e administrei todos os Sacramentos — com exceção da Confissão, de outro modo não seria possível, a par dos acima mencionados negócios espirituais e temporais, nem de copiar tantas mil notas, quanto menos então de compô-las, e a-pesar-disso eu o fiz, graças a Deus. O senhor pai Melchior — Deus console sua alma! — teve que agüentar valentemente com sua Missa e Véspera, porque eu, sabendo quase de-cor a sua composição, e como partes isoladas estivessem bem fresquinhas em minha memória, quando cheguei, lembrei-me ora aquí ora alí dum verso, já o *Amen* daquela Missa, já o *Sanctus*, depois o *Qui tollis*, assim como um trecho das *Brevibus*, depois das *Breviores* e finalmente das *Brevissimis* (52). Além disso, fiz o máximo esfôrço para distribuir tudo por tantas vozes e a-pesar-disso manter a mesma tonalidade. Respondei-me! Ó vós, caríssimos, amantíssimos e revendíssimos Padres Inácio e Paulo, e vós outros, tende piedade dêste pobre, abandonado e indigno co-irmão, que outrora foi vosso colega de Noviciado e condiscípulo, e que agora mora no fim do mundo como missionário entre pagãos selvagens e que precisa trabalhar até suar sangue. Tende piedade, por amor ao Cristo, de meus vários milhares de pobres músicos, e mandai-me as Missas, as *Vesperas breves, breviores e brevissimas*, bem como as Ladainhas do senhor Melchior Glettle, mestre-capela da catedral de Augsburgo. Não tenho coragem de solicitar os motetes, mas, se a-pesar-disso vierem, seria como se um anjo do céu os trouxesse para o Paraguai. Mas vós logo me respondereis: Meu caro Padre Antônio, do fundo do coração folgamos em te enviar tudo, mas quem no-las pagará? Primeiramente eu me comprometo, e comigo mais seis Padres missionários, de rezarmos seis Santas Missas na intenção daquele, seja religioso ou leigo, que queira arcar com as despesas. Pelo Padre, porém, que mas enviar, nós queremos rezar vinte Missas, pelos seus esforços. Depois, não pretendo que as notas sejam novas. Sejam tão velhas, rasgadas e sujas como queiram, desde que seja legíveis, porque os músicos indígenas já escrevem bem as notas; de mais a mais estamos mandando fazer para cada redução os Missais da Impressão de Augsburgo e Antuérpia, o que aquí nenhuma dificuldade oferece.

---

(52) *Vesper brevis*, oração vespertina do breviário.

E se alguém perguntar para onde mandar o pacote, para que chegue certamente ao Paraguai respondo-lhe: Se estiver em Gênova ou Roma, então já está no Paraguai, indiferente se demora um pouco mais ou menos. O melhor seria entregar a encomenda ao Padre Procurador em Roma. Êste a passará ao Procurador do Paraguai, que agora é enviado para Roma. E caso não estiver aí nenhum Procurador, então ao Procurador das Duas Índias, que se mantém ininterruptamente em Roma. Circunstância particularmente feliz seria se um Padre de nossa Província fôsse justamente enviado com a Missão para o Paraguai, que então poderia logo trazer as notas consigo. Se os levar para Gênova, então já estão no Paraguai! Porque até aqui, nas reduções dos índios, tudo vem por água e não custa vintém. Caso então fôssem enviados um ou dois Padres para cá, tudo ficaria essencialmente facilitado, também quanto ao pagamento. Sim, estes poderiam prestar mais um ato de caridade e bondade para com todos os nossos Missionários daquí, que tanto me amolam com a música, e trazer mais esta ou aquela composição. Com o pagamento, digo, é bem fácil. A saber, do modo seguinte: A Província daquí restitue tudo ao Padre Procurador de Munique, indistintamente se êle gasta muito ou pouco por um Padre. Tivesse eu sabido disto, quando ainda me achava em minha Província, e tivesse eu também sabido quais as coisas que muito se precisam e insistentemente se solicitam no Paraguai, teria eu logo em Munique comprado muitas coisas para o Paraguai e as levado comigo, e com isto por certo teria prestado a esta Província e a todos os Missionários um grande obséquio. Imaginem: — Que teria custado ao Paraguai haver gasto mais uns dez ou quinze *Reichstaler* para uma coisa de tanta necessidade — medidos com os 80.000 *Talers*, que a Missão, com a qual eu vim, mais ou menos custou!

Agora poderia o Padre, que fôsse enviado para o Paraguai, retrucar que em Munique já se faz o orçamento de tudo que deverá levar para Gênova. Está certo, não há dúvida, quanto às despesas de viagem, mas não quanto às suas necessidades mais indispensáveis. Mas o que êle precisar para o Paraguai, seria melhor que êle o comprasse na Alemanha, porque na Espanha é sete vêzes mais caro ou nem poderá ser obtido. A mim, meu Procurador passou uma carraspana, e até o dia de hoje tenho que ouví-lo de não haver trazido comigo nenhum autor musical, e que êle teria com satisfação compensado à Província alemã tôdas as despesas. Isto por certo servirá aos Reverendos Padres Procuradores e Superiores de Munique de prova pelo que digo.

Pode-se avaliar o alto conceito em que a música é tida aquí no Paraguai pelo fato de o Procurador, que veio conosco, ter comprado nos Países-Baixos um órgão para Buenos-Aires, o qual custou mil *Talers*, e que antes

êle nunca vira e que ainda nem chegou ao Paraguai, de modo que não se sabe se o instrumento presta alguma coisa ou não. Da mesma forma comprou-me êle diversos instrumentos de música na Espanha, entre êles uma espineta, um clavicórdio, uma trompa marinha e várias charamelas. Eram horrìvelmente caros, cotados com os preços alemães; a-pesar-disso não valem nada. Tudo isto êle pagou de bom gôsto.

Jam Reverendi in CHRISTO Patres, nihil amplius superest, quam egeno & paupérculo suo Patri Antonio in hoc tam desiderato negotio succurrere per CHRISTI & Magnae Matris amorem ne graventur: obstringent certè non me solum, neque tot Patres Missionarios, sed tot Indorum millia maximo hoc beneficio, quod hae viginti sex reductiones animas DEO & Ecclesiae Romanas mancipatas, Orco ereptas in hunc diem vivas numerant, centum nempe & quatuor millia. O venient petitae Litaniae per Magnae Matris amorem! Veniant Missae: & dictae Vesaperae! adjungantur dictae Mottetae: Et tandem Mottetae Domini Kerll, ubi est cantio illa: plorate ululate Christo sepulto voce sola non indigeo. Quia hae cantantur in Lingua Hispanica, & non Latina: veniant, inquam, omnia ista, & maritimum iter patiantur aliquid: componantur in cistula lignea &.

O assunto da música reteve um pouco minha pena. Mas Deus sabe com quanta urgência preciso de tôdas essas coisas. Caso eu receber êsses livros preciosos, o senhor Glettle também teria êxito na América, assim como a Europa sempre o venerou ao máximo. E eu estaria livre do esfôrço e trabalho indizível que me causa a composição. O que custa a mim instruir os índios em nossa música européia só o bom Deus o sabe. De todos os pontos cardiais e de mais de cem milhas os missionários me mandam os seus músicos, para que os instrua nessa arte, que lhes é completamente nova, e que difere da velha música espanhola, que êles ainda têm, como o dia da noite. Até agora nada se sabia aquí de nossas divisões de compassos e espécies de andamentos, nada dos diversos tritons. Até hoje, os espanhóis, como vi em Sevilha e Cádiz, não têm notas dobradas, quanto menos então tríplices. Suas notas são tôdas brancas, as inteiras, as meias e as notas corais, música velhíssima, antiqualhas que os copiadores da Província alemã possuem aos caixões e que aproveitam para encadernar escritos novos. Destarte, portanto, tenho que começar, com estes meus cantores barbudos, graves e encanecidos, com o comêço da escala tonal, *ut, ré, mi, fa, sol, la,* o que por amor de Deus faço de muito bom grado.

Neste ano já conseguí fazer mestres nos respectivos instrumentos: Seis trombetas de diversas reduções, três bons tiorbistas, quatro organistas. A estes ainda não cheguei a mostrar uma partitura, porque seria

muito difícil para êles, mas só estudei com êles certas árias, preâmbulos e fugas. Oh! como tudo isto me é difícil! Levei êste ano trinta charameleiros, dez cornetas e dez fagotes a ponto de já saberem tocar e cantar tôdas as minhas composições. Além disso, já tenho mais de cinqüenta tiples, que têm vozes bem boas. Na minha redução passei para o papel o célebre *Laudate Pueri* do Padre Inácio Glettle, que sei quase de-cor, e o ensinei a cantar a oito meninos indígenas. Cantam-no com tamanho *garbo*, graça e boa forma, que na Europa difìcilmente o acreditariam como cantado por estes pobres ìndiozinhos, nus e inocentes. Todos os missionários estão muito satisfeitos e agradecem ao sumo Deus, por lhes haver enviado, após tantos anos, um homem que agora também imprime à música novo impulso. Em reconhecimento, êste me manda uma barriquinha de mel, o outro açúcar e frutas americanas. A modéstia e o pudor que competem a um religioso não permitem à pena que esta escreva o quanto os índios me veneram e amam. Considero-me disto sumamente indigno, e o maior pecador e o mais inútil servo em Cristo.

Deixai-me agora relatar mais alguma coisa, que não pude incluir nos oito cadernos até agora escritos.

Parece que a natureza teve plena intenção de criar a localidade de Yapeyú para moradia de homens. A leste flue o rio Uruguai, com suas águas límpidas como cristal, águas amàvelmente murmurejantes, que quanto à salubridade sobrepuja de longe a tôdas as fontes argênteas e poços europeus. Constitue esta água nossa bebida comum à mesa. A raìzama das árvores, que cobrem as margens a 400 milhas de ambos os lados com sombra fresca, bem como as pedras e os grãozinhos de areia, contra os quais as águas turbilhonantes se batem, aclareia e limpa extraordinàriamente. Êste rio é tão piscoso, que em certas épocas os índios podem pegar os peixes com as mãos nuas, como eu também o experimentei várias vêzes. Quem não conseguir arrumar anzol, porque êste é aquí muito caro, serve-se do primeiro alfinete que encontrar. De peixes europeus encontrei aquí, até agora, só uma qualidade, e esta a-pesar-disso é ainda de espécie diferente. Os espanhóis chamam êste peixe de *dorado*, que significa listra de ouro. A diferença é que a truta daquí é muito maior e não tem côr dourada, mas pintas amarelas. A carne é muito saborosa, nem um pouco aguada, mas substanciosa, parecida com carne de terneiro. Há, outrossim, uma variedade muito espinhosa, que se parece um pouco com nossos pequenos alburnetes. No entanto, nossos rios americanos não contêm carpas, lúcios, enguias e cadozes, mas em compensação outras espécies e muito mais preciosas, entre elas o *piscis re-*

ginus, o peixe real, que, embora pequeno, é muito gostoso, também não tendo espinhos; êle sobrepuja de longe a todos os outros peixes e só é pescado durante o inverno (53).

Além disso, acham-se neste rio muitas ilhas lindíssimas, ensombradas com árvores e bosques. Bem em frente de minha aldeia encontra-se, no meio do rio, uma ilhota extremamente faceira e fértil, onde os melões dão particularmente bem. Para lá vou seguidas vêzes à noitinha, com meus jovens índios e músicos, para tomar ar fresco, rezar as horas e louvar a Deus em suas criaturas. A beleza desta ilha e de seu matinho é indescritível, e nenhum gravador de Augsburgo seria capaz de passar para o papel paisagens mais lindas do que esta. Só nos faltam os palácios e edifícios briosos e soberbos, em cujo lugar devemos contentar-nos com as choças de barro e palha dos nossos pobres índios.

Pelo meio-dia, à tardinha e à meia-noite, não se vê da minha aldeia outra coisa senão um campo infinitamente extenso, bem liso e plano, sôbre o qual rebanhos incontáveis de gado pastam o capim verde. Não temos estrebarias, mas deixamos o gado, inverno e verão, dia e noite, no campo, tão-pouco ceifamos e não fazemos feno, mas o capim de quase um côvado serve o ano todo de pastagem. Também não precisamos de pastores ou guardas, porque aquí não há ladrões. Se o cozinheiro quer ferver um pouco de leite — costumamos dar aos doentes diàriamente um prato de leite fervido — é só mandar o primeiro índio para o campo à frente de minha casa. Alí êle pega a vaca leiteira, ordenha-a e me traz o leite. Mas, e qual a vazilha? Talvez num pote de leite ou num balde de ordenhar? Oh não! Aquí não conhecemos êsse vazilhame europeu. Traz o leite num porongo oco, o que dá na mesma. E na cozinha o cozinheiro não tem colherão, mas só escudelas de conchas.

Sôbre nossas campinas há bandos inteiros de tigres ferozes, que perseguem especialmente os terneiros, que não lhes podem resistir, como o fazem as vacas e os bois, e cuja carne também é mais tenra do que a do mais velho. Esta diferença os animais astutos conhecem muito bem. Quando o tigre cruel quer atacar um boi, atira-se-lhe sôbre o lombo, morde-lhe a nunca com seus dentes agudos e afiados, dá com a pata na ferida e dilacera dêste modo o animal vivo e berrante. Com os terneiros emprega a seguinte astúcia: Quando estes estão deitados no capim, achega-se cautelosamente, dá-lhes com a pata sôbre a cabeça, morde-lhes a nuca e suga depois inteiramente o sangue do pescoço, o que lhe apetece suma-

(53) Dourado, peixe de rapina. Alcança às vêzes um metro, sendo o maior espécime do sistema fluvial platino. E' um peixe de muita procura, dando, preparado com óleo e cebolas, um prato muito conhecido: o escabeche.



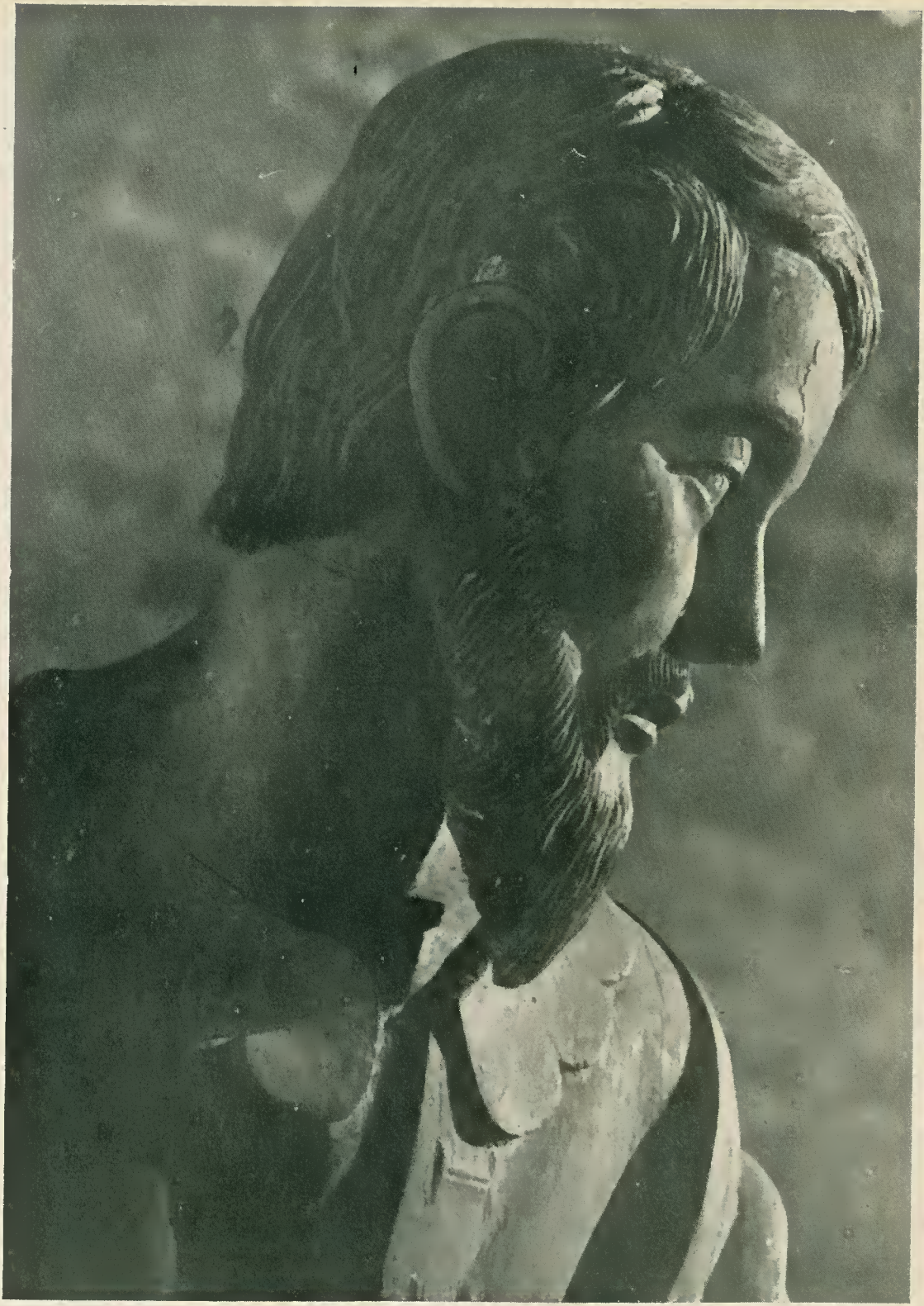
9. O SENHOR MORTO,
de Santo-Ângelo.



10. O SENHOR MORTO
de Santo-Ângelo.



11. SANTO ISIDORO LAVRADOR.



12. SANTO ISIDORO LAVRADOR.



18. BUSTO DE UMA SANTA DESCONHECIDA.

mente bem. Estas bêstas ferozes não só são perigosas aos animais, mas também aos homens. Quando os pobres índios, que não têm outro inimigo a não ser êste, viajam com o Padre pelo campo, usam do seguinte processo: Formam um grande círculo, em cujo meio deitam o Padre, em tôrno do qual êles mesmos se deitam, formando depois uma roda de achas de lenha a que põem fogo. Desta maneira o tigre não pode aproximar-se, porque a nada teme tanto como o fogo. Se, porém, suceder que os índios deixam apagar o fogo enquanto dormem, o tigre, que só esperava por isso, ousa o salto por cima da cinza quente, ataca o primeiro dormente e o dilacera miseràvelmente. Foi o que se deu com um índio, que fazia parte daqueles que me acompanharam de Buenos-Aires para cá. Da mesma maneira, o menino sacristão do Padre Antônio Böhm foi recentemente atacado miseràvelmente por um tigre destes e transformado em *Ecce Homo*, embora só se encontrasse afastado, à noite, a poucos passos da cabanazinha do referido Padre. Por um milagre escapou com vida, a qual, depois de Deus, deve ao seu santo Padre. O Padre Antônio tratou-o com grande desvêlo e o curou novamente. Êsses monstros, à noite, até trepam por cima do muro para dentro do meu jardim. Certa vez, um tigre dêsses chegou à cabana dum índio, onde as criancinhas estavam só e brincando entre si, porque pai e mãe haviam ido à roça. Entrou o tigre e pôs-se no meio dos pequenos anjinhos, como se tivesse esquecido sua ferocidade. Quando estes viram o tigre, assustaram-se tão pouco, como se fôra seu cão doméstico, brincaram com êle e acariciaram-lhe a cabeça com as mãozinhas inocentes. O tigre lhes reconheceu a inocência, abanou a cauda, acariciou as criancinhas bem suavemente, saíu da cabana e afastou-se, antes que o índio voltasse, que com certeza teria recebido o hóspede estranho de outra maneira. E' indiscritível com que agilidade e rapidez os índios sabem desfazer-se do tigre mais selvagem, quando são por êle inesperadamente atacados. Isto o animal astuto sabe muito bem, motivo por que só ataca os homens traiçoeiramente, como o assassino.

Outra vez, um Irmão da nossa Companhia foi ao jardim. Levava só um cacete na mão. Atacou-o. Um tigre, lançou-se sôbre êle ora pela direita, ora pela esquerda, já queria fazer o ataque traiçoeiramente, já queria dar com as patas dianteiras no Irmão. Êste, porém, deu valentemente com o porrete em tôrno de si, aparou as patadas e deu tanto que fazer ao animal enfurecido, que deu às gâmbias, de bôca espumante e dentes à mostra, tendo que levar umas boas pauladas, em vez da vitória.

Fatos idênticos verificam-se aquí seguidas vêzes, e nêles sempre se evidencia a providência divina, que priva êsses animais ferozes de sua fôrça, quando se lançam ao ataque contra os homens. O mesmo vale das

víboras e serpentes peçonhentas, de que há muito por aquí. Não se ouviu ainda que, por uma única vez, fôsse um Padre Missionário ou um Irmão ferido por um tigre ou picado por uma cobra. Assim, o bom Deus protege os seus servos e nêles torna verdade o que prometeu no Evangelho de hoje: *Serpentes tollent*, levantarão serpentes, e elas não lhes farão mal.

Também não nos falece a caça. Há veados, javalís, corças, cabras monteses em quantidade incontável. Os índios não os apreciam e só usam a pele. Tão-pouco faltam pássaros caçáveis. Os campos estão tão cheios de perdizes, que não precisas de pólvora nem chumbo, mas podes matar os bichos com qualquer porrete ou um chicote. A princípio isto também me pareceu inacreditável, agora, porém, não duvido mais, porque os meus garotos indígenas muitas vêzes me trouxeram dúzias de perdizes para a cozinha. As pombas não se criam aquí em casa, mas esvoaçam aos bandos pelos campos. Para caçá-las, a gente só precisa de um laço de crina de cavalo ou dum alçapão e pode-se pegá-las aos montes. Ensinei estes métodos aos meus índios, que, por causa de sua grande ingenuidade, nada sabiam dessas artimanhas européias e não conheciam outra maneira de caçar senão a de atirar com arco e flecha para cada pássaro isoladamente. Dos meus laços e alçapões trazem-me êles tantas pombas quantas queira. Prestam-me estes bons serviços, porque, vindo um dos missionários hospedar-se comigo, lhe sirvo uma pombinha, assada ou cozida, juntando-lhe salada da minha horta, preparada com mel, porque não temos vinagre nem óleo, bem como um pedacinho de pão, depois um gole d'água do rio acima mencionado, e êle se sente muito à vontade. Foi dêste modo que tratei ao meu dileto Padre Antônio Böhm, quando, em viagem para sua Missão, passou por aquí.

Há tantos bois, vacas, terneiros e cavalos em nossos campos, que tu em muitos lugares nada mais vês, de tanto gado gordo e bonito. As vacas maiores custam aquí, quando muito, 15 *Kreuzers*, mas não em dinheiro, mas em valor monetário. Entende-se que essas vendas só se fazem de uma aldeia para a outra ou para os espanhóis, porque dentro dos aldeamentos o Padre Missionário distribue, gratuitamente, duas vêzes ao dia, a carne que os índios precisam. O melhor palafrém, morzelho ou zebruno tu podes comprar por uma faquinha, pela qual, lá em casa, damos um *Kreuzer*. E quando o freio tiver um bocado de ferro, custa mais do que três cavalos. Por uma ferradura européia alguém poderia aquí comprar seis cavalos; mas os cavalos aquí não são ferrados, parte por falta de ferro, parte porque a terra não é tão pedregosa e dura, mas tôda de capim plano e liso.

Há pouco, minha aldeia saíu campo afora para arranjar vacas para a alimentação diária dêste ano. Em dois meses reùniram 50.000 vacas e as trouxeram para meu aldeamento. Tivesse eu mandado, êles também teriam trazido 70, 80 ou até 90.000. Para êsses 50.000 animais não gastei um ceitil. O maior trabalho e arte consiste em que os índios reúnam tão jeitosamente os animais, que nenhum estoure e dispare. O que conto desta minha aldeia também vale para as 26 outras reduções.

O benévolo leitor poderá calcular fàcilmente quantas reses se gastam aquí ao todo, quando eu só já consumo tantas, e quantas ainda ficam sôbre os campos infinitos do Paraguai, para a procriação indispensável. Nossos três navios levaram 300.000 couros para a Espanha, mas não de vacas, e sim de touros mais crescidos. Aquí, um couro sai a 15 *Kreuzers*, que vem a ser o salário para o serviço de tirá-lo. Na Europa, no entanto, em qualquer parte, vende-se um couro de boi como êste por seis e mais *Reichstaler*. Daí poderá o benévolo leitor mais uma vez fazer nova conta, calculando o lucro indizível que os espanhóis tiram só do couro. São as verdadeiras minas indígenas de ouro e prata de Sua Majestade Real. Porque, de resto, não se encontra ouro nem prata entre os índios, e, até, o nome do dinheiro lhes é inteiramente desconhecido. Quando os índios compram algo dos espanhóis, fazem-no em troca de mercadorias, não passando de mero negócio das selvas ou puro negócio de troca, distando muito e muito do verdadeiro comércio de compra e venda. E a palavra usada é só esta: Se tu me deres tantos bois e tantas vacas, dar-te-ei tantos e tanto côvados de tecido de linho; se me deres tua faca, dar-te-ei meu cavalo. Desta maneira, os índios tornam verdade o anexim usado pelas crianças européias, quando dizem "dar um cavalo por um apito", porque, na realidade, aquí um apito vale mais do que o melhor e mais lindo cavalo, por causa da superabundância de cavalos e da carência de apitos (54).

E' verdade que êste país indígena também tem suas minas de prata, mas estas distam 600 milhas daquí. A mina é chamada Potosí (55). A-pesar-da enorme distância, a prata não vale tanto como o ferro, porque êste precisa ser trazido da Espanha através do alto mar, e os navios que vão buscá-lo só voltam a Buenos-Aires passados cinco anos. O mes-

---

(54) Êste modo de dizer provém da atividade dos trapeiros, que percorrem as cidades alemãs num carrinho, tocando em um pífano, para chamar a atenção dos moradores. Recebem garrafas, papel e trapos em troca de brinquedos, quinquilharias sem valor algum.

(55) Cêrro de Potosí, com sua produção de 92.000 toneladas, é, atualmente ainda, a mais importante mina de prata do mundo.

mo vale para tôdas as outras mercadorias, como tecido, linho, chapéus, meias, óleo vegetal, alfinetes, agulhas, facas, anzóis, além de tudo que é feito de ferro, latão ou metal como sejam panelas bacias e castiçais de estanho. O mesmo se dá com o que é feito de sêda, e com os paramentos litúrgicos. Numa viagem, há mais tempo, até veio um navio carregado exclusivamente de têlhas de barro cozido, destinadas para a casa do governador de Buenos-Aires. Agora, porém, nossos Padres descobriram o processo de cozer barro e queimar cal. Assim, na minha aldeia, aquí, já fiz mais de dez mil têlhas, com as quais vamos aos poucos cobrindo as choupanas dos nossos pobres indígenas Em minha aldeia foram, até agora, seis longas ruas cobertas de têlhas.

O Padre Missionário precisa ser tudo a todos, falando com São Paulo. Estes índios são tão puerís, tão grandemente simplórios e de juízo tão curto, que os primeiros Padres, que converteram estes povos, duvidaram realmente se eram capazes de receber os Santos Sacramentos. Não são capazes de inventar e excogitar algo que seja de seu próprio juízo e intuìção, mesmo que fôsse o mais simples trabalho manual, mas sempre precisa estar o Padre junto dêles e orientá-los e fornecer-lhes moldes e modelos. Quando os tiverem, pode estar seguro de que o farão bem igualzinho ao original. E' indiscritível sua habilidade imitativa. Se nada sabem excogitar de suas cabeças, sabem, no entanto, fazer qualquer coisa que seja, por mais difícil que pareça, quando tiverem à mão o molde ou o modêlo. Por exemplo: Gostaríamos de ter umas rendas bonitas e grandes para uma alba. Que faz a índia? Toma duma renda dum palmo de largura, feita na Europa, pega os fios com a agulha, abre a renda um pouquinho e verifica como ela foi trabalhada, e logo faz outra igual. A nova tanto se assemelha com a antiga, que não serás capaz de distinguir qual a renda neerlandesa ou espanhola e qual a indígena. E assim se dá com tôdas as coisas. Temos dois órgãos, um dos quais trazido da Europa, ao passo que o outro foi feito pelos índios, e tão semelhantes, que a princípio eu mesmo me enganei e levei o órgão indígena por conta do europeu. Eis aí um missal, de Impressão de Antuérpia, a mais linda de tôdas, — alí outro missal, escrito por um indígena: Não se é capaz de distinguir qual o missal impresso e qual o escrito a mão! As trombetas são bem iguais às de confecção de Nuremberg, os relógios nada ficam devendo aos augsburguenses, de fama mundial. Há quadros que parecem pintados pela mão de Rubens. Numa palavra, os índios imitam tudo, desde que tenham um molde ou modêlo. Se, porém, lhos tirares de diante dos olhos, de modo que não mais os vejam — então tudo sai errado e arrevesado, então uma criança européia terminará o trabalho

muito antes que o índio. Têm de-fato juízo curto, nada sabem imaginar-se ou fingir-se, quando o não vêem. Isto dá muito trabalho ao missionário. E, agora, voltemos a falar da fertilidade de nossa terra.

Também não nos faltam galinhas, leitões, cordeiros, ovelhas, cabras. A aldeia de São Tomé (56) já há anos contava com mais de 40.000 ovelhas.

Aldeamento que não fôsse capaz de criar três a quatro mil cavalos de montaria seria considerado pobre. Particularmente apreciadas são as mulas, possuindo eu também um animal bem criado. Um cavalo vale, quando muito, um *Taler*, não em dinheiro, mas em fumo, mate, agulhas, fácas ou anzóis. Por uma mula, porém, os espanhóis de Buenos-Aires ou Santa-Fé pagam 14 *Talers* e os índios entre si sete (57). Uma ovelha, cordeirinho ou cabrito vale três vêzes mais do que um boi ou uma vaca, por causa da lã, com a qual os índios se vestem. Além da lã ovina, têm êles o algodão, aliás plantações inteiras da melhor qualidade. Cânhamo e linho não dão aquí, motivo por que é muito caro o tecido de linho. Um côvado chega a sair a três, quatro e mais *Talers*. A alba sacerdotal, que uso na missa solene da Páscoa, é de linho cardado e provida de renda, e tive que pagar por ela 120 *Reichstaler* em Buenos-Aires. Um chapéu que lá em casa custa meio *Gulden* sai aquí por 12 e mais *Talers*. Mas, graças a Deus, não precisamos mais comprá-los. Um dos nossos irmãos ensinou aos índios a fabricar chapéus.

As roças são muito férteis. Embora muito mal amanhadas, pouco cuidadas e mal adubadas, dão literalmente frutos cem por cento. O cereal e grão ordinário é só e ùnicamente o milho, o chamado grão turco, que aquí dá aos montes. Dêle os índios fazem farinha, não no moinho, porque êles não têm moinhos, mas socam-no num morteiro de madeira. Desta farinha fazem na água ou com carne, mas sempre sem sal, uma espécie de mingau, fazem também certas tortas, que deitam nas brasas e deixam fritar e as comem em vez de pão (58). Não têm fornos e conseguintemente não têm outro pão a não ser êste. Quando dou aos meus músicos um pedaço de pão de trigo, o que faço às vêzes, pensam já estarem no céu. Por um só dêstes pães tu podes comprar uns dois ou três bonitos cavalos. Se os índios quisessem, cada um poderia semear 50

---

(56) São Tomé, hoje um lugarejo sem importância, à margem direita do Uruguai, em frente de São Borja, é uma estação ferroviária, onde o ramal Buenos-Aires-Assunção vira em ângulo agudo para o oeste. Foram os moradores de São Tomé que fundaram São Borja.

(57) Até agora, uma boa mula custa quatro ou cinco vêzes o prêço de um cavalo.

(58) Descrição exata da polenta.

geiras de terra, porque aquí há terra suficiente, cada qual pode amanhar e plantar quanto queira. A América sòzinha é maior do que os três continentes Europa, Ásia e África juntos (59). E é completamente deshabitada e muitas vêzes não se encontrará uma só chocinha em 300 milhas de extensão. Mas nós não conseguimos fazer com que os índios, em sua pura preguiça, semeiem mais de uma ou duas rocinhas de 18 passos de grão turco. E mesmo isto só o conseguimos com tundas (60).

Ainda domingo passado tornou-se absolutamente necessário passar uma sova em alguns índios que não haviam amanhado a terra e nem haviam procurado encontrar um arado. Nossos arados não são providos de rêlha de ferro, porque donde tirar tanto ferro, mas são feitos do primeiro tronco de árvore que se encontre e apontado como um arado. Com êle ara-se á roça uns dedos de profundidade, porque mais trabalho e suor não exige esta terra fértil, mas compensa em bondade o que falta a estes agricultores preguiçosos. Mas, o Padre Missionário, que não se ajeita com o rústico grão turco, — aliás, eu como-o com particular prazer e me dou muito bem com êle — costuma semear anualmente umas quarenta ou cinqùenta maquias de trigo para si e seus doentes. Freqùentes vêzes também dá a êste ou àquele índio umas duas ou três geiras para lavrar. Mas, que é que faz o índio glutão? Pega da semente, que êle deveria confiar ao seio da terra tão fértil e da qual poderia esperar uma cegadura abundante, e a enfia em seu papo voraz. Se é que há um povo de-baixo do sol para o qual sente a palavra de Cristo: *Nolite solicite esse in crastinum*, não vos preocupeis pelo dia de amanhã, então é êste! Se há uma geração, como disse, que observa aquela palavra, então a observam os nos-

---

(59) O Pe. Sepp era, sem dúvida, homem de estudos e boa cultura. Mas seus conhecimentos só podiam ser, evidentemente, os de seu século. Motivo por que suas referências sociológicas, botânicas e geográficas encerram preconceitos e erros. Mas de modo algum se deve, considerando êste ponto, perder a confiança em suas descrições de viagens. E' bom lembrar-se, ao contrário, que em mais de cem lugares a observação sagaz e penetrante do padre jesuíta em muito se adiantou a seu tempo, reconhecendo fatos e analogias só mais tarde confirmados.

(60) Muito se discutiu em tôrno da questão dos castigos corporais, sob forma de surras com açoites ou chicote, administrados nas reduções. Os críticos, no entanto, esquecem que nos séculos XVII e XVIII se opinava a respeito de maneira bem diversa. Surras e chicotes constituíam, naquelas épocas, a coisa mais natural dêste mundo, e mesmo os príncipes das casas de Bourbon e Hohenzollern eram incessantemente surrados até os doze anos, e maltratados com tôdas as torturas imagináveis. Os peões dos solares dos nobres e especialmente os soldados prussianos recebiam açoites até morrer. Comparativamente aos castigos utilizados na Europa, no século XVII, o tratamento dos índios passíveis de penalidades deve ser considerado de extraordinária moderação.

sos índios, aliás literalmente, e portanto muito mal. Não têm a mínima preocupação pelo dia de amanhã. Se a um pai de família dou uma vaca para que êle e os seus tenham que comer três dias seguidos, antes que o sol se ponha não terá sobrado migalhas. E o referido pai de família virá ter comigo no dia seguinte e dirá: *Pay*, pai, *nd arecói Sôd*, não tenho carne. *Nembià hei ete*, tenho muita fome. — E respondo eu: *Cherai*, filho, *chen Namêê n débe baca tubichaeté yqûirà eté cuèhé pángâ*, não te dei ontem ainda uma vaca grande e gorda? *Mbae eremy mô â pãnga?* Que é que tu pensas? *Heta cheray áreco ndehûguí amôngâru hânguâma rebe!* Tenho ainda outros filhos a alimentar além de ti! E é assim que êles procedem com tudo. Assim o Missionário se vê forçado a distribuir separadamente e a cada um em particular o seu pedaço de carne de cinco a oito libras, ao pai, à mãe, à filha, ao filho, e até à criança que ainda mama, e isto duas vêzes por dia. Porque, se o missionário distribue ao meio-dia a ração para a tarde, então já se sumiu. Ao meio-dia o índio atira tudo junto num panelão, quer dizer, no bucho, para que à noite se poupe ao esfôrço de rezar o *Benedicite*. Sim, se dou à mãe, além da ração dela, a ração para o filho, também esta ração desaparece; e o coitado do anjinho precisa passar fome e olhar como sua legítima mãe procede feito madrasta. Só poucos índios se encontrará que sejam capazes de guardar as sementes até a época da sementeira. Por isto, também neste particular, precisa o padre olhar pelas coisas. Faz, portanto, um galpão para tôda a comunidade. Quando o milho está maduro, cada pai de família e cada família precisa encaminhar parte da colheita para êste galpão. Vindo a época da sementeira, ajudo-os e lhes forneço a semente. O que isto me custa, em face dos seis a sete mil índios, pelos quais tenho que cuidar, o inteligente leitor que o diga.

Não posso furtar-me a relatar, neste lugar, o que sucedeu a um missionário, há poucos dias. Dêste fato pode-se inferir que êste povo não tem previdência alguma, que tudo devora num dia e não cogita de que precisa viver também no dia seguinte (61).

Quando chega a época do amanho e da sementeira, o que comumente se dá no mês de junho e julho, o Padre dá a cada índio duas ou três juntas de bois para o amanho da roça, que muitas vêzes não vai além de quinze passos. A roça, sem dúvida, não é tão pequena por falta de terra, — porque esta não tem marcos nem cêrcas, mas está aí livre, para

(61) Confira-se, a propósito, a observação do sábio francês Auguste de Saint-Hilaire que, 120 anos mais tarde, em sua obra "Voyage dans la province de Rio Grande de S. Pedro do Sul", frisa, com muita insistência, ser a ausência absoluta do conceito de futuro o traço mais evidente na atitude mental de nossos índios.

quem queira cultivá-la — mas por pura preguiça! E não dariam conta nem dêste pedacinho de roça, dêste punhado de terra, se o Padre não apertasse o agricultor preguiçoso com sovas e inspeções incessantes. E não amanhariam êste punhado de terra nem em dois meses e mal fariam um carreiro por dia, mas dependurariam sua rêde entre duas árvores e fariam folga perpétua.

Pois o Padre queria fazer sua visitação, para verificar se todos tinham arado suas roças. Chegou a um índio, que parecia ser o mais aplicado. Que tinha êle feito dos bois, que o Padre lhe emprestara? Quantas geiras de terra tinha êle amanhado e plantado? Quantos moios havia êle semeado? Eis a resposta: Nem moio, nem meio moio, nem um quarto de moio, nem uma colher havia êle semeado! Atrelou seus touros, pegou do arado, fêz um ou dois carreiros para cima e para baixo, e veja: já lhe estalavam as pernas e os ombros preguiçosos. Enfia, pois, suas mãos cansadas por baixo das cavas, pára e contempla sua bela junta de bois e se vê tomado de tremenda comiseração pelos animais, por causa do grande trabalho. E diz para consigo mesmo: Que tal, se eu pegasse do zebruno e o almoçasse? *Dictum — factum*, dito e feito! O coitado está com fome, desatrela o zebruno e o abate. Entrementes, a glutona da índia o ajuda valorosamente, fazendo um fogo no meio da roça. E com que lenha, meu prezado leitor? Eu te deixaria adivinhar o dia todo e não o acertarias! Pois bem, a dona de casa previdente pega do *arado*, com o qual seu marido tinha que lavrar a terra e dêle faz fogo, e, em vez de gravetos, pega da graxa do boi, de modo que o coitado do touro é assado em sua própria graxa. E a mulher também não precisa de foles, mas remexe sempre na graxa, enquanto o marido divide o boi em quatro pedaços. Em vez de espetos, pega de quatro pedaços de pau, nêles enfia a carne, um quarto em cada um, fá-lo esquentar nas chamas, um pouco de um lado, e depois vira o assado.

Enquanto a carne está dependurada dum lado por cima do fogo, o índio voraz a começa a cortar do outro, a comer e a comer, de modo que o sangue e a graxa lhe escorrem de todos os lados do focinho. Constitue para êle um acepipe, o melhor bocado e o pedaço mais saboroso quando destarte a carne cheira a fumaça e o sangue goteja de todos os lados. Entrementes, a índia faminta não perde tempo, mas segue o exemplo do seu marido, pega do outro quarto, enfia-o num espêto de pau, passa-o três vêzes pelas chamas e já o leva à boca, para que não se esfrie. E que fazem os pequenos garotos e as meninas indígenas famintos? Não será um quarto grande demais para êles, para que dêle possam dar conta? Qual nada! Por maior que seja, darão conta. Cortam pedações de duas

a três libras, enfiam-nos em pequenas varas e espetam essas varinhas na terra, em tôrno do braseiro e do fogo. E, seguindo o bom exemplo paterno, já saem comendo do outro lado, enquanto do lado de lá a carne ainda está assando. Desta maneira, o pobre boi do arado virou fumaça num único almôço.

Neste meio tempo veio o Padre. Êste já cheirou o lôgro de longe. De um quarto de hora de distância já viu a fumaça e veio vindo em sua direção. O índio, que se sentia culpado, junto com sua mulher voraz, começou a tremer. Pelos ossos esparsos pelo chão o Padre verificou o que havia acontecido e disse ao mui aplicado agricultor que havia trabalhado mais com seus dentes vorazes do que com suas mãos preguiçosas: "Meu filho, que é que significam estes ossos? Onde está o outro boi que te emprestei? Por que não continuas lavrando?" Ao que responde o coitado do glutão: "Meu pai, tive hoje muita fome, também estive tão enfraquecido: minha mulher lhe dará testemunho". — Boa resposta, não acham? Que pode o Padre fazer? Um boi já foi devorado e o pedacinho de roça nem lavrado pela metade. Se o Padre quer que o agricultor preguiçoso e seus filhos tenham que comer o ano todo, precisa não fazer caso e dar-lhes outro boi. Êste fato se deu há pouco com um Padre, e fatos semelhantes se dão todos os anos. Aos europeus isto parecerá incrível, mas aquí entre nós é a dura verdade, que os índios deixam, por pura preguiça, estragar as espigas de milho maduras e amarelas, se os Padres não os ameaçam expressamente com 24 pancadas de sova como castigo.

Se alguém pergunta: de que maneira costumais castigar êsses índios? respondo brevemente: Como um pai castiga aos filhos que ama, assim castigamos os que o merecem! Naturalmente não é o Padre que pega do açoite, mas o primeiro índio que estiver à mão — aquí não temos varas de bétula ou outras semelhantes — e coça o delinqüente assim como na Europa um pai surra o filho ou o patrão o seu aprendiz. Assim são castigados grandes e pequenos e também as mulheres. Castigar desta maneira paternal tem resultado extraordinário, também entre os bárbaros mais selvagens, de sorte que nos amam em verdade, como os filhos ao pai. Não haverá no mundo todo um povo que tanto nos ame. E quando se os açoita ou coça, não gritam, não praguejam, e tu não ouvirás uma só palavra de má vontade, impaciência ou raiva. Se o castigo fôr muito, invocam os santíssimos *nomina Jesus Maria*, e recebem a surra com a máxima paciência, sim, até gratidão. Depois de castigados, vão logo ter com o Padre, beijam-lhe a mão sacerdotal e externam seu reconhecimento nas seguintes palavras: "Meu Pai, mil e dez mil vêzes te agradeço que por teu castigo paternal me abriste o juízo e me tornaste

no homem que antes não fui". Esta doçura e paciência nestes bárbaros selvagens — ninguém as estimará demais. E quem, na Europa, que assim desta maneira suporte uma surra bem merecida? Quanta gritaria, quanta praga! Coisa semelhante nem eu nem os outros Padres ouvimos há anos uma só vez que fôsse da bôca de índios ou índias.

As criancinhas superam em muito o amor e o respeito, que nos demonstram os adultos. Muitas vêzes se reúnem em meu pátio, sentam-se no chão nu, no maior silêncio, só porque aquí se sentem à vontade e me querem ver, caso eu saia do quarto. Isto lhes é o maior consôlo, principalmente quando lhes dirijo a palavra, perguntando isto ou aquilo da doutrina cristã, ou quando dou uma agulha ou um anzol aos que sabem bem responder; ou quando lhes dou um monte de limas, limões e pêssegos, que aquí dão aos montes, ou ainda mais quando lhes dou licença de atirar ao alvo com suas flechas e lhes prendo um pedaço de carne no alvo, cabendo a carne àquele que acertar. Tudo isto faço seguidas vêzes. Então estes anjinhos inocentes começam a saltar, a alegrar-se e a gritar: *"Pay, Pay, che oro haî hù,* Pai, pai, gosto de ti, *che oro haî hù,* gosto de ti, *che pia guîbe,* do fundo do meu coração".

Agora alguns dos meus leitores quererão saber como é que aquí nos apresentamos e vestimos? E depois, qual é a ordem do dia dum Padre Missionário?

Nossa vestimenta é esta: O calçado é de couro, mas não é amarrado com tiras ou fivelas, mas com um botão de couro, tão-pouco tem cêpo ou salto, mas só uma sola lisa. As meias não são de fustão ou linho, também não são tecidas, mas só de couro de ovelha preto, como os sapatos. A roupeta ou o hábito religioso é preto, sim, e quase assim como costumamos levá-la na Alemanha, mas é fechada na frente, portanto não é cruzada, mas tem uma costura até o chão, bem assim, segundo crêem piedosamente, como Cristo levava sua túnica. Além disso nossa roupeta não tem fôrro e também não tem bolsos, nem na frente, nem atrás, nem na bainha costurada para armar. E muitas vêzes não é de simples cardado, mas só de linho preto.

A sobretúnica, que chamamos de túnica caseira, não é preta, mas parda como madeira polida, tem mangas compridas, que vão até o chão. Não a usamos quando a cavalo, mas só em casa e na igreja, como na Alemanha. Os noviços não se vestem de preto, mas todo de pardo, como Cristo Senhor, têm um cinto ou cíngulo de couro. Não levamos o rosário na cintura, mas sempre dependurado ao pescoço, para que os pagãos selvagens possam reconhecer que somos cristãos e servos da dileta Mãe de Deus. Da mesma maneira, todos os índios, tanto homens como mulhe-

res, os grandes e os pequenos, levam o rosário ao pescoço, em sinal de que são cristãos e não pagãos. A camisa se parece com as nossas camisas alemãs, só que muitos Padres a têm feita não de linho, e sim de algodão, mas bem trabalhada. Na cabeça não levamos aurículos, como na minha Província, mas barretes sacerdotais, muito altos e elegantemente pontudos, muito parecidos com os que os sumo-sacerdotes japoneses levam nas comédias. O cabelo não o usamos compridos, mas bem raspados na cabeça, não deixamos crescer a barba, motivo por que o barbeiro tem que exercer seu ofício todos os oito dias. Eu faço mesmo meu cabelo e barba e poupo portanto o dinheiro do barbeiro. A tonsura sacerdotal aquí é um pouco maior. Quem ma corta é um garoto indígena, porque não alcanço com a mão em toda parte; dou-lhe uma fôrma de papel cortada em círculo, porque, do contrário, far-me-ia uma tonsura triangular ou até quadrada. Quando saímos de casa, seja para visitar os doentes, ou fazer um batizado na choça dum índio, nos morros ou numa caverna, não levamos na mão outro cajado senão uma cruz, que sempre está pronta diante da minha porta. Já muitas vêzes se deu que com êste cajado de cruz ou de passeio matássemos as maiores serpentes, sem sermos molestados. Indubitàvelmente, Deus criou o bicho de tal jeito que antes se enrosca no cajado do que na perna do Padre, motivo por que até o dia de hoje nenhum Padre foi picado por cobra, de que aliás há tantas aquí, especialmente nos morros, e cujo veneno e tamanho em muito superam as cobras européias.

Segue agora a ordem do dia, que observamos aquí com a mesma exatidão, como se estivéssemos num Colégio ou convento. À mão com ela podem os meus diletíssimos amigos e benévolos leitores verificar como é indiscritìvelmente grande o esfôrço e o trabalho dum missionário. Não lhe desse o Deus bondoso fôrça especial, sabedoria humana, seria incapaz de suportar e dirigir tantos negócios tão variados. Sucumbiria ao pêso dêste fardo, porque o fardo é tão grande, pois mesmo oito ou mais Padres teriam com que fazer, fazendo o que aquí um ou dois têm que fazer sòzinhos.

Capítulo IX

ORDEM DO DIA DOS MISSIONÁRIOS

De manhã, uma hora antes do romper do dia, desperta-me meu garoto indígena, de nome Francisco Xavier. O rapazote é acordado pelo sacristão, e êste pelo galo que canta. Então Xavier — tem êle um companheiro de nome Inácio — acende em meu quartinho a vela de sebo, porque por falta de óleo não temos lamparinas, de modo que a lamparina diante do Santíssimo na igreja queima com graxa. Depois que me vestí e lavei, vou à igreja, saúdo a Deus, ajoelho-me e faço minha meditação de uma hora. Depois me confesso, quando estivermos a dois Padres. Depois o sino grande dá a Ave-Maria, quando o sol já raiou dá-se o sinal para a Santa Missa. Depois da Missa rezo meu *Recess* (62) de um quarto de hora. Em seguida vou diàriamente ao confissionário. Dou então a doutrina cristã às crianças, meninas e meninos, os que ainda não forem casados. Depois visito os doentes e ouço suas confissões. Quando fôr preciso, dou-lhes o Santo Viático e a Extrema Unção, dou-lhes a *commendationem animae*, assisto-os e ajudo-os para que tenham boa morte.

Permitindo-o o tempo, ajudo-os ainda com remédios caseiros, com sangria e purgativos, e estas visitas aos doentes se fazem diàriamente duas vêzes, porque entre tanta gente sempre há alguém que esteja para morrer, motivo por que quase que diàriamente tenho alguns mortos para enterrar.

Após a visita aos doentes visito nossas oficinas. Primeiramente vou ter com os petizes indígenas na escola, que aprendem a ler e escrever. As meninas, em vez disso, aprendem a tecer, bordar e costurar. Dou-lhes as lições e tomo as que aprenderam. Vou depois ter com os músicos. Ora ouço o canto dos tiples, de que tenho oito; outras vêzes a dos altos, de que tenho seis. Os tenores são incontáveis; tenho seis baixos. Depois tocam os quatro trombetas, os oito charameleiros e os quatro trompas, dando sua lição. Dou lição aos quatro harpistas, os quatro organis-

(62) Oração para terminar.

tas e a um tiorbista. Noutro dia, tomo a lição dos dansarinos e lhes ensino algumas dansas, como as costumamos apresentar em nossas comédias, e como são representadas nas igrejas da Espanha, por ocasião das grandes festas. Aquí é particularmente necessário entusiasmar os descrentes com coisas semelhantes e despertar-lhes e gravar-lhes com o aparato litúrgico exterior uma inclinação interior para com a religião cristã.

Por isso, em todos os dias de festa, depois das vésperas e antes da missa solene, vestimos de maneira sobremodo bonita alguns rapazotes indígenas, tão bonita como os pobres índios nunca o viram. Então, na igreja, onde tudo está reùnido, executam suas dansas. Também por ensêjo de procissões públicas costumamos apresentar dansas, principalmente na festa do Corpo de Deus, quando alguns dansam diante do Santíssimo.

Depois que instruí os músicos e dansarinos, visito as outras oficinas, a olaria, o moinho, a padaria. Verifico o que estão fazendo os ferreiros, os carpinteiros e marcineiros, verifico o que estão talhando os escultores, o que pintam os pintores, o que tecem os tecelães, o que torneiam os torneadores, o que bordam os bordadores, o que carneiam os carneadores. Estes últimos, sendo a aldeia bastante grande, chegam a carnear 15 a 20 vacas por dia.

Quando sobra tempo, vou inspecionar a quinta, para ver se os jardineiros semeiam, plantam, regam e capinam. Às nove e meia horas distribuem-se os potes, com que os enfermeiros, para êsse fim, levam às choupanas dos doentes leite quente, um bom pedaço de carne e pão branco. Pelas dez e meia horas o rapazote dá sinal com o sino para o exame de conciência. Para isso, fecho-me por um quarto de hora em meu quarto, examino meus pecados e omissões e vou então à mesa.

À mesa, o melhor dos tiples me lê em latim um capítulo da Sagrada Escritura. Depois, um outro rapazinho lê em espanhol um trecho da Vida dos Santos e, pelo fim da mesa, lê do martirológio ou do calendário dos Santos o trecho que corresponde ao dia. Seis outros rapazinhos, que moram sempre em casa comigo, servem à mesa. Um traz os pratos, o outro os leva, um vai buscar água do rio, outro limpa as velas, êste serve o pão, aquêle traz as frutas da quinta. Todos vão de pé no chão, de cabeça descoberta, bem modestos, como noviços, prontos ao primeiro sinal. Quando terminei de comer, comem os meninos. Dou-lhes sempre um bom pedaço de pão branco, que apreciam mais do que qualquer outra coisa, muitas vêzes também um pouco de mel por guloseima e bastante carne. Por vêzes, em dias de grande festa, como Natal, o Menino Jesús lhes traz bolinhos e pastéis, do que lhes sorrí o coração. Logo

depois da comida vêm ter comigo para a ação de graças costumeira: *Aguyebete, aguyebete, cheruba*: Deus to pague, meu pai.

Quando estivermos a dois numa redução, fazemos após à mesa uma hora de recreio e palestra.

Pela uma hora rezamos na igreja, com as crianças, a ladainha de Todos os Santos. Tenho então, até as duas horas, um pouco de tempo para trabalhar para mim: Faço de cola diversas imagens de Alt-Oettingen, depois medalhas e relicários de sêda. Noutro dia componho um pouco de música, e diàriamente vou aprendendo um pouco mais da língua indígena.

Às duas horas o sino grande dá o sinal de trabalhar. Daí torno a visitar as oficinas. Vou ter novamente com os doentes, consolo-os e vejo o que lhes falta. Às quatro horas, dou doutrina às crianças, rezo o têrço com o povo, depois a ladainha e faço com êle, em voz alta, o *Actum contritionis*, contrição e arrependimento pelos nossos pecados. Depois tenho que, quase diàriamente, sepultar os mortos. Rezo então minhas horas sacerdotais. Às sete horas faço a ceia. Segue-se depois uma hora de recreio. Depois leitura espiritual, exame interior, preparação para a meditação do dia seguinte e finalmente o descanso noturno. Êste muitas vêzes é interrompido por causa dos doentes, aos quais de noite tenho que administrar o Santo Viático.

É esta a ordem do dia costumeira. Segue-se, agora, o que se dá em determinados dias:

Todos os domingos e dias santos há sermão e missa solene. Nos grandes dias de festa há *primae vesperae*, aos domingos batizo as crianças às três horas da tarde. A primeira, que lavei com a água do Santo Batismo, voou logo depois do batismo para o céu, como primícia de minha missão apostólica. Tinha-a batizado de Antônio, em honra do meu santo patrono, porque foi no seu dia, aos 13 de junho de 1691, que batizei pela primeira vez. Com que consôlo para minha alma enviei para o céu êste anjinho inocente, deixo que o imagine o benévolo leitor. Ao segundo menino a que batizei dei o nome de João Batista, segundo meu defunto pai. Ainda é vivo. Entrementes, batizei nesse breve espaço de tempo a umas cem crianças, muitas das quais voaram logo para o céu, ao passo que outras ainda vivem.

Às segundas-feiras realizamos os casamentos e justamente hoje, que escrevo isto, casei oito índios e índias.

No primeiro dia de cada mês publicamos os santos do mês e celebramos as santas missas pelos índios falecidos. O Tempo Pascal aquí já começa com a Quaresma e dura até depois de Corpus Christi por causa do grande número dos pecadores e da carência de confessores.

Disso tudo se pode inferir os grandes esforços e trabalhos dum missionário. A fôlha de papel vai para o fim, recomendo-me, pois, à oração piedosa de todos os meus diletíssimos amigos e caríssimos conhecidos. Queiram todos rezar por mim, o maior dos pecadores, e para minhas ovelhinhas, para que, todos juntos, possamos entrar no redil celeste.

* * *

Tudo isto foi extraído das cartas do meu mui reverendo e diletíssimo irmão Antônio Sepp, S. J., que até agora foram do Paraguai enviadas para nós aquí na Europa. Para que chegue ao conhecimento de muitos, foram por mim publicadas, pela honra, louvor e bênção de Deus, de sua caríssima Mãe e Virgem Maria imaculada, para consôlo do coração e proveito espiritual de muitas pessoas piedosas e para o reconhecimento e bênção devidos àquele, por cujo intermédio, o Deus bondosíssimo e milagrosíssimo operou tôdas estas coisas.

Nova continuação e fatos extraordinários, que lá se dão, eu os espero a cada momento. Logo que vierem, também deverão ser publicados.



14. GRUPO DE NOSSA SENHORA DE ASSUNÇÃO.



15. SÃO BORJA,
de José Brasanelli.



16. SÃO LUIZ GONZAGA,
provàvelmente de José Brasanelli.



17. UM SÃO JOÃO BATISTA,
cuja autoria é atribuída ao Pe. Antônio Sepp.

PARTE II

Trabalhos Apostólicos

Tradução dos alunos da
COMPANHIA DE JESÚS, EM PARECÍ.

Continuação dos Trabalhos Apostólicos

que passou o R. P. Antônio Sepp S. J.
missionário apostólico no Paraguai,
do ano de 1693 da era cristã até o ano de 1701.

★

Descrição dos costumes daquela gente bárbara, de seus talentos e habilidades práticas e mecânicas, etc.; e, ao contrário, a rudeza nas cousas especulativas e metafísicas; e muitas outras cousas maravilhosas para os de Europa.

★

Com privilégio da Sagr. Majestade Cesárea, e licença dos Superiores.

★

INGOLSTADT,
a expensas de João André de La Haye, livreiro acadêmico

★

Tipos de Tomaz Grass, Tipografia Acadêmica.

Ano de 1710.

Tradução da página de rosto da obra "Trabalhos Apostólicos".

Licença do R. Pe. Provincial com o privilégio cesáreo.

Eu, Guilherme Stinglhaim S. J., Prepósito Provincial pela Alemanha Superior, com a autorização do M. R. Pe. Miguel Ângelo Tamburini, Prepósito Geral de tôda a Companhia, concedo ao Sr. João André de la Haye, livreiro ingolstadiense, licença de editar o livrinho com o título: *"Continuação dos trabalhos apostólicos do Pe. Antônio Sepp S. J. etc."*, e igualmente de usar por dez anos o direito do privilégio cesáreo, que proíbe a todos os tipógrafos e livreiros contrafazer, sem consentimento dos Superiores e Autores, os livros divulgados pelos Padres da Companhia de Jesús, ou de os importar no Santo Império Romano nas Províncias hereditárias da Sagr. Majestade Cesárea.

Com minha própria mão, e com o costumado sêlo do Ofício o confirmo.

Lucerna, 2 de agôsto de 1709.

L. S.

GUILHERME STINGLHAIM.

PREFÁCIO

Ao pio e benévolo leitor.

Enquanto eu descrevo com a pena a infinita misericórdia de Deus, não se recuse o leitor de, ao ler a minha narração, celebrar e louvar com espírito e língua esta misericórdia; pois, se não tudo, muitas cousas de-certo há dignas de admiração, provas claras do Deus misericordioso, que chama o que existe do mesmo modo que o que não existe... Uma única cousa queria aquí observar ao pio e benévolo leitor e é que, ocupado por tantas e tamanhas curas de almas, não me foi possível inserir tudo nesta fôlha, minuciosamente; nem, tão-pouco, exprimir tudo em latim: o apêrto de tempo me coagiu a dividí-lo, e não tanto me animou, como me compeliu a exprimir algumas cousas em alemão, a-fim-de que servissem a utilidade de grande número de leitores. Fàcilmente relevarão os despautérios e deslizes de minha pena; porquanto não deve estranhar que seja mais frugal e menos feliz o vocabulário latino daquele a quem de há tanto tempo deixou de ser familiar o uso da língua latina, e nem o poderia ser. Mas o dialeto indígena, bem que bárbaro, aquêle Mestre Divino, que disse: "Não penseis como ides falar ou que ides dizer; pois naquela hora se vos dará o que digais, visto não serdes vós que falais, mas é o Espírito de vosso Pai que fala em vós" (Mt. X), com tanta facilidade mo derramou na língua, que quem me ouvisse prègar, diria que me é nativo. Sòmente, pois, exporei em sinopse o que ano por ano me aconteceu aquí no cultivo desta vinha paraguaia, só e ùnicamente para propagar o louvor e glória do Deus três vêzes Ótimo-Máximo, bem como para consolação e edificação e recomendação dos leitores, e não com o intuíto de divulgar o meu nome. Por fim, toma à boa parte, leitor benévolo, tudo que se refere acêrca do meu trabalho, nem duvides por forma alguma do que lês; pois que tudo é bem verdade averiguei eu mesmo, tendo por mestra a experiência própria.

Capítulo I

NARRA-SE BREVEMENTE A PIEDOSA MORTE DO R. Pe. ANTÔNIO BÖHM; E COMO SUA MISSÃO, CHAMADA DE LÓS YAROS, FOI IMPEDIDA E DISPERSA POR UM FEITICEIRO SEXAGENÁRIO

No ano de 1693, isto é, no último que passei na Redução dos Três-Santos-Reis, aquela preclara missão do R. Pe. Antônio Böhm, agora de pia memória, foi de todo frustrada e dispersa. De pia memória, disse; pois no momento em que escrevo faz cinco anos que a morte inimiga nos arrebatou o apostólico varão. Faleceu o R. Pe. Antônio Böhm no ano de 1695, no dia 10 de maio, na própria sagrada vigília do Domingo da Ascensão, após as primeiras Vésperas. Cristo Senhor indubitàvelmente o terá levado para o céu entre os coros angélicos. Uma disenteria pertinaz atirou no leito fatal, a 20 de março, o varão já esgotado pelos trabalhos; e prolongando-se a enfermidade por espaço de três meses, por fim o acabou de matar a 10 de maio, em tal estado que de nenhuma outra parte parecia constar seu corpo a não ser de pele e osso. Pressentindo a morte, anunciou-a e vaticinou-a com tôda a certeza, como qualquer um fàcilmente pode ver da ùltima carta que me enviou. Para consôlo dos amigos, apraz-me inserí-la aquí. Entre outras cousas, eis o que disse já semi-morto: *"Rogue à Mãe de Deus por mim. As cousas da música vão para V. Revma. Dou-lhe, com licença já obtida do R. Pe. Superior, a Sagrada Escritura, a Concordância da Bíblia e as três parte do Pe. Tobias Lohner. Peça estas cousas, que lhe serão dadas, e lembre-se sempre de mim. Declare aos de Europa minha morte, boa, como espero, aos olhos de Deus.*

Na Redução de São Carlos, 20 de março de 1695.

Antônio Böhm".

Considere bem o leitor essas últimas ("declare aos de Europa minha morte, boa, como espero, aos olhos de Deus") e diga comigo, ardendo em

desejos de semelhante morte: Oxalá morra minha alma a morte dêste justo. Sim, foi apoiado em sua boa conciência que o apostólico varão ousou escrever tal cousa. Sua vida e seus trabalhos dignos de glória eterna comuniquei-os em espanhol ao M. R. Pe. Provincial, Lauro Nuñez, e a tôda a Província do Paraguai; se o tempo o permitir, trasladá-los-ei do espanhol ao alemão, para piedosa edificação de todos os de Europa. Estando, pois, eu, consoante disse, no ano de 1693 na Redução dos Três-Santos-Reis, foi dispersa aquela missão, de nome de los Yaros, sendo o Pe. Antônio Böhm, de pia memória, reenviado à sua primitiva estação e Redução de São Miguel. A dispersão originou-se da seguinte forma.

Entre os demais gentios que os paraguaios apelidam de Yaros (lê tcharos, porque na língua indígena Y é o mesmo que tch), era famoso um certo mestre de arte mágica e cruel discípulo do gênio negro, tirano e régulo dêles, de nome Moreyra (1), o mesmo que da minha primeira chegada a estas terras me veio ao encontro com sua gente; e que, quando o P. José Saraiva, perito na língua, o interpelara com bons modos a que, em sua avançada idade de sexagenário, pensasse sèriamente na morte a ameaçá-lo de perto e providenciasse por ter no futuro uma sorte e morte melhor; que cultuasse a Deus sòmente, a-fim-de não acontecer que, ficando por mais tempo refratário à verdade evangélica, fôsse arremessado por Êle ao báratro infernal, a ser atormentado atrozmente pelos fogos eternos; naquela ocasião, digo, retrucara o feiticeiro: *"Meu padre, se Deus não fôsse tão grande amigo meu, já de há muito eu estaria morto; pois até o presente não me fulminou com um raio, nem me despedaçou às garras dos trigres, nem me picou a serpente, nem me fêz mal a víbora, nem a terra me enguliu; tão grande amigo meu é aquêle que tu chamas Deus, e ótimo amigo."* Estas e semelhantes cousas decantava então aquêle embusteiro à bôca cheia. Êste homem, pois, laureado doutor na Escola de Lúcifer de infames mentiras, frustrava tôda a obra do nosso padre Antônio Böhm, como também a do Pe. Hipólito Doctili (italiano de nação, missionário célebre por ter reconduzido já muitos bárbaros gentios à fé cristã). Intérprete fraudulento da sã doutrina dos padres, não a referia e expunha aos seus com a devida fidelidade; pois como ainda ignoravam o idioma daquela gente, era de todo em todo necessário falar-lhes

(1) As palavras orgulhosas dêste cacique, seu aspecto imponente e sua experiência em tôdas as astúcias deixam entrever que proporcionou grandes dificuldades à catequese. A descrição dêste homem, feita pelo Pe. Sepp, combina muito bem com as descrições que Basílio da Gama nos oferece, a respeito de outros caciques eminentes.

por intérprete, e usar como tal esse Moreyra, que espontâneamente se oferecera para desempenhar êste ofício (com dedicação, não há negar, mas sem lealdade), pois que o malvado sabia muito bem a língua paraguia e até a espanhola. Mas eis — que mau discípulo da tão boa escola dos padres! Pois quando os gentios lhe falaram de abraçar a fé católica e elogiavam o suave jugo de Cristo, êste os faz atentos à tirania espanhola: que os presentes dos padres, como são facas, alfinetes, anzóis, e outros que tais brinquedos e atrativos de crianças e meninos, os quais êles com larga mão distribuíam aos pobres, na verdade eram engodos e cadeias de escravos, com que os queriam entregar amarrados em escravidão perpétua aos governadores espanhóis. Estas e semelhantes patranhas dizia o astucioso impostor e seus cabelos grisalhos (antes se diria cabeleira de medusa), a caírem desgrenhados pelos ombros à guisa de cobras enroscadas uma na outra, deram tanto pêso a tais palavras que a gente bárbara e incrédula mais fàcilmente se endurecia a pedras do que se amoleceria à branda dedicação dos padres.

Por esta razão tendo os Superiores abarcado o estado de cousas em madura deliberação, para que os missionários não prosseguissem a gastar energia inùtilmente, tanto mais que outras searas, já maduras para a messe, como que aguardavam a mão do operário, e a messe na verdade é grande, poucos, porém, os operários, os Superiores, digo, dissolveram a dita missão, ou melhor, quais pacientes lavradores estatuíram diferí-la para a outra primavera, sobretudo porque era assaz manifesto e claro que os sacrílegos sicários conspiravam a morte dos padres, para o primeiro ensêjo que se apresentasse, e sem dúvida a teriam dado também ao nosso Pe. Antônio Böhm, se o piedoso nome não tivesse protegido o bom pastor, inspirando a um índio fiel de minha Redução dos Três-Santos-Reis que desviasse o golpe fatal desfechado pelo bárbaro com tôda a fôrça do corpo. O próprio Pe. Antônio presente na ocasião relatou-me todo o decorrer do fato.

Entretanto, os juízos dos homens são outros que os de Deus, e estes encerram muitos abismos; pois, quem jàmais se poderia convencer e imaginar, para não dizer sonhar, que êste astuciosíssimo impostor, êste tirano e régulo se haveria de converter? Quem lê isto, assombre-se e bendiga comigo a infinita clemência do Deus misericordioso, e exclame tomado de pasmo: Esta mudança é da destra do Excelso, atribuível não a meus merecimentos e preces, mas às do piedoso Pe. Antônio Böhm recém-falecido. Narrarei, aquí, em ligeiros traços, êsse fato, que já desenvolví mais amplamente em alemão.

Capítulo II

PRODIGIOSA CONVERSÃO DE MOREYRA, AQUÊLE MÁGICO, TIRANO E RÉGULO SEXAGENÁRIO

Já tinham os varões apostólicos sacudido o pó dos sapatos e abandonado a Babilônia ainda não acalmada, quando Moreyra, o mencionado mestre de arte infernais, ainda não convertido, vinha repetidas vêzes à minha Redução dos Três-Santos-Reis (é a mais próxima que dá para a terra dêstes gentios), e me pedia ora êste, ora aquêle presente, tabaco, erva do Paraguai, ou sal (2); numa palavra, mostrava-se-me afável. Que fiz, eu que conhecia o lôbo roubador de outrora, oculto em pele de ovelha, direi em poucas linhas: fingí-me de ovelha, encobrindo sob esta pele o lôbo apostólico, a-fim-de, com o Divo Apóstolo das gentes, arrebatar ao demônio êste espólio já a ponto de lhe cair nas garras. Abordando o velho astutíssimo com melhor astúcia, cativei-o mediante tabaco, erva do Paraguai e palavras brandas, e por tal forma o afeiçoei a mim, que quase todos os domingos não hesitava em vir fazer-me uma visita, e até prometeu trazer seu filho único, que eu desejava ver. Neste ínterim, informei o R. Pe. Superior, que então era o Pe. Ludovico Gomez, acêrca da prêsa dupla, já quase felizmente acossada para a armadilha e as malhas, e lhe roguei se dignasse escrever-me o mais de-pressa possível o que devia eu fazer. Deixar escapar das mãos esta prêsa era cousa que não parecia avisada, e poria em grande risco a causa cristã de minha missão, visto que pelas perversas artimanhas dêste embusteiro velhaco, já se tinham causado muitos e graves danos à vida e teres de neófitos inocentes, nem se podiam temer menores, se por uma razão qualquer se viesse porventura a exasperar aquêle ânimo bárbaro. E assim pareceu ao R. Pe. Superior de muito bom aviso que eu pusesse em ferros pai e filho, tanto que retornassem à minha residência e os remetesse a êle num bote: com efeito, já há mais tempo mereceria grave punição aquêle grandíssimo impostor e traidor dos padres missionários e neófitos. O

(2) Fumo, sal, mate — petiscos e engodos daquele tempo — são, ainda hoje, os estimulantes e alimentos que nos Pampas exercem o papel principal. Vejam-se também as palavras do Cap. IV: "Com a erva conquistei duas almas".

domingo era um dia excelente para executar o conselho do R. Pe. Superior, senão quando estaca ante a porta o velhacaz, e com o velho o moço, com o pai o filho, herdeiro não só do sangue do pai, mas também da arte negra, e o discípulo mais sagaz de tamanho mestre, mau ovo de um mau corvo. Saúdo a ambos com tôda oficiosidade, e dando-lhes leves palmadas nos ombros em sinal de amizade, desejo-lhes felicidade e boa saúde; de pronto ordeno a meus ìndiozitos que busquem água fresca, para tragarem erva do Paraguai ensopada nela; mando então que se assentem no chão e, fatigados como estavam da longa jornada, repousem e restaurem as fôrças etc.; entrementes chamo um ferreiro que lance as cadeias à prêsa, cadeias de amor, não de tirania, cadeias que já ós arrancariam do cativeiro infernal, dando-lhes alforria na liberdade dos filhos de Deus.

Fácil é de adivinhar como, à vista dos grilhões, estremeceu e pôs-se pálido o feroz canibal de outras vêzes; a princípio resistiu um pouco, prometendo que traria tôda a sua gente, se o soltasse daquelas cadeias vergonhosíssimas, tanto para si como para tôda a raça dos Yaros, que estava pronto para sofrer ante a perda da orelha esquerda, que ser lançado contra a vontade em cadeias tão injuriosas. Ao que eu disse, lançando mão dêste mesmo argumento do selvagem: "deixasse e passasse de bom ânimo por esta deshonra do corpo; e olhasse antes as eternas vergonhas da alma, a qual, estivesse persuadido, pròximamente seria prêsa das cadeias de fogo nas labaredas do inferno, mas que todavia com estes grilhões de amor poderia libertar-se, se quisesse; revocasse com seriedade à mente quão surdo fôra às inspirações divinas até aquela hora, até a velhice, e como seu espírito já decrépito se houvera por várias vezes obstinado emperradamente: resistindo sempre a tantos varões apostólicos e, nestes, ao Espírito Santo, impedindo a conversão de almas quase inúmeras e a redução de sua gente yárica ao grêmio da Santa Igreja Católica; como os transtornara com feitiços e forçara até os já reduzidos e assinalados com o nome de Cristo a apostatar novamente da fé romana; e o que acabo de dizer (por estes termos mais ou menos o interpelei) seria cousa leve e desculpável, ó Moreyra, porém crimes mais hediondos te constituem réu e te condenam. Dize-me, velho de maus dias, quem, senão tu, foi o cabêça da conjuração de teus companheiros contra a vida dos padres missionários? Quem pilhou os botes que desciam o rio para Buenos-Aires? Quem foi o cruel salteador que traiçoeiramente matou os nossos cristãos na viagem? Quem espoliou e privou aquêles coitados de seus bens e de sua vida, senão o infame, o ìmpio, o sangùinário Moreyra, fomentador e autor de todos os males? Males

que verdadeiramente já há mais tempo mereciam não êsses grilhões, mas o rijo ferro do espanhol, a fôrca, as rodas, mesmo, e a fogueira. Mas, por clemência do R. Pe. Superior, tudo isto foi reduzido a um módico penar por uns poucos dias nessas cadeias, nas quais deve expiar tudo o que o insensato cometeu de maldade contra Deus e contra os homens. Nem sequer deveria êle ser amarrado, se, deixando de coração a sua infidelidade e magia, renunciasse a esta, e àquela lavrasse carta de repúdio."

Estas e outras cousas disse eu, e não inùtilmente; como logo mostrará abertamente a infinita misericórdia de Deus, que não quer perder a ninguém, a menos que êle próprio temeràriamente o queira, e que a cada um proporciona meios e oferece auxílios necessários e suficientes para salvar-se. Embarquei, pois, num bote rio acima tanto o pai como o filho e, confiados a doze índios bem musculosos de minha Redução, enviei-os ao R. Pe. Superior. Enviara-lhe, entretanto, por via terrestre, uma carta que o mais breve possível o certificasse da prisão de Moreyra. Recebida esta alviçareira notícia, sem tardança desceu o P. Superior o rio em direção à minha residência e, por disposição divina, topa com o ancião e, com grande consôlo seu, o reconduz à minha Redução. Chegado a ela, notifica-lhe, após ter comigo deliberado a questão no Senhor, que não o mandara lançar em ferros com outro objetivo a não ser com o de salvar a sua alma, e, se prometesse abraçar hoje ainda a nossa fé e consagrasse com um início mais santo a vida má que até então levara, tivesse por certo que não só seria sôlto incontinente, mas ainda constituído chefe supremo de tôda a sua gente yárica; ponderasse o negócio, até o Pe. Superior regressar da visita às outras Reduções.

Dispostas dêste modo as cousas, logo que o Pe. Superior deixou a minha Redução dos Três-Santos-Reis, empenhei-me por granjear aos poucos a simpatia de meu prisioneiro com palavras afáveis, provendo cuidadosamente a que nada lhe faltasse na alimentação diária, pois bem sabia que não se encontraria meio mais apto para ganhar esta gente gulosíssima. Pôsto que em outras nações infiéis consoante o Doutor das gentes, São Paulo, a fé costuma entrar pelo ouvido nos ouvintes, nestes bárbaros verificámos que ela entra de preferência pela bôca. Por ser tão grande a sua voracidade e tamanho o seu papo, aproveitaram os nossos primeiros padres missionários êste expediente e, à isca como peixes, aliciaram a muitos das cavernas das montanhas e dos antros das feras para o pôrto da salvação. Como eu, pois, desse, em liberal abundância, de comer a meu cativo, cuidando que absolutamente nada lhe faltasse, era de ver como a pouco e pouco se amansava o leão, ferocíssimo,

tornando-se, de lôbo rapace que era, um cordeiro, e de tigre sangùinário um gatinho doméstico. Moreyra já freqùentava a igreja, assentava-se êle, sexagenário, em meio de pequerruchos, ouvia com avidez a doutrina cristã e os rudimentos de nossa fé, persignava-se freqùentes vêzes com o sinal da Santa Cruz, desfiava a coroa da B. Virgem, numa palavra, dava provas de fervorosíssimo neófito. Bem verdade é o que diz o poeta: *verba docent, exempla trahunt;* melhor é quem se prova piedoso não por palavras, mas por obras. E como diz Santo Agostinho: mostram-se a um menino nozes e êle vem; mostra-se a uma ovelha um ramo verde e ela vem; assim poderia alguém dizer: mostra-se ao bárbaro erva do Paraguai, tabaco, etc., e êle vem, como no capítulo seguinte veremos.

CAPÍTULO III

COMO O PE. ANTÔNIO SEPP TROUXE À FÉ CATÓLICA A IDOSA MULHER DE MOREYRA

Dado que ao velhote era inata e inveterada a perversidade, como eu não ignorava, não podia eu confiar descansadamente que ainda agora não disfarçasse, sob pele de ovelha, o lôbo e, sob a capa de fingida religiosidade, o embusteiro. Restava um único meio, pelo qual, com um piedoso e engenhoso ardil, atraí nos liames do amor a sua velha espôsa, liame êste o mais resistente por ser o do amor, e mais eficaz que qualquer cadeia por ser o da espôsa (espôsa disse, a saber aquela à qual o velho, dentre as centenares que tinha, costumava ser mais familiar, e com a qual mais convivia.)

Tendo-lhe eu perguntado como a traria cá e de que estôfo era ela, respondeu: *"Meu padre, manda-lhe em meu nome um rosário, tabaco, e um pouco de erva do Paraguai. Afianço-te que ela virá ter comigo. Uma vez aquí, poderás fàcilmente vencer minha velha quinquagenária com a tua insigne amabilidade e benevolência que me venceram a mim."*

Ouvindo tal, eu não cabia em mim de contente, congratulando-me já com os meus botões pelo feliz sucesso. Que cousa mais fácil para mim? Que estratagema mais viável? É pois enviado um índio cristão, leva os meus presentes à velha e refere as palavras do marido. Ela exulta, lança o rosário ao pescoço (Bravo! Temos no laço a prêsa, e no laço mariano! Rejubile comigo a alma cristã que está a ler!), engole a erva do Paraguai em água fresca, masca o tabaco e voa para cá, jubilosa, mas ainda não sabedora do que entretanto se tinha dado com o consorte Moreyra, bem como com o filho; pois nada ficara sabendo do cativeiro e dos ferros, pensando que o Moreyra fôra recebido por mim mais benèvolamente que das outras vêzes, fôra tratado com mais largueza e retido por mais tempo que de costume. Enxergando a velha (dirias antes uma megera ou medusa de aspecto horrendo, com sua cabeleira comprida e milhares de rugas) seu marido não mais vestido com pele de animais (estes gentios se cingem de peles de animais e tigres, mas não assim os nossos cristãos), enxergando, repito, o seu marido coberto com uma capa



18. UM SÃO JOSÉ,
de autoria do Pe. Antônio Sepp.



19. UM SÃO JOSÉ,
originàriamente do Templo de São Miguel.



20. O ARCANJO,
originàriamente de Santo-Ângelo.





21/22. DOIS ANJOS DA ANUNCIAÇÃO.



23. JESÚS NO HORTO.

de pano e munido do bastão de capitão, disse, pulando de alegria: *Moreyra, meu fiel chefe, que é isto? Que rosto de velho é êste mudado tão de-repente em face nova de moço bonito? Quem te deu esta roupa? Quem te muniu dêste bastão?"* Falei-lhe então: *"Filha, o teu Moreyra já é meu; não vês como o amo a êle e a seu filho, como os estimo? Já vivestes bastante tempo miseráveis e nus entre os tigres; vivei agora mais felizes, e fixai residência nesta minha vila, seguros de corpo e alma, não mais servindo ao demônio que vos iria perder, mas só e exclusivamente a Deus que vos quer salvos. Até agora vivestes como gentios, bárbaros, canibais; pois, que estão indicando estes teus dedos mutilados* (saiba o pio leitor que estes selvagens têm o costume sangùinário de amputar a falange do próprio dedo, e, enfim, o dedo inteiro, cada vez que um filho, pai ou qualquer outro membro da família paga o tributo à morte e deixa a vida. Quando esta operação cruel acaba de mutilar a mão, passa-se para os dedos dos pés, que vão sendo atorados à medida que morrem os parentes). Usando, pois, dêste argumento palmar, ia eu dizendo à velhota: *"Vivestes até agora como bárbaros e canibais, e vossas mãos decepadas falam bem às claras; agora, porém, hei-de vos fazer homens, civilizados, humanos e cristãos."* E após, dirigindo-me à velha: *"Dize-me, filha, se a morte te tivesse riscado ontem do número dos vivos, acaso o dia de hoje não te choraria em vão, a ti, arremessada junto com o teu Moreyra no profundo do inferno, para ser atormentada pelas chamas eternas?* Não só disse isto e mais ainda a estes cônjuges, mas dei um vestido novo à velha mãe e uma fatiota ao filho, e ordenei que lhes servissem sempre erva do Paraguai, tabaco e carne à saciedade; ao mesmo tempo lhes indiquei uma casa onde morassem juntos, e aí moram até o dia de hoje como neófitos cristãos. Eis, leitor amigo, acabamos de ganhar três almas; armemos agora novamente as rêdes para a caça. Que dizes, se tocarmos também outros peixinhos remidos pelo Precioso Sangue de Cristo para o barco de São Pedro e o grêmio da Igreja?

Capítulo IV

OUTRA CONVERSÃO DE UMA ÍNDIA. EXEMPLO RARO DE COMO ELA, PARA ABRAÇAR A FÉ, SE ESCONDE NUM CHARCO

O filho do nosso Moreyra enamorou-se de uma índia pagã, a quem amava mais que as outras. Fôra-lhe entregue esta e, segundo êle mesmo contou, estava grávida. Enviei a ela como mensageiro apostólico o próprio amante, assim como dantes àquela velhota. O rapaz foi leal e desempenhou-se bem de seu encargo: não demorou em trazer-ma para junto de mim, e mais a notícia de que o irmão da moça também estava disposto a vir, contanto que em penhor de paz lhe enviasse eu um punhado de erva. Mandei a erva (na qual de-certo não se escondera cobra nenhuma), e com a erva conquistei duas almas, a saber, o irmão da jovem e sua mulher.

Ao se ver esta repentinamente sòzinha e abandonada pelo marido, por iniciativa própria andou-lhe alguns dias no encalço por estas bandas e veio dar à Redução, onde relatou como de modo admirável conseguira escapar aos gentios que a perseguiam. "Sentia-me interiormente movida a abraçar a vossa fé, disse ela, mas não via o modo de executar êste meu desejo e propósito. Ameaçava perigo da parte de alguns moços gentios que estavam loucos por mim. Se me capturassem na fuga, ou me matariam a flechadas, ou levar-me-iam consigo prisioneira e, leões dados a todo o desmando de prazer, deixar-me-iam na vergonha; e se eu não atingisse em breve a tua residência, necessàriamente pereceria à míngua na amplidão daqueles campos imensos. Que resolução tomei? Fujo a altas horas da noite e ponho-me a andar, confiada em Deus tão sòmente. Já vinha clareando o outro dia e eu me julgava fora das vistas dos pretendentes, livre de todo o perigo, quando, de-súbito, vejo avançarem ao longe alguns índios a tôda a brida. Vinham em linha reta sôbre mim, mais velozes que qualquer vento Euro. Estavam armados de arco e flecha como para a caça, mas na realidade eram os amásios que me andavam à cata. Atirei-me a correr, e êles com não menor velocidade me perseguiam. Quanto mais eu corria, tanto mais ardiam êles. A mim

me dava asas o temor, a êles o amor. Já não me restava lugar algum para me subtrair àquelas harpias, nem se me deparava a sombra de uma floresta que me acolhesse, trêmula de pavor e cansaço, nem antros nem cavernas que ocultassem esta desolada; só um charco me abriu o seio lodoso e me recebeu, fugitiva, em seu regaço lamacento, mas para mim mais macio que qualquer acolchoado de pena, melhor que qualquer teto, porque mais seguro. Entrei e me atolei até o pescoço e, trêmula e ansiosa, relanceei os olhos atentos para cá e para lá, a ver se por acaso me haviam farejado aquêles sabujos. Já duas vêzes a aurora saùdara o globo terrestre, osculando o firmamento com róseos lábios, e, desde que semi-viva e faminta me ocultara no paul, pela terceira vez se aproximava a luz. Por isto, dado que já não via nenhum vulto de perseguidor, confiando em Deus, saí do lodaçal e reencetei o caminho de antes. Aos poucos me vim achegando da tua Redução, meta dos meus desejos, e espero ter agora logrado o têrmo dos meus anelos, pois, meu padre, vejo-te aquí presente, a ti, que, estou certa, tomas a peito a tarefa da minha salvação."

Até então esta alma de escol, sem ter sido iniciada na doutrina cristã, fôra impulsionada e predestinada admiràvelmente pela Divina Providência para a liberdade dos filhos de Deus. Depois de purificada pela água salutar, chamei-a Maria, e era de-fato digna de tal nome, pois, por êste feito tão glorioso, por êste exemplo que deu aos próprios homens, não hesitou pôr em risco a vida corporal naquêle charco — lamacento ergástulo — a-fim-de, pela fé, encontrar na Igreja uma ressurreição melhor, a vida espiritual da alma.

Quem, à vista disso, não adora prostrado a infinita misericórdia e Providência de Deus? Pouco antes mencionei aquela missão do nosso R. Pe. Antônio Böhm, de pia memória, missão dispersa e abandonada dentro de um ano; e eis que o Pe. Antônio Sepp, o maior dos pecadores, colhe as primícias daquele trabalho: em primeiro lugar o régulo ou tirano da tribu yárica (tchárica), acreditado cabecilha das crenças do gênio infernal, causa única da frustração da missão, impecilho da conversão de muitos infiéis, o ancião Moreyra, rêmora sexagenária. Não é esta uma verdadeira mudança operada pela mão do Altíssimo? Era de ver-se o citado velho com a idosa "cara-metade" que não mais era a horrível e deforme megera, mas uma cristã pacata e amável, com seu filho e a mulher dêste, e mais a supra-nomeada Maria e seu espôso, entrando todos no nosso templo, diàriamente; era de ver-se (se visses) a senhora de Moreyra, com o rosário pendurado ao pescoço, no meio dos pequeninos, a sustentar-se com o leite da doutrina cristã, e o sexágenário entre meninos, munindo-se, do mesmo modo que êles, com o sacrossanto sinal da

Cruz, aprendendo as orações costumeiras, respondendo às perguntas do catequista, resolvendo dificuldades e não só retendo na memória os artigos da fé, mas crendo firmemente nêles. E, para abreviar, êste mesmo Moreyra (a-fim-de que o ato se realizasse com maior pompa e ostentação religiosa, e com esperança de que muitos outros se convertessem) foi regenerado na fonte sagrada do santo batismo pelo R. Pe. Lauro Nuñez, Provincial do Paraguai. Terminando esta matéria, não posso, para consolação minha, deixar de acrescentar o que se segue.

Capítulo V

O PE. ANTÔNIO BATIZA O NETO DO AFAMADO FEITICEIRO E RÉGULO MOREYRA; DÁ-LHE O NOME DE INÁCIO

Certa vez, um ìndiozinho meu, noite velha, me acorda. Levam-me de-pressa ao pé de uma mulher que perigava num parto difícil. Era a mesma que mencionei acima, esposa grávida do filho de Moreyra. Sofria muito com êste seu primeiro parto, mas afinal deu à luz um garotinho, a quem batizei com o nome de Inácio, porquanto ao gloriosíssimo nome de nosso Santo Fundador eram devidas estas primícias que a nação yárica, pouco antes selvagem e infiel e agora como que cristã em seu cacique Moreyra, oferecia e enviava ao céu, para fundar a seus progenitores novas e eternas colônias.

Apenas entrado nesta vida, renasceu o inocentinho para o céu, para sorte melhor, sorte que, na longa travessia desta terra, se lhe faria quiçá adversa. Adivinha o curioso leitor quem terá sido o padrinho do menino regenerado pela água e pelo Espírito Santo? O nosso sexagenário Moreyra, não sem lágrimas, recebeu o netinho ao sair das lustrais águas. Como tudo se fêz às pressas e de noite, e por ser grande o perigo, não estava à mão outro padrinho. Às pressas, disse, pois aquela criaturinha, madura não para a terra e sim para o céu, já estava a ponto de expirar a alma que, fazia pouco, lhe inspirara Deus lá do céu. Mal entrei eu no quarto, o decrépito ancião tomou nos braços o infante. Nem eu mesmo, ao lhe administrar o batismo, pude ver de olhos enxutos o inocentinho, que chorava fracamente. Misturando nossas lágrimas, enviámo-lo ao céu o padrinho e eu. Tamanha consolação a exprime melhor o silêncio que a pena...

Apenas isto relato acêrca daquela dificultosa missão da tribu yárica, que o Pe. Antônio Böhm, de nunca assaz relembrada memória, havia iniciado. Mais de dez famílias se agregaram já a esta Redução consagrada aos Três Santos Reis e abraçaram a fé católica, o que me leva a esperar que de-vagarinho todo aquêle povo seja conduzido, pela infinita misericórdia de Deus, à fé da Igreja Romana e incorporado em seu grê-

mio. Visto que êste povo se vê destituído do seu cacique Moreyra, e sabe que êle renegou às funções da sua seita e idolatria e abraçou a nossa fé; visto que êste mesmo Moreyra, que, pouco antes, recusava por todos os meios o cristianismo, os move agora como pregoeiro evangélico a aceitá-lo; por tudo isto, refulge a esperança de que a nação inteira, como avezinhas errantes a voejarem aquí e alí, enquanto a flauta da prègação soa docemente em feliz caça, venha a pousar, em breve, na eira fecunda da restante cristandade.

Demos, todavia, um salto do ano de 1693 a 1695; reconstruamos, porém, ligeiramente o nosso diário.

Capítulo VI

O PE. ANTÔNIO SEPP É MANDADO DA REDUÇÃO DOS TRÊS-SANTOS-REIS PARA A REDUÇÃO CHAMADA DE NOSSA-SENHORA-DA-FÉ E RECEBE ORDEM DO R. PE. PROVINCIAL PARA FAZER UM ÓRGÃO DE TIPO EUROPEU

É uma necessidade para o varão apostólico fazer tudo para todos, máxime entre estes índios paupérrimos. Demorei-me, como acima referí, quase três anos na Redução dos Três-Santos-Reis para civilizar os índios yapeyranos. Entre outros trabalhos, não foi o menor instruir em todo gênero de música os índios de várias Reduções, que os padres missionários de tôdas as partes enviavam. A estes ensinei a tocar órgão e cítara, àqueles tiorba e cítara feita de casca de tartaruga, a outros trombeta e flauta, fístula e clarineta e instrumentos de guerra, àqueloutros guitarra e o suave saltério davídico tocado àgilmente com dois pauzinhos; numa palavra, não só devia instruí-los em todo gênero de música, mas também era forçoso confeccionar cada vez todos os instrumentos, dos quais principalmente o órgão era indispensável para cantar na igreja os louvores de Deus.

E assim vendo que a miséria dos órgãos usados até então entre os índios não provinha tanto da falta de recursos como de seu estado miserável, deu-me o R. Pe. Provincial, Pe. Lauro Nuñez, ordem de fazer um órgão, como os da Europa, ou de mandar fazê-lo, reservando-me a superintendência da obra. Não o podendo levar a efeito na Redução dos Três-Santos-Reis por falta de material ordenou-me que fôsse para a Redução que em espanhol chamamos *Nuestra Señora de Fee*. Ordenou, outrossim, que, na viagem, me detivesse por alguns meses na cidade de Itapua, onde o Pe. Francisco Azebedo já tinha à mão o material para a construção do órgão.

Confiando, pois, mais na virtude da obediência que na própria arte, ponho mãos à obra. Como, porém, a quantidade de estanho e chumbo arranjada pelo dito Pe. Azebedo só bastasse para fazer os tubos menores, cuidei que os maiores, do chamado sub-baixo, se fizessem de tábuas de

cedro desbastadas e, com todo o cuidado, aplainadas e polidas. Estas preencheram tão bem a sua finalidade, que se juraria ser bronze fundido com estanho inglês e a diferença entre um e outro nem o ouvido mais bem afinado haveria de distinguir. Uma cousa, entre outras, causou admiração não só aos índios, como também a todos quantos para lá iam, aos padres missionários e ao próprio Pe. Provincial, Pe. Lauro Nuñez, então presente: a saber, que me viam tocar não só com as mãos, mas também com os pés, cousa nunca vista nem ouvida por êles (pois na Espanha os órgãos não têm o assim chamado pedal, nem registros de côro ou corneta). Por isso, como disse, todos ficaram estupefatos com o cedro sonoro, cousa até então inaudita, o qual cantaria, ou melhor, faria ressoar doravante, no templo de Deus, não a sua própria imortalidade, mas a de seu Criador.

Capítulo VII

GRASSA UMA PESTE TERRÍVEL NO PARAGUAI. O PE. ANTÔNIO SE DEDICA AOS EMPESTADOS DA REDUÇÃO DE NOSSA-SENHORA-DA-FÉ

Depois de construído, por ordem do R. Pe. Provincial, o órgão, mandou-me a obediência para a redução de *Nuestra Señora de Fee.* É esta a maior de tôdas as reduções, e muito populosa. Não está situada sôbre o Uruguai, mas às margens do célebre Paraná, sem contestação o príncipe de todos os rios, ao qual os índios chamam *pai do mar*; por causa do grande volume de água que, num fluxo perene, paga o devido tributo ao Oceano.

Dirigia naquele tempo a redução o padre espanhol Fernando de Orga, um velhinho octogenário. Agora, porém, no momento em que escrevo estas linhas, já faleceu, tendo morte muito santa. Com quanta alegria me acolheu não é fácil de explicar. Como quase não podia mais falar distinta e articuladamente por causa da idade avançada e porque lhe faltavam os dentes da frente, quase todo o trabalho e calor do dia recaíu ùnicamente sôbre os meus ombros. Devia visitar os doentes, animar os moribundos para o último combate, partir aos pequenos e adultos o pão espiritual, explicar a doutrina cristã, prègar nos dias determinados à assistência de povo e desempenhar mil outros ofícios de um pastor zeloso.

E se jàmais houve um ano fértil em trabalhos, certamente foi o de 1695, que trouxe aos operários uma abundantíssima colheita de merecimentos. Grassava uma crudelíssima peste que, propagando-se de redução em redução, devastou aos poucos todo o Paraguai. Esta epidemia fatal atacou principalmente os nossos índios. Trouxeram-na alguns que voltaram da Espanha. Primeiro assaltou os espanhóis daquí, depois os índios, passo a passo, e com maior violência, por encontrar nestes melhor campo de desenvolvimento que naqueles. Pois os nossos pobres índios andam descalços e não têm senão um vestido muito leve e fino, que serve mais para cobrir o corpo que para aquecê-lo, nem se acha outro médico senão a nossa atenciosa e engenhosa caridade. Daí vem que qualquer doença em pouco tempo os leva às portas da morte.

A fôrça do mal manifestava-se por pequenas pústulas, como as que na Europa costumam atacar as crianças, ou melhor, as que se verificam nos que têm febre alta. Estas pústulas são aquí no Paraguai uma peste terrível, que invade todo o corpo de tal maneira que não deixa quase nenhum membro intacto. Melhor se chamaria acumulação de doenças do que peste. Pois primeiro ataca a garganta e logo a seguir o estômago, queima os intestinos com ardores intensíssimos, depois seca por completo o humor e causa fastio e fraqueza de estômago. Daí o contínuo fluxo de sangue e, com o sangue, produz finalmente a corrupção e evacuação dos próprios intestinos. Nem mesmo os olhos e ouvidos são poupados: uns perdem a vista, outros o ouvido.

Seria ainda tolerável essa peste desapiedada, se satisfizesse o seu furor tão sòmente nos adultos, mas atinge as próprias criancinhas, expulsando-as com cruel antecipação do seio materno, onde a natureza lhes dera o direito de agasalho por nove meses. Oh! A quantos pequeninos que já deviam desaparecer na noite eterna possibilitei o gôzo da luz perpétua fazendo-os renascer para o céu apenas entrados no mundo! Oh! Quantos, no momento em que caíam do seio materno em terra exalando no mesmo instante sua alminha recém-infusa, restituí à vida eterna banhados na linfa vivificante do batismo. Ah! Se tivesse visto como a própria mãe muitas vêzes era a parteira infeliz de seu filho; ou como outra lutava com a prole, não se sabendo qual das duas encontraria primeiro a morte, se a mãe que dava à luz, ou se a prole. Umas evacuavam o feto de três meses, outras de quatro e mesmo ao próprio embrião junto a um pedaço de carne viva. As boas mães tiravam a si mesmas a vida que procuravam dar à prole. Eram depois atiradas na mesma cova.

Cova, disse, ou enorme fossa, na qual se lançavam diàriamente os cadáveres, pois faltando os vivos que abrissem sepulcros para os mortos, a própria morte fazia o papel de coveiro.

Tive-me por feliz que pelo menos o mal não atacasse de uma só vez a todos os meus sacristãezitos, que costumavam ajudar-me a missa, mas sucessivamente e aos poucos, de maneira que, enquanto um caía doente, outro já reconvalescente se levantava e me podia ajudar no altar. Esta graça quis Deus na sua bondade reservar também aos meus cozinheiros, de sorte que estando deitado um, outro Lázaro estava de pé para poder acender o fogo e preparar o alimento para dar de comer ao faminto missionário, se é que ainda se pode chamar comer, quando só furtivamente se engole um bocado. Pois a necessidade de assistir quase o dia inteiro aos pobrezinhos e de administrar os sacramentos nem dava tempo para rezar as horas canônicas senão a altas horas da noite.

Não havia aquí nenhum Podalírio nem Macaão nem Galeno que preparasse aos enfermos as bebidas medicinais, pílulas, emplastros e outros remédios tanto simples como compostos. Eu sòzinho era o médico-chefe, ou melhor, o enfermeiro de todos; realmente, era tudo para todos, pois a caridade engenhosa ensinou-me então a ser não sòmente sacerdote que trata as chagas da alma, mas também o samaritano do Evangelho que pensa as feridas do corpo.

Logo que ouví dizer grassar esta epidemia pestífera nas outras reduções, quis o mais de-pressa possível fazer uma sangria em todos os meus, desde o menino de dez anos até o ancião, para que, se a peste atacasse alguém, depois de eliminado o sangue podre e ruim, encontrasse um meio saneado e, por isto, menos apto onde o bárbaro inquilino se pudesse fixar. Tinha nisto por aforismo aquêle célebre adágio dos filósofos: tendo cessado a causa, cessa também o efeito. Mas perguntará aquí o leitor curioso: Quem cortou a veia a tantos índios de ambos os sexos e quem fêz o papel de cirurgião? Quem arranjou, com tal penúria de ferro, tantas lancetas para o Pe. Antônio? Escute o leitor benévolo e explua em risotas sufocadas (3).

(3) A "peste", de que tanto fala o Pe. Sepp, deve ser, evidentemente, uma epidemia de varíola hemorrágica. Assim como em tôda parte da América, verifica-se o mesmo nò Rio-Grande-do-Sul. Veìculada pelo branco, êste dela se livra com relativa facilidade. Mas os índios, que ainda não desenvolveram anti-toxinas, caem vítimas, em massa. Nem a aguardente, a arma de fogo ou a escravatura conseguiram tanto quanto a varíola, no extermínio da raça vermelha. A afecção da cavidade bucal e gutural, observada pelo Pe. Sepp. indica de sobra o estado agudo destas epidemias.

Capítulo VIII

ESTRANHO MÉTODO DE SANGRIA USADO PELOS ÍNDIOS NO TEMPO DA PESTE

Os meus músicos e ferreiros abriam as veias, ou melhor, espicaçavam miseràvelmente a pele com canivetes e, à falta de utensílios cortantes, com pregos. Pois como poderia ser que o índio, com a mesma faca com que matara e esfolara o touro, ferisse serenamente o braço, para extrair sangue? (4) Os próprios músicos foram os primeiros a fazer a experiência em si mesmos, sujeitando-se a esta operação e prestando um ao outro êste benefício (de caridade ou de tirania?). Aos cantores seguiram os ferreiros, e logo todo o povo, ao qual dispús por forma que, no espaço de três dias, poderias presenciar uma verdadeira tragédia. Ordenara eu que todos saíssem para a rua e esperassem o talho, assentados no chão, na frente de suas choupanas. Então os meus cirurgiões (ou açougueiros, epíteto que se lhes pode dar sem detração) só tinham a tarefa de avançar pelos becos. Visto estarem as famílias esperando em boa ordem, com os braços já desnudados e estendidos para o talho, acharam tudo pronto e, mais expeditamente do que se teria pensado, procederam a alguns milhares de sangrias, ou antes bárbaras dilacerações. Era de ver as ruelas tintas do copioso sangue derramado, espetáculo horrível e cruel que arrancava lágrimas dos olhos e suspiros do coração, Certamente deveria ser uma pedra ou um tronco de madeira, deveria ter o peito mais duro que a rocha quem não se comovesse perante a extrema miséria de tantos infelizes. Todavia, nesta lúgubre operação (exemplo a ser imitado pelos queixosos e delicados europeus) não se ouviam gemidos nem suspiros nem lamentos (5). Todos acolhiam de ânimo forte a impiedosa mão do operador; o sexo frágil, mais propenso ao chôro, mais

---

(4) Embora a esta época nada soubessem sôbre a grande importância da desinfecção, o Pe. Sepp já está ciente do perigo do uso de pregos sujos e enferrujados para as sangrias.

(5) Visitantes antigos e recentes da fronteira rio-grandense, bem como o anedotário folclórico, atestam que o gaúcho sabe suportar as maiores dôres com extraordinária resignação. Nesta passagem já se revela êste traço típico no caráter popular do habitante primitivo destas terras.

inclinado aos queixumes, nesta operação mais forte se mostrou. Mulher alguma, moça alguma empalideceu. Elas ofereciam o braço nu e instavam com que a inclemente faca as ferisse, não para cortar a vida, senão para dá-la.

Destarte pela evacuação do sangue foram expurgados os organismos; e era êste o primeiro postulado, em vista da demasiada quantidade de sangue que comumente os índios têm nas veias. E' enorme o calor dêstes corpos americanos: (6) julgá-los-ias antes fornalhas ardentes do que homens de humor temperado. Com esta oportuna flebotomia obtive, afora disto, outro resultado que desejava, não em proveito de seus corpos, mas de suas almas. Pois a peste não os atacou com tão repentino ímpeto que não me deixasse tempo de os fortificar com os sacramentos da Igreja. Do contrário, muitíssimos dentre êles certamente morreriam sem confissão, e seriam privados do Viático para vencerem na luta da morte. Quem ouviria em tempo mais reduzido a milhares de confissões de ambos os sexos? Quem distribuìria a santa Comunhão, quem os ungiria com o Óleo Santo? Sem dúvida foi obra da grande misericórdia de Deus, que quis castigar os pobrezitos com o flagelo da peste, a-fim-de, ao mesmo tempo, lhes proporcionar ensêjo de apagarem pela Penitência os seus pecados e receberem a absolvição.

(6) O que o Pe. Sepp conta a respeito do calor particular do corpo indígena é tão ingênuo, que me parece supérflua qualquer retificação.

Capítulo IX

EDIFICAM-SE HOSPITAIS PARA ACOLHER OS CONTAMINADOS DE AMBOS OS SEXOS

Para que ninguém viesse a falecer sem sacramentos, não bastava a mencionada indústria da sangria; era também necessário construir hospitais e acolher nêles todos os doentes de ambos os sexos, a-fim-de os ter contìnuamente sob os olhos. Pois já que os nossos paraguaios não são nada providos e cuidadosos de si mesmos, a ponto de até nos dias de saúde e robustez dever o padre missionário alimentá-los quotidianamente e fornecer-lhes o vestuário, quanto mais incautos e desleixados hão-de ser quando infeccionados pela epidemia. Para que a fome não os matasse antes que a peste, fôrça era dividí-los e agasalhar os enfermos em hospitais, para assim mais fàcilmente administrar-lhes os sacramentos e, em horas marcadas, refocilar com um pouco de alimento o organismo debilitado.

Mas que casa, benévolo leitor, há-de receber tantos enfermos? Os apertos da situação (pois que a violência da moléstia urgia) não permitiam outra construção afora da que serve para o fabrico de têlhas e tijolos. Neste hospital improvisado recolhí todos os doentes, os homens separados das mulheres, e, dentre estas, por sua vez, as grávidas separadas das outras (7). Designei dois enfermeiros que sòmente assistissem às parturientes; estavam bem instruídos na fórmula do batismo para o caso de, se a mãe com a violência da enfermidade desse à luz antes do tempo, o índio batizar a criança, enquanto eu não a viesse rebatizar sob condição. Sob condição, digo, por que os Bispos e os Superiores assim nos mandam fazer; em cousa de tanta importância como a administração dêste sacramento, por forma alguma podemos confiar nos índios, dada a sua incrível rudez e ignorância, nomeadamente nas cousas espirituais.

---

(7) Não é realmente admirável que os religiosos construíssem verdadeiras maternidades? Baseados neste trecho, podemos deduzir que deve ter sido enorme o número dos nascimentos prematuros e nati-mortos. Aliás, é fenômeno comum verificarem-se estes mais amiùdadamente, por ocasião de epidemias. De resto, esta narrativa do Pe. Sepp nos dá uma idéia bem clara da grande mortalidade infantil, entre os índios.

Seriam capazes de omitir algo de essencial no ato do batismo, ou de não antecipar a intenção, ou até de inverter ambas as cousas.

Quando em alguém se faziam sentir sintomas da peste, eu o mandava transportar aos ditos hospitais. Todos os dias visitava algumas vêzes doente por doente, dava-lhes alimento e bebida em porção módica, pois era prescrita a dieta. Se havia quem confessar, eu o fazia e, com breves palavras, lhes recomendava a santa paciência, filha do grande Jó. Pelas dez da manhã celebrava-lhes missa. O altar improvisado às pressas não deixava de ser bem decente e devoto, e certamente de grande consolação e proveito para os empestados. Havendo alguém para comungar, administrava-lhes depois da missa o Viático, ungindo-os com o óleo Santo.

O leito dêstes enfermos não era um colchão fofo, feito de macias penas de pato; nem tão-pouco um saco recheado de palha ou fôlhas de árvores; mas uma rêde de pescador suspensa ao tronco de duas árvores. O espanhol chama a esta espécie de rêde *amaca,* o índio, porém, *quiha.* Qualquer doente, seja homem, seja mulher, menino ou menina, dorme em tais rêdes proporcionadas à estatura de cada indivíduo. Não raro se acham numa só rêde até três crianças, pernas estiradas em direção contrária. Também os sadios servem-se de tais rêdes, e os próprios padres missionários, quando viajam, as levam consigo na matalotagem. Dizem que nelas desfrutam um sono muito suave e de modo semelhante falam todos os que se habituaram a êste modo de deitar. Eu ainda não experimentei essa cama bárbara, pois também o chão duro serve de colchão fofo, quando o importuno Morfeu oprime o sujeito e a pobreza lhe prepara um repouso.

Colocados, pois, os homens segundo aquela ordem numa casa, e as mulheres noutra, purifiquei-os a todos com a santa confissão, e não tive maior cuidado que subministrar aos infelizes os devidos remédios, excogitados mais pela indústria e pobreza religiosa do que pela arte de Galeno.

Capítulo X

O PADRE ANTÔNIO APLICA AOS ENFERMOS REMÉDIOS TIRADOS NÃO DOS AFORISMAS DE GALENO, MAS INVENTADOS PELA INDÚSTRIA RELIGIOSA

Infeliz Paraguai! Nem sequer o nome de Galeno ou de Hipócrates chegou até o dia de hoje às tuas paragens. Tão-pouco brilha a esperança de que os médicos, que pululam na Europa, atravessem o Atlântico e o grande Oceano a-fim-de um dia ajudarem a estes miseráveis filhos das selvas. Só a Providência de Deus e a sua infinita misericórdia prepara os medicamentos para nossos cristãos enfermos e mesmo para nós missionários. Vivemos completamente destituídos de todo auxílio dos médicos. Fôrça é confiar o braço ao índio boçal, não para que abra a veia, mas para que cruelmente o retalhe com o ferro. O selvagem aprendeu a abater o touro cornígero e a vaca, não porém a extrair com bons modos o sangue a um religioso adoentado.

Adivinhará o curioso leitor que medicamentos apliquei? Que poções? Que antídotos? Antes de mais nada, foi um santo remédio na epidemia a tão decantada dieta, decantada sim, mas aos nossos voracíssimos índios até então completamente desconhecida. Por esta razão, a-fim-de mantê-la, dava-se a cada um, no almôço e ceia, meia libra de carne de vaca bem cozida com o seu môlho e, em lugar de pão, um pouco de farinha de trigo índico (Tuerkenmehl) (8), pois o trigo europeu (9),

---

(8) No texto latino, o Pe. Sepp traduz as palavras "trigo indico" pelas palavras alemãs "Tuerkenmehl", à guisa de explicação para os leitores alemães. Trata-se, portanto, do milho, chamado na Alemanha "cereal dos turcos", por vir através dos Balcãs para a Europa Central. Atualmente ainda, são a Rumânia, a Bulgária e a Húngria os principais exportadores daquele cereal, que na Alemanha pouco se cultiva.

(9) Esta passagem é uma contribuição preciosíssima para a história do trigo na região dos Pampas. Segundo ela, houve um período de cultura tritícula, antes da chegada dos lagunistas e açorianos. E naqueles tempos remotos já exercia a ferrugem papel perigoso. Presentemente, o Rio-Grande-do-Sul é o maior produtor de trigo do Brasil. Mas a luta contra a ferrugem continua polarizando os esforços. As duas Estações Experimentais de Trigo do Estado conseguiram criar algumas variedades especiais, imunes de ferrugem.



24. JESÚS NO HORTO.



25. SIMBOLIZAÇÃO DA FÉ.



26. SIMBOLIZAÇÃO DA FÉ,



27. SÃO LUIZ GONZAGA.



28. SÃO LOURENÇO.

que em outros tempos costumava medrar aquí em grande escala, exatamente neste ano de 1695 foi também contaminado de peste e quase faltou aos próprios missionários o pão de cada dia. Pelas duas horas da tarde mandava dar-lhes de beber água com suco de limão e mel, para refrigerar-lhes os ardores internos que lhes consumiam os próprios intestinos; pois, como ficou dito, possuindo os índios muito calor físico a ponto de parecerem fornos recheados de brasas vivas, ressecavam e rachavam-se-lhes os lábios, a língua fendida indicava o fogo interior. Para moderá-lo um tanto, quando não apagá-lo de todo, remédio muito eficiente e quase único era água fresca misturada com suco de limão e mel. Aos que sofriam dos olhos (a moléstia também a estes afetou) apliquei pó de açúcar branco, mèzinha para os olhos das mais fortes (10). À minha aproximação, postavam-se os semi-cegos em longa fileira. O enfermeiro que soía acompanhar-me afastava um pouco as pálpebras, a-fim-de mais expeditamente poder eu salpicar-lhe as vistas com o mencionado pó. Era tamanha a multidão dos que sofriam dos olhos, que me tirariam não pequena parte do dia, se a mão não soubesse aplicar bastante de-pressa o eficaz remédio. Ora êste me chamava para cá, ora aquêle para lá, um implorava remédio para a alma, outro lenitivo para o corpo. Mas era necessário medicar também os ouvidos: a muitos a peste atacou não sòmente o órgão visual, mas até o auditivo, de modo que se alguém sarasse desta parte, já estava fora de perigo e poderia cantar vitória, e em vez de entoar fúnebre lamentação, um alegre péã, salvo como estava do último acesso da doença. Não dispúnhamos, porém, de outro remédio, além de um pouco de vinagre instilado nos ouvidos mediante uma sêda impregnada. Pelos efeitos vimos ter ajudado.

Estes e semelhantes remédios, quanto possível, apliquei-os aos meus enfermos. Não obstante, a desoladora epidemia amontoou no cemitério para além de mil habitantes só dêste povoado. Libitina, que promovia esta sédula obra de destruìção, faria por certo maiores estragos, se não se provasse também auxiliadora dêstes míseros selvícolas a grande Mãe das Misericórdias, a Virgem de Oettingen. Colocara em um altar decentemente ornado a sua estátua junto com as relíquias ou partícula da imagem milagrosa, que recebí de presente dos RR. Cônegos de Oettingen quando partí da terceira provação para os indígenas. Entreguei-a à veneração e invocação públicas, não só para especial consôlo dos enfer-

(10) Como em todos os outros setores, verifica-se o mesmo na medicina: velhos processos, há muito esquecidos, são inesperadamente postos em uso. Algumas clínicas passaram hoje a pulverizar açúcar sôbre as ulcerações, obtendo, ao que parece, resultados satisfatórios.

mos, mas para manifesto auxílio em seu favor. Apraz-me volver agora a narração a êste benefício, para que os devotos da Virgem de Oettingen lá da Europa entendam que os favores marianos promanaram, em leito não exíguo, lá da fecundíssima Baviera, como de sua fonte, pelos mares imensos, até estes confins do Paraguai.

Capítulo XI

NOSSA SENHORA DE OETTINGEN ATRAVESSA MARES IMENSOS, CHEGA AO PARAGUAI E CONCEDE SEUS FAVORES AOS POBRES ÍNDIOS

A Virgem que, como companheira inseparável, me conduziu incólume ao Paraguai, por tantos perigos em mares e rios e terras, esta mesma Mãe das Misericórdias, representada como em Oettingen, ainda que por um rude cinzel, é venerada com devoção e invocada pelos índigenas. Desde o princípio mostrou-se ela benéfica e auxiliadora. Resumamos, brevemente, e de passagem, alguns dos seus benefícios, porque a brevidade do tempo não nos permite compor o seu longo catálogo.

Fôra atacado pela peste, entre outros, um enfermeiro de nome Francisco. Diga-se em parêntese que em cada redução são escalados seis ou oito índios de idade mais avançada para enfermeiros. Receberam o apelido de Crusuyas por causa da cruz que trazem à maneira de bengala, quando andam pelas ruas ou acompanham o missionário. Êste distintivo os diferencia dos outros índios. Nós mesmos, sempre que vamos ao templo explicar a sagrada doutrina, levamos essa espécie de cruz, como um báculo episcopal, e erigimos êste sinal de salvação diante da porta de nossos quartos.

Havia, digo, um enfermeiro chamado Francisco, a quem acometeu o mal com tal violência que, à exceção da pele, nada lhe restava senão os ossos. Com tôda razão podia repetir para si as palavras do paciente Hussita: "Resta-me tão sòmente o sepulcro". Vendo que daí a alguns dias daria o último suspiro, mandou chamar-me: "Peço-te, padre, instantemente, traze-me aquela estátua milagrosa que nos trouxeste a nós, pobrezinhos, por tantos mares e terras; esta é a única âncora de esperança e confiança de minha vida". Não pude deixar de anuir aos pios desejos do enfêrmo: busquei a estátua e dei-lha a beijar. Ato contínuo desfez-se êle em lágrimas de doce consolação, desprendeu sua língua em suspiros a Maria e, juntando ambas as mãos, implorou o auxílio dela. E o sentiu bem de-pressa, pois as fôrças que perdera voltaram pouco a

pouco a cumprir seu ofício, a carne, de novo sã, aderiu mais fortemente à pele e aos ossos. O felizardo, livre da peste, pôs-se em pé e começou a enaltecer a Grande Mãe de Oettingen.

Vem a vez de uma índia, mulher de um músico e progenitora fecunda de quatro filhos, mas desditosa mãe, não tanto por causa da miséria própria, como dà dos filhos; a peste os atacou a todos simultâneamante. Esvaída já tôda a esperança de readquirir a saúde, fortalecí-a eu em sua prostração, exortando-a a pôr sua esperança e confiança na Grande Mãe das Misericórdias, e a lhe prometer por voto fazer alguma coisa, rezar cinco terços ou a assistir ao mesmo número de missas. "Padre, retrucou a infeliz, o que me aconselhaste, de mui boa vontade o prometo executar, e em penhor de minha promessa, suplicante, ofereço à Virgem êste colar". Dizendo isto, tirou um colar que lhe pendia do pescoço. Estava ornado de algumas pérolas falsas, como as chamam, ou jóias, o que é para o índio muito mais valioso e caro do que ouro. Neste tesouro vítreo consistia todo o fausto feminil da coitada; com êle quis ao mesmo tempo dar à Beatíssima Virgem o seu coração, para que, naturalmente, onde estivesse o tesouro lhe ficasse também o coração. Parece que agradou sumamente à Mãe Benigníssima êste presentinho, e em troca restituíu a saúde tanto à mãe como aos quatro filhos, libertando-os da crudelíssima enfermidade.

Outro índio era perseguido de não sei que fúrias ou espetros infernais. Já nas últimas e prestes a precipitar-se no abismo do desespêro, eu o animava a fazer uma confissão às direitas de tôda a vida anterior e o ajudava com breves perguntas a investigar os crimes cometidos desde a adolescência. Eis que despertado como dum sono profundo e letárgico, exclama: "Não vês padre, êste cavalo aquí, negro como o carvão? De-certo veio para me levar daquí". Retruquei-lhe: "Meu filho, êste cavalo é do espírito das trevas; se não fizeres quanto antes penitência sincera, pronto está para te levar aos cárceres eternos. Converte-te, portanto, Jerusalém, converte-te ao Senhor teu Deus; implora à Grande Mãe das Misericórdias e, por meio de uma confissão geral de tôda a vida passada, apaga os pecados, lava a imundície de tua alma, abre a úlcera que talvez silenciaste sacrìlegamente". — "Padre, prorrompeu o desgraçado, ouve os meus enormes delitos e não te assustes". A seguir expia seus pecados com grande dôr. Comungado e ungido com os santos óleos falece.

Seria longo ajuntar muitos fatos dêstes, e por serem na Europa quase quotidianos, deixo de descrevê-los um por um. Mais extenso serei na relação em alemão. Isto ùnicamente seja de consolação aos devotos de nossa Senhora de Oettingen, que também no Paraguai não faltam

servos dedicados que dobram os joelhos ante ela, tecem-lhe grinaldas de rosas, e em sua singela humildade e humilde singeleza penduram ante a imagem ofertas de ex-votos, imploram a Virgem em suas necessidades, invocam-na nas doenças, e até fazem procissões para pedir chuva, carregam a estátua pelos campos e roças com o fim de implorar a bênção para as sementeiras e afastar delas a influência maligna dos astros.

Conhecido é que no ano de 1698 a peste não atacara só os homens, mas até o próprio trigo — coisa até agora inaudita! — E fêz maior estrago na seara do que na população. Contra esta cessou de esbravejar ao cabo de dois a três meses; mas, no trigo, continuou por seis anos sem interrupção. Neste mesmo ano de 1700, em que escrevo, destruíu o trigo quase por completo. Muito têm os bons missionários que agradecer a Deus, por, ao menos, tê-los provido do necessário para as hóstias do sacrifício da missa. Acostumámo-nos, entretanto, a matar a fome com trigo turco, esperando que, como outrora, aos sete anos de esterilidade sucedam outros tantos de fertilidade.

Que vem isto ao caso da Virgem de Oettingen? O trigo, já infestado em tôda parte pela negra epidemia, sofria de outro mal: um astro maligno e pernicioso à lavoura torrava as espigas em flor, e a seiva não podia coagular-se em grãos. Tôda a plantação daria em vaza-barrís, Organizo nestas conjunturas uma procissão solene com a estátua de Nossa Senhora de Oettingen. Até as crianças de peito conduzo em longos cordões pelos campos infestados. Dei a costumada bênção dos campos e sementeiras, ou antes, a própria grande Mãe de Oettingen mandou, de seu santuário, a bênção misericordiosíssima pela Baviera e pelos mares imensos até aquí, de modo que ao depois não só pude recolher uma considerável quantidade de trigo nos meus celeiros, mas ainda por cima socorrer liberalmente aos outros missionários.

Bastem estes breves traços sôbre os meus insignificantes trabalhos na dita Redução de *Nuestra Señora de Fee* entre os atacados de peste. A fúria nesta doença lavrara por quase tôdas as reduções dos índios, causando em tôda a parte estragos enormes. Era isto que talvez pressagiava o formidável cometa que no mês de outubro avistei por primeiro aquí, — índice e acarretador do funesto contágio e do conseqüente morticínio.

Capítulo XII

O PE. ANTÔNIO TRATA OS EMPESTADOS DA REDUÇÃO DE SANTO-INÁCIO

Depois que a peste, com fúria avassaladora, grassou por muitíssimo tempo na mencionada cidadezinha de *Nuestra Señora de Fee*, firmou também seu virulento pé na Redução de Santo-Inácio, distante da minha cêrca de duas léguas, deixando após si vestígios funestos de morte. Estavam então à testa dêsse povo dois padres missionários: o Pe. Cristóvão Sánchez e o Pe. Henrique Cordule, aquêle espanhol, êste natural da Boêmia. Embora zelosíssimos, e ambos robustos e de fôrças íntegras, não foram capazes de suportar tantos e tão pesados trabalhos. Solicitaram minha ida àquela seara.

Ordenados todos os negócios de minha Redução e colônia, e bem confortados todos os habitantes com os sacramentos, a caridade bem ordenada parecia exigir que também fôsse em auxílio de meus irmãos, incapazes de suportar tantos trabalhos, a-fim-de não suceder que por falta de sacerdotes viessem alguns enfermos a falecer sem sacramentos. Pois uma vez entrada em alguma parte a epidemia, prostravam-se de cama uns trezentos a quatrocentos índios. Adiar-lhes a confissão era apressar-lhes a morte eterna.

Chegado, pois, que fui ao povoado de Santo-Inácio, acolheram-me qual Anjo Rafael, companheiro de Tobias, ou então como um médico: antes de mais nada, porém, providenciei que se erigissem quanto antes dois a três hospitais, de modo semelhante aos que disse construíra na Redução Feyense. Divididos depois os hospitais, tomei a meu cuidado um dêles, o das mulheres, às quais assistí com desvêlo e laboriosa habilidade, com a saúde sempre boa e as fôrças, pela graça de Deus, sempre íntegras e mesmo aumentadas. Não repito aquí os trabalhos, solicitudes e indústrias, naturalmente comuns aos superiores, nem os medicamentos aplicados aos pobrezitos, e outros ofícios de caridade e piedade cristãs, exigidos por situações tão calamitosas. Prefiro deixá-lo à imaginação do leitor europeu; pois quem é que ignora quantas e quão graves cousas tem que atravessar o Pastor vigilante, o solícito cura de almas?

Isto, sem dúvida, se deve atribuir à infinita misericórdia de Deus. E, finalmente, qual o Hércules religioso — por assim dizer — que tenha ombros e costas tão largas para arcar tamanho pêso, se aquêle Divino Atlante não o sustentar com sua mão? Tanto mais quando nossos pobrezitos índios em casos tão aflitos como estes, em moléstias repentinas, perdem todo o ânimo, não são mais senhores de si, nem em condições de se conterem ou ajudarem. Só o padre missionário lhes deve servir de pai e mãe, cozinheiro e dispenseiro, sacerdote e sacristão, médico e coveiro, de sorte que devemos ser tutores dêles não só nas cousas espirituais, o que fazem também todos os Pastores de almas e párocos de Europa, mas também nas temporais, tal qual verdadeiros pais para com os filhos; pois se eu, por exemplo, a quem os superiores confiaram o cuidado da nova Redução de São João-Batista, não vestir cada ano quinhentas crianças de ambos os sexos, andarão elas nuas; ou se não ponho nas mãos dos índios bois de arado, não lavrarão nem semearão; nem mesmo hão-de colher o que semearam, a não ser sob pena de vinte e quatro açoites. E', pois, como disse, de-veras trabalhosa a direção dêstes nossos índios. Mostrei isto mais acuradamente na carta escrita aos amigos. Nela, porém, muita cousa me escapou, devido ao exíguo conhecimento das cousas que então, novel missionário, possuía. Mas agora, se me aprouvesse escrever mesmo só aquilo que me ocorre, sem refletir nada, faltaria papel e tempo para redigir um enorme volume.

Antes de abandonar êste infausto ano de 1695 (infausto, disse, não sòmente por causa da terrível peste que atacou os índios, como também devido à prematura morte do R. Pe. Antônio Böhm), antes de abandonar êste ano, pois, com o intuito de entrar no seguinte, é-me grato dizer breves palavras sôbre a minha própria doença. Ter-me-ia ela levado às últimas, sem dúvida, caso a infinita misericórdia de Deus não me quisesse reservar para trabalhos maiores e mais diuturnos, a mim, o maior dos pecadores.

Capítulo XIII

ADOECE O PE. ANTÔNIO SEPP; PARA MUDAR DE AR, É ENVIADO DO RIO PARANÁ AO RIO URUGUAI, ONDE, RECONVALESCENDO EM BREVE, RECUPERA A ANTIGA SAÚDE

Com felicidade, como lembrei acima, desempenhei tantos e tão grandes ofícios entre os empestados de ambos os povos, sem me atacar o pestífero mal, a mim, a pior de tôdas as pestes, o maior dos pecadores. Deixando êle de grassar entre os índios, pensei em poder descansar algum tanto dos trabalhos sofridos. Sentí, porém, que as fôrças me abandonavam; sofria náuseas do estômago, de modo a me enfastiar todo e qualquer alimento, inclusive o próprio caldo. Médico que inquirisse a raiz do mal, o diagnosticasse, não havia, nem outra medicina me esteve ao alcance senão a cara paciência e a infinita misericórdia de Deus, a qual me aconselhou mudança de ares; pois, como, de um lado, o corpo, vergando sob a demasia do trabalho, quase sucumbisse a tamanho pêso, e, de outro, era muitíssimo sêco e quente o clima da missão, — e o sol de verão por pouco não torrava o crânio da gente — julguei que o único remédio seria passar para um clima oposto e dirigir-me do rio Paraná ao rio Uruguai. Já dantes, na minha primeira Redução dos Três-Santos-Reis, experimentara eu por três anos a benignidade dêste clima.

Escrevi, pois, ao R. Pe. Superior, confiando todo o negócio à santa obediência. Recebí ordem de abandonar minha estação e partir quanto antes para o rio Uruguai. E partí de bom grado, mas não conforme o desejo do ancião octogenário, meu Pai, nem sem dôr dos meus pobrezinhos. Deplorava o bom velhinho que era privado assim repentinamente de um companheiro tão bom, como dizia, e operário indefeso; choravam os índios ao serem privados do pai e, entre êles, mais lamentavam a minha separação os indigentes. Eu, no entretanto, permanecí inexorável. E arrancando o aguilhão da morte, subí o rio, para a Redução de São Carlos, na qual fiquei por alguns dias. Rezei alí uma missa de Requiem por alma do meu amadíssimo Pe. Antônio Böhm, falecido neste mesmo povoado, e osculei o seu sepulcro, regando-o com muitíssimas,

dulcíssimas e, contudo, amargas e compadecidas lágrimas. Logo após demandei a povoação de São Francisco-Xavier, às margens do Uruguai. Como o povoado dos Três-Santos-Reis é o primeiro de todos às margens do mencionado rio, assim o povoado de São Francisco-Xavier é o último, no sítio onde o álveo coleia a terra, formando ameníssima península. Alí, ares mais frescos refrigeraram meus pulmões e acabaram por retemperar todo o organismo, de forma que em poucos dias esteve a violência do mal completamente debelada, e me voltaram integralmente as fôrças alquebradas.

Volvamos a pena, agora, dos doentes aos sãos, dos defuntos aos vivos, pois muitos trabalhos me aguardam.

Capitulo XIV

COMO O PE. ANTÔNIO SEPP FOI ENVIADO PARA DIVIDIR O NUMEROSO POVO DE SÃO MIGUEL E PARA FUNDAR A NOVA REDUÇÃO DE SÃO JOÃO-BATISTA

No ano de 1697 sou enviado à maior de tôdas as Reduções, a de São Miguel (11), a mesma colônia onde o nosso Pe. Antônio Böhm aprendera, três anos antes, a língua dos índios e a cultivara grandemente, arrostando sempre ingentes trabalhos. Chegado a esta povoação, pus-me a seguir as pias pègadas de meu padre Antônio, prègando ao povo, ouvindo confissões e administrando os demais sacramentos segundo o costume. Eis senão quando sou encarregado, pelo R. Pe. Provincial, Pe. Simão de León, de dividir esta grande Redução, cuja igreja não era suficientemente ampla para tamanha massa de povo.

Bem árdua, na verdade, me era esta tarefa, a mim que conhecia quantas e quão grandes fadigas demandava a fundação de novas colônias dêste gênero. Não menciono já as antigas colônias dos romanos em Tito Lívio; pois, naquele tempo, se agenciavam as cousas com homens dotados de razão. Agora, porém, devo tratar com índios sem a mínima organização política, prudência e perícia nos negócios. Imagina, leitor benévolo, se te dissessem: Vamos, amigo, divida uma povoação onde se contam + 6.000 almas, e conduza a metade para um campo raso, onde nada absolutamente se encontra, além da terra chã, onde não há lavoura nem habitação, mas só se depara a gleba inerte, a terra inculta de lés a lés. Qual tua disposição de ânimo à vista disto, piedoso leitor? Estes e infindos outros incômodos me aguardavam, mas não me amedrontavam, pois quem me animava e confortava era o braço forte do Deus Onipotente. Nada mais, cuidava eu, me foi dito a mim e à minha gente

---

(11) Aquí entra o Pe. Sepp em solo rio-grandense, de maneira que, nas páginas seguintes, se abre um pedaço da história brasileira. A partir daquí, São Miguel passará a ser considerada a maior de tôdas as reduções, quando, em 1693 e 1697, três anos antes de serem escritas estas linhas, aquela honra cabia a Yapeyú e Santa-Maria-da-Fé.

senão o que se disse outrora a Abraão, Pai de todos os crentes: *"Sai de tua parentela e vai para a terra que te hei-de mostrar"*.

Portanto, o R. Pe. Provincial, como disse, tendo antes deliberado maduramente com seus padres conselheiros, estatuíu o seguinte: que eu convocasse os índios principais, aos quais chamam de caciques (dá-se êste título ao primogênito da família, mais importante e antigo que os demais; e cacique é, segundo as leis dos espanhóis, o mesmo que marquês, senhor dos escravos ou vassalos, dos quais uns numeram trinta, outros cinqüenta, às vêzes mesmo cem e mais índios, e os têm sob domínio absoluto) (12).

Reùnidos os índios principais, expús-lhes o pensamento do R. Pe. Provincial: a saber, que se devia dividir a povoação por causa do grande número de habitantes, os quais já nem a igreja comportava; nem dois padres poderiam instruir convenientemente o povo na doutrina cristã, quanto menos um só; não podiam governá-los por mais tempo com facilidade; além disso, começavam a faltar nos arredores os campos para o cultivo, pois tornavam-se estéreis com o contínuo amanho de tão longos anos; mesmo a maior parte dêles estava tomada pelas formigas que devastavam tudo, não eram bem adequados para a sementeira, etc.. Emigrassem, portanto, de suas vivendas e barracas; se tivessem algumas pessoas caras, abandonassem-nas por amor a Deus, como por amor dêle eu abandonara a pátria, meus pais, irmãos, irmãs e campos.

Estas cousas, principalmente as últimas palavras, os impressionaram muitíssimo e obtiveram o acôrdo dêles. Acrescentei, ao depois: "Meus filhos, coragem! Esta vossa transmigração não a empreenderá outro padre missionário senão êste mesmo a quem até agora tanto amastes, o vosso Pe. Antônio". Que disseram a isto os pobres índios nudípedes? Esta breve mas eficaz alocução foi de tanto pêso no ânimo dos que a ouviram, que obtive fàcilmente o desejado, conforme veremos no capítulo seguinte.

(12) Considere-se a determinação da palavra Cacique.

Capítulo XV

VINTE E UM CACIQUES, OU ÍNDIOS PRINCIPAIS, SE AGREGAM AO PE. ANTÔNIO

Depois de ter cientificado meus índios do plano do R. Pe. Provincial, presente na ocasião, e interpretado as suas palavras, ato contínuo, vinte e um caciques com suas 750 famílias se associaram a mim, dirigindo-se com estas palavras ao R. Pe. Provincial: *"pay guaçú, aguy yebete yebi yebi oro eniche angandebi.* Grande pai, (assim costumam os índios chamar o R. Pe. Provincial) reiteradas vêzes te agradecemos, que não te furtaste a visitar nosso povoado e conviver em nosso meio. O que determinaste acêrca da sua divisão, vem ao encontro de nossos anseios; mas quanto ao P. Antônio, nosso futuro padre, só êle é o homem no qual colocamos tôdas as nossas esperanças, a quem amamos com tôdas as veras da alma; os nossos próprios filhinhos ainda de colo testemunham quanto amor lhé têm, quando balbuciam e gritam: *pay Antô, pay Antô.* Determina, portanto, o que quiseste, faça-se o que determinaste". Depois de dizer que estivessem de bom ânimo e prometer-lhes seu favor e auxílio, o R. Pe. Provincial se despediu de todos e partiu.

Imediatamente, como disse, vinte e um caciques com 750 famílias aderiram a mim, cheios de consolação, mal podendo conter-se de tanto júbilo. Logo se deliberou quais os padres que se deveriam preparar para explorar a nova terra, onde se fundaria a colônia.

Capítulo XVI

PARTE-SE PARA EXPLORAR A TERRA, A-FIM-DE FUNDAR UMA NOVA COLÔNIA (13)

No dia 13 de setembro de 1697 partí com dois padres da vizinha Redução de São Lourenço para explorar as terras. E, para inaugurar a planejada emprêsa, com maior consôlo dos índios e, mesmo, com solenidade, encetámos a viagem do seguinte modo.

Montávamos todos cavalos bem ajaezados; os caciques principais levavam fasces e o capitão, que os espanhóis chamam de corregedor, estava munido de um bastão ou vara, insígnia do supremo juiz. Retumbavam as trombetas, tímpanos e flautas. E, em primeiro lugar, demandando as plagas do leste em linha reta, deparámos com diversos e agradabilíssimos campos: aquí vales baixos, alí coxilhas separadas por gárrulas ondas que espumavam a sua raiva entre os seixos, repartindo-se por vários afluentes. Com plácido murmúrio deslizavam sob a sombra de árvores perenemente verdes, que não pouco recreavam o lasso viandante, esturricado pelo sol do estio.

Depois de têrmos andado por um dia inteiro, afinal, pelo entardecer, se nos abriu suavemente a terra, em leve declive ao pé de um outeiro cercado de ameníssimos bosques. Nestes, abundava a madeira, necessária não só para combustível, como também para construir as casas dos índios, a igreja e a minha moradia. Explorar o sítio era tão necessário a nós como a todos os de Europa, antes de povoarem uma terra, e aos romanos antes de tomarem posse das colônias. Inquiriam bem a situação do lugar, se era palustre, arenoso, etc., a que ventos estava exposto, se rodeado de montes e bosques, se irrigado por riachos e rios aprazíveis;

---

(13) Como se sabe, é esta narrativa do Pe. Sepp a única descrição que possuímos a respeito dos métodos usados pelos jesuítas ao fundar e organizar uma redução indígena.

Quando hoje se percorre a nova e boa estrada de São Miguel a Santo-Ângelo, depara-se, na metade do percurso mais ou menos, com um outeiro coberto de mataria. Penetrando no campo, à direita, vê-se ruínas emergindo do arvoredo. Existem aí dois pedaços de muro, como colunas. São os restos da igreja que o Pe. Sepp construíu neste local. Mais pormenores no Cap. XXVIII.

além disso a abundância de águas e fontes, a salubridade, claridade; cópia de pedras e rochas para fender, ou a falta delas; a qualidade do solo e da argila para o fabrico de têlhas e tijolos, e mil outras cousas necessárias para fundar uma aldeia ou uma povoação.

E assim, como Deus, o Autor da natureza e das cousas, dotou esta terra abundantemente de todos os requisitos, por consenso unânime de padres e índios, resolví transladar para cá a nova colônia e lançar os fundamentos da vila.

Capítulo XVII

NO LUGAR ONDE SE DEVIA FUNDAR A NOVA COLÔNIA É ERGUIDO O ESTANDARTE DA CRUZ, NO PRÓPRIO DIA DA EXALTAÇÃO DELA; A QUAL TODOS OS ÍNDIOS ADORAM DE JOELHOS. CANTA-SE O *TE DEUM LAUDAMUS*

Armadas as nossas barracas, acampámos aquela noite ao pé da mencionada colina, onde, ao depois, plantei o meu pomar. Na outra manhã, ao nascer do sol, subimos o outeiro onde erigimos o estandarte da Cruz salutar, em sinal da tomada de posse daquela terra, não sem bons augúrios (pio leitor, não penses aquí nos áugures de Rômulo outrora, abutres e aves agourentas), pois ocorria o aniversário do dia em que a Santa Madre Igreja venera com solenidade anual a Exaltação da Santa Cruz, 14 de setembro de 1697. Portanto, na festa da Exaltação da Santa Cruz, eu também chantei a cruz como pedra fundamental de minha povoação.

Ereto o madeiro, logo todos os índios, prostrados em terra, o adoraram; em seguida, foi cantado o hino ambrosiano: *Te Deum laudamus* etc., acompanhado por trombetas e tímpanos pelos músicos que, para êste fim, trouxera comigo; depois, abraçámos piedosamente o Sagrado Lenho e o beijámos, agradecendo à Divina Majestade, como é justo, os benefícios que nos concedera.

Antes de sair daquí, não posso deixar de lembrar um caso, no qual se patenteia a Divina Bondade e Providência a nosso respeito. Nesta mesma noite, protegeu a um padre contra uma enorme cobra, que se lhe ocultara sob a cama. Raiando o dia, precipitou-se o virulento hóspede do abrigo que arranjara, à procura de outro mais beneficiado pelos quentes raios do sol. Foi, porém, surpreendido e esmigalhado pelos índios, como ladrão que entrara não pela porta, mas por outra parte.

Capítulo XVIII

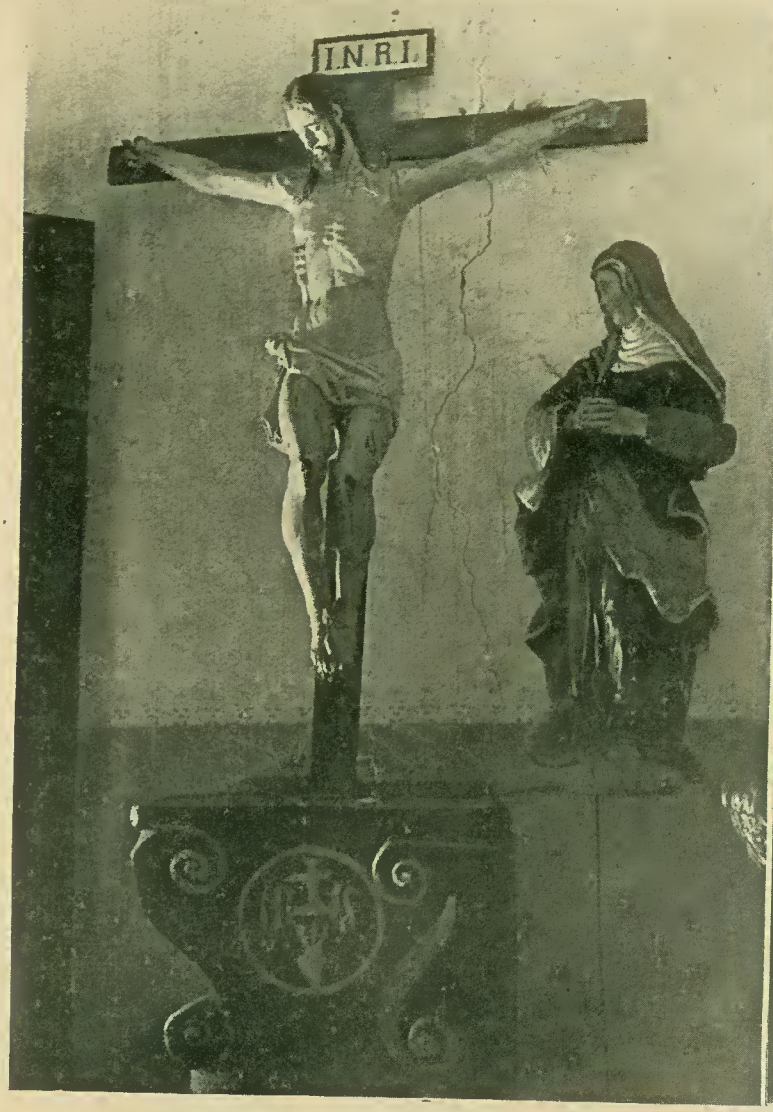
O PE. ANTÔNIO SEPP INSTRUE OS ÍNDIOS PARA O AMANHO DAS NOVAS TERRAS E A DERRUBADA DAS MATAS

Depois de haver eu explorado e inspecionado bem o lugar da nova colônia e seus grandes cômodos, tornei à Redução de São Miguel, anunciando a todos os índios, pequenos e velhos, que por mim fôra descoberta uma terra, para a qual a Divina Bondade decretara levá-los, como para a Terra da Promissão.

Logo pus mãos à obra. Pedí a cada cacique, que, com os índios a si sujeitos, aprestasse os bois de arado, e que não faltasse o enxadão e a cunha ou machado: os bois para sulcar e amanhar os campos, as cunhas e os machados para cortar e rachar lenha.

Aquí não posso deixar de relembrar a voracidade dos meus índios, para que o benévolo e curioso leitor se ria, ou antes, partilhe da minha indignação. Cuidámos, quanto era possível, que cada índio tivesse uma ou duas juntas de bois para lavrar; pois, como temos vacas aos milhares, fàcilmente se pode dar a cada indivíduo uma, duas, três e até quatro juntas de bois a-fim-de lhes aliviar o amanho dos campos. Isto se costuma fazer no tempo do inverno, pela proximidade da festa de São João Batista, pois na América o dia 24 de junho, que é o dia do Santo Precursor de Cristo, corresponde na Europa ao dia 25 de dezembro, Natividade do Senhor. Quando, pois, o voracíssimo índio terminou de arar a sua lavoura ou lavorazinha (e oxalá terminasse!) cansado já o bom homem e aborrecido do trabalho, mata o seu boi de arado e fá-lo em postas com o facão, nada solícito quanto ao ano próximo e quanto ao boi que lhe será então novamente necessário para lavrar.

Por isso, devo cuidar, muitíssimo, que não matem os seus bois. Se alguém abater o seu animal e fôr descoberto, o delinqüente será atado a um tendão de boi, e o capitão (corregedor) lhe infligirá a pena de vinte e quatro açoites. E assim querendo eu contar os meus bois, julguei que no mínimo acharia dois mil e, ó decepção,! — apenas encontro trezentas juntas, e nem isto. O' estômago! O' glutonice inaudita! Aos europeus



29/30. CRUCIFIXO E SANTA DESCONHECIDA,
(provàvelmente Maria Madalena).



31. SÃO JERÔNIMO.



32. NOSSA SENHORA MADRE DE DEUS.



33. NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.



35. ADORADORA DESCONHECIDA.



34. CABEÇA DUMA SANTA DESCONHECIDA.



36. UM SÃO MIGUEL INDÍGENA. 37. SATANAZ NA FIGURA DE UM PAULISTA, pormenor.

mais afeitos à virtude da temperança isto é incrível, não assim ao Pe. Antônio, que conhece por experiência quotidiana, manifesta, ocular e palmar estes comilões. E que foi feito do arado, do jugo? O fogo queimou e consumiu a ambos. Com êste fogo, o voraz americano assou o próprio boi de arado, em companhia de sua mulher, que cooperou aplicadamente com o marido. Quem não ficará estupefato, quem se não rirá, ou antes, não se indignará com êste bárbaro cristão?

Faz poucos dias, trouxeram-me um índio que tinha roubado à fôrça o boi de seu vizinho para comê-lo, ou antes, devorá-lo. Chamo o ladrão e o reprendo: *"Como não te envergonhaste de causar tão grande dano a teu próximo, matando o animal dêle?"* Ao que responde: *"cheruba yquiraramo anemombota hece. Padre, o boi era muito gordo e eu estava com vontade de comê-lo, por isso o fiz"*. Bom proveito! Bom proveito!

Levei, pois, comigo os trezentos pares ou juntas de bois, para sulcar e abrir novas terras; e o que mais me fôra necessário eram as mencionadas enxadas e machados, mas, para 750 servos apenas, contava eu 100 enxadas, devido à indizível falta de ferro. Tanto assim que se terá tido então por muito rico e importante quem era agraciado pela madrasta natureza com uma enxada ou um machado. De-veras, uma grande fortuna! Mas, realmente, foi tal então a minha miséria e pobreza; agora, porém, — a Deus se dêem infinitos louvores — já não necessito do ferro espanhol, já sou hábil na arte e método de extrair e fundir ferro e aço, como direi abaixo (14). Achei pedra de ferro e aço na minha jurisdição e vizinhança da vila, e levantei fornos de fundição. Ainda que com trabalho indescritível, todavia, graças ao auxílio da mão de Deus, extraí da pedra acima mencionada ambas as espécies de metal. Mais adiante falarei dela um pouco mais por extenso.

Pusemos ombros à emprêsa. Com os machados derrubámos mato. A madeira não só nos era necessária para a construção das casas dos índios, como também para demarcar os campos, pois ainda que a América abunde em infindos e belíssimos campos, costuma êste povo, na sua inata preguiça e supina negligência, semear quase todos os anos os seus legumes não na planície aberta, mas entre montes e matos. Ora, desde a criação do mundo, as fôlhas do arvoredo caem a seu tempo dos troncos, de per si, juncando e cobrindo a terra que, perenemente ensombrada, lhe fica de-baixo.

---

(14) Estas linhas constituem a primeira referência à siderurgia sul-brasileira. Tendo sido escrita em 1700, e havendo São João-Batista sido fundada em 1697-98, os inícios da siderurgia sul-brasileira devem datar de 1698-99.

Isto desenvolve e fertiliza o solo a ponto de dispensar a charrua; o único trabalho necessário é pôr fogo. Depois de cortadas e sêcas as árvores e mácegas, que no Paraguai são muito densas, os índios lhes ateiam fogo e as reduzem a cinza, na qual depois espalham várias qualidades de sementes. Isto também parecerá incrível ao europeu, mas bem confirmam esta verdade os meus celeiros atulhados de trigo índico ou turco (Tuerken-Koren — ou milho) (15).

E como semeiam? Dí-lo-ei com a minha comprovada experiência de cada dia. O garoto ou garota pega de uma acha ou taquarinha ao seu alcance e com ela remexe as cinzas, fazendo um buraco de meio dedo. Neste lança três ou quatro grãos de trigo índico ou turco, ou também ervilhas e favas. A seguir, com o pé, não com a mão (para cúmulo de preguiça), cobre com cinza os grãos confiados à terra. A cinza servirá de adubo. Dentro de quatro ou cinco dias, o sereno da noite e o orvalho da manhã entumecem o grão, fazendo-o pungir, crescer e, a seu tempo, produzir muitos frutos, os quais sem dúvida não mereceriam a tão grande indolência do colono paraguaio.

Como, porém, esta uberdade de solo, que acabei de descrever, não se acha por tôda a parte, de nenhuma forma bastaria ela para alimentar cômodamente tantos milhares de bôcas se não fôra o assíduo trabalho dos homens e jumentos.

E isto baste quanto ao estranho modo de semear.

---

(15) Tôda uma série de problemas, atuais até o presente, aparecem aquí: o saque à terra e a queima dos campos. A maneira de plantar o milho é a mesma de hoje, com a diferença que, em vez de se trabalhar com um pedaço de pau, se usa o plantador.

Capítulo XIX

PARA NÃO SE ORIGINAREM RIXAS ENTRE OS ÍNDIOS, O PE. ANTÔNIO LHES DISTRIBUE MATAS E TERRAS, ÀS QUAIS BENZE COM A COSTUMADA BÊNÇÃO LITÚRGICA DOS CAMPOS

Chegados ao sítio da futura povoação, o primeiro trabalho foi distribuir, proporcionalmente aos membros e número de animais, a cada cacique e família, quintas, terras, montes e matas, para a pastagem do gado, etc.. Impunha-se esta necessidade para se evitar brigas e ódios entre os bárbaros, como outrora aconteceu entre os pastores de Abraão e Lot. Assim, pois, dirigí a palavra àquela numerosa massa de selvícolas:

"Meus caros filhos, que sítio de vista tão bela, tão agradável e amena vos escolhí para a construção da povoação, fàcilmente o percebeis, se é que percebeis alguma coisa. Coloquei-vos numa encosta aprazível, sobranceira e lavada de todos os ventos. Ao sopé, como num segundo paraíso, vos abriu o Boníssimo Deus quatro fontes muitíssimo salutares, tanto para os homens, como para o gado. Delas emana sem cessar limpidíssima água e, podeis crer, não secarão mesmo na canícula de janeiro, pois têm suas nascentes entre perpétuas sombras de árvores frondosas, e as mesmas pedras duríssimas gotejam num perene lacrimejar, que pouco a pouco escorre em arroios e rios. E estes rios, por sua vez, vos sustentam com peixes, ao passo que os arroios lavarão os vossos corpos quando o calor vos torrar o crânio (como o índio possue por natureza muito calor, costuma banhar-se com muita freqüência; e em verdade não tem remédio mais eficiente para digerir a carne demasiadamente atulhada no estômago, do que atirando-se imediatamente na água; assim o voraz paraguaio cozinha o boi de arado por antiperístase). No que toca aos montes e bosques, que devem fornecer lenha para o fogo e para aquecer velhos e pequenos, estão até o presente intactos. Abundam em frutos variados; se bem que silvestres, são saborosos ao paladar. O próvido Deus não quis faltassem as abelhas que fabricam o mel para a mesa e a cera para o uso litúrgico. Vós mesmos, ontem, vistes com os próprios olhos, quando pisámos pela primeira vez estes campos, matas e vales, quantos veados e

cabritos monteses enxotámos das suas moitas e tocas. Descansavam tranqüilamente, e à nossa inesperada vinda tornaram a esconder-se, velozes, em outras covas mais distantes. Estes e outros muitos cômodos me moveram a escolher esta e não outra terra para estabelecer a vossa colônia. Uma única cousa já vos peço, meus filhos, e é que sem rixas entre vossos pastores e vós mesmos possuais pacìficamente esta terra, que já vou repartir entre vós, segundo o número de cada família".

Ditas estas palavras, logo todos começaram a aplaudir os meus dizeres, anuindo a tudo. Pus-me, então, a distribuir a cada família terras e montes, bosques e macegais, rios e arroios. Estabelecí um cacique para as bandas do leste outro para o oeste; estendí os limites de um para o sul, e os de outro para o norte. Logo mandei erigir uma cruz à guisa de marco, designei um outeiro, um bosque ou um rio qualquer para divisa, além da qual não era permitido avançar.

Adivinhará o benévolo leitor quanta terra eu assinei para cada família? Creio que nem o patriarca Abraão nem Lot dispunham de tanto espaço. Sòmente o campo ou pastagens, onde hoje se nutrem 50.000 vacas (tantas contou hoje, enquanto escrevo isto, o meu músico e procurador; e isto sòmente nas pastagens de minha redução, sem contar os terneiros que nasceram êste ano, pois que cada vaca dá cria uma vez por ano), sòmente, digo, êste campo perfaz obra de quatro dias de caminho, numa extensão de mais de quarenta milhas alemãs. Estes prados são rodeados e fertilizados por caudais maiores que o Eno e o Ádige. Verdejam perenemente com ótima grama, como a que apenas se encontra nos ubérrimos montes da Suíça. Como no Paraguai os campos não se cobrem de neve que creste as ervas, aplicam-se-lhes cada ano fogo, para queimar a grama velha e áspera, reduzindo-a a cinza. Esta cinza faz as vêzes de (*salvis auribus*) estêrco, que fertiliza os nossos campos. Pouco depois reponta o novo capim que virá a ser para o gado um pasto muito macio e desejado. Para lá os meus pegureiros levam a pastar as tropas de vacas e bois, de cavalos, mulas e gado lanígero.

Numa palavra não permití que faltassem aos novos colonos campos para o gado, nem montes e bosques para as roças. Logo que repartí a terra pelos caciques e famílias, mandei levantar uma cruz para limite de seus campos. Antes de sulcarem o solo com o arado e deitarem as sementes, lancei sôbre a nova colônia a costumada bênção dos campos, para expulsar os demônios que, por causa da infidelidade dêstes gentios, habitavam despreocupados estes lugares durante tanto tempo e tantos séculos. Imensa era a consolação dos indígenas, que, dos próprios fragmentos de terra-cota de panelas que excavavam ao sulcarem a terra e

derrubarem os matos, podiam avaliar muito bem o estado deplorável dos seus maiores e a vida cheia de sofrimentos que em seu gentilismo levavam, aquí, no meio destas matarias e espeluncas de feras. Êles, porém, possuíam, como cristãos, a terra de seus antepassados gentios. E onde os impostores faunos infernais por tantos anos davam oráculos enganosos, lá de cima dos troncos das árvores, carcomidas pelo tempo, à guisa de cátedra, ergueram agora os padres da Companhia de Jesús o glorioso estandarte da Cruz.

Capítulo XX

OS ÍNDIOS COMEÇAM A LAVRAR E SEMEAR SUAS TERRAS E PLANTAM ALGODÃO (16)

Antes de efetuar a divisão do povo e, sobretudo, a transmigração das mulheres e crianças, julguei de primeira necessidade cultivar as terras, para que não viesse a faltar o alimento nem o vestuário.

Como havia eu de enviar tamanha multidão de homens para terras estranhas, quando a fome e a nudez não só os maltrataria, mas inteiramente os dizimaria?

Distribuídas, pois, as terras, cada cacique com seus súditos pôs-se a cultivá-las, lavrá-las e semeá-las. Mandei plantar algodão, absolutamente necessário para os vestidos. À terra em que se planta, denomina o índio *Mandiyuti*. O algodão cresce em abundância no Paraguai. A semente é escura e mal excede o tamanho da ervilha.

Antes de ser lançada a semente à terra, os meus músicos, que são os mais sagazes de todos, primeiro estendem cordéis longitudinal e transversalmente. No lugar onde ambas as linhas se cruzam é lançada a semente. O algodão cresce, destarte, em belíssimos quão extensíssimos renques, ao modo das videiras. Não toma a forma esbelta e altiva de uma árvore, mas dum arbusto acachapado, um pouco mais alto que o buxo. Por isto é que me admiro de que os alemães chamem o algodão *Baumwolle* (17), pois não chega a ser árvore, mas sarça de altura média.

---

(16) Há poucos anos se iniciou o cultivo do algodão, em maior escala, no município de Santo-Ângelo, a que pertence o atual São João-Velho. Aliás, com ótimos resultados, segundo me disse o Prefeito Municipal, Sr. Policarpo Gay, durante a minha recente visita àquela localidade. Em 1938 foi instalada uma usina para o beneficiamento do algodão bruto. Está provido da maquinária mais moderna, trabalhando exclusivamente com algodão nacional. Esta "Sociedade Algodoeira Sul-riograndense Ltda." distribue sementes selecionadas aos produtores de Santo-Ângelo e municípios limítrofes.

(17) O Pe. Sepp se mostra admirado de empregarem os alemães para esta planta o nome de "Baumwolle", que significa "lã de árvore". A questão é resolvida fàcilmente. À família dos algodoeiros pertencem muitas árvores de grande porte, entre elas a paineira, muito encontradiça no Brasil, mesmo em numerosos jardins

Já no primeiro ano de plantação produz fruto. Como a videira, necessita de poda todos os anos, pois degeneraria em mato. Floresce em dezembro e janeiro, a flor é muito semelhante à tulipa amarela. Já ao terceiro dia murcha e cai, deixando uma espécie de caroço (em espanhol "el capulle") no qual pouco a pouco se desfia o algodão em flocos níveos, envolvendo a semente como bicho-de-sêda. Não difere muito da noz que ao se abrir põe a descoberto bolotas envolvidas em lã. Quando amadurecido o algodão, ao sol estorricante de fevereiro, rompe o caroço e esparrama o seu alvinitente conteúdo, que se confia meigamente à mão da moça, pois é às moças que toca o trabalho de colhê-lo. Chegando o tempo da colheita, mando-as em turmas para os campos como para nossas vinhas, e elas tôdas alegres e folgazãs se dão a êste mister, já que lhes caberá em recompensa um vestido de algodão, depois de as mães terem fiado a lã e o tecelão fabricado a fazenda. Sòmente para a comunidade de minha aldeia mandei plantar mais de cem mil pés dêste algodão; dando a cada um o espaço de seis pés em quadrado, para que estivesse a plantação mais desafogada e exposta melhor à ação dos ventos. Com estes dados o leitor pode fàcilmente calcular o comprimento e largura dêste campo em que mandei plantar o mencionado algodão. Mas não foi isto esfôrço ùnicamente meu; também cada um dos índios lavrou o seu próprio terreno e o semeou.

Costumamos, a seu tempo, colher cêrca de três mil quintais de algodão, e, quando o ano é fértil, até seis mil. Tecido êste algodão, perfaz algumas vêzes vinte mil braças de fazenda, outras vêzes ainda mais (18).

O cânhamo ainda não foi importado no Paraguai. O linho, trouxeram-no os padres espanhóis; seu crescimento é rápido, do mesmo modo que na Flandres e Alemanha Superior. Mas as nossas índias, assim como não ficam aquém dos maridos na voracidade, igualam-nos em preguiça: não querem por prêço algum ocupar-se neste trabalho. Os primeiros padres não deixaram pedra por mover, a-fim-de levarem as mulheres a fiar linho, mas em vão. Desistindo dêste trabalho, ensinaram-lhes a fiação do algodão, pois às mulheres parecia insano aquêle trabalho do linho: primeiro era umedecê-lo, cardá-lo, batê-lo com martelos de estôpa, amassá-lo com um malho, depois secá-lo e torrá-lo e não sei o que mais, antes de ser êle levado às oficinas do tecelão. Todos estes prepa-

---

de Pôrto-Alegre e arredores. Os troncos de verrugas espinhosas da Corísia são árvores características das caatingas do Brasil-Nordeste. Como é difícil a colheita dos algodoeiros de grande porte, preferem-se os arbustos baixos.

(18) E' evidente a importância dêste capítulo para a história da cultura algodoeira no Brasil.

ros indispensáveis pareciam a estas mulheres muito penosos, impossíveis até. Por esta razão todos os vestidos dos índios são fabricados de algodão.

Mas basta isto em favor das mulheres que fiam na roca, como também das fiandeiras européias. Voltemos agora das roças e campos para os lares e casas. Mas por que chamo casa a quatro postes encimados de um telhado de palha? Também o ignóbil presépio foi para o pobre Menino Jesús um palácio.

Capítulo XXI

ENTRETANTO CONSTRÓI-SE ÀS PRESSAS A MORADIA DO PADRE MISSIONÁRIO, A CAPELA E AS PALHOÇAS DOS ÍNDIOS

Entretanto, perguntará aquí o curioso leitor, em que casa, colégio ou residência morava o Pe. Antônio? Por certo, não em outra senão naquele estábulo de Belém, onde habitava o Homem-Deus recém-nascido. De palha era o teto, de palha as paredes, de palha também a porta; nenhum resguardo contra o vento e a chuva. Uma acanhada abertura como de janela me alegrava com os raios do sol durante minhas leituras. Êste meu tugúrio servia de refeitório, dormitório e até de galinheiro. Neste tinha eu quatro inquilinos galináceos, que punham ovos e multiplicavam a criação para receber conveniente e honrosamente o padre missionário. Eu mesmo tratava as galinhas, enquanto o galo cucuritava lá fora, sôbre a cumieira de palha, à quarta vigília da noite e ao romper o dia: desempenhava concienciosamente o ofício de fidelíssimo despertador e, mesmo, de relógio.

Junto a essa palhoça levantei outra para o meu companheiro, cuja vinda esperava em breve. Deteve-se aquí por causa da renovação dos votos, que, consoante o uso da Companhia, todos os que ainda não receberam o grau devem renovar e revalidar.

Entre essas cabanas edifiquei a capela, igualmente de palha entretecida de taquara. Trouxe comigo da Redução de São Miguel o chamado altar portátil, com cálice e demais paramentos: sôbre êle quotidianamente ofereço a Deus o santo sacrifício da missa, ajudado por dois índiozitos vestidos de sobrepeliz. Aos domingos, o sino convoca o povo, que por falta de espaço não pode entrar todo na capela. Ficam ao ar livre, para ouvir a doutrina sagrada, sentados em verde relva, separados por classes: dum lado as mulheres com as meninas, do outro os hòmens com a rapaziada.

Ornei as paredes da capela com algumas imagens, as quais, não pintadas pela mão engenhosa e habilidoso pincel de um Apeles, mas bosquejadas por uma rude mão-de-obra, traduzem mais uma certa pobreza devota do que muita arte. No meio erguí um painel no qual se vê representado o glorioso padroeiro da futura colônia, o precursor de Cristo, São João Batista, na ocasião em que batizava a Jesús, no Jordão.

Capítulo XXII

CELEBRA-SE O DIA DO NATAL DO SENHOR E MONTA-SE UM PRESÉPIO. OS ÍNDIOS SÃO ADMIRÀVELMENTE AFEIÇOADOS AO MENINO JESÚS

Começou-se a fundar esta colônia num tempo de-veras oportuno, justamente no dia de Natal. De sorte que, não tanto em nossos corações, como no tugúrio de palha, parecia continuar a nascer o pobrezinho Jesús. Para que o sacrossanto mistério também se representasse aos olhos, edifiquei sôbre o altar um presèpiozinho. Ainda que nada esplêndido, os índios o contemplavam repletos de júbilo e o veneravam com pasmosa devoção. Para mais os afervorar e atrair, exibí com muita graça uns dansarinos masculinos, que alegrassem e alentassem o Menino Jesús ao som da cítara. Feito isso, os meus pequenos executaram em sua língua indígena um canto geórgico-pastoril, enquanto os Anjos embalavam Jesús Infante no berço em que dormia. Tudo isso, como advertí, suscitara ternissima devoção na alma dos índios, em virtude da qual me trouxeram, lá das montanhas, cera e mel bastante para o fabrico das velas a serem usadas cada dia no santo sacrifício.

Capítulo XXIII

SURGEM ALGUMAS NOVAS DIFICULDADES; MAS COM AUXÍLIO DA GRAÇA DIVINA SÃO SUPERADAS

Como as primeiras conversões dêsses índios sempre tiveram que vencer certas dificuldades, assim também a sua propagação em colônias estava sujeita a não poucas adversidades. Em tôda a parte opunha-se tenazmente o inimigo do gênero humano.

Já, como disse, havia firmado eu a residência ao pé da coxilha, muito adequada à fundação dum novo povoado. Lavrara já a maior parte do campo, lançara à terra trigo índico e outros legumes, plantara aquêle imenso campo de algodão, quando recebo ordens de abandonar esta minha estação, para explorar outra, além do grande rio denominado Ijuí, e fundar mais distante do antigo povoado uma nova redução. A razão e causa principais eram a demasiada vizinhança de ambos os povos e, por conseguinte, fáceis demais para furtos de ambos os lados. Sem dúvida poderia isto ser evitado, se se fundasse a nova colônia para além do mencionado rio. Êsse argumento, na aparência bem forte e convincente, acarretaria um sem número de infortúnios. Saiba o benévolo leitor que os portugueses habitantes do Brasil guerrearam outrora estes pobres índios e os levaram cativos para o Brasil. Eram além de cem mil homens. Como fôssem êsses índios escravos oprimidos com incessantes trabalhos na fabricação de açúcar (esta é a produção dos brasís), sucumbiu um após outro, de sorte que, nestes dias em que escrevo, mal se encontrará índio nosso no Brasil. E embora os deshumanos brasís tenham perdido todos estes índios, devorando-os em parte, em parte inutilizando-os pelas privações e trabalhos, não perderam por certo a esperança de obter outros. Ainda hoje em dia, pois, devem os nossos índios têmer o inimigo. Eis por que de nenhum modo convinha separar e afastar muito a nova colônia da antiga, para que, em caso de súbita invasão, os índios cristãos se pudessem unir mais de-pressa, prestar mútuo socorro, pegar em armas e rechaçar o mais ligeiro possível o inesperado inimigo que ameaçasse suas cabeças, repelindo-o para longe de seus territórios.

Nada direi de outra razão palmar: a saber, que, no correr dos tempos, se deveriam fundar mais e mais colônias, junto àquele rio, e viriam a faltar as terras e campos, a não ser que se quisesse desterrar estes pobres índios para junto do próprio Oceano e plagas do Brasil desleal. Ora isso, fora de dúvida, seria deitar a perder êste novel rebanho cristão, e nada fazer por conservá-lo e aumentá-lo. Além disso, não pouco perigo havia que os índios, em outro tempo afeiçoados e submissos, regredissem e, tornando-se pouco a pouco indispostos comigo e desencabeçados, me negassem a obediência e o amor filial que até então me votavam. E, para tocar na chaga viva, não se maguariam, não se impacientariam, não se enfureceriam êles de ter que abandonar, de uma hora para outra, tantos campos já regados por seu suor, lavrados com o trabalho de suas mãos, campos que já estavam por verdejar e prometiam fruto centuplicado? Abandoná-los-iam para procurar uma terra incerta e estranha? A que camponês europeu não se afiguraria isto por demais árduo? Quanto mais então custará ao pobrezito índio? Não digo já ter que abandonar da noite para o dia tão saùdáveis fontes, florestas e matos riquíssimos em lenha e animais bravios, prados ameníssimos ao pé da colina, e outras inúmeras coisas, que é necessário atenda o fundador de uma cidade ou vila; mas tudo abandonar para ir em demanda de um hábitat incerto, isto não era nada fácil. De mais a mais, nem todos compreendem as palavras de Cristo Senhor: "Quem deixar casa, ou irmãos, ou irmãs por causa de mim, etc.". Pergunto: a êste novel povo cristão, ao qual já é tão difícil a observância do decálogo, quererá alguém inculcar os conselhos evangélicos? Trabalhe-se por que cumpram primeiro aquêles preceitos e só depois sigam a estes, se fôr do agrado de Deus. Era, em verdade, bastante desagradável aos indígenas o serem arrancados do antigo e tão querido pouso, o abandonarem suas casas e campos. Pensar-se-á, outrossim, em afastá-los dos amigos e caros progenitores? Também estes índios semi-nus sentem imensamente a separação do lar. Que sirva de demonstração o seguinte: Quando, há tempo, se deu ordem justamente a estes meus índios que, devido ao sítio menos apto e saùdável, bem como à intempérie do clima e à penúria de água potável, saíssem do lugar onde se haviam recolhido, depois de quase refeitos do susto que lhes pespegaram os portugueses do Brasil, custou arrancá-los de lá, devendo ser levados a ferros; mais, fêz-se mister atear fogo no próprio templo, porque se abraçavam com ambos os braços aos altares, colunas e postes do templo, principalmente o sexo feminino que, cabeleira sôlta e esparramada pelos ombros, se arrojavam, entre amaríssimas lágrimas, teimosamente ao chão, para antes morrerem de fome que serem de lá arrancadas. Isto,

porém, de modo algum sucedeu nesta minha última mudança de aldeia; todos, de ânimo alegre e jubiloso, mal podiam aguardar o dia destinado para a emigração, na qual me seguiriam como ovelhas ao pastor, aonde quer que, enfim, os houvesse de levar. Mas agora, como disse, custava demasiado aos prófugos ter de abandonar tudo, para explorar terras incertas. Conduzir para regiões tão distanciadas as ovelhas errantes era, de-certo, o mesmo que deixá-las tresmalhar e perecer no trajeto (19).

Estas e outras razões representei em nome dos índios ao R. Pe. Provincial, Pe. Simão de León. Ao que ordenou êle permanecessem na sua primeira estação já começada, e prometeu que haveria de ser para sempre fautor e protetor dêles e até daria ordem para que tôdas as demais Reduções lhes viessem em auxílio o mais cedo possível, ajudando-os em parte na nova construção, em parte fornecendo bois que carregassem a madeira cortada nos montes para o futuro templo. E as promessas foram mantidas, não sem manifesto auxílio da Divina Providência, como em breve se verá.

(19) Há, neste capítulo, uma ligeira referência à batalha de Mbororé. Conforme se vê, ao tempo do Pe. Sepp, os pontos-de-vista de ordem estratégica tinham ainda papel decisivo. As palavras do jesuíta soam como profecia. E' digno de admiração que o padre haja previsto, desta maneira, os acontecimentos de 1750 e dos anos subseqüentes.

Capítulo XXIV

OUTRAS REDUÇÕES CONTRIBUEM À FUNDAÇÃO DA NOVA COLÔNIA

Logo que se propalara pelas demais reduções a notícia de que se devia fundar novo aldeamento (20), acudiram tôdas, unânimes em vontade e fôrças. Da Redução de Santa-Maria vieram cinqüenta índios com cem bois de arados; da Redução dos Bem-aventurados-Mártires-do-Japão, trinta, igualmente com cem bois. A minha antiga Redução dos Três-Santos-Reis doou para o meu uso cem cavalos. Outra forneceu trigo índico ou turco (milho) para semear; outra, grão-de-bico e fava e outras espécies de sementes e legumes.

Os meus índios mal cabiam em si de contentes, ao ver os índios das outras Reduções acudirem tão prontamente, com tamanha liberalidade. Daí resultou que bem animados se votaram à construção da nova colônia.

Primeiro que tudo, enviei parte dos índios às matas para cortar madeira; outros mandei lavrar a terra e abrí-la; a estes, levantar cêrcas, a-fim-de afastar das lavouras os animais; àqueles, transportar para fora dos matos a madeira já cortada, a-fim-de que não apodrecesse nas densas sombras das árvores.

Já se prostrava aos golpes do machado enorme multidão de árvores, já o cedro imortal se sujeitava ao desbaste da enxó, para que, no templo do Deus vivo, se reerguesse em triunfo mais glorioso; já as vigas cortadas para a cumieira eram tiradas dos matos. Era de ver-se aquí cincoenta bois, acolá outros cincoenta entrar no povoado, puxando em alongadíssimo trajeto a mole de um enorme cedro, tudo em belíssima ordem, ao som do tambor e dos bárbaros clamores da bugrada. Logo de manhã, quando a rutilante Aurora expulsava dos olhos o sono, ver-se-ia ao solo o soberbo tronco, ver-se-ia escarnecer dos mordazes dentes da serra, bem como o riso cortante da enxó.

Trazidas, pois, tôdas as espécies de madeira, assentei a mão para traçar a planta do povoado.

---

(20) Nessa época, no entanto, não foi transposto o Ijuí. A redução de Santo-Ângelo só chegou a ser fundada em 1706.

Capítulo XXV

ICNOGRAFIA OU PLANTA DA FUTURA POVOAÇÃO

Empreendida obra de tanta monta como era fundar a nova colônia, o meu primeiro trabalho foi fugir de uma estupidez que fàcilmente sói cometer-se na construção demasiadamente apressada de vilas e cidades. Para que as construções não se fizessem espalhadas aquí e alí, sem ordem e em conflito com as regras da arte arquitetônica, e se correspondessem, bem dispostas, em longa série, dividí a planície ou área da futura aldeia em duas partes iguais, de modo que uma ala, ou parte da aldeia, contasse de largura tantos pés geométricos quanto a outra. A paróquia ou templo, e a casa dos padres missionários, ocuparia o meio da praça. Esta praça seria o centro, donde partiriam as ruas paralelas, igualmente distantes de um lado e outro. Dêste modo se poderia administrar os sacramentos por caminho consideràvelmente mais curto, evitando-se que o doente viesse a falecer sem Viático, em razão das voltas supérfluas que retardam a marcha do ministro de Deus. Medidas tais se deviam tomar, sobretudo para casos quase quotidianos de batismos apressados. Porque os índios me chamam muitíssimas vêzes, tambem de noite, para lavar na sagrada fonte êsses pequenos. Convinha, pois, construir-se a igreja ou paróquia no centro e na praça principal da aldeia. A área ou a praça principal em que se devia alicerçar o templo mede quatrocentos pés geométricos de largura e outros quatrocentos e cincoenta de comprimento. Esta área é cercada, como em anfiteatro, pelas casas dos indígenas, separadas umas das outras em boa ordem. As que ficam às costas da igreja contam doze compartimentos ou habitações; as que de um lado e outro se cruzam em "x", abrangem ambas seis compartimentos. Assim é que a aldeia conta folgadamente cincoenta e mais ruas, a avançarem tôdas paralelas e bem dispostas em grande extensão.

Com o tempo, logo que aumentarem os habitantes, também deverão ser aumentadas as habitações.



38. SÃO JOSÉ,
monolito.



39. UM MENINO DEUS
INDÍGENA



40/41. CRUCIFIXO E CRISTO FLAGELADO.



42. CRUCIFIXO.



43. BATISTÉRIO DE SÃO BORJA.



44. "EGO SUM",
escultura em relêvo.



45. CHAFARIZ DE PEDRA.



46. CADEIRA INDÍGENA,
em forma de avestruz.

Em cada casa mora uma ou duas famílias, ainda que o pai more junto com o filho, às vêzes também com o tio.

Nesta icnografia da minha aldeia, além de outros inconvenientes, deviam evitar-se do mesmo modo os becos e congostas, bem como os ângulos desnecessários de casas, os lugares escusos, que não sòmente afeiam sobremodo qualquer cidade, tornando-a embaraçosa, mas também a expõem ao perigo de ser destruída por fatais incêndios. Isto principalmente em nosso Paraguai, onde o furioso Éolo tem entrada franca e permite ao Aquilão soltar tôda a rédea a ponto de, por vêzes, deitar por terra e arrasar matos inteiros, principalmente quando o Bóreas, exasperado, desce à arena com o Noto e nenhum dos dois quer ceder a palma. E', além disso, êste clima da América muito sujeito a tempestades. Logo ao princípio da primavera e do outono, cousa rara na Europa, as Plêiadas levantam tempestades, e Júpiter irado troveja, relampagueia, fulmina. Nem lhe valem desviar o raio ou, quando menos, mitigar-lhe a raiva a frutífera Pomona e a plácida Flora. E' quase inevitável que, ano por ano, sofram alguma lutuosa catástrofe ou os próprios índios, ou seus animais e casas. Nestes mesmos dias em que escrevo estas palavras, caíu um raio numa casa e a incinerou junto com outras cinco. Os habitantes afortunadamente se salvaram, pois justamente naquele tempo os havia eu mandado para suas chácaras fora da aldeia. Seus reduzidos bens, no entanto, foram destruídos: por isto, a paternal caridade e providência me obrigou a vestí-los novamente. No ano passado desencadeou-se, pela primeira vigília da noite, tão horrendo furacão que se temeria o completo arrasamento de minha colônia: nem era errado vaticinar que haviam prorrompidos em turbilhões dos sinistros abismos do inferno os próprios espíritos aéreos. Pareciam conspirar para destruir o templo de Deus; mas em vão foram suas ameaças. Só o índio que estava de vigia junto à entrada morreu ferido por um raio, enquanto que seus companheiros, no meio dos quais se achava, não foram fulminados, mas de susto perderam a razão por algum tempo.

Está, pois, a nossa América sujeita a furiosíssimas tormentas, e costumam as armas de Júpiter ferir não sòmente os soberbos cedros, mas, também, os humildes salgueiros. Pelo que, como disse, devia eu atentar muito em separar as ruelas da minha aldeia uma da outra nas devidas distâncias; pois que, embora uma casa caísse em cinzas, não poderia o turbilhão de chamas atingir a outra.

Conhecida bastante a planta da nova povoação, e bem compreendida a divisão das casas, perguntará o curioso leitor onde o Pe. Antônio

terá encontrado fontes? A água é puxada dos poços por meio de uma nora? Ou esguicha dos sifões na pia a linfa encanada subterrâneamente? E' recolhida em cisternas? Isto, digo, perguntará o curioso leitor. Já lembrei, porém, acima, que a mão providencial de Deus fêz brotar, ao sopé da colina, quatro fontes. Desta como que generosa nora vão haurir água perenemente viva os pobres índios, a quem Baco e Ceres negaram, até o presente, a cerveja e o vinho.

Capítulo XXVI

CONSTRÓI-SE O TEMPLO DE SÃO JOÃO BATISTA

Apliquemos agora a mão e a caneta à construção do templo: a mão para guindar os pesos enormes das árvores, a caneta para descrever seu comprimento e largura.

No que toca às colunas, cuidei que primeiro fôssem enterradas numa profundidade de oito pés e bem calçadas com pedras, de sorte que depois podiam ser levantadas sem susto à altura de uns cincoenta pés. Desde o presbitério até a porta da igreja, inclusive, levantei vinte e quatro colunas em série igual de ambos os lados. Ficava uma distante da outra vinte pés geométricos.

Tem três naves, como chamam os espanhóis, ou pórticos, o maior no meio, de 25 pés, os do lado 20. A igreja, juntamente com a sacristia, presbitério e vestíbulo ante a porta, estende-se por 200 pés geométricos, o necessário para abarcar tão grande massa de povo. Cinco portas tem o templo: (21) duas laterais e três no frontispício; destas, a maior é a do meio, que não sòmente oferece espaçosa entrada ao povo, mas também ela só projeta no recinto tanta luz que, mesmo estando tôdas as janelas fechadas, sempre tem luz meridiana, claríssima. Esta primeira e principal porta mede 20 pés de altura e 12 de largo; as laterais não são muito menores, de sorte a bastarem para dar ingresso ao povo, mesmo em procissão.

Portanto, depois de levantadas as colunas e pronto o vigamento de maneira a não cederem ao pêso, firmei a construção e a escorei fortemente com enormes pilares, para que as paredes não vacilassem. E já que as circunstâncias não permitiam adiar mais (pois sem dúvida era necessário que todos os índios cristãos assistissem cômodamente nos dias de festa e domingos ao santo sacrifício da missa e estivessem presentes à doutrina), pus, por ora, sôbre o telhado capim bem trançado para obviar por enquanto às chuvas. A seu tempo o cobrirei de têlhas. Ainda não estavam levantados os fornos nem amassados e cozidos os tijolos.

Que de trabalho tudo isto há-de custar, cada um o imaginará fàcilmente.

---

(21) A fotografia anexa mostra os restos dêstes cinco portais, aliás desprovidos de todos os ornatos arquitetônicos.

Capítulo XXVII

O PE. ANTÔNIO É PÔSTO À TESTA DE DUAS REDUÇÕES

Estava eu, entretanto, ocupado de corpo e alma na criação de minha colônia, quando, no que menos pensava, se me foram impostos novos cargos aos ombros assaz cansados e deprimidos pelos anteriores. E eis-que aos trabalhos acrescem trabalhos, e aos cuidados outros cuidados. Recebo ordem do R. Pe. Provincial de tomar sôbre mim o cuidado pastoral das duas Reduções, a saber, da povoação de São Miguel, da qual nasceu esta nova colônia, e da povoação de São João-Batista, na qual já vinha eu mourejando algum tempo.

Certamente não foi inconsiderada nem imprudente esta determinação dos Superiores, a-pesar-de muito aquém dos meus méritos e fôrças. Apraz-me transcrever aquí as palavras do R. Pe. Provincial, Pe. Simão de León: "O zêlo em que arde V. R.ª para com estes pobres índios, e o recíproco amor e afeição dêles para com V. R.ª, me moveu a lhe confiar a administração de ambas as Reduções. Assim poderá auxiliar melhor sua nova colônia e levá-la mais rápida e felizmente ao fim desejado. Envio-lhe como sócio o Pe. José de Texedes, que, como espero, conjugará seus cuidadosos préstimos a todos os de V. R.ª. Confio que tudo há-de ser para a maior glória de Deus". Eis aquí as palavras do R. Pe. Provincial.

Eu não podia, pois, desobedecer a tão santas ordens, nem ousava subtrair meus ombros ao trabalho, se bem que ineptos e incapazes de suportar esta dupla carga. Acatando a nova ordem, entreguei ao Pe. José de Texedes o trabalho da começada construção e voltei para a minha antiga Redução de São Miguel, distante da nova colônia perto de quatro léguas. Chegado que fui, comecei a arranjar as cousas de casa, a ampliar os antigos campos, a lavrar os novos, a derrubar mato, a cortar lenha, a arrotear mácegas, a plantar algodão. Saía com os índios a caçadas, preparava rodeios e organizava mil outras cousas muito úteis, tanto para a antiga colônia como para a nova.

Entretanto, mandara fabricar alguns milhares de tijolos e têlhas para cobrir a casa do Padre missionário. Mandei fazer também caixilhos de janela, cada um com seus postigos (vidro aquí não há). Do mesmo modo vários cestos para a sacristia, vazilhas para buscar água e levá-la à cozinha, cântaros ou talhas, moringas de barro para o refeitório e outros utensílios semelhantes para a nova colônia. Cedí mesmo de bom grado a meu Pe. Sócio técnicos e operários, para que mais cômoda e ràpidamente tudo se fizesse, pois eu muito bem conhecia a indigência e extrema precisão em que se contorcem os fundadores de tais colônias novas.

Uma coisa não posso calar aquí. Vale bem a pena mencioná-la, porque embasbacará todos os lá da Europa e apregoará alto e bom som a Divina Misericórdia, que dia a dia mais se faz sentir para com os coitados dêstes índios. Que será? Quem o ouve, regozije-se comigo como se eu tivesse escavado um tesouro no meu campo: foi encontrado ferro e aço. O divino Mineiro não os tirou das entranhas da terra, mas quis pô-los a descoberto numas pedras, que aquí existem a granel. Para mim e meus índios, êste tesouro é, de-certo, mais precioso que tôda pedra preciosa.

Capítulo XXVIII

O PE. ANTÔNIO DESCOBRE MINÉRIO DE FERRO E AÇO, E OS FUNDE PARA A CONSTRUÇÃO DA NOVA ALDEIA

Desejaria que o benévolo leitor parasse aquí um instante e comigo se alegrasse como aquêle ativo mercador do Evangelho que descobre um tesouro oculto no campo e, cheio de alegria, vai e vende tudo o que tem e compra aquêle campo, etc.. Estavam estes pobres paraguaios necessitados não de minas de ouro ou prata, mas de ferro e aço, procurados em vão por tantos anos; e neste ano, enfim, por vontade de Deus, que esconde os metais no seio da terra, conseguiram uma e outra cousa. Com efeito, descobrimos uma pedra (22), sem dúvida mais estimável e preciosa que qualquer tesouro (considerando a vantagem e necessidade); esta pedra, pelo calor do sol, fica tão dura que não se derrete senão com um fogo muito intenso; e quando mais apurada e endurecida, o que se obtém derramando água aos poucos em cima dela, condensa-se em aço e ferro. Tem suas escórias e fezes. Não é excavada das profundezas da terra. Nem é necessário, a modo dos europeus, abrir rochedos ou devassar as entranhas dos montes, tão-pouco descer aos abismos da terra por vários meandros. Jaz ela no campo exposta às chuvas e ao sol, ou se apresenta, ao primeiro golpe do martelo, de-baixo da verde grama. Há também certas colinas repletas da mesma pedra. Chama-a o selvagem

---

(22) Esta pedra, que os indígenas denominavam itapura, tem hoje o nome popular de "cupim", nome de uma pequena formiga. Já dissemos, na introdução, que era também denominada "pedra-formiga". Os padres a usaram, em grandes blocos de um pé e mais de aresta, na construção de igrejas. Durante minha última visita a Santo-Ângelo, encontrei numerosos dêstes blocos sob as ruínas da velha igreja derrubada — que fôra, por sua vez, construída com os restos da catedral jesuítica.

Há três espécies dêste cupim: um todo avermelhado, outro de laivos pretos e um ainda todo preto. E' uma pedra porosa, de-fato parecida com a tufa, mas de natureza completamente diversa. Pode ser encontrada em São João, por baixo do capim. Perto das ruínas da igreja, achei um bloco, bem junto a um formigueiro. Tanto se parecia com êste, que a princípio quase pensei tratar-se de dois formigueiros.

de *itacura*, por estar cheia de manchas ou grãos escuros; estes grãos quando expostos a um fogo muito intenso fundem-se em ferro e aço.

O modo de os purificar é o seguinte. Levanta-se um forno de tijolo cru (23), numa altura de cêrca de dez pés e numa largura de seis pés. Deixa-se no meio um suspiro ou chaminé de um pé quadrado, por onde o fogo possa respirar. Por esta chaminé deitam-se seis porções de carvão e uma de pedra britada. A pedra deve queimar antes para se desfazerem os espessos vapores de terra, de que está umedecida. Logo que se acender o forno, cumpre atiçar o fogo com ventilação forte e regular; assim aos poucos, pela arte espagírica, os minérios se vão separando, e o ferro desce para a parte inferior; as escórias ou fezes saem pelo buraco para isto aberto e se segregam. Enfim, quando em vinte quatro horas contínuas a massa de ferro mais ou menos se fundiu, abre-se o forno e por um orifício tira-se o embrião incandescente. E' malhado então a fortes marteladas, recebendo a forma de enxadão, foice, cunha, machado ou lâmina, como se quiser. Êste mesmo ferro se endurece em aço conforme a diversidade de têmpera ou temperatura, que se lhe dá pela infusão de água, quando incandescente. O aço resultante é melhor que o de Milão; a qualquer golpe de ferro ou pedra levanta uma poderosa chama. A dificuldade está principalmente em que se deve empregar não qualquer carvão, mas o que resulta da cremação lenta e subterrânea de uma madeira durríssima. A experiência me fêz carvoeiro e ferreiro, já que é necessário fazer-se de tudo para todos o missionário apostólico. A natureza subtraíu a estes pobrezinhos cristãos a sua mão liberal e, negando-lhes os meios necessários, me obrigou a implorar o céu propício, para que nos socor-

---

(23) Com o apôio do Prefeito de Santo-Ângelo, Sr. Policarpo Gay, e com a contribuição pessoal do Sr. Serafim Ferreira, oficial da Prefeitura que tem estudado, de modo particular, a história de seu município, me foi possível descobrir o local onde se achava a primeira usina siderúrgica sul-brasileira.

A trezentos passos da ruína da igreja, perto dos fundos da casa de moradia da atual estância de São João-Velho, há um roçado de milho. Aí se encontram numerosos pedaços de ferro fundido e escória. Não havendo nada semelhante, em parte alguma da região missioneira, pode-se admitir ter sido êste, realmente, o lugar da usina.

Examinámos diversos dos pedaços encontrados. Os mais interessantes são as escórias, ricas de ferro, cujas formas não negam haver escorrido, uma vez, sob forma líquida, de um forno de fundição. Alguns pedaços revelam índice maior de ferro, merecendo ser enquadrados na classe do ferro mal corrido. Não encontrámos ferro puro, o que é natural, pois o ferro bem corrido passa para a forja. O índice relativamente alto do ferro nos blocos mal corridos e o pequeno pêso (a leveza específica, portanto) da escória revelam que as fundições bem corridas devem ter produzido um ferro de excelente qualidade.

ram os auxílios divinos, quando faltam os humanos. E aquêles, na verdade, bem nos socorrem, principalmente quando urge qualquer necessidade; pois então me volto súplice às pias almas dos defuntos, em especial ao Arcanjo Miguel e à minha taumaturga Virgem de Oettingen, bem como a meu tocaio Santo Antônio de Pádua, e êles nunca desdenharam assistir-me com seu pronto socorro. Se até agora os benignos céus nenhum outro benefício fizeram a estes pobrezinhos, êste só bastaria para ser escrito no livro da eternidade: — o de lhe terem concedido ferro e aço.

Capítulo XXIX

POR QUE QUIS DEUS FAZER O PE. ANTÔNIO DESCOBRIR MINAS DE FERRO E AÇO, E NÃO DE OURO E PRATA?

Como os homens raramente ou nunca têm a mesma vontade e parecer em tôdas as cousas, assim também, nisto que digo e penso, não concordam com o meu. Perguntará algum europeu Crisoário e dirá: se Deus tivesse aberto ao Pe. Antônio veios de ouro ou prata, então, sim, seria isto um grande benefício.

Assim poderia falar um Creso europeu que adora como divindade o torrão amarelo, mas não um varão apostólico que não corre atrás do ouro, nem deposita sua esperança no dinheiro e nos tesouros, etc.. Pois se Deus mostrasse no Paraguai minas de ouro ou prata, com isto mesmo fecharia talvez o céu aos pobres índios, dada a ganância dos estrangeiros que em dois tempos estenderiam, quais Harpias, as mãos e unhas para devastar estas nossas Reduções, e obrigariam êste novel povo de Cristo a explorar e abrir com escravos os veios do fúlgido metal. Não cuidariam, porém, de propagar a doutrina cristã, e baldado teria sido o trabalho dos primeiros padres missionários, pois os índios prefeririam esconder-se nos matos e covís de feras, como os seus pais gentios, à servirem a estranhos. Oh! quanto não maquinaram e intentaram alguns lôbos rapaces por arrancar--nos estas ovelhinhas! De quantas e quão grandes mentiras não encheram os pacientes e mansos ouvidos de seus senhores, para se abeirarem destas Reduções! Quantas vêzes, sei lá eu, não sonharam com minas de ouro, devorando em sua vã esperança montões dêste metal! (24)

Mas não é ouro nem prata o que precisam nossos pobres índios nudípedes: é ferro e aço com que derrubem os matos, cortem a madeira, afiem as flechas, fabriquem ferramentas de tôda espécie. Disto careciam

---

(24) Embora o Pe. Sepp, entre os capítulos XXVII e XXIX, não mencione o local onde se encontrava sua usina siderúrgica, as primeiras palavras dêste capítulo fazem supor haver sido São João-Batista. Principalmente a observação que frisa ter viajado para São Miguel em um sábado reforça êste ponto-de-vista.

até agora os pobres selvícolas e isto os livrará para o futuro da miséria. Pois quem não te chamaria de miserável em extremo a ti, se não possuísses nem mesmo uma agulha para remendar a camisa rasgada? Ou uma faca para cortar carne? Um machado para rachar lenha de cozinha? Uma chave para fechar tua casa? Uma foice para ceifar o trigo?

Excede a credulidade humana o que vi com estes meus olhos. Os meus paraguaios (antes de se extrair da terra e das mencionadas pedras a abundância de ferro; ou então aquêles que ainda não receberam instrumentos de ferro, por causa do número) segam o trigo com ossos de vaca ou costelas à guisa de foices; cortam a carne com certas taquaras partidas pelo meio; remendam a roupa com espinhos que furam a modo de agulhas para passar a linha; matam as vacas e os bois batendo no occipital com um pedaço de taquara, e com o mesmo, em forma de faca, carneiam-nos, esfolam-nos e cortam-nos em postas. Ouçam e riam com isto os açougueiros da Europa.

Teria eu mil outras cousas para escrever, mas o tempo reduzido me chama a outros sérios negócios. Só uma cousa gostaria de acrescentar como conclusão dêste capítulo: rogo ao benévolo leitor, ou alguém que ouvir ler estas linhas, renda infinitas graças a Deus e não se canse de dar eternos louvores por nos ter êle querido, ocultando as minas de ouro e prata, manifestar em seu lugar ferro e duro aço, quer tenha sido por intercessão das almas do purgatório, quer pelos rogos do grande taumaturgo Santo Antônio e da milagrosa Virgem de Oettingen.

E já que fiz menção das almas do purgatório, ouçamos o que segue.

Capítulo XXX

DE QUE MODO SE APAGOU UM GRANDE INCÊNDIO, CAINDO DE-REPENTE CHUVA DO CÉU SERENO

Um sábado viajei para a Redução de São Miguel. No dia seguinte, domingo, celebrei a Santa Missa como de costume, e, cumpridos à medida de minhas fôrças todos os ofícios de bom pastor, começei a hesitar um pouco se era mais conveniente voltar na mesma tarde para a nova colônia ou pousar alí aquela noite e regressar na manhã seguinte. Eis, porém, que me senti violentamente arrebatado no interior, parecendo-me ouvir uma voz: Torna para a nova colônia; e se acontecesse algo de mal na tua ausência?

Abramos um parêntese para referir um caso acontecido em minha ausência e bem semelhante a êste de que falo agora. Estando eu, doutra feita, de viagem ao referido povoado de São Miguel (o meu ofício o exigia cada semana, já que era pároco de dois povoados ao mesmo tempo), o pastor de quatro ovelhas minhas, das quais costumava eu matar uma por semana para mim e meu Padre companheiro, deixou tresmalhar-se e perder-se tôdas de uma vez. Ao voltar da povoação pus-me logo a inquirir sôbre o estado de minhas ovelhas. Mas o pobre pastor (antes chamar-se-ia mercenário) viu chegar-se o lôbo e fugiu; pois os cães que deviam vigiar o rebanho, com seu contínuo ladrar, puseram em fuga as ovelhas aterrorizadas para a mata vizinha. Dispersas e errantes por muito tempo, duas caíram nas garras de um tigre esfaimado. Que havia de fazer com o meu pastor? Censurá-lo-ia, irritar-me-ia com êle, qual merecera? Preferí rir-me daquele cabeça de vento; e quem não haveria de rir? Pois quando lhe perguntei, respondeu: "Os meus cães dispersaram tuas ovelhas e levaram-nas para o mato vizinho." — "Por que não contiveste os teus cães?", repliquei; e êle, como se fôsse o mais ingênuo dos mortais: "Eu bem lhes gritei que calassem, mas não me obedeceram". *Hindo, hindo,* é um modo de falar muito elegante dos índios. Então lhe disse eu: "Meu filho, vai de-pressa atrás dos teus cães, chama-os pelas matas e bosques, talvez dês de encontro com as minhas ovelhinhas, que se darão a reconhecer pelos balidos." Obedece o pastor, sai no en-

calço dos molossos, ouve-os ladrar, mas não topa senão com duas ovelhas, as quais toca ante si de volta para casa. Traz também a pele de uma que fôra devorada por cruel tigre, em testemunho do funesto acontecimento.

Enquanto, pois, (para retornar ao caso acima, do qual me afastei um tanto) cá comigo estava duvidoso se na minha ausência não teria sucedido algo de semelhante ou mesmo pior e mais grave, afinal seguindo a voz do espírito que me chamava, voltei ao pôr do sol para a minha nova colônia. Mal avistara os campos circunvizinhos, quando reparei numa horrível e enorme massa de fumo que toldava e nublava a própria serenidade do céu. Em seguida verifico que o campo perto da povoação estava a arder. Corro precipitado, ofegante. Ao encontro vem-me o Pe. Sócio, José de Texedes, com o corpo todo banhado em suor, rosto manchado de fuligem, na aparência mais um carvoeiro que um sacerdote. Não era para menos, pois gastara quase todo o dia em apagar o incêndio, e disto provinha o negrume do rosto. Dirigí-me a ele: "Santos do céu! Se não me engano, a nossa palha arde tôda." — "Ela mesmo sem tirar nem pôr", retruca êle, "e arde de tal modo que, desesperado de apagar o incêndio, deixo o resto a Vulcano e volto para casa. Os próprios índios, que todo o santo dia trabalharam comigo até o suor, não resistiram ao cansaço e tornaram às suas casas." De nenhum modo aterrorizado com esta resposta, replico-lhe: "Mande-me V. R.ª quanto antes alguns índios que me ajudem. Talvez com o favor do céu e auxílio dos índios, consiga abafar o incêndio."

Dito isto, aproximo-me do incêndio, ou para falar mais verdade, as devoradoras labaredas se aproximam de mim. Um forte vento as atiçava, de modo que o campo ardia de todos os lados. São-me mandados os índios auxiliares. Com êles dirigí-me a um desfiladeiro ou garganta entre duas colinas, e ordenei que numa distância de alguns pés arrancassem o capim ou grama, para cortar caminho e alimento às chamas serpeantes. E muito afortunadamente cessou o fogo, pois, quando chegou ao desfiladeiro das duas sobreditas colinas, não encontrou mais substâncias para queimar e se deteve em seu curso. Deixando intacta grande parte do campo restante, onde sobrava palha suficiente para cobrir as casas de meu povoado, descarregou o seu furor contra as duas citadas colinas que estavam cobertas de mato. Não suspeitando nenhum outro mal, voltei à casa com meus poucos índios, cheios de alegria, e referí o sucedido a meu Pe. Sócio, que, espantado, mal quis acreditar em minhas palavras.

Já estava perto da segunda vigília da noite e Morfeu nos convidava a ambos a tomar o costumado sono, nós que, aliás, fàcilmente anuíamos e, pelo consaço, acenávamos ao convite, quando se fêz ouvir a algazarra dos índios que gritavam: Incêndio! Pergunto donde procedia. "Da mes-

ma colina, para a qual repeliste o fogo, rompeu a chama novamente, e o elemento desobediente invadiu-te o campo vizinho devastando tudo." Então eu: "Que remédio, meu filhos? Vamos confiadamente abafar as chamas e apagar o incêndio." Vim, vi o fogaréu ingente, e Deus o extinguiu. Com efeito, quando, chegando mais perto das chamas, constatei que era baldado todo humano auxílio, voltei-me para o divino; tirei a imagem de Cristo pendente da cruz, conjurei o avassalador elemento e, ajoelhado no meio de meus pobrezinhos índios, recitei um rosário pelas almas detidas no purgatório. Ao mesmo tempo fiz voto a Deus que, se as santas almas defendessem do fogo a palha ainda restante, diria trinta missas para refrigério delas. E acrescentei para o meu auditório selvagem: "Meu filhos, não duvido de que vosso Pe. Antônio Böhm, que tão singularmente vos amou, já goze de Deus no céu, e seja vosso patrono. Roguemos, pois, a êle que, súplice, se prostre perante a Divina Majestade, implorando sua clemência em nosso favor, êle que sabia compadecer-se de nossas fraquezas e que não ignora quão necessária nos seja esta palha para cobrir as cabanas de nossa povoação."

Estes nossos pios desejos e suspiros tinham irrompido das profundezas do coração, mais ardentes que as chamas a alastrar-se por tôda a parte. Eis senão quando o ar se agita, sopra a Austro e o Deus benigníssimo ajunta de-repente no céu sereno as nuvens e faz cair copioso aguaceiro. Com isto não só esmoreceram as chamas, como também se extinguiram de todo. Nós ficámos livres do perigo de incêndio, mas não da obrigação de cumprir o voto. Logo no dia seguinte, dei início ao seu cumprimento, rezando missa pelas almas dos defuntos, eu que experimentara o poderoso auxílio delas: incapazes de apagar o próprio fogo, quiseram, não obstante, apagar o alheio e se compadeceram de nós, elas que são dignas de tôda a compaixão.

Mas voltemos à nossa história, que o tempo de nenhum modo permite protrair. Estas coisas que escrevo, escrevo-as quase sempre de noite, à luz trêmula da vela, olhos escurecidos de sono e corpo quebrado, exhausto pelos trabalhos do dia.

Capítulo XXXI

TRANSMIGRAÇÃO DAS MULHERES E CRIANÇAS DA ANTIGA COLÔNIA DE SÃO MIGUEL PARA A NOVA DE SÃO JOÃO-BATISTA

Passara já quase um ano desde que meus índios haviam começado a cultivar as terras da nova colônia. Copiosa messe já fôra recolhida. De modo que tínhamos à mão abundante sustento também para as crianças e as mãos. E lembrei-me do salmo: *Promptuaria eorum plena, eructantia ex hoc in illud* (os seus celeiros estão cheios, a transbordar duns para os outros).

Efetivamente não convinha arrancar estes probrezinhos e simples israelitas de seus antigos campos e levá-los a habitar um solo estéril e campos incultos, sob o risco de perecerem à míngua. Era absolutamente necessário cultivar de antemão a terra, lavrar, semear, colher e tornar-lhes assim fácil e amena a transmigração, a-fim-de que, aborrecidos, por assim dizer, do antigo hábitat e terra pátria, suspirassem pela nova colônia. Além disso devia-se antes levar a cabo a construção da igreja e casa do padre missionário: a primeira para os fiéis poderem, nos domingos e dias santos, assistir à santa missa e ouvir juntos o sermão; a segunda para que os padres missionários pudessem mais fàcilmente vigiar o seu rebanho, defender as ovelhas e socorrê-las nas precisões.

Concluída a igreja e a casa do padre missionário e dos índios, organizei a transmigração das mulheres e crianças na ordem seguinte. Já no ano anterior touxera para a construção da nova colônia os homens e todos o meninos que tinham fôrças para trabalhar, deixando entretanto as mulheres e os meninos imbeles no antigo povoado de São Miguel. Porém, as espôsas e mães, que de nenhum modo se esqueciam dos filhos, algumas vêzes na semana vinham trazer alimento das suas roças da antiga Redução. Sabedor da minha parte quanto é duro para uma tenra idade ser arrancado do regaço materno, concedí aos pequenos que consolassem as mães com recíprocas visitas.

Quando, portanto, chegou o tempo da transmigração, convoquei tôdas as mulheres e moças no templo de São Miguel e, depois da missa,

lhes falei nestes têrmos: "Minhas caras filhas no Senhor, Deus e os vossos Superiores mandam-vos deixar esta terra e parentela e ir para um lugar distante. Emigremos, pois, para onde Deus nos chama, e nos foi adiante o glorioso precursor de Cristo, convidando-nos a seguí-lo. Não julgueis que vos quero conduzir para o deserto da Palestina, solidão da Arábia ou para o ermo áspero e estéril que habitou São João Batista. Antes esperai que migrareis para os campos elíseos e a terra da promissão, regada de leite e mel. Com efeito, já não sentistes os felizes trabalhos e suores de vossos maridos? Não é que já comestes e vos regalastes com os frutos dos campos, para vós preparados, e fizestes abundante colheita? Ide, portanto, para onde vos chamam os queridos esposos e onde vos esperam caros penhores, como são vossos filhos homens."

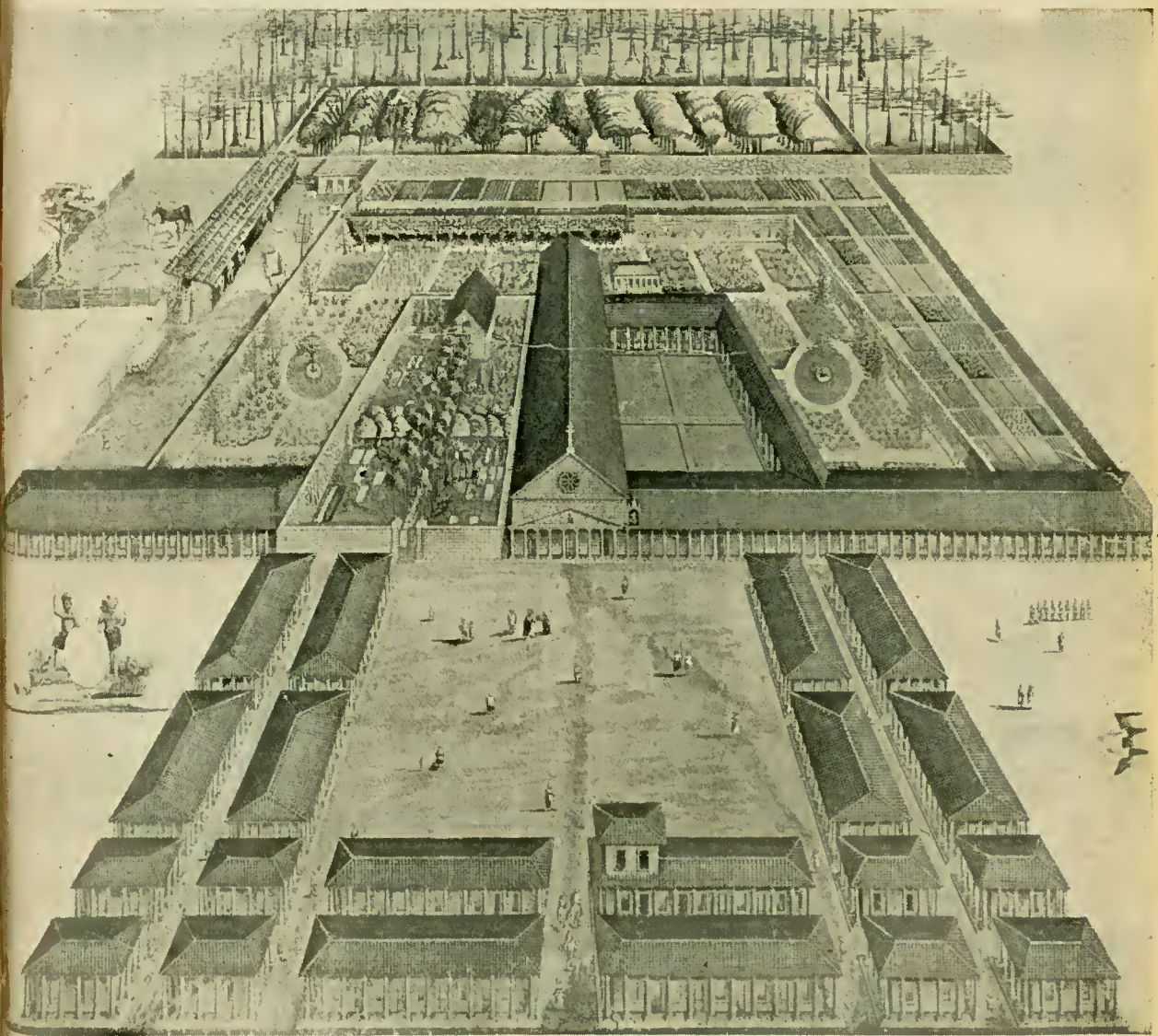
Isto e coisas semelhantes disse eu àquele mundo feminino. Não obtive outra resposta senão lágrimas e soluços, não em sinal de receberem com azedume a proposta da transmigração, mas para significar o ternissimo afeto com que pagavam o meu cuidado e solicitude paternal. Mas logo contive, enxuguei as piedosas lágrimas e acalmei a dôr, dando a cada índia duas agulhas e uma medalha, mais quatro braças de tecido de algodão (assim é o vestido das mulheres paraguaias: costuram cêrca de quatro braças do dito tecido como um saco oblongo; pela parte superior enfiam a cabeça e estendem os braços por dois buracos abertos para êste fim). Às meninas dei duas túnicas já prontas, uma de algodão, outra de lã. Túnicas já prontas, disse, porque se lhas tivesse dado não feitas e costuradas, por certo as estragariam antes de as confeccionarem, tão negligente e de cérebro tão obtuso é esta nossa gente. Por isso, também, quando visto os pequenos devo fazer em minha própria casa os calçados e a camisa. Esta última indumentária era coisa de todo nova para êles: não a podiam vestir. Mas depois que a vestiram e perceberam que se esquentavam um pouco, nada lhes é mais caro e ma pedem com importunos clamores: *Cheruba, Cheruba,* Padre, Padre, *emee anga Orebe camisa,* dê-nos uma camisa. Esta palavra camisa é espanhola, porque não estando os índios habituados em sua infidelidade a adaptar ao corpo vestimenta alguma, careciam até agora tanto do objeto, como do nome com que o denominassem: chamam-no pelo nome espanhol.

Admirar-se-á o curioso leitor e não sem razão perguntará: quem teceu para o Pe. Antônio tanta fazenda, suficiente para tôdas as crianças e mulheres? Os tecelões de Augsburgo mal parecem bastar. Sussurrar-lhe-ei então ao ouvido aquela palavra de Cristo: Vêde os lírios do campo, etc.. Pois o Pai do céu, que a estes veste, veste também aos meus

pobrezinhos índios: pôs-me nas mãos mais de doze mil braças de tecido de algodão, para vestir estes meus paraguaios, sem mencionar a lã das quatro mil ovelhas que comprei.

Agraciadas assim as índias com nova roupa e outros presentinhos, conduzí-as para a nova colônia. De caminho junto a um gárrulo e ameno regato que devíamos atravessar, preparei-lhes uma merenda, para que, cansadas um tanto da jornada, pudessem repousar e prosseguir o resto do caminho mais fortes e dispostas. Poder-se-ia ver nisto o mesmo que outrora no êxodo de Israel do Egito: a mãe carregada de múltipla e doce prole, uma levando-o ao colo materno, outra encarapitando-a sôbre o ombro, uma terceira conduzindo-a pela mão ou pondo-a às costas como um fardo; algumas carregadas de panelas e abóboras (ou porongos?) levavam em u'a mão um gato, na outra galinhas atadas pelos pés; em longa fila fechavam o cortejo os cães domésticos, como se foram solícitos efebos. Esta é, comumente, tôda a mobília do índio, estas as suas riquezas, estes todo o fausto e adôrno feminil.

Chegadas assim à nova colônia, deu-lhes as boas-vindas o Pe. José de Texedes, companheiro meu e capelão; recebeu-as muito cortês e benèvolamente, determinando a cada família a sua casa.



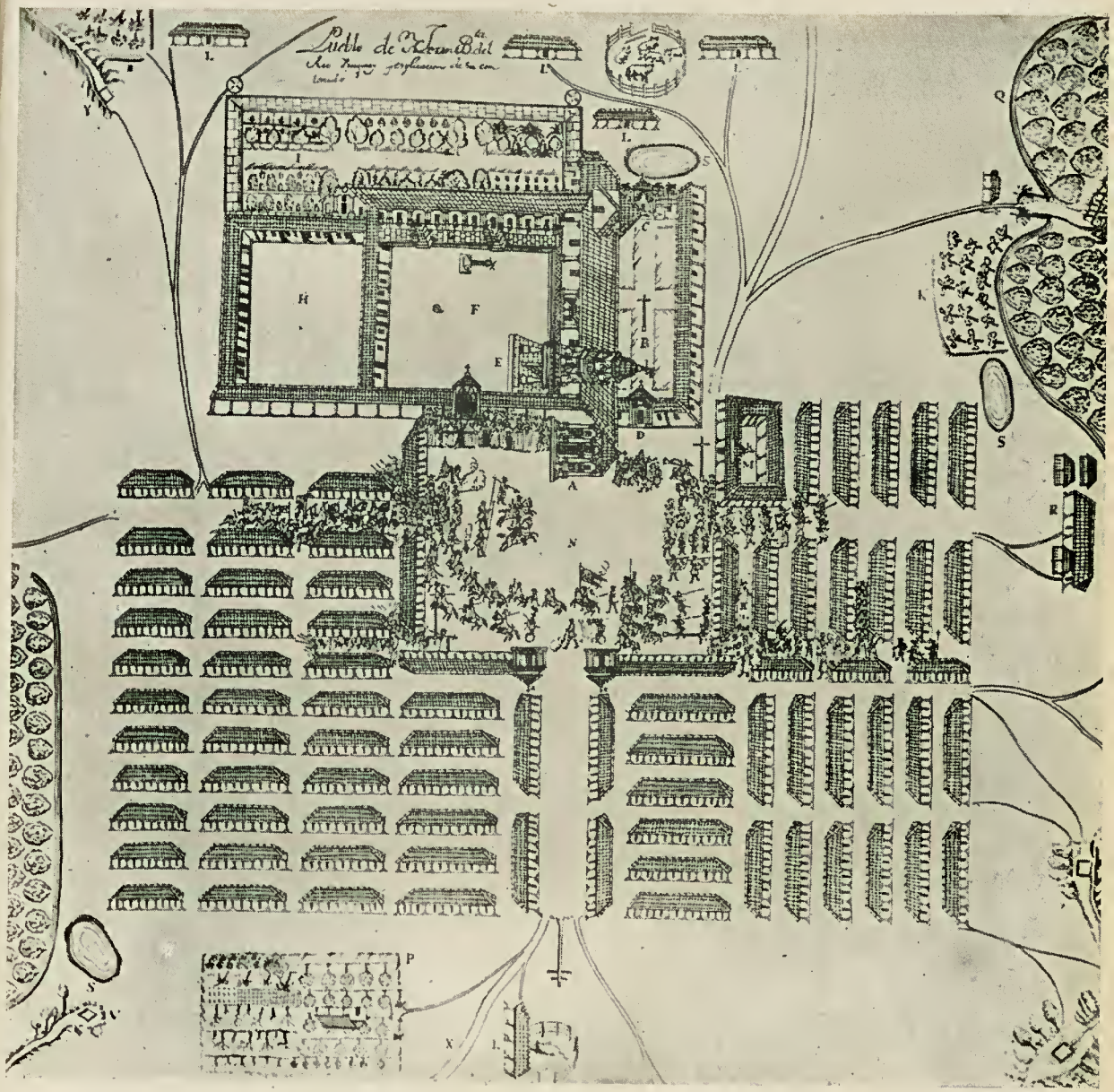
47. REDUÇÃO DE SÃO JOÃO-BATISTA,
reconstituição.



48. REDUÇÃO DE SÃO JOÃO-BATISTA,
estado atual.



49. MUSEU DE SÃO MIGUEL,
segundo o modêlo das antigas casas missioneiras.



50. ASPECTO DE SÃO JOÃO-BATISTA,
gravura em cobre de 1755.

Capítulo XXXII

O PE. ANTÔNIO APERFEIÇOA DE VÁRIOS MODOS A COLÔNIA, EMBELEZA A IGREJA, CONSTRÓI FORNOS DE OLARIA, COZE TÊLHAS E TIJOLOS PARA O TEMPLO E A CASA DOS PADRES MISSIONÁRIOS

Quando o R. Pe. Provincial soube da ordeira e pacífica transmigração dos índios, pareceu-lhe bem aliviar-me da onerosa tarefa, qual é a administração de duas Reduções, e mandou que tomasse a meu encargo sòmente a nova colônia.

Partí imediatamente para pôr mãos à obra e ombros à carga. Iniciei os trabalhos com o aparelhamento da igreja. Zelei, em primeiro lugar, por um assim chamado tabernáculo de cedro. Foi feito segundo o modêlo do da nossa igreja em Landspergen, o qual, como ainda me lembro, fabricou o R. Pe. Wolfgang Leiberer, de saùdosa memória, no tempo de meu noviciado. Sustentavam o céu quatro gênios alados, como outros tantos Atlantes, sôbre cujas cabeças se emborca a cornucópia pejada de vários e opimos frutos. No meio, como que em trono real, entre quatro colunas coríntias, vê-se pequena estátua milagrosa da Virgem de Oettingen. De-baixo desta fica o sacrário com o Santíssimo Corpo de Cristo. Tudo isto é finamente trabalhado em cedro, com embutidos de ouro e madrepérola e entremeados, como em obra frígia, de vários relicários, pequenos espelhos e pseudo-pérolas, isto é, vidros transparentes. A obra, até o presente nunca vista em nossas Reduções, chama merecidamente a atenção não só dos naturais, mas até dos nossos padres missionários, quer mirem a arte do escultor ou o bom gôsto do pintor.

Terminado o sacrário ou tabernáculo, edifiquei próximo ao templo uma capela igualmente de tábuas de cedro, em octógono, segundo o plano da capela de Oettingen. As paredes, porém, são de pedras. As oito janelas abertas na cúpula derramam copiosíssima, jucundíssima luz por todo o recinto. E' construção inteiramente nova nestas paragens.

Depois da capela, arranjei o confessionário e o púlpito: aquêle como tribunal sagrado, onde o sacerdote absolva os pecados do povo; êste para se poderem explicar aos fiéis os preceitos divinos e o santo Evangelho.

O púlpito, de forma octogonal, apresenta nas primeiras quatro curvaturas (ou nichos?) os quatro Evangelistas, e nas outras os quatro principais doutores da Igreja. Se fôr lícito comparar o pequeno com o grande, afirmo que a obra não é dissemelhante à cátedra de Augsburgo na igreja de São Maurício.

Digno de ser visto em minha igreja é sem dúvida também o enorme candelabro octogonal, dependurado no lugar da lamparina, junto à grade do presbitério. Está dividido em 32 candelabros menores, em tamanho crescente. Acendem-se tão sòmente nas festas *primae classis*, ardendo desde as vésperas até se ter cantado o ofício. Esta iluminação confere ao templo admirável esplendor e majestade, fomentando a devoção. Pôsto não arda aquí a oliva, contudo as montanhas e florestas de modo algum permitem que falte a cera virgem.

Os altares vão-se fabricando, aos poucos, de cedro. Entrementes o pintor já embelezou a três dêles. No altar-mor vê-se o padroeiro da povoação, São João, batizando a Cristo no Jordão; pouco mais acima o padroeiro da antiga redução, o arcanjo São Miguel, recalcando no inferno a Lúcifer; os lados inferiores ocupam Santo Inácio e São Francisco Xavier, os superiores, os dois príncipes dos Apóstolos, São Pedro e São Paulo, reproduzidos em côres. O altar lateral do lado do Evangelho é consagrado a Jesús, Maria e José; o do lado da Epístola a meu padroeiro Santo Antônio.

A igreja está pintada a diferentes côres. Pelas colunas entrelaçam-se, não sem elegância, cachos de uva e ramalhetes de flôres, como heras. Vêem-se dependurados nas paredes quadros de diversos santos. Nem tão-pouco se esqueceram gravuras das horríveis chamas do inferno, para conservar os índios no santo temor de Deus e afastá-los do pecado.

É êste o aspecto externo da minha igreja. Subamos agora ao telhado.

Donde arranjar as têlhas para cobrí-lo? Onde o forno para cozer os tijolos? Seja louvado o Deus misericordioso e benigno! Vêde a Divina Providência! Junto ao sopé da colina em que assentei o aldeamento, encontrei ótimo barro ou argila, resistente, pegajosa e muito apropriada para cozer tijolos. No espaço de quatro meses cozí mais de cem mil. Com êles pude cobrir a igreja e minha casa canônica, junto com o alpendre, construído em quadrado.

Para o cozimento dos tijolos e têlhas fêz-se mister abrir enormes covas, nas quais construí três fornos com capacidade de cêrca de quatro mil têlhas cada um. E, como disse, construí-os em número de três, para

que, enquanto se enchesse com têlhas não cozidas um forno, no outro já houvesse fogo e no terceiro se pudessem retirar as prontas. Dêste modo não se interrompia o fabrico de têlhas.

Quantas mil têlhas ainda precisarei, para cobrir tôdas as casas na vila tôda, ninguém o adivinhará ao certo, nem eu estou para calcular o número exato. Entretanto, também elas, com o auxílio divino, serão cozidas e fornecerão telhado para 700 famílias.

Aquí talvez perguntará o leitor curioso de informações sôbre os índios, como afinal ou com que meios fabrica o Pe. Antônio tantas têlhas. Quem lhe fornece o material necessário para as formas? A esta dúvida respondo o seguinte. Assento sôbre uma prancha quatro tabuinhas, colocadas horizontalmente em forma de têlha. Em seguida os oleiros, que possuo em número de 60, enchem-nas de barro que, anteriormente, fôra bem sovado pelos touros, alisam bem todos os cantos, socam, passam da prancha para uma cunha de madeira e, tirando de-vagarinho a cunha, depositam só a têlha no chão. Ao contacto com o ar ela secará aos poucos na sombra. Se o vento sopra demasiado quente, a têlha racha e se inutiliza. Sendo pelo contrário frio demais, engelha, tornando-se igualmente imprestável. Se, por fim, seca ligeiro demais, fàcilmente quebra. Por isto é de mister grande prudência e indústria. Mas deixo isto à discussão dos oleiros europeus.

Não só devia fazer têlhas, mas também tijoletas para cobrir o pavimento. Conseguí-as com tanta facilidade que não me lembro de tê-las visto melhores na Europa. São hexagonais, mas bem variegadas. Destarte, o pavimento antes parece juncado de frutas e de flôres verdadeiras do outono, que coberto com pedaços de gleba informe. Certamente o admirará o ladrilheiro europeu, mas a ninguém deve isto parecer difícil: o barro, mole como cera, fàcilmente assume tôdas as formas. Se se lhe imprime a tulipa, reproduz a tulipa; gravando-se uma rosa, ter-se-á uma rosa; se quiseres uma laranja, o barro dar-te-á fielmente insculpida uma laranja. Esta sorte de mosaicos embeleza admiràvelmente não só as residências dos padres missionários, como muito mais a igreja. Pensar-se-á, não sem razão, que a própria Flora e Clóride tenham despejado os seus floridos açafates, esparzindo a esmo pelo chão as riquezas virgens da primavera; ou que Pomona haja esparramado com mão liberal os frutos de seu rico outono.

Bastam estas breves notícias a respeito de minha igreja. Dirijamos, agora, o olhar para as alfaias sagradas e os paramentos sacerdotais.

Capítulo XXXIII

COMO O PE. ANTÔNIO AUMENTOU AS SAGRADAS ALFAIAS DO TEMPLO

Penetrando na sacristia, surpreenderás alí seis minúsculos passamaneiros a confeccionarem várias rendas, bordados e albas sacerdotais. Afora das seis albas que trouxe da antiga vila, mandei fazer três novas. São quase que inteiramente rendadas: não só a fímbria, senão tôda a parte inferior, desde a cintura, vem ocupada de rendas de Flandres.

Estranhará por certo a modista de Europa que meu jovem índio, com sua mão grosseira e calosos dedos, possa ter feito renda e com tal destreza que não se distinguem das de Flandres. Poderia mesmo afirmar tão errônea quão tenazmente que aquilo não é trabalho indígena, mas sim europeu. Na verdade, fato pasmoso: já nem eu mesmo posso compreender a habilidade do bronquíssimo selvagem. Soube êle, sem mestre, guiar tão artisticamente os fios e entrançá-los à imitação de filó, que só mesmo vendo o trabalho se acredita em sua perfeição.

As sobrepelizes, que usam os acólitos tanto nas missas como nas vésperas mais solenes, são trabalhadas com igual arte. Para as diversas côres e festas confeccionei também casulas e frontais. Extasiam a vista com suas franjas mais largas e passamanes de ouro e prata. Além disto, para as procissões do Santíssimo Sacramento, arranjei um baldaquino, enfeitado à frígia com variegadas flôres.

As mãos do marceneiro aprontaram há dias o andor para enterros de inocentes, que uma prematura morte faz voar ao céu. E' entrecortado de raios em espiral e sarapintado de discos torneados, na parte superior à assim chamada galeria. Os carregadores dêstes cadáveres inocentes são igualmente seis pequenos inocentes. Para estes mandei fazer trajes novos, bordados de flôres e franjas. Sendo maior o concurso de índios, o pequeno defunto é levado por seis gênios ou anjos alados, que seguram nas mãos flôres e velas. Com igual brilho resplandesce a almofada sôbre a qual reclina o feliz defunto, bem como a mortalha branca

que o cobre. No caminho para a igreja, em lugar de lamentações fúnebres, os músicos cantam um péã vitorioso, convidando os jovens e as donzelas a louvarem a Deus. Oh! quantos dêstes pequerruchos, lavados por minha mão na sagrada linfa, já enviei ao céu para fundarem lá entre os gênios sidéreos colônias muito mais ditosas que esta minha da terra!

Mas, volvamos a caneta para outras cousas.

Capítulo XXXIV

NA CELEBRAÇÃO DAS FESTAS, INTRODUZEM-SE DANSAS QUE MUITO DIVERTEM AOS INDÍGENAS

Vige em tôda a Espanha o costume de se fazerem dansas nas festas mais solenes, também no interior dos templos, nomeadamente na solenidade do Corpo de Deus. Nesta procissão, os espanhóis imitam ao régio salmista, que dansava perante a arca do Senhor.

Por isto, também, constituí oito dansarinos, às vêzes doze e mais. Quando o celebrante sai da sacristia, estes, de velas acesas na mão, precedem dois a dois. Dois dêles vão queimando contìnuamnte aromas: as nuvens odoríferas se difundem por tôda a igreja. Outros espalham flôres no trajeto que o sacerdote perfaz para aspergir o povo com água lustral. Ao se começar o intróito, êles permanecem de pé no presbitério, quais efebos régios. Acompanham depois, em boa ordem, dois a dois, com as velas acesas, ao prègador, tanto quando sobe, como quando desce do púlpito. Findando o ofício solene, exibem coros e dansas no vestíbulo da igreja. Durante isto, os índios principais ou caciques tomam assento ou de um ou de outro lado, como em anfiteatro. Já é a dansa pírrica (dansa de espadas), já a das argolas, já a corrida troiana pedestre ou eqùestre. Nesta última, parecem estar escarranchados em cavalinhos de couro, sôbre uma sela que muito bem lhes senta. Na realidade, porém, estes cavaleiros falsos andam a pé. Tomar-se-iam por algum Júlio César ou Alexandre em seu garboso bucéfalo.

Estes graciosos dansarinos atraem a atenção de todos, principalmente quando prendo a seus pés chocalhos ou guisos. Pois, durante a dansa, estes chocalhos e guisos, — ridículos, não há negar, — se entrechocam, produzindo sons ou dissonâncias estrídulas. Para os ouvidos dos índios, porém, são tão agradáveis, que parece não haver coisa mais gostosa do que a dansa com tais guisos e chocalhos. O mesmo se dá quando lhes ponho nas mãos pandeiros de madeira.

Os guisos dos dansarinos, fabrico-os do modo seguinte: espatifo uma panela de cobre já gasta pelo uso quotidiano, até se reduzirem os cacos ao tamanho de uma avelã. Em seguida, dou a êste fragmento a forma

de campainha, para depois, em duas aberturas, introduzir uma bolinha de chumbo, que prendo com pó de prata e pez grega. E eis-que sai fazendo ruído a campainha de cobre. Os índios apelidaram-na de *aguai;* os espanhóis chamam-na *cascavelar* e os alemães *rollen.*

Além disto, procurei suscitar sentimentos de piedade em nossos índios por meio de cenas teatrais acomodadas a esta gente rude. Na Redução de Santo-Inácio, encenei com rara felicidade os Primórdios da vida de nosso santo Padre. Embora tivesse empregado no ensaio apenas oito dias, representaram tão hàbilmente os seus papéis, que a gente os julgaria atores europeus, e não índios incultos e achavascados. Todos se tomaram de pasmo, e os olhos se rasaram de sentidíssimas lágrimas. Não falavam espanhol e muito menos latim, mas a língua nativa do Paraguai, por vêzes em verso, nos denominados entre-atos. Nem, tão-pouco, careceu o drama de um prólogo e de música, principalmente na passagem em que santo Inácio dependura suas armas no monte Serrate, quando a Beatíssima Virgem lhe aparece cantando e animando ao jovem recruta para os futuros combates, etc.. Tudo isto até agora lhes era coisa nova e inaudita. Aliás, nem podiam imaginar como sua língua bárbara, inculta e tão difícil de pronunciar, pudesse ser apta para levar à cena tais episódios da vida dos santos, e muito menos de exprimir harmonias musicais.

Basta, porém, disto. Passemos, agora, novamente a considerar o estado da nova colônia.

Capítulo XXXV

SITUAÇÃO FELIZ DA NOVA COLÔNIA. HABILIDADE DOS INDÍGENAS PARA QUAISQUER TRABALHOS MECÂNICOS E SEU PRODIGIOSO TALENTO MUSICAL

Conseguí elevar minha colônia a um estado, a uma forma e condição realmente ótimas. Elaborei um projeto de leis civís, criei magistratura, instituí um consulado, nomeei qùestores, e coloquei à testa da colônia juízes com direito aos fasces. Ao mesmo tempo tratei de formar um corpo de exército contra repentinas invasões e assaltos da parte dos brasileiros. Para êste fim, investí alguns índios do encargo de general e repartí entre os demais as patentes de capitães, coronéis, alferes, tribunos, vice-tribunos, embaixadores ou lugar-tenentes, qùestores, comissários, centuriões, bem como todos os mais ofícios requeridos para tempo de guerra.

Feito isto, dediquei todo o interêsse à distribuìção dos misteres mecânicos, os quais são sumamente importantes para o progresso de uma república. Pois quem é que não sabe quão indispensáveis são numa cidade os arquitetos, os ferreiros, os marceneiros, os tecelões, os fiandeiros, os curtidores, os oleiros, etc., etc.. Tudo isto já se encontra aquí em nosso Paraguai, e até em minha colônia. Qual o cidadão que consentiria em que fôssem desterrados do país os pintores? Quem não estima os músicos? Quem é que não faz conta dos tipógrafos? Também tais possue-os a nossa América; possue-os, ama-os e os sabe apreciar. Neste ano, o Pe. João Batista Neuman, da província da Boêmia, acaba de imprimir o Martirológio Romano que sempre fazia grande falta em quase tôdas as Reduções. Bem que se não possa comparar a impressão com as da Europa, no que respeita aos tipos, nem por isto deixa de ser legível; basta dizer que todos os dias um ìndiozinho o lê à mesa, correntemente.

Os índios constroem órgãos, como referí acima. Providenciei a que se fabricassem cítaras, clavicórdios, saltérios, fagotes, flautas, fístulas, tiorbas e cornetas em diversas Reduções. Êste mês mandei aprontar várias verrumas ou brocas de ferro, que servem para fazer flautas e fago-

tes. Os meus índios fabricaram, terebraram, quatro flautas para o acompanhamento do canto, duas para os altos e duas para os tenores, e um fagote, instrumento a que os espanhóis dão o nome de baiona, terebraram-nos, digo, com tal perfeição que é impossível distinguir estes instrumentos por entre os da Europa.

Fiz com que esculpissem três pares de galhetas para uso das igrejas. Um índio as esculpiu com tal perfeição artística, que ás uvas, as espigas e as muitas flôres dir-se-ia viverem sôbre o mineral inerte.

Quem foi que ensinou aos meus índios a tecer franjas e bordar rendas? a costurar e fazer com a agulha corporais, cortinas, casulas e tôdas as alfaias do culto divino? Quem lhes guiou a mão para tornear do chifre aquêles relicários romanos? Quem lhes ensinou a lavrar a pedra, a burilar, com esforços incríveis, estátuas, altares, púlpitos e a fazer mil outros trabalhos perfeitíssimos? Foi o Pe. Antônio que, com o auxílio da graça de Deus, ensinou tudo isto aos seus indígenas, e lhes há-de fazer aprender muito mais ainda, se o misericordioso Deus lhe conceder vida.

Não quero mencionar os tapêtes de lã que as senhoras da nova colônia há pouco tempo fizeram, em nada inferiores aos tapêtes turcos. Combinaram com suma elegância tôdas as côres nos mais variegados cambiantes, de maneira que o branco, o preto, o amarelo e o azul parecem lutar desesperadamente, querendo cada qual sobressair em elegância, fulgor e beleza. O conjunto se assemelha à pintura de um mar de ondas multicores e estriadas: verdadeiro deleite para os olhos. Mandei fazer panos listrados do mesmo feitio, para dependurá-los aos domingos e dias festivos na mesa da comunhão.

Não relato aquí os talentos dos demais padres missionários, que inventaram, em sua indefessa atividade, muitas coisas semelhantes. Ensinaram a fabricar sinos de bronze, a fundir tachos de estanho, a preparar salitres, e nitratos em pó. Tenho visto, com grande admiração minha, relógios feitos pelos índios, relógios que dão horas e cujos ponteiros indicam o tempo; esferas ou cilindros astronômicos, nos quais os indígenas lograram gravar os graus e minutos com precisão a mais exata. Assim como se nos torna difícil distinguir um ovo do outro, é igualmente difícil adivinhar qual o relógio feito na Europa e qual o no Paraguai.

Ao ler estas cousas quase incríveis, perguntará, com tôda a razão, algum leitor europeu curioso, quem pôde civilizar a tal ponto estes bugres estúpidos e broncos? Respondo eu: na verdade, são estúpidos, broncos, bronquíssimos estes nossos silvícolas para todos os assuntos espirituais, para tudo que reclama trabalho mental e que se não pode ver com os

olhos. Para os serviços mecânicos, porém, têm olhos de lince. O que viram uma só vez, pode-se estar convencidíssimo que o imitarão. Não precisam absolutamente de mestre nenhum, nem de dirigente que lhes indique e os esclareça sôbre as regras das proporções, nem mesmo de professor que lhes explique o pé geométrico. Se lhes puseres nas mãos alguma figura ou desenho, verás daí a pouco executada uma obra de arte, como na Europa não pode haver igual. Não será ofensa lançarmos mão aquí de um símile, com aplicação ao nosso caso; ouve, pois. Se na Europa fizesses a encomenda de um par de sapatos a alguém que não fosse sapateiro, acaso a tal pessoa se meteria a fazer-te o calçado? Garanto-te, meu amigo, que nesse caso todo o mundo haveria de tomar o teu pedido à conta de ofensa. Eis o que te haviam de responder: "Faça o senhor os seus sapatos! Que está pensando? Não sou aprendiz de sapateiro, nem pertenço àquela sociedade! Se quiser comprar um par de botinas é naquela rua alí que será atendido".

Tal, porém, não sucede na minha colônia paraguaia. Lá te encontras com um índio qualquer, músico de profissão, o qual nunca na vida viu calçados ou, no máximo, avistou à distância, ou em alguma imagem, cousa parecida a sapato. — Aquí todos os naturais andam descalços. — Apresentas a tal bugre um par de sapatos europeus e pedes que te faça novo par igualzinho. Digo-te que, com a maior naturalidade dêste mundo, o índio músico porá mãos à obra sem titubear. Cortará o couro e aprontará um par de sapatos tão perfeitamente iguais, que já não distingues qual dos dois foi o que serviu de padrão, se o calçado europeu ou o indígena. A cousa mais admirável, porém, é que o mesmíssimo índio te satisfará todos os pedidos e tôdas as encomendas. E' quase incrível o que vou contar agora: vive aquí em São Miguel um bugre de nome Inácio Paica. E' músico distinto, sabe fabricar cornetas e tocá-las, sabe fazer clarins ou trombetas de guerra; além disto, é ferreiro consumado, cunhador de moedas, pulidor de objetos de metal, funileiro e fundidor de bacias, caldeirões, tachos e marmitas. Foi Inácio Paica que fêz um sem-número de campainhas para os meus dansarinos; sabe trabalhar perfeitamente com o buril, para fazer esferas astronômicas e espingardas.

Esta arma não é de somenos importância. Bem o sabe quem por cúmulo de infelicidade se vê forçado a render homenagem a Belona e Gadivo. O armamento bélico torna-se necessidade absoluta, para repelir com destemor qualquer violência. Ainda é bem conhecido o que sucedeu no século passado: devido à falta de espingardas nenhuma resistência se pôde fazer aos brasileiros, quando levaram para a escravidão mais de cem mil índios das nossas Reduções.

Tornemos a falar do nosso Inácio Paica. Aprendeu e exerce com louvor muitos outros ofícios. Dificilmente haverá europeu que possa competir com êle. Verdade é que ninguém se mete em ofício alheio, e quem exerce um emprêgo sem autorização deve pagar multa. Vale, pois, o rifão: Não vá o sapateiro além da sola! Daí, quem é ferreiro não pode ser marceneiro, e vice-versa. Não se permite a ninguém meter a foice em seara alheia. Ao sapateiro pertence o calçado, mas ai dêle se algum dia lançar mão do pincel de Apeles. Com o nosso Inácio Paica o caso é bem diverso. E' o meu organista por excelência. Tôdas as manhãs toca corneta na igreja durante o ofício divino. Terminada a missa, toma sua merenda. Em seguida, derrete o ferro, funde o aço e, qual Proteu admirável, vaza com grande perícia centenas de objetos de variados moldes, configurações e matérias.

No entanto, Inácio Paica não é o único Apolo na trípode. Em cada Redução se pode topar um ou mais campeões dêstes, mestres em todos os ofícios mecânicos e exímios maestros de música. Na Redução de São Tomé vive um certo Gabriel Quiri, músico afamado e ao mesmo tempo ourives. Faz cálices belíssimos. Mais de uma vez me servi de um dêles na celebração da santa missa. Faz ainda castiçais de prata, de tamanho considerável e engenhosa cinzeladura; funde sinos, o maior dos quais, dedicado ao arcanjo São Miguel, pesa quatro mil libras e se encontra no campanário da minha igreja; fêz também um relógio astronômico, que se diria feito na Europa; além de construir órgãos novos e reformar antigos, inventa novas formas e novos tipos de órgãos, no que é sempre bem sucedido. Tudo que venho referindo, revela o gênio de Gabriel Quiri, digno de admiração da Ameríndia tôda, mas muito mais da Europa.

Estes índios paraguaios são, por natureza, como que talhados para a música, de maneira que aprendem a tocar com surpreendente facilidade e destreza tôda sorte de instrumentos, e isto em tempo brevíssimo. No que concerne ao mestre, quase o dispensam de todo. Basta que se lhes dê um trecho para ensaiar, que aos poucos o tocarão sem omitir as passagens e saltos mais difíceis. Na colônia de São João-Batista, recentemente fundada, há um rapaz de seus doze anos, que toca com dedo firme sonatas, alemandes, sarabandas, correntas e baletos e outras muitas peças compostas pelos mais insignes maestros europeus, tais como Henrique Schmelzer, Henrique Francisco Inácio de Bibern e Teubner. Estes nomes são conhecidos aos instrumentistas e tocadores de cítara. Prelúdios que fazem suar o organista mais hábil, devido à concentração que exigem, o meu rapazito os toca na cítara davídica ou harpa, com sorriso nos lá-

bios. Observa-o a dedilhar suavemente as cordas sonoras! Não é possível verificar a rapidez dos dedos, nem, tão-pouco, distinguir se a mão direita agora se precipita na frente, ou se voa em perseguição da esquerda.

Estas cítaras ou harpas são uma novidade inventada por mim nestas terras. Compreende duas fileiras de cordas, em que se pode exprimir não só os tons inteiros, como também os semi-tons da escala cromática. Desta maneira há teclas brancas e pretas, como num órgão, adaptáveis a qualquer canto, ou seja para tocar à vontade em dó maior, ou em dó menor.

Basta o que noticiei até aquí sôbre o estado feliz da nova colônia e sôbre o raro talento dos índios, talento êste que o Criador da natureza tão liberalmente lhes prodigalizou. Portanto, se ainda houver quem considere a estes coitados ineptos para especulações metafísicas, reconheça ao menos nêles um tino prático para serviços mecânicos e, sobretudo, uma propensão rara para a música. Esta última os torna sobremaneira dóceis. Dêste modo, criaturas boçais que são e incapazes de compreender as cousas do espírito, entrar-lhes-ão pelo ouvido as verdades fundamentais da fé católica.

Cumpre notar bem o que ajunto ao meu relato sôbre os paupérrimos índios paraguaios. Quando os nossos primeiros missionários viram a inteira falta de compreensão dêstes bugres para as verdades sobrenaturais, começaram a duvidar sèriamente se possuíam o uso da razão em suficiência para receberem os santos sacramentos. Estes escrúpulos, fundados em sólidas razões, expuseram-nos no Concílio de Lima. O Concílio, após ter discutido tôdas as razões pró e contra, estabeleceu definitivamente que os índios eram idôneos e que se lhes devia administrar os sacramentos como a sêres que gozam de pleno uso da razão.

Mostrara eu antes o talento musical dos índios: assim que os primeiros padres perceberam a possibilidade de se poder cativar êste povo bárbaro pelas harmonias do canto, e que a maior parte dêles ficava como que embevecida, convencionaram entre si que haviam de condescender à inclinação natural dos bugres, isto é, haviam de arrebanhá-los no grêmio da santa Madre Igreja, haviam de reuní-los em Reduções e os haviam de amansar pouco a pouco por meio da música. Introduziram o costume de cantar o louvor divino ou de tocar qualquer música durante as missas, tanto aos domingos e dias de festa, como todos os dias da semana; os instrumentos que se tocavam eram outros tantos Orfeus que atraíam à Igreja estas tribus selvagens e boçais. De pedras imóveis e duros rochedos que eram, tornavam-se moles e flexíveis. Durante o sacrifício do altar elevavam-se-lhes as inteligências materialistas e assim chegavam alguma vez a ouvir as doces melodias dos coros angélicos no céu.

Introduzido que foi êste louvável costume, conservou-se até nossos dias. Ora são os órgãos que reboam nos ares, ora as cítaras; já é a tiorba, a lira e guitarra que afagam os ouvidos; já são os clarins, as clarinetas e os tambores que ressoam e ruflam.

Sejam, porém, suficientes as breves citações sôbre os trabalhinhos que faço nesta messe paraguaia, desde o ano de 1693 até 1701. Escrevê-los-ei mais extensamente em alemão, para que possam ser úteis a muitos e servir-lhes de consôlo espiritual.

Tudo que vos escrevo à Europa, — em estilo rude é verdade, mas cheio de sincera emoção — tudo deve exortar-vos a que vos lembreis sempre em vossas boas obras e principalmente nas santas missas de mim e de meus índios. E' êste o meu fim, meu único desejo. Rezai por mim e pedí ao Pastor Sempiterno não abandone êste seu rebanho paraguaio, a-fim-de que, pela proteção contínua dos Santos Apóstolos (como a igreja canta na prefação dos apóstolos), conserve estas ovelhas, lhes aumente a fé e as multiplique em número. Possa êste rebanho pequenino escapar à voracidade do lôbo infernal, e ser conduzido do deserto dêste mundo às pastagens felicíssimas e abundantes da vida sempiterna! Sim, possa encontrar-se comigo, seu indigno pastor, lugar-tenente do Bom Pastor, Jesús Cristo, nas pastagens eternas. Porque, segundo diz Ezequiel, 34: No mais alto dos montes de Israel estão situados os nossos pastios; é alí que havemos de nutrir-nos do pasto sadio. Nos montes eternos, nos montes santos está o nosso descanso, a nossa paz e a nossa segurança.

A Deus uno e trino, ao três vêzes Ótimo-Máximo seja honra e glória por todos os séculos. Amen.

Anotações
à
documentação fotográfica

E' um patrimônio enorme e significante que o Brasil possue nas suas igrejas maravilhosas da Baía, Rio-de-Janeiro, Ouro-Preto etc., um patrimônio impressionante de obras de arte nacionais.

Não pode rivalizar com aqueles monumentos, nem em beleza nem em riqueza, a ruína da catedral de São Miguel. Não obstante, a obra do Irmão Prímoli tem sua importância singular, tanto entre os monumentos brasileiros, como entre o tesouro artístico da humanidade. Pois tôda a multidão das catedrais, colégios, passeios cobertos, oficinas, hospitais desapareceu por completo — exceto esta construção que ficou como o único brilhante de um colar de jóias que outrora cintilaram por cima das colinas verdes nas margens dos rios Uruguai e Paraná, testemunhando, assim, solitàriamente, o descorado esplendor daquele reino misterioso.

Única e singular no seu gênero fica também a coleção de esculturas que se conservaram no Rio-Grande-do-Sul. Nem em tôda a América encontramos um fenômeno semelhante, uma aldeia de 300 habitantes, todos Santos, todos de madeira, todos artìsticamente formados, todos criados pelo gênio daquelas três raças e daquelas dezenas de povos que originaram e formaram a primeira cultura e civilização do Novo Mundo.

Não são como vigia silenciosa que guarda o legado mais profundo e doce que o mundo velho deixou à humanidade nova em formação: o Cristianismo? Não são como sentinela e vedeta da Paz, naqueles campos infinitos da região onde se encontram as tendências de quatro nações sul-americanas? Não é assim que êles constituem um símbolo pan-americano, pan-humano — aquêles Santos silenciosos?...

Não há dúvida de que erra aquêle viajante Avé-Lallemant — observador excelente, mas sem qualquer senso artístico —, dizendo que as esculturas jesuítico-indígenas eram sem nenhum valor estético. Do mesmo modo estão errados os historiadores europeus que formaram, sem terem visto estas obras, julgamento concordante. Felizmente, eu não devo comprovar a cegueira daqueles julgadores, pois o leitor pode mesmo formar sua opinião, estudando atentamente as gravuras dêste livro. Num belo dia — eu estou certo disso — todo o mundo aproveitará a ocasião de admirar essas maravilhas, quando expostas dignamente na Capi-

tal Federal. Então aquêle que pode ouvir, ouvirá a linguagem clara e doce que fala ao ouvido de cada um, a de quem sabe compreender a beleza e harmonia das formas.

E cumpre ter em mente que estas figuras santas e também humanas agora são sentenciadas à pena de apresentar-se aos nossos olhos, nuas e lisas, na fria luz do dia, sem todos aquêles adornos que fazem parte da sua natureza, sem a ajuda do reflexo colorido das vidraças de côr, sem tôdas as meias-tintas, sem todos os semi-tons da alvorada ou do crepúsculo no claro-escuro de seus nichos!

Finalmente, minha gratidão especial ao jovem e dinâmico editor José de Barros Martins, que concedeu à essa reedição dos MSS. do Pe. Sepp uma ampla ilustração, bem compreendendo que êsse material serve como linda moldura aos contos do nosso narrador e abre ao leitor perspectiva exata àqueles fundos perante os quais os acontecimentos vivos se desenrolam.

Aviso ao leitor: A abreviação Mus. S. M. indica que a respectiva escultura está no Museu de São Miguel, a abreviação Mus. J. C., que a mesma está no Museu Júlio de Castilhos em Pôrto-Alegre.

1. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,

vista geral do estado atual.

Sob as diretrizes do arquiteto Giovanni Prímoli trabalhavam, desde 1735, diàriamente, 80 a 100 operários, durante 10 anos. A obra de alvenaria terminou em 1743, tenho sido continuado, porém, o trabalho de embelecimento e adôrno. A nossa fotografia mostra a ruína no estado atual, preparada pelo Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

2. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL.

Êste detalhe mostra a parte exterior do muro, que liga o alto espigão principal com o frontispício do átrio, o qual, entretanto, desapareceu completamente. E' visto nas ilustrações ns. 5 e 6. A parede lateral dá uma impressão da riqueza dêste templo em cornijas, colunas, nichos, balaùstradas, adornos — tudo feito com gôsto e com uma grande largueza.

3. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL.

Mostra êste detalhe uma das pilastras principais em forma de coluna no canto mais estremo do lado direito do átrio. Aquí se pode admirar os capitéis compósitos ricamente adornados, bem como as cornijas.

Construíu-se tudo sem cal, e por isso o arquiteto muniu cada pedra, nas costas e nos lados, com dentes respectivamente com cavos, de tal modo que a elevação de uma pedra sempre se adapta do buraco da pedra vizinha, conforme a célebre palavra do Cícero: pedras bem trabalhadas juntam-se uma à outra sem argamassa. Dêste modo tôda a construção fica de pé por si mesma. Com o correr do tempo, a vegetação entrou em tôdas as frestas (vide ilustração n.º 7) e por isso, durante a renovação de 1940/41, as pedras foram numeradas, desmontadas, limpas e compostas de novo, da mesma maneira como eram antigamente compostas. Estes números, ainda visíveis no nosso clichê, desaparecerão pela ação continuada do sol e da chuva.

4. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,

vista pelos fundos.

A êste lugar o fotógrafo chegou passando por uma galeria estreita dentro da própria muralha. Citemos Ambrosetti, "Viaje a las Misiones del alto Uruguay", pág. 52, na tradução de Pe. Teschauer: "Tôdas as paredes, também as da frente, são feitas de três metros de largo, tendo no interior galerias com escadas. E' para admirar-se o ajuste das pedras bem aprumadas e trabalhadas com muito esmêro".

Os arcos das naves são também de pedra lavrada, seguros por cunhas que encaixam umas nas outras. O corpo da igreja era de três naves; com o seu cruzeiro e meia laranja tinha 73 metros de comprido por 25 de largo.

5. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
reconstituição do estado original.

Esta reconstituição em desenho esquemático do pintor J. Judicis de Mirandole e, feita em 1881, em colaboração com o Dr. Hemetério José Veloso da Silveira, é ora propriedade do Seminário Central de São Leopoldo. Cf. *in fine* a notação da ilustração especial de n.º 47.

6. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,

seu estado em 1846, segundo um desenho do viajante francês Demersay, publicado no "Atlas" do livro "Histoire physique, économique e politique du Paraguay et des établissements des Jésuites". No fundo vê-se uma parte do colégio com o portão principal da residência dos padres bem acentuado.

7. CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
seu estado antes da restauração (1890-1938).

O capoeiro foi afastado diversas vêzes, também no segundo decênio do nosso século quando uma gigantesca figueira branca coroou a tôrre. Nossa fotografia mostra o estado há cêrca de 30 anos.

8. A CATEDRAL DE SÃO MIGUEL,
seu estado depois da restauração de 1940.

A cruz missionária é um monolito, colocado originalmente na redução de São Lourenço, ficando depois durante muitos anos no cemitério de Santo-Ângelo, colocada agora em frente da entrada do Museu de São Miguel, em direção à ruína. Tais cruzes eram colocadas no centro da praça principal de cada redução. Muitas vêzes encontrou-se perto dela uma coluna de pedra com um quadrante em cima. Um dêstes relógios de sol é conservado no jardim da Escola Técnica em Pôrto-Alegre. Vide também ilustração de n.º 50.

9/10. O SENHOR MORTO DE SANTO-ÂNGELO.

A estátua inteira tem o tamanho de 2 mts. 14. Trabalho de um valor artístico extraordinário, talvez a obra mais valiosa de todo o patrimônio jesuíta. Madeira. Matriz de Santo-Ângelo.

11/12. SANTO ISIDORO LAVRADOR.

Uma das muitas estátuas dêste Santo que guardou a entrada dos campos de cada redução. Desta figura existe ainda a mão, infelizmente lesada, com um chapéu rústico à moda da Idade Média. O trabalho mostra cunho flamengo. Madeira. 1,50 mts. Mus. S. M.

13. BUSTO DUMA SANTA DESCONHECIDA.

Altura 60 cmts. Madeira. Mus. S. M. Uma jóia da arte plástica. Vide também n.º 34 e n.º 44, três provas da arte de retratos.

14. GRUPO DE NOSSA SENHORA DE ASSUNÇÃO.

Esta escultura é influenciada, sem nenhuma dúvida, pelo célebre grupo "Laocoon", ainda que a cobra aquí não forme o ponto culminante da composição, mas sim a base (o que não se pode ver nesta gravura parcial). Mas a atitude da cabeça e a expressão de dôr na fisionomia não deixam escapar a semelhança. Sabemos, que as estátuas antigas eram bem conhecidas aos padres italianos, e que alguns originais foram mesmo importados pelos missionários. Madeira, 2,20 mts. Mus. S. M.

15. SÃO BORJA,
de José Brasanelli.

Escultura em madeira, pouco acima de tamanho natural, imagem principal da igreja daquele município. Falámos detalhadamente sôbre êste trabalho e o seu autor.

16. SÃO LUIZ GONZAGA,
provàvelmente de José Brasanelli.

Imagem principal da matriz daquela cidade, também pouco acima do tamanho natural.

17. UM SÃO JOÃO BATISTA,
cuja autoria é atribuída ao Pe. Antônio Sepp.

De-fato mostra cunho sul-alemão. Quem viu os trabalhos do antigo mestre Riemenschneider não hesitará em reconhecer o seu espírito. De outro lado, a parentela com a grande família de meninos do Murilo é óbvia. Madeira. Altura: cêrca de 1 metro. Altar-mor da matriz de São Luiz Gonzaga.

18. UM SÃO JOSÉ,
cuja autoria é atribuída também ao Pe. Antônio Sepp.

Naturalmente não podemos afirmar dizer a versão popular a verdade. A lenda diz que êste São José muito artístico vem do altar-mor da desaparecida catedral de São João Batista. Uma semelhança entre 17 e 18 não é evidente. Madeira, 1,12 mts. Mus. S. M.

19. SÃO JOSÉ,
originàriamene do templo de São Miguel.

Esta estátua, retratada entre outras por Rosauro Tavares na Revista do Museu de Arquivo Público, em Pôrto-Alegre, (dezembro 1928) é mais primitiva do que a de n.º 18, mas impressiona pela monumentalidade extraordinária. Compare-se com a estatueta de São José, de n.º 39. A imitação das conhecidas e afamadas estátuas dos deuses e imperadores romanos, até a cópia da toga, vê-se nas viotas. Madeira, 1,90 mts. Mus. S. M.

20. O ARCANJO,
originàriamente de Santo-Ângelo.

Parece que êste arcanjo como o anjo na porta do paraíso esteve de sentinela na entrada setentrional da região das Missões. E' esta também uma das obras mais belas que existem não só das Missões, mas também de tôda a América. Madeira, 1,80 mts. Seminário Central em São Leopoldo.

21. ANJO DA ANUNCIAÇÃO.

Muí impressionante o movimento alado! Madeira, 1,20 mts. Matriz de Santiago-de-Boquerão.

22. ANJO DA ANUNCIAÇÃO.

Parece que esta figura não esteve colocada, mas pendurada numa corda, para dar a impressão de um anjo voando. Sabemos que os jesuítas nas representações eclesiásticas gostavam de fazer voar anjos do céu, através da nave da igreja. Artefatos desta maneira nunca deixaram de impressionar o público em todos os tempos.

23/24. JESÚS NO HORTO.

O efeito desta estátua artística é diminuído devido ao tôsco retoque das sobrancelhas. A fotografia tem revelado a existência plástica das mesmas. Madeira, 1,20 mts. Mus. J. C.

25/26. SIMBOLIZAÇÃO DA FE' (?)

Podia-se imaginar que seja uma Santa Teresa, como comprovaria a capa carmelita. Mas a Santa não está com o livro na mão, tendo-o de-baixo do pé. Isso significaria um desprêzo da ciência, e com isso talvez uma acentuação dos sentimentos e da fé. As mãos são cuidadosamente trabalhadas, e deliberadamente muito aumentadas; lembremo-nos do dedo mostrador no célebre quadro de Matias Grünewald! A estátua é muito colorida, parece que as côres ficam diretamente na madeira. Cunho indubitàvelmente sul-alemão. 1,30 mts. Matriz de Bagé.

27. SÃO LUIZ GONZAGA.

Cunho flamengo ou alemão. Madeira, 1,73 mts. Mus. S. M.

28. SÃO LOURENÇO.

Tem sido a imagem principal da catedral desta redução. As côres desapareeeram absolutamente, a madeira não mostra nem estuque nem côres. Influência romana bem clara. 2,30 mts. Mus. S. M.

N. B. Os números 15, 16, 20, 28 fixam as imagens principais das respectivas quatro reduções. O gigante São Miguel do altar-mor da Catedral de São Miguel queimou-se como sabemos. A respeito da imagem do padroeiro de São João Batista não temos notícias, a não ser que o queiramos considerar como o menino de n.º 17. A região de São Nicolau devia ser pesquisada a êste respeito, o que não me foi possível.

29/30. CRUCIFIXO E SANTA DESCONHECIDA
(*provàvelmente Maria Madalena*).

O Cristo mostra indubitàvelmente cunho espanhol, representando tècnicamente o mais perfeito trabalho de todos os crucifixos missioneiros. A árvore da cruz surge dum bloco de cedro que mostra o santo monograma. — A figura ao lado (provàvelmente Maria Madalena) não pertence originàriamente ao crucifixo, mas sim a um outro grupo. Ela mostra cunho alemão. Matriz de São Luiz.

31. SÃO JERÔNIMO.

A figura própria é de madeira, mas o vestido e a capa são de pano. A escultura é estremamente realística, o que poderia indicar a origem jesuítica. Tome em conta, por exemplo, a cicatriz causada por golpes de pedra, que o Santo aplicou ao seu peito. Além disso, tenho dúvidas se esta mui artística figura não é de origem portuguesa. Cêrca de 50 cmts. Catedral de Pôrto-Alegre.

32. NOSSA SENHORA MADRE DE DEUS.

Influência italiana. E' completamente diferente da estátua seguinte, no estilo e na técnica. Madeira, 1,40 mts. Mus. S. M.

33. NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO.

A tendência pelo rigor e monumentalidade dêste primitivo e forte trabalho de cunho indígena não pode passar despercebida. Cabelo, tão severamente estilizado, se encontra em algumas outras estátuas, o que prova a autoria de um só artista, especializado nesta maneira de estilizar o penteado. Madeira, 1,25 mts. Mus. J. C.

34. CABEÇA DUMA SANTA DESCONHECIDA.

Uma jóia da arte de retratar. Madeira, 30 cmts. Mus. S. M.

35. ADORADORA DESCONHECIDA.

Nosso pormenor mostra o busto do trabalho, muito primitivo, mas muito impressionante. Altura inteira, 1,40 mts. Madeira, Matriz de Bagé.

36. UM SÃO MIGUEL INDÍGENA.

Sôbre esta estátua já falámos na introdução dêste livro.

Não pode ser obra do acaso encontrar-se êste São Miguel na igreja Nossa Senhora do Bonfim, em São Gabriel, pois está dentro da região onde foi travada a batalha de Caibaté. Não quereria o escultor glorificar o "São" Sepé, o alferes célebre de São Miguel, que, no seu discurso ao General Gomes Freire de Andrade, se referiu àquele Santo, falando da terra que Deus e o São Miguel deram ao seu povo? De verdade o valor artístico desta estátua não é grande, mas tanto maior é o valor cultural. — A base comporta as seguintes letras góticas (!): ESMIGUEL. — Madeira. Colorido, dominando verde. Altura: cêrca de 1,10 mts.

37. PORMENOR:
Satanaz na figura de um Paulista.

Vide introdução.

38. SÃO JOSÉ,
monolito.

Trabalho indígena. 36 cmts. Catedral de Pôrto-Alegre. Vide introdução.

39. UM MENINO DEUS INDÍGENA.

Relêvo alto, provàvelmente parte duma grande composição (como também o n.º 44). Cunho indígena. Note a coroa de penas (diferente daquela de n.º 38). — Madeira. Muito colorido. 1 metro. Museu particular do snr. Pedro Nunes, em São Gabriel.

40/41. CRUCIFIXO E CRISTO FLAGELADO.

As duas estátuas são muito primitivas, provàvelmente das mais antigas dentro do raio de domínio português. Parece que foram confeccionadas nos tempos em que Francisco Pinto Bandeira construíu os baluartes do Rio Pardo. Com os primeiros oficiais portugueses chegaram os primeiros africanos. Sob a influência dêles foi criado êste grupo. Pertencem à igrejinha de São Nicolau, perto de Rio Pardo.

42. CRUCIFIXO.

Severamente estilizado e bem realístico. O artista não se receou de mostrar abertamente o marasmo dum corpo raquítico. Obra indígena, madeira, igreja de Nossa Senhora do Bonfim, em São Gabriel.

43. BATISTÉRIO DE SÃO BORJA.

Êsse monolito, de cêrca de 1,50 mts. de altura e de raio, é de pedra basáltica, uma peça maravilhosa. O ornamento mostra restos da tinta, mas a impressão total é hoje dominada pela côr cinza natural da pedra. As fôlhas grandes (cf. a forma das fôlhas do n.º 45), que substituem o ornamento acântico clássico, eram verdes e os espaços vermelhos. No interior as flôres eram vermelhas e os espaços verdes.

44. "EGO SUM",
escultura em relêvo.

Esta obra de talha parece ter sido o remate mais alto da composição de um altar. Já mencionámos que é uma obra-prima. A inscrição "Ego Sum" em baixo (em nossa gravura não é visível) parece apócrifa, pois aquêle momento em que Cristo responde a pergunta de Pilatos: "És tu o rei dos Judeus"? com a palavra "Ego Sum", não coincide com a expressão da fisionomia. Parece-me que representa o Deus Criador, falando: "Fiat lux!"

45. CHAFARIZ DE PEDRA.

Exemplo duma multidão de trabalhos de canteiro, que existiam em tôda parte dos Sete Povos. Grez vermelho. Originário de São Miguel mesmo; até há pouco na Escola Técnica de Pôrto-Alegre, agora Mus. S. M.

46. CADEIRA INDÍGENA,
em forma de avestruz.

Um bom exemplo dos trabalhos profanos e uma prova da fantasia original e do talento dos indígenas. O corpo do avestruz grotesco e fabuloso com três pés serve como assento, a cabeça como esteio do braço.

47. REDUÇÃO DE SÃO JOÃO-BATISTA,
reconstituição.

Do Dr. Hemetério José Veloso da Silveira e do desenhista J. Judicis de Mirandole. Se o leitor acha que falta a tôrre, o baluarte e fôsso, pense que o sábio brasileiro não conhecia nem a descrição de Pe. Sepp nem o mapa de 1755 (gravura n.º 50), mas trabalhava exclusivamente considerando os restos dos alicerces. Provàvelmente nada restou na época das suas pesquisas. A reprodução no fim do livro mostra a tôrre com os apóstolos como descrevemos na introdução.

48. REDUÇÃO DE SÃO JOÃO BATISTA,
estado atual.

Nossa muralha, com os restos de cinco portas, mostra a semelhança com a muralha esquerda na reconstituição; ambas as muralhas limitam-se com o cemitério.

49. MUSEU DE SÃO MIGUEL,
segundo o modêlo das antigas casas missioneiras.

Eis a reconstrução dum bloco de moradas. Vide a descrição na introdução. Os capitéis das colunas são imitações perfeitas das de São Lourenço.

50. ASPECTO DE SÃO JOÃO-BATISTA,
gravura em cobre de 1755,

tirada da obra "MAPAS Y PLANOS referentes al VIRREINATO DEL PLATA conservados en el ARCHIVO GENERAL DE SIMANCAS, por JOSÉ TORRE REVELHO, jefe de investigaciones en Europa, BUENOS AIRES 1938", onde se encontra, sob o n.º XI, com a seguinte legenda: "Pueblo de San. Joanes Bta. del Rio Uruguay" e explicado no texto com as palavras: "Es sumamente curioso por los detalles de la indumentaria de las figuras armadas, que se dibujan en el centro del pueblo".

ÍNDICE

Introdução por WOLFGANG HOFFMANN HARNISCH 5

PRIMEIRA PARTE

VIAGEM ÀS MISSÕES JESUÍTICAS

CAPÍTULO I

Carta datada de Buenos-Aires (Páscoa de 1961) 55

Partida de Cádiz e chegada a Buenos-Aires — As condições econômicas alí reinantes — A vida a bordo durante a travessia — A chegada — O rio da Prata — Aspetos de Buenos-Aires — Matas de árvores frutíferas — Rebanhos enormes — Cães bravios — Perdizes — Pão de trigo — Alimentação e voracidade dos indígenas — Suas doenças e relações com os padres — Tendências musicais, e as missões do Paraguai.

CAPÍTULO II

Diário de viagem — Ampla descrição de viagem, extraída de uma carta do R. Pe. Antônio Sepp, S. J., escrita na redução de Japeyú, sob a proteção dos Três Santos Reis, aos 24 de Junho de 1692 60

Novos dados sôbre a travessia — Os companheiros de viagem — Ameaças dos Yaros ao padre Böhm — Os três navios — Os viajantes leigos — A situação, mau cheiro e o desconfôrto a bordo — Fome, água apodrecida, piolhos e outros parasitas — A partida de Cádiz — A primeira missa a bordo — Tempestades — O sino milagroso do México — Usos e costumes dos tripulantes — As ilhas Canárias — Inácio de Azevedo.

CAPÍTULO III

Continuação do diário de viagem — Mês de Fevereiro 67

Música e mar agitado — Peixes voadores — Ilhas do Cabo-Verde — Boatos sôbre essas ilhas — Peixes singulares — Cães atiçados sôbre bois-marinhos — Peixes encontrados no ventre de outro — São Francisco Xavier — Água pluvial — Curioso fenômeno ígneo sôbre o mar — O equador — Fome — São Telmo — Agulha magnética — A América "mundo invertido" — Sermão em espanhol do padre Sepp — Enjôo dos missionários espanhóis — Morte de animais — Comida péssima.

CAPÍTULO IV

Continuação do diário de viagem — Mês de Março 75

Antônio Vieira — Curioso pássaro indígena sôbre o mastro — Céus do Sul — Negro enfêrmo — O conteúdo do estômago dos peixes — Palestra do padre Sepp com os negros — Gôsto dos negros pelas côres pretas das imagens — Filho de pescador mor-

dido por peixe — Morte de um marinheiro — Melhora o negro doente — Cartas aos Irmãos de Ordem que ficaram na Europa — Cópias de imagens de Nossa Senhora — O Padre Böhm entre os Yaros — Ilha de São Tomaz — Vinhedos de moscatel — Saùdações aos irmãos — Sermão em alto mar e notícias dos mosteiros alemães — Peixe de noventa libras — Sondagens do mar — Céus do Hemisfério Sul — Largura do rio da Prata — Cabo Santa Maria e Ilha dos Lôbos — Focas — Exploração da ilha de Maldonado — Ilha das Flôres.

CAPÍTULO V

Continuação do diário de viagem — Mês de Abril 86

Água doce — Bancos de areia — Sondagens — Pássaros — Notícias da chegada — Limpeza do navio — O mau estado das vestes dos missionários — Os emissários de Buenos-Aires — Presentes — Decida e recepção.

CAPÍTULO VI

Novo diário contendo a descrição da viagem de navio que o Padre Antônio Sepp encetou de Buenos-Aires, a 1.º de Maio de 1691, para alcançar as reduções dos índios, duzentas milhas além sôbre outro rio, chamado Uruguai 90

Descanso em Buenos-Aires — O colégio — Os pampas — Descrições de Buenos-Aires: govêrno, pobreza, casas de barro, os primeiros tijolos, os arquitetos jesuitas, a casa do governador, fortificações, quartel, soldados, preço do ferro e da carne, pêssegos e figos — Perguntas sôbre a situação na Europa — Distribuição de presentes — Causas da quase inexistência de alemães nas reduções — Astúcia do padre Böhm — Popularidade do padre Böhm e dos padres alemães — Descrição das balsas para navegação fluvial — Partida de Buenos-Aires — Os índios e os espanhóis — Ilhas do Prata — O rio Uruguai — Localização das reduções — Utensílios dos índios — Compra de cavalos — Descrição e costumes dos Yaros — Tentativas do padre Sepp para batizar uma criança — Churrasco — Recepção — Cana de açúcar e frutas — As cachoeiras do rio Uruguai.

CAPÍTULO VII

De como os reverendos, Padres Antônio Sepp e Antônio Böhm S. J., chegam à primeira redução de "Japeyú" ou dos Três-Santos-Reis e qual o trabalho que os missionários aí realizaram 108

Enfeites nas balsas — Situação e aspecto de Japeyú — Alegria dos índios — As mulheres nas igrejas — Os guerreiros americanos — Arcos-de-triunfo e missa festiva — Saùdação de uma indígena — Dansas à luz de tochas — A língua guaraní — Distribuição dos padres pelas reduções — Número de habitantes — Missão espiritual dos padres — Questões econômicas — Cozinha, hortaliças, ervas, frutas e vinhedos — O padre como médico — Doenças dos indígenas.

CAPÍTULO VIII

De como estão organizadas as aldeias dos índios convertidos 119

Número de habitantes — Praças e ruas — O interior das casas — Paciência e pobreza dos índios — Matrimônio e costumes matrimoniais — Música — Custo das viajens dos missionários — Pedido de remessa de músicas — Descrição do rio Uruguai — Rebanhos de gado bravo — Caças e aves — A superabundância de reses — Exportação de couro — Prêço das mercadorias importadas — O talento imitativo dos índios — Mulas, ovelhas e milho — Castigos corporais — Voracidade dos índios — O exemplo dos missionários.

Capítulo IX

Ordem do dia dos missionários 140

Segunda Parte

TRABALHOS APOSTÓLICOS

Capítulo I

Narra-se brevemente a piedosa morte do R. Pe. Antônio Böhm; e como sua missão, chamada de Los Yaros, foi impedida e dispersa por um feiticeiro sexágenario 153

Capítulo II

Prodigiosa conversão de Moreyra, aquêle mágico, tirano e régulo sexagenário 156

Capítulo III

Como o Padre Antônio Sepp trouxe à fé católica a idosa mulher de Moreyra .. 160

Capítulo IV

Outra conversão de uma índia. Exemplo raro de como ela, para abraçar a fé, se esconde num charco 162

Capítulo V

O Padre Sepp batiza o neto do afamado feiticeiro e régulo Moreyra e lhe dá o nome de Inácio 165

Capítulo VI

O Padre Antônio Sepp é mandado da redução dos Três-Santos-Reis à redução chamada de Nossa-Senhora-da-Fé e recebe ordem do R. Pe. Provincial para fazer um órgão de tipo europeu 167

Capítulo VII

Grassa uma peste terrível no Paraguai, o Padre Antônio se dedica aos empestados da redução de Nossa-Senhora-da-Fé 169

Capítulo VIII

Estranho método de sangria usado pelos índios no tempo da peste 172

Capítulo IX

Edificam-se hospitais para acolher os contaminados de ambos os sexos 174

Capítulo X

O Padre Antônio aplica aos enfermos remédios tirados não dos aforismas de Galeno, mas inventados pela indústria religiosa 176

Capítulo XI

Nossa Senhora de Öttingen atravessa mares imensos, chega ao Paraguai e concede seus favores aos pobres índios 179

Capítulo XII

O Padre Antônio trata os empestados da redução de Santo-Inácio 182

Capítulo XIII

Adoece o Padre Sepp; para mudar de ar, é enviado do Rio Paraná ao Rio Uruguai, onde, reconvalescendo em breve, recupera a antiga saúde 184

Capítulo XIV

Como o Padre Antônio Sepp foi enviado para dividir o numeroso povo de São Miguel e para fundar a nova redução de São João-Batista 186

Capítulo XV

Vinte e um caciques, ou índios principais se agregam ao Padre Antônio 188

Capítulo XVI

Parte-se para explorar a terra, a-fim-de fundar uma nova colônia 189

Capítulo XVII

No lugar onde se devia fundar a nova colônia é erguido o estandarte da Cruz, no próprio dia de sua exaltação; a qual todos os índios adoram de joelhos. Canta-se o "Te Deum Laudamus" 191

Capítulo XVIII

O Padre Antônio Sepp instrue os índios para o cultivo de novas terras e derrubada de matos 192

Capítulo XIX

Para não se originarem rixas entre os índios, o Padre Antônio lhes destribue matas e terras, às quais benze com a costumada bênção litúrgica dos campos 195

Capítulo XX

Os índios começam a lavrar e semear as suas terras e plantam algodão 198

CAPÍTULO XXI

Entretanto constrói-se às pressas a moradia do Padre Missionário, a capela e as palhoças dos índios 201

CAPÍTULO XXII

Celebra-se o dia do Natal do Senhor e monta-se um presépio. Os índios são admiràvelmente afeiçoados ao menino Jesús 203

CAPÍTULO XXIII

Surgem algumas novas dificuldades, mas com auxílio da graça divina são superadas 204

CAPÍTULO XXIV

Outras reduções contribuem à fundação da nova colônia 207

CAPÍTULO XXV

Icnografia ou planta da futura povoação 208

CAPÍTULO XXVI

Constrói-se o templo de São João-Batista 211

CAPÍTULO XXVII

O Padre Antônio é pôsto à testa das duas reduções 212

CAPÍTULO XXVIII

O Padre Antônio descobre minérios de ferro e aço e os funde para a construção da nova aldeia 214

CAPÍTULO XXIX

Por que quis Deus fazer o Padre Antônio descobrir minas de ferro e aço, e não de ouro e prata? 217

CAPÍTULO XXX

De que modo se apagou um grande incêndio, caindo, de-repente, chuva do céu sereno 219

CAPÍTULO XXXI

Transmigração das mulheres e crianças da antiga colônia de São Miguel para a nova de São João-Batista 222

Capítulo XXXII

O Padre Antônio aperfeiçoa de vários modos a colônia, embeleza a igreja, constrói fornos de olaria, coze têlhas e tijoletas para o templo e casa dos padres missionários 225

Capítulo XXXIII

Como o Padre Antônio aumentou as sagradas alfaias do templo 228

Capítulo XXXIV

Na celebração das festas, introduzem-se dansas que muito divertem aos indígenas 230

Capítulo XXXV

Situação feliz da nova colônia. Habilidade dos indígenas para quaisquer trabalhos mecânicos e seu prodigioso talento musical 232

Anotações à documentação fotográfica 239
Índice 251

★

Trabalho composto e impresso
na
EMPRÊSA GRÁFICA DA "REVISTA DOS TRIBUNAIS", LTDA.
à
rua Conde de Sarzedas, 38 — S. Paulo
para a
LIVRARIA MARTINS
em
janeiro de 1943

★